UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO DE EMBU DAS ARTES PELA EDUCAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tese de Doutoramento em Ciências da Educação

Maria do Carmo dos Santos Motta

Orientadores
Professor Doutor Levi Leonido da Silva –Portugal
Professora Doutora Marisa Pascarelli Agrello –Brasil

VILA REAL, 2018

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO DE EMBU DAS ARTES PELA EDUCAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tese final de Doutoramento em Ciências da Educação

Maria do Carmo dos Santos Motta

Orientadores
Profº Dr. Levi Leonido da Silva –Portugal
Profª Dra. Marisa Pascarelli Agrello –Brasil

Composição do Júri:

VILA REAL, 2018

Este trabalho foi expressamente elaborado como tese original para efeito de obtenção do grau de Doutora em Ciências da Educação sendo apresentado à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Se cheguei até aqui foi porque eles estavam ao meu lado e acreditaram que eu seria capaz.

Obrigada a Deus;

Minha mãe Maria;

Meus filhos Igor e Iury;

Minhas noras Evelyn e Suzana;

Todos os meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Há muitos anos saiu de Portugal um navio, e entre os tripulantes estava um menino de três anos. Seu boné caiu no mar e ele queria pegá-lo de qualquer maneira, até fez menção em pular. O desejo de ter seu boné era muito mais importante do que os riscos que corria, não sabia para onde ia, não sabia nada da vida...

Maria nasceu no Brasil em uma olaria, filha de pais separados e com vários irmãos, ela foi morar com sua tia. Aos dez anos lavava, passava e sofria, sonhava em se casar para comer balas enquanto dormia, não sabia nada da vida...

Um dia Maria, já moça, encontrou aquele menino que havia saído de Portugal, estava moço, era lindo e adorava jogar futebol. Foi amor à primeira vista. Namoraram, casaram e começaram a aprender com a vida...

Trabalhavam, plantavam, e colhiam, eram felizes, sonhavam com a vida...

Maria sempre trabalhou em casa, ajudava seu marido em tudo que podia. Marcelino era seu nome, entendia quase de tudo sobre carpintaria, pintava as casas e também as construía, também durante muito tempo seu táxi dirigia.

Mas o que mais desejavam não tinha, mas não desistiam, lutavam pelo que queriam, aprenderam com a vida... Depois de tantas lutas e buscas, após 13 anos de casamento Maria engravida, desejaram essa vida e ela chegaria... Seu filho por fim nasceu eles choravam e sorriam, pois tinham sido presenteados com a vida.

Mas seus desejos continuariam. E a menina que não vinha! Tinham que ter mais um presente da vida e esperaram por uma filha, e após três anos ela chegaria... Com esta bela família seus sonhos se realizariam, era tudo o que queriam. Maria e Marcelino em todos os momentos agradeceram, aprenderam e se realizaram na vida, pela vida e com a vida...

*Dedico este meu trabalho ao meu pai **Marcelino** (in memória), que atravessou o mar e me ensinou a ver a vida com outro olhar;*

*À minha mãe **Maria**, pela sua dedicação e simplicidade que trouxe para minha vida a mais pura felicidade;*

*Aos meus filhos **Igor** e **Iury** que venham aprender a caminhar com a minha caminhada, mas com seu próprio caminhar, deixando suas marcas de sabedoria como as de seus avôs.*

Na minha vida tive muitos momentos que foram marcantes, emocionantes e inesquecíveis, mas nenhum deles se compara ao sentimento da maternidade. Deus me presenteou com dois filhos e não há nada igual quando você ouve aquele choro, um som que representa que uma vida chegou para transformar o roteiro de sua história. Agradecimento pela vida.

Meus filhos mudaram minha vida, noites sem dormir, dedicação na infância, cuidados na escola, preocupação na adolescência. Uma mudança de que jamais me arrependi, pois sem eles minha vida não teria sentido. Mudança na vida.

Pois é, eles cresceram e os papéis se inverteram e hoje eles cuidam de mim com dedicação, cuidado, atenção e claro que também brigam comigo quando o assunto é tecnologia. Recebendo os cuidados na vida.

Diferentes entre si pode-se defini-los como a emoção e a razão, o agir e o pensar, a impulsividade e a determinação, sonhos e realidade. Porém quanto aos sentimentos não existe diferença são amáveis de um coração cheio de bondade.

Quero expressar aqui o quanto não me arrependo de ter dito: "vou pensar", e "não" pois fizeram deles homens maduros, honestos e responsáveis.

Igor e Iury a razão do meu viver sem eles minha vida não teria sentido. Perdoem-me pelas ausências nestes últimos tempos, por não poder estar mais abraçadinha "cuthando" com vocês, por recusar os passeios ausentando-me para estudar, deixando de ter momento família.

Agradeço o Deus todos os dias por ter me presenteado com a vida, a mesma vida que alegra, motiva, resplandece e rompe barreiras. Foi através da minha vida e de meu irmão que meus pais encontraram o sentido da vida. E foi através da vida dos meus filhos que eu pude entender quão grande era esse amor de meus pais por nós. E também vivenciar o amor incondicional de ser mãe.

Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre o seu galardão. Sl 127:3

A Deus

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. João3:16

Às novas amigas

Atravessando o Oceano Atlântico, durante a fase de doutoramento, tive a oportunidade de conhecer verdadeiros amigos e aprender que a verdadeira amizade te faz continuar, recaminhar e não desistir no caminho. Obrigada minhas amigas ***Marisa****,* ***Rose****,* ***Marianina*** *e* ***Maria****. "O homem de muitos amigos deve mostrar-se amigável, mas há um amigo mais chegado do que um irmão". Provérbios18:24*

Aos amigos

A todos meus amigos que estiveram ao meu lado durante esse tempo de estudos, aos professores do Polis Colégio e Faculdade Polis das Artes, que entenderam o tempo que me afastei. E principalmente a vice-diretora ***Dilma*** *e as coordenadoras* ***Helen****,* ***Andrea*** *e* ***Jane*** *que cuidaram de tudo na minha ausência. Muito obrigada.*

Aos orientadores

Professor Doutor Levi Leoncio da Silva*, orientador da UTAD-Portugal, que se prontificou a me orientar, incentivando-me a escrever sobre Embu das Artes, seu olhar pelas artes e dedicação ao mundo artístico despertou em mim o interesse por essa pesquisa. Meu muito obrigado.*

Professora Doutora Marisa Pascarelli Agrello*, orientadora - Brasil, mais que uma orientadora uma amiga, uma irmã que Deus colocou no meu caminho para dividir comigo os seus saberes, sua calmaria, direcionando-me por onde seguir e acreditar que tudo vai dar certo. Muito obrigada de coração.*

Os colaboradores

Ao meu filho ***Igor Motta Vianna*** *que com seu jeito cativante e alegre conseguiu autorização dos diretores para que os professores respondessem o questionário da pesquisa.*

A minha amiga ***Dilma Pereira da Silva****, que viu meu desespero contra o tempo para a coleta dos dados e se dispôs a ir às escolas para entregar e recolher os questionários.*

A minha prima ***Adriana Maia Barcellos*** *com sua habilidade em tecnologia ajudou na formatação e organização deste trabalho. Obrigada por seu carinho e pelas horas que se dedicou a ele abrindo mão de sua família.*

*A professora **Silene de Oliveira** que fez a correção ortográfica da tese, colocando todas às crases, acentos, concordâncias, pontos e vírgulas, mas nunca um ponto final.*

Aos secretários municipais,

***Sra. Cristina Santos**, Secretária da Comunicação Social, enviou material impresso ajudando na fundamentação teórica desta pesquisa.*

***Sr. José Ovidio**, Secretário do Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano, indicou os endereços de sites importantes para a contextualização regional do município.*

***Sr. Valdir Barbosa**, Secretário de Assuntos Estratégicos, atendeu-me pessoalmente, passando informações relevantes que deram o norte à pesquisa.*

***Sr. Alan**, ex- Secretário da Cultura e ao **Sr. Dilson Cruz**. Preciso deixar aqui registrado o carinho e atenção que recebi por parte do Dilson, atendendo-me prontamente passando informações de suma importância para o desenvolvimento dessa pesquisa.*

Às escolas

Aos diretores das Unidades de Ensinos estaduais, municipais e particulares que abriram as portas das escolas para que a pesquisa pudesse chegar aos professores.

A todos os professores de Artes que entenderam a importância e a veracidade desse estudo respondendo ao questionário.

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada no município de Embu das Artes, São Paulo, Brasil, ressaltando correlação entre arte e educação. A cultura de Embu das Artes foi iniciada na aldeia do M'Boy, fundada pelos jesuítas entre 1555 e 1559. Foi das mãos dos jesuítas e dos índios que surgiram os primeiros traços artísticos que mais tarde se tornariam a marca da cidade. A cidade é uma fonte rica de pesquisa cultural e histórica, oferecendo elementos para a formação de educadores e constituindo um berço para a arte e para as manifestações culturais de seu povo. Neste sentido busca-se saber se está sendo mantida esta tradição histórica e cultural da cidade, como a cultura local e artística será mantida com o passar dos anos e o que pode ser feito para que o município continue sendo conhecido por suas artes. Para tanto se levanta como situação problema: Os professores de Artes das séries iniciais, das escolas do município de Embu das Artes estão preparados por meio do ensino das Artes para trabalhar a cultura local dentro do sistema educacional no Ensino Fundamental? Até que ponto os professores de Artes dentro da proposta educacional inserem cultura no currículo das suas disciplinas, além de analisar a preservação do patrimônio artístico? Quais ações estão sendo realizadas pela Secretaria da Educação e Cultura para que a cultura local e o desenvolvimento artístico sejam mantidos? Dentro dessa perspectiva, incentivando essa importância do conhecimento cultural, acreditamos que tal estudo desenvolverá um papel relevante em nossa sociedade, uma vez que prepara os profissionais a refletirem e trabalharem com a diversidade cultural no contexto escolar. Acredita-se assim, que este olhar possa abrir espaços que permitam a transformação da escola e por meio das disciplinas que concorrem entre as outras, à preservação do histórico cultural do município. Nossa imersão neste universo sociocultural compreende que a cultura local, constitui-se como um lócus privilegiado, não só para refletir e discutir a identidade de crianças, adolescentes, jovens e adultos, mas também ampliar e compreender o multiculturalismo presente na cidade de Embu das Artes, progredindo o conhecimento intelectual, valorizando o desenvolvimento, a sociedade e, consequentemente, construindo o progresso, seja na formação de alunos ou até mesmo na formação continuada dos professores.

Palavras chave: Artes, educação, cultura, professores e Embu das Artes.

ABSTRACT

The present research was carried out in Embu das Artes city, São Paulo, Brazil, emphasizing the correlation between art and education. The culture of Embu das Artes began in a village called M'Boy, founded by the Jesuits between 1555 and 1559. It was from the Jesuits and Indians hands that the first artistic features emerged that later became the city's mark. The city is a rich source of cultural and historical research, providing elements for the training of educators and providing a cradle for art and for the cultural manifestations of its people. In this sense, it is sought to know if this historical and cultural tradition of the city is being maintained, as the local and artistic culture will be maintained over the years and what can be done so that the municipality continues to be known for its arts. To do so, rises as situation problem: Are the Arts teachers of the initial school years children of Embu das Artes county prepared by teaching the Arts to work the local culture within the educational system in Elementary School? To what extent do the Arts teachers within the educational proposal insert culture in the curriculum of their disciplines, besides analyzing the preservation of the artistic patrimony? What actions are being carried out by the Department of Education and Culture so that local culture and artistic development are maintained? Within this perspective, by encouraging this importance of cultural knowledge, we believe that such a study will play a relevant role in our society, since it prepares professionals to reflect and work with cultural diversity in the school context. It is believed, therefore, that this view can open spaces that allow the transformation of the school and through the disciplines that compete among the others, to the preservation of the cultural history of the county. Our immersion in this socio-cultural universe understands that local culture is a privileged locus not only to reflect and discuss the identity of children, teenagers and adults, but also to broaden and understand multiculturalism present in the Embu das Artes city, progressing intellectual knowledge, valuing development, society and consequently building progress, whether in the training of students or even in the continuing education of teachers.

Keywords: Art, education, culture, teachers and Embu das Artes.

LISTA DE ABREVIAÇÕES

ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

ABRACE - Associação Brasileira de Artes Cênicas

ACISA EMBU - Associação Comercial e Industrial do Embu

AI-5 - Ato Inconstitucional nº5

ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas

APA Embu-Verde - Área de Proteção Ambiental Embu-Verde

APPs - Áreas de Preservação Permanente

APRMG - Área de Proteção e Recuperação Ambiental do Guarapiranga

ASAVE - Associação Amigos Violeiros de Embu

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

BR116 - Rodovia Federal 116 ou Rodovia Regis Bittencourt

CCM - Cadastro de Contribuintes Mobiliários

CD - Compact Disc

CEB - Comunidades Eclesiais de Base

CENSO - Recenseamento Demográfico

CF - Constituição Federal

CICI - Centro de Informação da Cultura Indígena

CNE - Conselho Nacional de Educação

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNPJ -Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico

CONISUD - Consórcio Intermunicipal da Região Sudoeste

CSV - Comma Separated Values

CTG - Centro de Tradições Gaúchas

CULTURAPREV - Plano de Previdência Complementar Associativa

DADE - Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias

DJ - Disc Jockey

DVD - Digital Versatile Disc, ou Disco Digital Versátil EAB - Escolinha de Arte do Brasil

EAB - Escolinha de Arte do Brasil

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA - Programa de Educação de Jovens e Adultos

EMPLASA - Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano

FAEB - Federação dos Arte-Educadores do Brasil

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INSEA - International Society for Education trough Art

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPT- Instituto de Pesquisas Tecnológicas

IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

LDBN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LOA - Lei Orçamentária Anual

LOM - Lei Orgânica Municipal

MAB - The Man and the Biosphere

MASJ - Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

MC - Mestre de Cerimônia

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PAC - Programa de Aceleração do Crescimento

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PECI - Programa Educacional da Cultura Indígena

PIB - Produto Interno Bruto

PMC - Plano Municipal de Cultura

PNC - Plano Nacional de Cultura

PROAC - Programa de Ação Cultural

RAP - Rhythm and Poetry ou Ritmo e Poesia

RH - Recursos Humanos

RMSP - Região Metropolitana de São Paulo

SABESP - Saneamento Básico do Estado de São Paulo

SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SELIC - Semana Lítero Cultural de Embu das Artes

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SERPRO - Serviço Federal de Processamento de Dados

SESC - Serviço Social do Comércio

SESI - Serviço Social da Indústria

SESU - Secretaria de Educação Superior

SMC - Sistema Municipal de Cultura

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UGRHI - Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos

UNESCO - United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

USAID - United States Agency for International Development

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Área de Estudo e Localização: América do Sul, Brasil, Estado de São Paulo e Região Metropolitana de São Paulo.	9
Figura 2: Região Metropolitana de São Paulo.	12
Figura 3: Mapa político da região metropolitana e suas sub-regiões.	14
Figura 4: Distribuição dos bairros. Número de região do Orçamento Participativo.	19
Figura 5: Embu das Artes – Conjunto Jesuítico Nossa Senhora do Rosário.	29
Figura 6: Henrique Boccolini em vistoria à Igreja dos Jesuítas.	32
Figura 7: Igreja Nossa Senhora do Rosário e o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas.	42
Figura 8: Altar Igreja Nossa Senhora do Rosário.	42
Figura 9: Senhor Morto – Igreja Nossa Senhora.	44
Figura 10: Detalhe de altar – Museu de Arte Sacra.	44
Figura 11: Interior do Museu de Arte Sacra.	45
Figura 12: Capela de São Lázaro.	46
Figura 13: Escultura em madeira: São Lazaro.	46
Figura 14 e 15: Ladeiras de paralelepípedo compõe a arquitetura rústica e cultura do centro da cidade.	47
Figura 16 a 21: Exposição de barracas e loja de Artesanto.	49
Figura 22 e 23: Artista Cássio M’ Boy e seu Autorretrato.	50
Figura 24: Memorial Sakai.	51
Figura 25: Interior do Memorial Sakai.	52
Figura 26: Mestre Sakai entre suas obras.	52
Figura 27 e 28: Artista Assis de Embu e uma de suas obras-primas.	53
Figura 29 e 30: Artista Solano Trindade e uma de suas poesias.	55

Figura 31 e 32: Artista Mestre Gama e uma de suas esculturas.	56
Figura 33: Artista Cristo de Embu em 2004.	57
Figura 34: Artista Azteca.	58
Figura 35: Artista Walde-mar.	59
Figura 36: Museu do Índio.	60
Figura 37 e 38: Salas internas no Museu do Índio.	60
Figura 39 e 40: Ilustração e artista Joel Câmara.	61
Figura 41: Artista Saboya.	62
Figura 42: Obra Rainha Nzinga e seus guerreiros e Artista Raquel Trindade.	63
Figura 43: Livro de Raquel de Trindade Conto, canto e encanto com a minha história....	63
Figura 44: Arte em terracota e artista plástica Tônia do Embu.	64
Figura 45, 46, 47 e 48: Luiza Caetano, Acae, Elizei e Jorge.	65
Figura 49 e 50: Obra do artista plástico João Cândido da Silva.	67
Figura 51 e 52: Obras da artista Maria Auxiliadora.	68
Figura 53 e 54: Telas da artista Efigênia Rosária Silva.	69
Figura 55: Tela de Conceição Silva a “Baiana e São Francisco”.	71
Figura 56 e 57: Artista Gama do Embu (Gaminha) e uma de suas esculturas: Grávida.	73
Figura 58: Artista Agenov.	74
Figura 59: Telas do artista João Batista dos Santos (Jozan).	75
Figura 60 e 61: Paulo Dud e suas obras com tendências abstratas.	76
Figura 62: Tela de Gondim a “Procissão”.	77
Figura 63: Artista Helaine Malca.	78

Figura 64 e 65: Correra & Gonda ao lado exposição de móveis e luminárias em	78
Figura 66: Sala de exposição do MNBA – Museu Nacional de Belas Artes – Rio	90
Figura 67: Partenon – Atenas – Grécia	91
Figura 68: Brasília capital federal do Brasil.	92
Figura 69: “David” é uma obra-prima da escultura renascentista criada entre 1501	92
Figura 70: Retrato de Vincent van Gogh e Monalisa de Leonardo da Vinci.	93
Figura 71: Música.	94
Figura 72: Dança.	95
Figura 73: Literatura.	95
Figura 74: Cinema e teatro.	96
Figura 75: Quais são as 7 belas artes?	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados geográficos Emplasa 2014.	15
Tabela 2: Censo Demográfico – Sinopse.	17
Tabela 3: Estabelecimentos por município e por atividade.	28
Tabela 4: Escolas Estaduais, Particulares e Municipais do município de Embu das Artes.	176
Tabela 5: Nomes das escolas com as respectivas respostas.	180
Tabela 6: Locais preferencialmente visitados.	199
Tabela 7: Atividades mais desenvolvidas nas disciplinas.	200
Tabela 8: Escolas particulares de Embu das Artes.	201
Tabela 9: Escolas Estaduais de Embu das Artes.	202
Tabela 10: Escolas Municipais de Embu das Artes.	202
Tabela 11: Visita aos Espaços Culturais: Contradições.	203

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Gráfico de crescimento do investimento destinado à Secretaria da Cultura.	156
Ilustração 2: Pontos culturais distribuídos pelo município sendo o ano base 2012.	156
Ilustração 3: Detalhamento do Locus da pesquisa.	175

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Seguimento escolar em que o professor leciona.	179
Gráfico 2. Qual segmento o professor ministra aula.	181
Gráfico 3. Idade dos professores.	181
Gráfico 4. Sexo.	182
Gráfico 5. Localidade.	182
Gráfico 6. Escolaridade.	183
Gráfico 7: Contexto Histórico e Cultural de Embu das Artes.	183
Gráfico 8: Participação em Eventos Culturais.	184
Gráfico 9: Espaços Culturais.	184
Gráfico 10: Memorial Tadakio Sakai.	185
Gráfico 11: Museu do Índio.	185
Gráfico 12: Centro Histórico.	186
Gráfico 13: Museu de Arte Sacra.	186
Gráfico 14: Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário.	187
Gráfico 15: Capela de São Lázaro.	187
Gráfico 16: Feira de Artesanato.	188
Gráfico 17: Espaço Cultural Mestre Assis.	188
Gráfico 18: Espaço Cultural Valdenice.	189
Gráfico 19: Espaço Cultural Jardim Santo Eduardo.	189
Gráfico 20: Espaço Cultural Céu das Artes.	190
Gráfico 21: Núcleos de Cultura.	190
Gráfico 22: Projeto Cultural dos bairros.	191
Gráfico 23: Festas Culturais.	191
Gráfico 24: Excursões com alunos.	192
Gráfico 25: Espaços culturais visitados.	192
Gráfico 26: Disciplina que aborde conhecimentos culturais.	193
Gráfico 27. Incentivo à cultura do município.	193
Gráfico 28: Atividades de artes manuais.	194
Gráfico 29: Preocupação para o desenvolvimento de novos artistas.	194

Gráfico 30: Preocupação com a cultura de Embu das Artes.	195
Gráfico 31: Incentivo em formar novos artistas na escola.	195
Gráfico 32: Planejamento versus Conteúdo de Artes preservando novos Artistas.	196
Gráfico 33: Artistas do munícipio dedicados a Artes Manuais.	196
Gráfico 34: Orientação e Material da Secretaria da Educação.	197
Gráfico 35: Formação Contínua para o Ensino das Artes.	197
Gráfico 36: Formação de novos artistas.	198
Gráfico 37: Orientação da Secretaria de Cultura do Município.	198
Gráfico 38: Artes mais desenvolvidas nas escolas.	199

INDICE

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO GERAL 1
1. INTRODUÇÃO 1
1.1 A pertinência do problema 3
1.2. Objetivos 4
1.2.1. Objetivo geral 4
1.2.2 Objetivos específicos 4
1.3 Objeto de estudo 5
1.4 Hipótese 5
1.5 Justificativa do Tema 5
1.6 Metodologia de Pesquisa 5
1.6.1 Linha de Pesquisa 6
1.6.2 O método e os instrumentos de Pesquisa 7
CAPÍTULO II 9
2.1 Introdução 9
2.2 Inserção Regional 11
2.2.1 Aspectos demográficos e geográficos do município de Embu das Artes 15
2.2.2 Aspectos geográficos do município de Embu das Artes 22
2.2.3 Área de proteção de Mananciais 24
2.2.4 Características Econômicas da Região 26
2.3 Contextualização Histórica 28
2.3.1 De Bohi a Embu das Artes 29
2.4 Contextualização cultural 35
2.4.1 Valorização do patrimônio histórico cultural 36
2.4.2 Patrimônio histórico cultural de Embu das Artes e sua origem 39
A –Conjunto Jesuítico Nossa Senhora do Rosário 41
B –O Museu de Arte Sacra dos Jesuítas 43
C –Capela São Lázaro 45
2.4.3 O surgimento dos movimentos artísticos em Embu das Artes e seus primeiros artistas. 46
I –Cássio da Rocha Matos –Cássio M'Boy 49
II –Tadakyio Sakai –Mestre Sakai 50
III –Claudionor Assis Dias –Assis do Embu 52
IV –Francisco Solano Trindade–Solano Trindade 54

V –Valdevino Sabino da Gama –Mestre Gama..... 55
VI –Sidney Moreno Rodrigues –Cristo de Embu..... 56
VII –Maria Josefina de A. Carvalho - Azteca 58
VIII –Valdemar de Andrade e Silva 58
IX – Joel Câmara 61
X –José Saboya..... 61
2.4.4 A continuidade das Artes pelos filhos, discípulos e novos artistas..... 62
I –Raquel Trindade (1936 -2018) 62
II –Antônia Aparecida Gonzaga –Tônia do Embu 64
III –Família Caetano..... 65
IV –Família Silva..... 65
V – Jovino Almeida Gama 73
VI –Agenor Francisco dos Santos Junior - Agenov 74
VII –João Batista dos Santos 75
VIII –Paulo Dud 75
X –Helaine Malca Cristina de Melo –Helaine Malca..... 77
XI –Gerson Correro e Renato Gonda –Correra & Gonda 78
Resumo 79
CAPÍTULO III 81
3.1 Introdução 81
3.2 Construção histórica da cultura e suas definições 82
3.3 Construção histórica das artes e suas definições 85
3.4. Diversos tipos de Artes 88
3.5 Construção histórica da educação e suas legislações..... 98
3.5.1 Legislações da educação no Brasil..... 99
3.5.2 A LDB – Perspectiva da Arte 106
3.5.3 PCN's –Parâmetros Curriculares Nacionais 112
3.5.4 A formação do professor de Artes 118
3.5.5 A participação do professor 124
3.5.6 A arte e a educação 127
Resumo 130
CAPÍTULO IV..... 133
QUADRO METODOLÓGICO..... 133
4.1 Introdução 133
4.2. Entendendo os conceitos..... 135
4.3 Métodos da Pesquisa..... 139
4.3.1 À finalidade desta pesquisa:..... 140

4.3.2 A fundamentação filosófica da pesquisa:..... 141
4.3.3 A abordagem do problema desta pesquisa:..... 142
4.3.4 Aos objetivos gerais das pesquisas 146
4.3.5 Ao local onde são realizadas:..... 146
4.3.6 Coleta de dados:..... 147
4.4 O contexto da pesquisa 149
4.4.1 Música..... 157
4.4.2 Artes Cênicas 158
4.4.3 Artes Plásticas..... 159
4.4.4 Artes Visuais..... 160
4.4.5 Artesanato 161
4.4.6 Patrimônio Cultural e Memória 161
4.4.7. Cultura Popular Tradicional..... 163
4.4.8. Cultura Urbana..... 165
4.4.9 Eventos – Difusão e fomento cultural..... 166
4.4.10. Formação Cultural 166
4.4.11. Identidade Cultural..... 167
4.4.12. Inclusão Digital..... 168
4.4.13. Espaços Públicos de Cultura..... 168
4.4.14. Programas Estratégicos de Governo 170
4.5. *Lócus* da Pesquisa..... 171
4.6. Técnicas de recolha e análise dos dados..... 172
4.7 Universo e Participantes da Pesquisa..... 174
Resumo..... 177
CAPÍTULO V 179
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS 179
5.1 Tabulação dos dados..... 179
5.2 Discussão dos resultados 200
5.2.1 Escolas particulares..... 201
5.2.2 Escolas estaduais..... 201
5.2.3 Escolas municipais..... 202
CAPÍTULO VI..... 211
CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS..... 211
7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 217
APÊNDICE 227
ANEXOS..... 235

CAPÍTULO I
ENQUADRAMENTO GERAL

1. INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar sobre Embu das Artes e contextualizar seus acontecimentos históricos e culturais, em um passado muito distante ou muito próximo, vai ao encontro com minha própria história de vida.

No final da década de sessenta, precisamente em 20 de dezembro de 1968, no dia em que eu completava seis anos, meus pais, meu irmão e eu mudamos para o município de Embu. Um bairro ermo, com pouquíssimas moradias, sem comércio, transporte público, áreas da saúde, saneamento básico, pavimentações públicas e também sem escolas na região. Foi neste cenário, dentro de uma chácara, que inicia minha história e que continuou fazendo parte até os dias atuais.

Alguns moradores se mobilizaram para conseguir uma escola que veio a funcionar no ano seguinte, porém não havia crianças suficientes para completar uma sala de aula, sendo assim essas pessoas iam às casas dos moradores buscando crianças para serem matriculadas no primeiro ano. Diante dessa situação nossa casa foi a primeira a ser visitada e mesmo sendo muito nova e sem ter feito Educação Infantil fui à primeira aluna a ser matriculada na "Escola Mista do Jardim Santa Emília" atualmente denominada com "Escola Estadual Professora Irmã Iria Kunz".

Durante os próximos oito anos estudei nesta escola e com a mesma turma, agora com mais alunos, automaticamente formava a nova classe do ano seguinte e desta forma fui participante da primeira turma que se formou na oitava série desta escola. Neste período houve o crescimento do bairro com mais habitações, comércio, transporte público, mas de uma forma muito modesta.

O centro do Embu onde ocorreu o desenvolvimento da colonização e fundação da cidade com os jesuítas e suas influências nas artes, entre os diferentes nomes de Aldeia M'Boy, até Estância Turística de Embu das Artes começou também a crescer, municipalizou-se, tornando-se emancipada em 1959 do município de Itapecerica da Serra. Com uma população de entorno de 5.000 (cinco mil) habitantes em todo seu município passou a ter voz na política com a eleição para prefeito, elegendo Sr. Annis Neme Bassith em seu primeiro mandato 1960-1963, e no segundo em 1969-1972; Sr.

Joaquim Mathias de Moraes foi o segundo prefeito da cidade no período de 1964-1968 no primeiro mandato e no segundo de 1977-1982. Sr Oscar Yazbek o terceiro prefeito em 1973-1976.

Prefeitos até hoje em dia reconhecidos por seus destaques influentes no movimento político daquela época e por fazer da cidade um marco reconhecido internacionalmente com a criação, em 1969, da Feira de Artes e Artesanatos, trazendo novos artistas para enriquecer nossa cultura.

Em 1980, ingressei na Faculdade de Psicologia, havia terminado o segundo grau (atual Ensino Médio) em um colégio distante de casa, pois no bairro não havia escola "secundária". A distância para cursar o Ensino Superior aumentou para um percurso de uma hora e meia a duas todos os dias. Nesta década as estradas principais de acesso a outros bairros já estavam pavimentadas, o transporte público havia melhorado, porém continuava ainda escasso.

Comerciantes já estavam instalados no bairro com supermercados, padaria, açougue. Os bairros ao redor também foram crescendo com novas moradias, nos lugares onde havia matas passaram a ter casas. Deram início à construção de outras escolas, igrejas e creches. Embu das Artes passa a fazer parte de um dos municípios onde houve maior expansão habitacional passando a ter 95.000 (noventa em cinco mil) habitantes (CENSO, 1980).

E neste mesmo ano iniciou minha carreira como professora na creche da igreja de "Todos os Santos" do Jardim Santa Emília, ensinado para crianças de 06 (seis) anos. Durante dois anos que ali fiquei tive a certeza do meu amor pela educação. Retornei como professora a escola que ajudei a fundar, porém agora existia um prédio construído e não mais salas espalhadas pelo bairro como era no tempo em que estudava. O bairro estava crescendo.

Em meio a estas experiências em contato com as crianças e buscando um olhar diferenciado para com elas, decidi no final do ano de 1983, inaugurar uma escola. E foi a primeira escola particular do bairro como também do município, Escola de Educação Infantil Arco Iris, ao passar para Ensino Fundamental em 1988, recebeu o nome de Polis Colégio. Durante mais de três décadas estou entrelaçada com a educação, tendo a oportunidade de estar ensinando a segunda geração do Polis Colégio, onde temos os filhos dos alunos que já estudaram lá.

Com o passar destes trinta anos Embu das Artes, e a população embuense, chegou ao século XXI com 240.230 (duzentos e quarenta mil e duzentos e trinta) habitantes (CENSO 2010).

Uma cidade que cresceu em todos os setores, na área das indústrias e comércios, trabalhando em vários seguimentos, segundo a ACISA (Associação Comercial) o município consta por volta de 5.000 (cinco mil) CNPJ.

Devido ao fato da BR 116 passar pelo município e o Rodoanel ser inaugurado recentemente (2010) houve a construção de vários galpões para o armazenamento de cargas a serem transportadas, tanto pela BR 116 em direção ao Sul do país, como pelo Rodoanel para a região portuária de Santos ou interiores do Estado de São Paulo.

A influência dos imigrantes e migrantes trouxe a Embu das Artes um legado para a cultura local. Podemos destacar alguns exemplos dessa aliança de diferentes culturas em Embu, como o Grupo Sakai, que realiza arte em cerâmica; as danças brasileiras, representadas pelo Teatro Popular Solano Trindade; o Mineiro Pau, trazido pela família Gama; as músicas regionais do sul, após a instalação no Embu do Centro de Tradições Gaúchas - CTG; um grupo de escultores que seguiam os primeiros passos dos indígenas que esculpiam as obras do Convento de Jesuítas; e dos mestres Cássio M'Boy (após os anos 1920) e Assis do Embu.

1.1 A pertinência do problema

Historicamente, a localidade de *Embu das Artes* se mostrou importante devido os próprios intentos futuros da Coroa Portuguesa em expandir seus domínios no sentido do interior do estado e do sertão paulista. Posteriormente no século XX as características de seu desenvolvimento histórico-geográfico e cultural, se deram pelo facto de ter sido uma cidade que acolheu muitos artistas, tanto no ramo da pintura quanto da escultura. Isso fez com que ela aportasse diversos eventos turísticos, que, aliados à questão do artesanato, chamaram a atenção da sociedade nacional e internacional.

Escrever sobre a História de Embu é escrever sobre a própria História da Companhia de Jesus na América Meridional. Embu das Artes como conhecemos hoje em dia, ganhou diversas nomeações, muitas lendas e histórias que envolvem suas origens e o significado de seu nome.

A cultura de Embu das Artes foi iniciada na aldeia do M'Boy, fundada pelos jesuítas entre 1555 e 1559. Foi das mãos dos jesuítas e dos índios que surgiram os primeiros traços artísticos que mais tarde se tornariam a marca da cidade: na arquitetura da Igreja, na escultura dos santos de madeira, nas pinturas e no entalhamento.

A cidade é uma fonte rica de pesquisa cultural e histórica, oferecendo elementos para a formação de educadores e constituindo um berço para a arte e para as manifestações culturais de seu povo.

Neste sentido busca-se saber se está sendo mantida esta tradição histórica e cultural da cidade. Como a cultura local e artística será mantida com o passar dos anos. O que pode ser feito para que o município continue sendo conhecido por suas artes.

Para tanto se levanta como situação problema:

Os professores de Artes das escolas do município de Embu das Artes estão preparados por meio do ensino das artes para trabalhar a cultura local dentro do sistema educacional e no Ensino Fundamental?

Até que ponto os professores de artes no Ensino Fundamental dentro da proposta educacional inserem cultura no currículo nas escolas do município de Embu das Artes?

1.2. Objetivos

Neste tópico, delimita-se a esclarecer os objetivos gerais e específicos que orientaram esta pesquisa.

1.2.1. Objetivo geral

Analisar se nas séries iniciais por meio da disciplina de artes é preservado o patrimônio artístico do município de Embu das Artes.

1.2.2 Objetivos específicos

- Verificar com os professores de artes do Ensino Fundamental no município de Embu das Artes a prática da cultura na educação formal.
- Refletir com os professores o seu conhecimento cultural sobre o município.
- Pontuar a utilização de estratégias associando teoria e prática aos professores de

artes do Ensino Fundamental para preservar o patrimônio histórico da humanidade em Embu das Artes.

1.3 Objeto de estudo

Neste tópico, delimita-se o objeto de estudo desta pesquisa.

A disciplina de artes no Ensino Fundamental em Embu das Artes.

Professores de artes do Ensino Fundamental das escolas municipais, estaduais e particulares do município de Embu das Artes.

1.4 Hipótese

Necessidade da parceria entre a Secretaria da Cultura e a Secretaria da Educação de Embu das Artes para subsidiar projetos de Formação Continuada aos professores de artes do Ensino Fundamental relacionados com a preservação da cultura trabalhada em sala de aula.

1.5 Justificativa do Tema

O tema desta pesquisa: A preservação do patrimônio artístico de Embu das Artes pela educação nas séries iniciais do ensino fundamental.

O interesse por esse tema partiu da preocupação em manter a cidade de Embu das Artes como sendo uma cidade cultural rica por suas artes. Buscando obter repostas do que está sendo feito neste sentido, foi realizado uma pesquisa quantitativa com os professores da rede particular, estadual e municipal do Ensino Fundamental, para entender quais ações estão sendo realizadas pela Secretaria da Educação e Cultura para que a cultura local e o desenvolvimento artístico sejam mantidos.

1.6 Metodologia de Pesquisa

Neste tópico da presente tese, explicitam-se, ainda que de forma breve, os caminhos metodológicos que nortearam a mesma, esclarecendo a natureza da pesquisa, bem como o método e os instrumentos utilizados para a coleta de dados, além da caracterização dos sujeitos que participaram da pesquisa.

1.6.1 Linha de Pesquisa

Representa temas aglutinadores de estudos científicos que se fundamentam em tradição investigativa, de onde se originam projetos cujos resultados guardam afinidades entre si.

A linha de pesquisa desta tese é: A construção e diversidade de saberes: cultura e desenvolvimento pessoal por meio das artes.

Escolheu-se essa linha de pesquisa, pois a cidade de Embu das Artes por sua própria história surgiu envolvida pela tradição de seu povo colonizador português; indigena que preserva até os dias atuais suas tradições e que pelo mundo globalizado tende se a se perder pelo mercantilismo do mundo moderno, onde suas raizes tornam se esquecidas e que devem e podem ser resgatadas e preservadas pela Educação que é o único pilar de sustentação da cultura de um país.

Segundo Marconi (2002), uma linha é um traço contínuo de uma só dimensão, que separa duas coisas contíguas, ou um conjunto de pontos que dependem continuamente de um parâmetro. Mas também é um traço imaginário em determinada direção ou rumo. Esse traço, visível ou imaginário, limita um objeto e estabelece um contorno ou uma fronteira. Define tendência e estabelece regra de conduta ou norma baseada em convenções sociais. E provê orientação teórica adotada por grupo ou indivíduo. Uma linha também pode ser definida como prática de alguma atividade.

Por outro lado, pesquisa é a busca minuciosa e diligente para averiguação ou indagação da realidade. Refere-se à investigação e aos estudos por meio do recolhimento sistemático de dados ou elementos, a fim de descobrir ou estabelecer factos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento.

Desse modo, para definir uma linha de pesquisa, poderíamos adotar o conceito de um traço imaginário que:

a. Determina o rumo, ou o que será investigado num dado contexto ou realidade;
b. Limita as fronteiras do campo específico do conhecimento em que deverá ser inserido o estudo;
c. Oferece orientação teórica aos que farão a busca; e,
d. Estabelece os procedimentos que serão considerados adequados nesse processo.

1.6.2 O método e os instrumentos de Pesquisa

Esta pesquisa teve por finalidade ser uma pesquisa básica ou pura, pois é o tipo de estudo sistemático motivado pela curiosidade intelectual, que se preocupa com o desenvolvimento do conhecimento pelo prazer de conhecer e evoluir cientificamente. A pesquisa pura objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. O pesquisador tem como meta o saber, buscando satisfazer uma necessidade intelectual pelo conhecimento.

Para Minayo (2002, p. 52) esta forma de investigar "permite articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área de conhecimento" visando, portanto "criar novas questões num processo de incorporação e superação daquilo que já se encontra produzido".

O referencial histórico para a contextualização do município de Embu das Artes teve como fundamentação a pesquisa Crítico-Dialética, pois se encaixa aqui devido as técnicas utilizadas pelas pesquisas empírico-analíticas, quanto à coleta de dados através do questionário, utilizam a 'pesquisa-ação' e a 'pesquisa participante', etnográfica socioantropológica.

Segundo Gamboa (1987, p. 97) essa abordagem Crítico-dialética "questiona fundamentalmente a visão estática da realidade implícita nas abordagens anteriores".

Demo (1999) resume os pressupostos teóricos que identificam à prática dessa abordagem, iniciando pela historicidade, caracterizada pela mobilidade constante da História, "o vir-a-ser contínuo das formações sociais" (Demo, 1999, p.145).

A análise desta pesquisa foi de abordagem quantitativa que tem suas raízes no pensamento positivista lógico, enfatizando o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana.

Segundo Gil (2017), mediante a utilização de testes estatísticos, tornou-se possível determinar, em termos numéricos, a probabilidade de acerto de determinada conclusão, bem como a margem de erro de um valor obtido.

Trata-se de uma pesquisa descritiva das características de determinada população, portanto está relacionada com o objeto de estudo desta pesquisa. "Professores de artes do Ensino Fundamental das escolas municipais, estaduais e particulares do município de Embu das Artes".

Nesta tese foi utilizada a pesquisa de campo, pois tem como objetivo conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se busca uma resposta ou hipótese que se queira comprovar.

A reflexão que se faz, após o término da pesquisa, é: A Secretaria da Cultura necessita estabelecer parceria com a Secretaria da Educação de Embu das Artes para subsidiar projetos de formação continuada aos professores de artes do Ensino Fundamental relacionados à preservação da cultura trabalhada em sala de aula.

CAPÍTULO II

CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL, HISTÓRICA E CULTURAL – EMBU DAS ARTES

> *"Eu sou um caipira urbano, mas sou também um homem da roça, formado e vivido nela. Eu tenho sangue negro, branco e índio, mas não sei onde estão... Sou um caipira quatrocentão dadas as minhas origens nobres... Sou um pintor erudito, dentro do caipirismo. Fora da minha área cultural, posso ser classificado como primitivo, isso para os que não sabem da existência do caipirismo, que é o caso dos estrangeiros".*
>
> *Cássio M´Boy por Cássio M´Boy*

2.1 Introdução

A cidade de Embu das Artes está localizada a quase 30 quilômetros do centro de São Paulo, Brasil, e seu nome traduz sua alma. Embu, como carinhosamente é chamada, é um município com muita riqueza histórica, cultural e artística, tornou-se um grandioso pátio de escultores, poetas, pintores. Atualmente, destaca-se como uma grande vitrine a céu aberto, que acolhe vários tipos de obras que vão desde peças de obras contemporâneas até artesanato indígena, que ficam expostos em barracas móveis na famosa "Feira de Arte e Artesanato", ou ainda em galerias e ateliês que enfeitam suas graciosas e acolhedoras vielas.

Figura 1: *Área de Estudo e Localização: América do Sul, Brasil, Estado de São Paulo e Região Metropolitana de São Paulo.*

Fonte: EMPLASA, 2011. Acesso em 28/nov./2015.

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, estima-se que no ano de 2015 a população do Embu das Artes, seja em média de 261 mil habitantes, distribuída em uma área de 70.398 km². Até o ano de 2013 acolhia mais de 4.400 empresas, mas podemos afirmar que a grande concentração econômica da cidade está aglomerada no centro histórico[1].

A infraestrutura da cidade é privilegiada, o município de Embu das Artes possui 59% de seu território em áreas de proteção aos mananciais, faz parte da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da cidade de São Paulo e está inserido no Bioma Mata Atlântica. O verde está em toda parte, com belos cenários, paisagens exuberantes e inúmeras opções de lazer. Caminhar no centro histórico é uma deliciosa viagem no tempo, seja pela arquitetura das fachadas dos prédios e vielas, pelas galerias e ateliês, ou pelo clima agradável e tranquilo. A cidade também possui uma ótima infraestrutura de hospedagem, gastronomia, cultura e lazer. Atualmente, conta com três auditórios destinados a palestras, recitais, espetáculos musicais e teatrais, com lugares para 900 pessoas[2].

A importância da construção de uma "identidade" do embuense advém da ressignificação através do conhecimento de sua história, de sua arte, cultura, formação social e, sobretudo, do reconhecimento de seu patrimônio ambiental, um caminho para a valorização do território de Embu das Artes, enquanto um conjunto complexo de relações de dependência, estreita e recíproca, entre o meio ambiente, o meio cultural e social. Os recursos ambientais do município ainda oferecem enorme potencial de riquezas "sustentáveis", com qualidade de vida para todos, desde que bem gerenciados, de forma compartilhada e responsável pelos embuenses: remanescentes florestais com rica biodiversidade e região de mananciais, portanto, um território pleno de "serviços ambientais" ao alcance de sua população.

Historicamente, a localidade de Embu das Artes se mostrou importante devido os próprios intentos futuros da Coroa Portuguesa em expandir seus domínios no sentido do interior do estado e do sertão paulista. Posteriormente no século XX as características de seu desenvolvimento histórico-geográfico e cultural, deram-se pelo fato de ter sido uma cidade que acolheu muitos artistas, tanto no ramo da pintura quanto da escultura. Isso fez

[1] http://www.academia.edu/6819083/Migração Território Urbanização Crescimento Populacional e Mobilidade na Região Metropolitana de São Paulo.Acesso em 04 nov. 20115.
[2] Portal de Turismo. Cidade de Embu das Artes. Disponível em: <http://www.embudasartes.tur.br/>. Acesso em 04 nov. 2015.

com que ela aportasse diversos eventos turísticos, que aliados à questão do artesanato, chamaram a atenção da sociedade nacional e internacional.

A cidade é uma fonte rica de pesquisa cultural e histórica, oferecendo elementos para a formação de educadores e constituindo um berço para a arte e para as manifestações culturais de seu povo.

Um dos grandes responsáveis pela consolidação da vocação histórica para as artes de Embu foi o artista Cássio M'Boy, que se mudou para a cidade em 1920. Após sua chegada novos artistas passaram a morar na cidade como mestre Sakai, Assis do Embu, Solano Trindade, Cristo do Embu entre outros.

Esses novos moradores começaram a se dedicar às produções artísticas e exteriorizaram cada um, o seu potencial criativo, por meio das artes. Esses artistas ajudaram a fundar em 1969 a feira de Embu das Artes, dando origem ao movimento artístico que permanece até os dias atuais.

2.2 Inserção Regional

É fundamental constar nesta pesquisa informações sobre a inserção regional da cidade de Embu das Artes, para abranger o entendimento da tese. A cidade está localizada em um perímetro privilegiado do Estado de São Paulo, que é o mais populoso e mais abastado do Brasil, por possuir a maior produção econômica e industrial da América do Sul.

A Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), composta por 39 municípios, foi instituída pela Lei Complementar Federal nº14, de 1973, e disciplinada pela Lei Complementar Estadual nº94, de 1974. No entanto, sua existência legal e política dependiam da aprovação de uma lei estadual específica, de acordo com as regras da Constituição Federal de 1988, que atribuiu aos Estados a responsabilidade pela criação das regiões metropolitanas.

O Projeto de Lei Complementar nº6, de 2005, aprovada no dia 13 de junho de 2011, pela Assembleia Legislativa, criou a RMSP preenchendo definitivamente o vazio institucional existente na mais importante concentração urbana do país. Buscando promover o planejamento regional para o desenvolvimento socioeconômico e a melhoria da qualidade de vida, a proteção do meio ambiente, a integração do planejamento e da

execução de funções públicas de interesse comum e a redução das desigualdades sociais e regionais.

Os municípios que compõem a RMSP são: Arujá, Barueri, Biritiba-Mirim, Caieiras, Cajamar, Carapicuíba, Cotia, Diadema, Embu das Artes, Embu-Guaçu, Ferraz de Vasconcelos, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guararema, Guarulhos, Itapevi, Itapecerica da Serra, Itaquaquecetuba, Jandira, Juquitiba, Mairiporã, Mauá, Mogi das Cruzes, Osasco, Pirapora do Bom Jesus, Poá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Salesópolis, Santa Isabel, Santana de Parnaíba, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Lourenço da Serra, São Paulo, Suzano, Taboão da Serra e Vargem Grande Paulista[3].

Figura 2: *Região Metropolitana de São Paulo*

Fonte: http://www.baixarmapas.com.br/sao-paulo-rmsp/. Acesso em 28/nov./2015.

A área territorial da Região Metropolitana de São Paulo –7947,28 km²– correspondem a menos de um milésimo da superfície brasileira e pouco mais de 3% do território paulista. Pequena? Nem tanto, porque a Região tem aproximadamente as

[3] Subsecretaria de Assuntos Metropolitanos. Disponível em: <http://www.sdmetropolitano.sp.gov.br/portalsdm/sao-paulo.jsp>. Acesso em 28/nov/2015.

mesmas dimensões de algumas nações, como Líbano (10.452 km²) e Jamaica (10.991 km²).

A área urbanizada corresponde a 2.209 km², ou seja, algo em torno de 221 mil quarteirões. Entre 1962 e 2002, a mancha urbana passou de 874 km² para 2.209 km².

Os aspectos econômicos da Região Metropolitana de São Paulo é o maior polo de riqueza nacional. Em 2013, seu PIB foi de R$ 1.708.221 milhões, ou 32,1% do PIB nacional. A metrópole detém a centralização do comando do grande capital privado: aqui estão as sedes brasileiras dos mais importantes complexos industriais, comerciais e principalmente financeiros, que controlam as atividades econômicas no país. Esses fenômenos fizeram surgir e condensar na RMSP uma série de serviços sofisticados, definidos pela íntima dependência da circulação e transporte de informações: planejamento, publicidade, marketing, seguro, finanças e consultorias, entre outros.

A população demográfica, para o ano de 2010, é de 19,7 milhões de habitantes, o que significa que aproximadamente um em cada 10 brasileiros mora nessa metrópole paulista. Tal contingente é cerca de 70% superior ao da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a segunda do País, com 11,8 milhões de pessoas[4].

Segundo Censo do IBGE, em 2014 o Estado de São Paulo possuía 44.035.304 habitantes e uma densidade populacional de 177,4 hab./km². Todo esse montante populacional representa 21,6% da população brasileira e 11% de toda a população sul-americana.

O Estado de São Paulo está dividido em 7 sub-regiões: Norte, Nordeste, Leste, Sudeste, Centro, Oeste e Sudoeste.

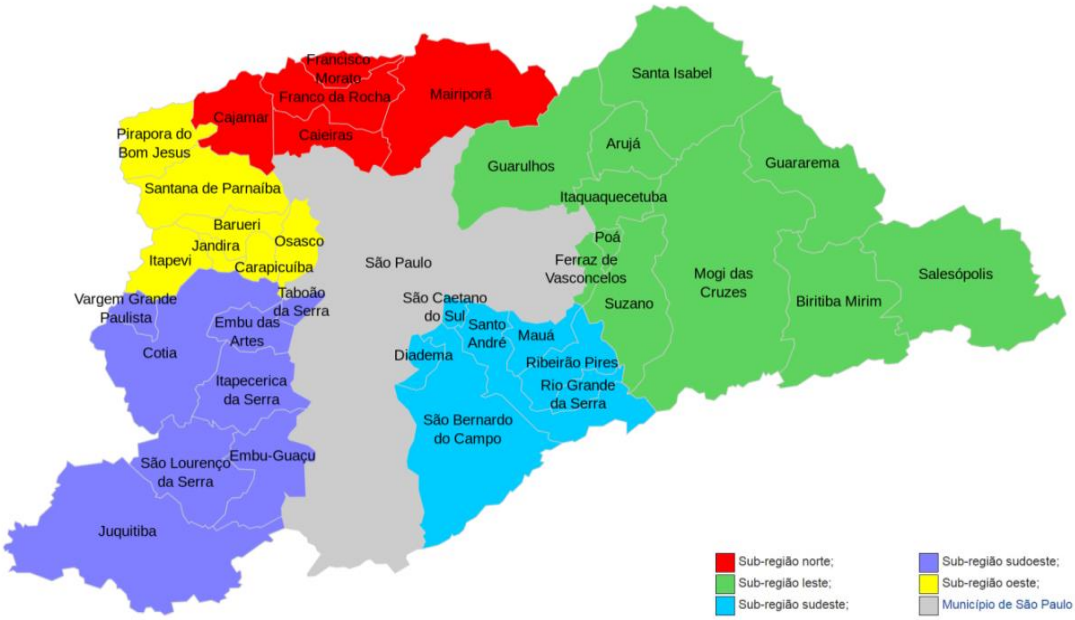
Embu das Artes está localizado na sub-região sudoeste do Estado de São Paulo fazendo também parte desta região mais 7 municípios: Cotia, Embu-Guaçu, Itapecerica da Serra, Juquitiba, São Lourenço da Serra, Taboão da Serra, Vargem Grande Paulista. A região sudoeste tem boa parte de sua área sob o regime da lei de proteção aos mananciais, o que condiciona seu crescimento às diretrizes estabelecidas por esta legislação.

Abaixo o mapa político da região metropolitana de São Paulo destacando através das cores as suas sub-regiões, conforme a lei complementar estadual 1.139 de 16 de junho

[4] Indicadores. Região Metropolitana de SP. Disponível em: http://www.emplasa.sp.gov.br/Emplasa/Indicadores/gsp.asp>. Acesso em 28/nov./2015.

de 2011.

Figura 3: *Mapa político da região metropolitana e suas sub-regiões.*



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em 28/nov./2015.

O processo de ocupação urbana desse conjunto de municípios foi associado à presença da Rodovia Régis Bittencourt, que faz a ligação de São Paulo com o Estado do Paraná. Apesar de a ocupação acontecer ao longo desse eixo viário, as áreas mais densamente ocupadas estão nos municípios de Taboão da Serra e Embu das Artes, em áreas limítrofes ao Município de São Paulo, caracterizando-se como uma expansão deste.

Os municípios integrantes da região sudoeste apresentaram taxas anuais de crescimento populacional acima da média metropolitana (0,98%), no último período intercensitário, destacando-se Taboão da Serra (2,15%), Itapecerica da Serra (1,75%), Embu das Artes (1,47%) e São Lourenço da Serra (1,35%). Juquitiba cresceu abaixo da média regional (0,83%) e Embu-Guaçu ficou igual à média da Região Metropolitana: 0,98%[5].

[5] Região Sudoeste da grande Sao Paulo. www.agendis.org.br/index.php/cidades/9-Acesso em 28/nov./2015.

Segundo dados do Censo 2010, essa sub-região representa 5,0% da população metropolitana. Entre os 14 municípios da Grande São Paulo com população inferior a 100 mil habitantes, quatro estão aí localizados: São Lourenço da Serra, Juquitiba, Vargem Grande Paulista e Embu-Guaçu. Por outro lado, a soma dos municípios mais populosos atinge a cifra de 838 mil pessoas, 84,9% do total sub-regional e 4,3% do regional.

Com exceção de Taboão da Serra e Embu das Artes, que são municípios territorialmente pequenos e praticamente ocupados, os demais municípios caracterizam-se por apresentar um pequeno núcleo urbano e o restante de sua área com ocupação rarefeita por chácaras de lazer. Esses municípios foram, desde o início, ocupados para o uso residencial, com predomínio de segmentos populacionais de baixa e média renda. Os dados geográficos de 2014, coletados pela Emplasa[6], são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 1: *Dados geográficos Emplasa 2014.*

MUNICÍPIOS	ÁREA 2014 (em km²)	POPULAÇÃO	DENSIDADE DEMOGRÁFICA	PIB 2013	DISTÂNCIA
		2015	Ano 2015 hab/km2	(em mil reais)	São Paulo
COTIA	323,994	15.323	82,18	419.064,49	31
EMBU DAS ARTES	70,398	15.323	82,18	419.064,49	27
EMBU GUAÇU	155,641	15.323	82,18	419.064,49	49
ITAPECERICA DA SERRA	150,742	15.323	82,18	419.064,49	34
JUQUITIBA	522,169	15.323	82,18	419.064,49	72
SÃO LORENÇO DA SERRA	186,456	15.323	82,18	419.064,49	31
TABOÃO DA SERRA	42,489	275.948	13.534,82	1.496.965,28	30
VARGEM GRANDE PAULISTA	42,489	275.948	13.534,82	1.496.965,28	44

Fonte: https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSP.

Segundo os dados percebe-se que Taboão da Serra é o menor município em área territorial e o que tem o maior número de população, seguido de Embu das Artes, na mesma proporção, pequeno e populoso. Taboão da Serra também apresenta a maior densidade demográfica em comparação com Embu das Artes que está em segundo lugar.

Cotia, terceiro município mais populoso da sub-região apresenta o maior PIB, seguido de Embu das Artes e Taboão da Serra. Em contrapartida, São Lourenço da Serra possui o menor PIB da região seguido de Juquitiba.

2.2.1 Aspectos demográficos e geográficos do município de Embu das Artes

No Brasil, o processo de urbanização nos anos de 1950 marca um período de

[6]https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSPAcesso em 28/nov./2015.

apogeu industrial, notadamente em São Paulo, Região Sudeste, a mais importante do país do ponto de vista econômico e populacional junto à economia nacional.

O processo migratório pelo qual passou esse Estado no referido período deu-se pelo avanço da mancha urbana sobre as áreas verdes, que com raras exceções ocorreu com o devido planejamento urbano, ocorrendo de forma desordenada, ocasionando inúmeros impactos sobre a paisagem.

Outros fatores fundamentais foram o desenvolvimento de práticas especulativas do solo, tanto por parte do setor privado, quanto pelos setores públicos, que estocaram terras nas áreas periféricas à espera de valorização. Toda a Região Metropolitana de São Paulo nesse período sofreu com o adensamento populacional e a porção Sul, Sudoeste que compõem o município de Embu das Artes se juntaram à metrópole, constituindo a maior Região Metropolitana no conjunto nacional.

Inúmeras periferias eclodiram neste período, através da junção de cidades limítrofes o que ocasionou grandes impactos.

Seguindo a dinâmica de toda a região metropolitana, a população do município de Embu das Artes teve um crescimento significativo desde 1970, ficando entre os cinco primeiros que mais cresceram na década de 70 e 80, atingindo em 2006, segundo estimativas do Censo Demográfico do IBGE, uma população superior a 246 mil habitantes, com uma densidade demográfica de 3,6 hab/km2[7].

Os dados apresentados no censo do IBGE, através da população recenseada, aponta o índice populacional dos munícipes de Embu das Artes de dez em dez anos: 4.028 (1950); 4.997 (1960); 18.148 (1970); 95.800 (1980); 155.990 (1990); 207.663 (2000); 240.230 (2010)[8].

Fica claro através desses dados a explosão da população demográfica entre migrantes e imigrantes que ocorreu entre os anos sessenta e setenta.

O censo demográfico de 2010 aponta a quantidade populacional de homens e mulheres tabulados por idade. Observa-se na tabela a apresentação dos moradores do município de Embu das Artes destacando-se por moradores da área urbana, sendo mais mulheres do que homens, em todas as faixas etárias. Muitas crianças e adolescentes de

[7]www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2338Acesso em 28/nov./2015.
[8] http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseada_1950_10552.html. Acesso em 28/nov./2015.

ambos os sexos. Mantendo até aos 40 anos a mesma proporção de homens e mulheres, havendo um declínio equiparado entre 40 e 60 anos e pouca população de idosos.

Tabela 2: *Censo Demográfico –Sinopse*

Embu das Artes	Código: 3515004	
Censo Demográfico 2010: Sinopse		
População residente	240.230	pessoas
População residente urbana	240.230	pessoas
População residente rural	-	pessoas
Homens	116.728	homens
Homens na área urbana	116.728	homens
Homens na área rural	-	homens
Mulheres	123.502	mulheres
Mulheres na área urbana	123.502	mulheres
Mulheres na área rural	-	mulheres
Homens de menos de 1 ano de idade	1.926	homens
Homens de 1 a 4 anos de idade	7.644	homens
Homens de 5 a 9 anos de idade	10.057	homens
Homens de 10 a 14 anos de idade	11.753	homens
Homens de 15 a 19 anos de idade	10.837	homens
Homens de 20 a 24 anos de idade	10.990	homens
Homens de 25 a 29 anos de idade	11.431	homens
Homens de 30 a 34 anos de idade	10.592	homens
Homens de 35 a 39 anos de idade	9.451	homens
Homens de 40 a 44 anos de idade	8.280	homens
Homens de 45 a 49 anos de idade	6.505	homens
Homens de 50 a 54 anos de idade	5.517	homens
Homens de 55 a 59 anos de idade	4.416	homens
Homens de 60 a 64 anos de idade	3.172	homens
Homens de 65 a 69 anos de idade	2.007	homens
Homens de 70 a 74 anos de idade	1.120	homens
Homens de 75 a 79 anos de idade	553	homens

Homens de 80 a 84 anos de idade	291	homens
Homens de 85 a 89 anos de idade	116	homens
Homens de 90 a 94 anos de idade	57	homens
Homens de 95 a 99 anos de idade	9	homens
Homens de 100 anos ou mais de idade	4	homens
Mulheres de menos de 1 ano de idade	1.791	mulheres
Mulheres de 1 a 4 anos de idade	7.301	mulheres
Mulheres de 5 a 9 anos de idade	9.732	mulheres
Mulheres de 10 a 14 anos de idade	11.459	mulheres
Mulheres de 15 a 19 anos de idade	10.891	mulheres
Mulheres de 20 a 24 anos de idade	11.390	mulheres
Mulheres de 25 a 29 anos de idade	12.032	mulheres
Mulheres de 30 a 34 anos de idade	11.863	mulheres
Mulheres de 35 a 39 anos de idade	10.096	mulheres
Mulheres de 40 a 44 anos de idade	8.864	mulheres
Mulheres de 45 a 49 anos de idade	7.272	mulheres
Mulheres de 50 a 54 anos de idade	6.534	mulheres
Mulheres de 55 a 59 anos de idade	5.110	mulheres
Mulheres de 60 a 64 anos de idade	3.607	mulheres
Mulheres de 65 a 69 anos de idade	2.323	mulheres
Mulheres de 70 a 74 anos de idade	1.430	mulheres
Mulheres de 75 a 79 anos de idade	885	mulheres
Mulheres de 80 a 84 anos de idade	541	mulheres
Mulheres de 85 a 89 anos de idade	242	mulheres
Mulheres de 90 a 94 anos de idade	99	mulheres
Mulheres de 95 a 99 anos de idade	28	mulheres
Mulheres de 100 anos ou mais de idade	12	mulheres
Domicílios recenseados	72.303	domicílios
Domicílios particulares ocupados	68.263	domicílios
Domicílios particulares ocupados com entrevista realizada	66.504	domicílios
Domicílios particulares ocupados sem entrevista realizada	1.759	domicílios
Domicílios particulares não ocupados	4.009	domicílios
Domicílios particulares não ocupados de uso ocasional	593	domicílios
Domicílios particulares não ocupados vagos	3.416	domicílios
Domicílios coletivos	31	domicílios
Domicílios coletivos com morador	13	domicílios
Domicílios coletivos sem morador	18	domicílios
Média de moradores em domicílios particulares ocupados	3,52	moradores

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.http://www.censo2010.ibge.gov.brAcesso em 28/nov./2015.

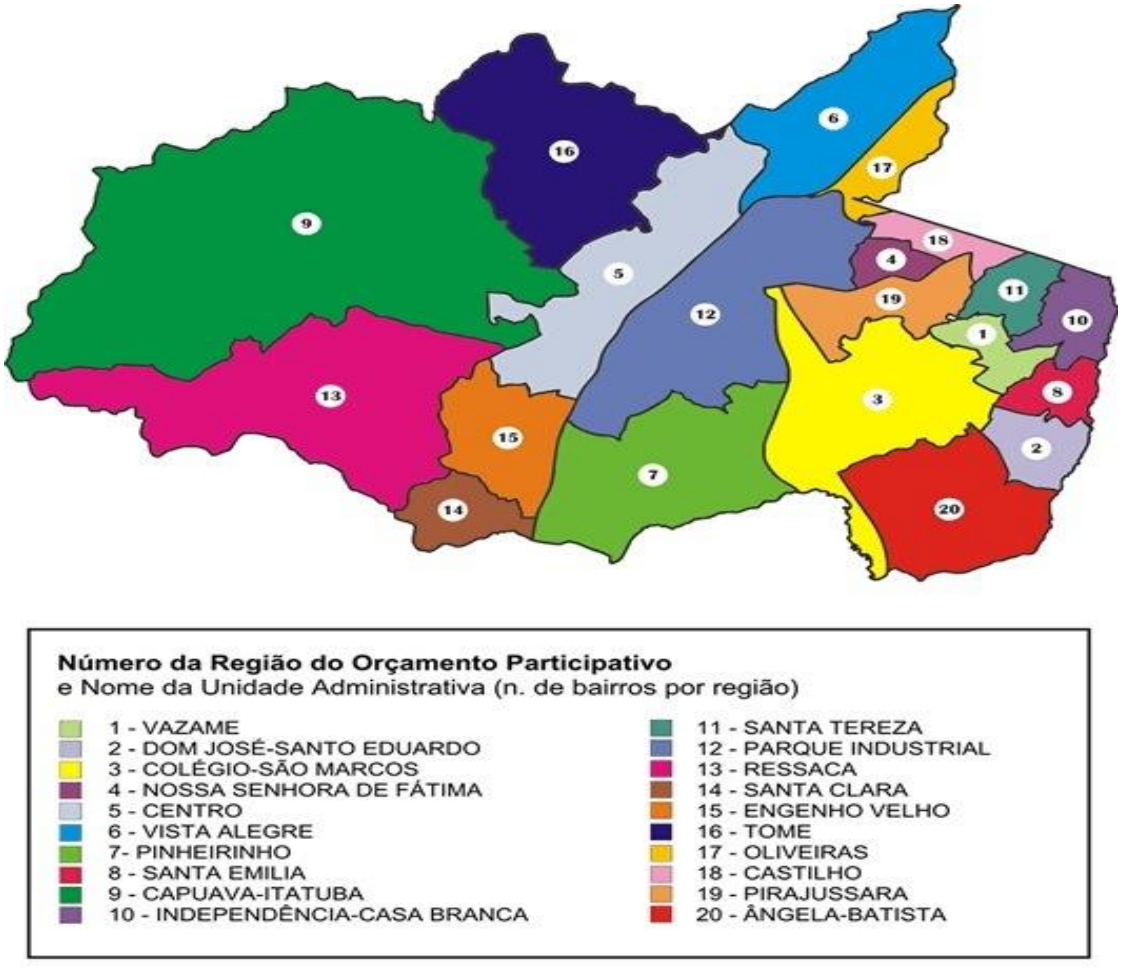
O município de Embu por estar próximo à capital de São Paulo passa a receber essas pessoas vindas de outros estados como também os imigrantes chegando de outros países. Um exemplo é a família Kikuti que em 1917 se instala aqui e começa a contribuir para a formação de Cinturão Verde com plantações agrícolas. No período de 1912 a 1937 destaca-se pela chegada de um grande grupo de japoneses que se alojaram em nosso município, trazendo suas culturas influenciando nossa cidade sendo responsáveis pela tradição no cultivo de plantas e flores (Trindade, 2010).

Quanto aos migrantes nordestinos e mineiros instalam-se na periferia da cidade entre os anos 1950 e 1980 atraídos pelo desenvolvimento industrial de São Paulo. Pelo fato dessas pessoas não encontrarem empregos no Embu iam trabalhar na capital e voltavam para suas casas somente para dormir, a cidade então passou a ser chamada de cidade dormitório. (Trindade, 2010).

Um estudo do SEADE aponta a taxa de crescimento demográfico de 28,00% verificada no período 2000/2010, e ainda aponta que são taxas elevadas para as próximas décadas: 16,67% para 2010/2020 e de 9,82% para 2020/2030.

Segundo o Censo, observa-se em 2006 que a distribuição espacial dessa população está concentrada, sobretudo, na bacia do Rio, nos bairros de Santa Tereza, Santo Eduardo, Santa Emília e Parque Pirajuçara, e na região central (Bacia do Rio Embu Mirim), locais que sofreram os maiores impactos da ocupação urbana no município.

Figura 4: *Número da Região do Orçamento Participativo*



Fonte: http://embudasartes.sp.gov.br/e-gov/secretaria/participacao_cidada/imgs/MapaOP2009.gif Acesso em 28/nov./2015

O município de Embu das Artes está inserido neste quadro, o crescimento da área leste do município é resultado da expansão populacional da região sul da cidade de São Paulo. A topografia de morros e morrotes desta faixa que forma a sub-bacia do Rio Pirajuçara foi sendo ocupada de forma a atender as necessidades de moradia de uma população de baixa renda que trabalhava, e trabalha, em outros municípios da Região Metropolitana de São Paulo e que precisava de moradia; como não possuía renda passou a ocupar essas áreas seguindo um processo de expansão do sistema de favelamento. Este é um retrato e a consequência de um modelo concentrador de renda e de exclusão social[9].

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um movimento. "Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, as formas - tornadas assim formas-conteúdo - podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço" (Santos, 2008, p.32).

As modificações do espaço decorrentes do processo migratório se devem ao incremento de novas materialidades, modificando as paisagens outrora naturais, onde muitos migrantes foram habitando lugares impróprios, áreas de declividade acentuada, várzeas de córregos, ou seja, lugares não estruturados, o que acabou por ocasionar inúmeros problemas sociais e ambientais.

A migração é um importante elemento da dinâmica populacional. Constitui-se no deslocamento de pessoas entre localidades (cidades, Estados e países). A população de Embu das Artes é originária de processos migratórios desde sua fundação.

No século XX a região sudoeste, especialmente em São Paulo, passa a se destacar por seu desenvolvimento industrial, tornando-se atrativa às pessoas que moram no Nordeste, Norte e Minas Gerais que buscavam melhores condições de vida.

A região nordeste do Brasil foi a grande produtora de açúcar, a sustentação econômica da Coroa Portuguesa nos séculos XVI a XVIII, aonde muitos escravos vindos da África trabalhavam nos engenhos. O início da população brasileira, com miscigenação de índios, brancos e negros também ocorreu nesta região.

[9] fundaembudasartes.sp.gov.br/e-gov/public/arquivos/2011/06/04_minuta_drenagem.pdAcesso em 28/nov./2015.

Com o declínio da plantação do açúcar e a ascensão do café na região sudeste começou a migração do povo nordestino, ainda escravo para estas regiões. A Aldeia de M'Boy não recebeu grande fluxo de escravos negros, porque já tinha a mão de obra indígena.

Segundo o Censo populacional do ano 2000, a população migrante residente no município tem origem, principalmente, no próprio Estado de São Paulo, representando 54% da população. Do restante, 32% da população migrante advêm da Região Sudeste, sendo essa população originária, em sua maioria, do Estado de Minas Gerais; a Região Nordeste contribui com 6%, principalmente do Estado da Bahia; a Região Sul representa 3%, com o Paraná; as Regiões Norte e Centro-Oeste, juntas, 4%, com os Estados do Pará e Goiás como os maiores representantes dessas regiões. Os estrangeiros correspondem a pouco menos de 1% da população residente no município.

Migram também pessoas da região sul do país, descendentes de italianos, buscando oportunidade de trabalho. E também influenciam com sua cultura através das danças e com o Centro de Tradições Gaúchas - CTG.

Esses novos moradores começam a influenciar no desenvolvimento do município e alguns deles começam a se dedicar às produções artísticas, por meio de pinturas, esculturas, modelagem, entalhes em madeiras, música, literatura e bordados, demonstrando a capacidade criativa e de adaptação de um povo singular.

Como fruto da migração e imigração, podemos destacar alguns exemplos dessa aliança de diferentes culturas em Embu, como o Grupo Sakai, que realiza arte em cerâmica; as danças brasileiras, representadas pelo Teatro Popular Solano Trindade; o Mineiro Pau, trazido pela família Gama; as músicas regionais do sul, após a instalação no Embu do Centro de Tradições Gaúchas - CTG; um grupo de escultores que seguiam os primeiros passos dos indígenas que esculpiam as obra do Convento de Jesuítas; e dos mestres Cássio M'Boy (após os anos 1920) e Assis do Embu (Trindade, 2010).

Inicia-se juntamente com esse processo de migração e imigração um movimento *hippie* na época de 1960, em que a chegada desses artesãos começa a influenciar com seus trabalhos manuais. Muitos deles chegaram a cidade vindos da capital, São Paulo, onde já apresentavam seus trabalhos na Feira de Artes e Artesanato da Praça da República, sendo o artesão Cristo o pioneiro.

"O surgimento da hoje tradicional Feira de Artes e Artesanato, 1969, deve-se em

grande medida a esses migrantes e imigrantes pioneiros que, totalmente integrados à cultura local, transformaram Embu em um celeiro de artistas, hoje conhecido em todo país e internacionalmente" (Trindade, 2010, p. 36).

2.2.2 Aspectos geográficos do município de Embu das Artes

Dentre as várias formas de uso existem a agricultura, áreas urbanizadas, áreas com vegetação, parques, aterros sanitários, etc. Informações sobre a localização e distribuição destas funções no território são de grande importância para o planejamento do conjunto de serviços de infraestrutura.

No Embu, as formas de ocupação refletem o processo histórico de formação do município, apresentando variados padrões e formas. Refletem contextos sociais e econômicos, demonstram virtudes e defeitos, vislumbram cenários dinâmicos ou estagnados. Assim, pelo perfil do município, uma cidade integrante da região metropolitana, o uso das terras se faz predominantemente urbano. As habitações apresentam-se em variados padrões de construção, muitas vezes vizinhas de áreas que agregam plantas industriais, áreas de serviços e minérios, além de coexistência de fragmentos de formações vegetais, equipamentos urbanos (escolas, hospitais, cemitérios, parques, praças.), entre outras formas de utilização e ocupação das terras.

A realidade urbana e habitacional do município de Embu é marcada pela inserção de pouco mais da metade do seu território em área de proteção e recuperação dos mananciais da bacia hidrográfica da represa Guarapiranga, pelo processo de produção de espaços urbanos segundo padrões periféricos baseados em assentamentos precários e informais e pela sua inserção na Região Metropolitana de São Paulo.

A construção da rodovia Régis Bittencourt trouxe uma grande modificação no uso e ocupação de solo no município. Ela criou condições de acesso que favoreceram o desenvolvimento de atividades industriais nas suas áreas marginais. Mas ela também gerou problemas sérios às condições naturais de drenagem na sua área de influência. A rodovia corta longitudinalmente parte de área de várzea do Rio Embu-Mirim, passando a funcionar como se fosse uma barragem longitudinal ao rio. Com isto, o sistema natural de drenagem da margem direita do Ribeirão Ponte Alta (um dos formadores do Embu-Mirim) foi seccionado e foi construída uma série de intervenções para suprir às condições

naturais de drenagem. Estas passagens têm causado sérios problemas de inundação no entorno da Régis Bittencourt.

Outro fator que modificou a estrutura de ocupação do solo no município foi a construção do Rodoanel. As condições de acesso criadas por este vão incentivar a implantação de instalações vinculadas à área de logística no município. Ao lado do aspecto positivo de fomentar o crescimento da atividade econômica no município, por outro lado exigirá um planejamento do sistema viário local para suportar o aumento do fluxo de tráfego. Outro aspecto negativo, que de forma semelhante ao que ocorreu com a BR 116, o Rodoanel também seccionou a várzea do Rio Embu-Mirim em outro trecho o que provocará aumento nos índices de inundação.

A geomorfologia do Embu é caracterizada por morros, morrotes, planície e várzeas associada a uma rede hidrográfica composta de córregos e rios que fazem parte da Bacia Hidrográfica do Cotia-Guarapiranga, que pertence da Bacia do Alto Tietê[10].

As colinas de São Paulo caracterizam-se basicamente por colinas e morrotes baixos que gradualmente evoluem para os morrotes alongados paralelos de grande abrangência na morraria do Embu que apresenta morrotes baixos e morrotes paralelos.

Importante pontuar que a cidade apresenta seu relevo em forma de montes, pois uma das definições originaria do nome da cidade era M'Boy que quer dizer coisa um agrupamento de montes.

Clima étipo "C" (koppen) subtropical ou mesotérmico de latitudes médias com chuvas abundantes no verão. Os ventos dominantes são de Sul e Sudeste. A altitude média, juntamente com ilhas de vegetação de Mata Atlântica são fatores que amenizam a temperatura, dando ao clima uma característica subtropical de altitude. A temperatura média anual é de 17,5°C.

Quanto à vegetação encontramos uma cobertura florestal composta por pequenos fragmentos isolados de Mata Atlântica, reflorestamentos de eucaliptos e pinus. Não há dados atuais disponíveis sobre a extensão destas áreas, sabe-se apenas que os proprietários particulares de 7,2% da extensão do município requerem isenção de IPTU por conservar a vegetação existente.

[10]embudasartes.sp.gov.br/e-gov/public/arquivos/2011/06/04_minuta_drenagem.pdf

O crescimento urbano, a ocupação dos espaços não respeita os limites físicos impostos pelas bacias hidrográficas. Áreas de encostas, as várzeas, os leitos de cursos d'água e demais componentes do sistema hidrográfico são comumente alteradas em suas características físicas e biológicas pela ação humana com a implantação de construções, retirada de vegetações, impermeabilização de áreas entre outros.

O processo de ocupação humana do município se deu sem um modelo de planejamento e ordenamento territorial, e como resultado, tem-se hoje um quadro preocupante quanto às formas e às consequências decorrentes da ocupação ocorrida. A ocupação provocou uma série de modificações aos ecossistemas. Tais transformações expressas quase sempre em impactos negativos podem ser percebidas por meio da redução da cobertura vegetal, do aumento das áreas impermeabilizadas, pela presença de processos erosivos, pelo assoreamento e contaminação dos cursos d'água[11].

O conhecimento das características de topografia, geologia, hidrologia e clima são fundamental para que se estabeleça o planejamento do uso e ocupação do solo de forma segura e racional, buscando um melhor aproveitamento dos recursos naturais e respeitando as fragilidades do meio. Um solo sem árvores é facilmente carregado junto ao lixo depositado nas margens dos córregos, gerando um processo contínuo de assoreamento e redução da capacidade de vazão dos cursos d'água.

2.2.3 Área de proteção de Mananciais

Manancial é qualquer corpo d'água, superficial ou subterrâneo, utilizado para abastecimento humano, animal ou irrigação. Conceitua-se a fonte de abastecimento de que pode ser, por exemplo, um rio, um lago, uma nascente ou poço, proveniente do lençol freático ou do lençol profundo. (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental Programa Reserva da Biosfera - The Man And the Biosphere -MaB)[12].

O município de Embu das Artes possui 59% de seu território em Área de Proteção aos Mananciais, faz parte da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo e está inserido no Bioma Mata Atlântica. Usufruir e preservar, desfrutar sem

[11]embudasartes.sp.gov.br/e-gov/public/arquivos/2011/06/04_minuta_drenagem.pdf
[12]http://www.embudasartes.sp.gov.br/e-gov/public/arquivos/2009/3/atlas.pdf

degradar. Esse desafio torna-se um marco gerenciador, um indicador ético, social, econômico e cultural para as políticas públicas e para a formação cidadã da população embuense.

A área do município do Embu das Artes pertence a uma das sub-bacias do Tietê chamada Alto Tietê, que abrange a Região Metropolitana de São Paulo. Por sua vez, é formada por um conjunto de sub-bacias, entre elas a do Cotia - Guarapiranga, onde está inserido o Embu.

O município tem aproximadamente 11,9 km²(17,5%) de Áreas de Proteção Permanentes. Embu das Artes abriga inúmeros ambientes legalmente protegidos, no entanto, a maioria deles já alterados e ocupados de forma irregular. As áreas onde estão as matas ciliares são áreas de APPs, pois correspondem ao tipo de vegetação que margeia os corpos d'água. Os rios de Embu das Artes não ultrapassam a largura de dez metros, então, as APPs abrangem uma faixa longitudinal de trinta metros ao longo dos rios (cada lado das margens) e a cinquenta metros ao redor das nascentes.

Devido à importância dessa região, a comunidade e o poder público de Embu das Artes, ao longo de 2008, vinham se mobilizando para a criação de uma Área de Proteção Ambiental - APA, com o objetivo de proteger e ao mesmo tempo ordenar o crescimento da região da Bacia do Rio Cotia.

A população e o governo municipal começam a atentar para a urgência em disciplinar o processo de ocupação do solo e assegurar a preservação dos recursos naturais. Até novembro de 2008, essa área da bacia estava legalmente fora da área de proteção aos mananciais por não pertencer ao Sistema Guarapiranga, contando somente com o Plano Diretor para os princípios e diretrizes de ordenação do território. Carecia de medidas legais para a conservação de seus recursos hídricos e florestais[13].

A Lei Complementar no 06/2008, que *cria a Unidade de Conservação Municipal de Uso Sustentável - Área de Proteção Ambiental - APA Embu-Verde*. Aprovado pelo Legislativo em 3 de dezembro de 2008, esse projeto representa uma grande conquista para o município. A nova Lei é uma ferramenta importante para fundamentar e implementar projetos de desenvolvimento sustentável nessa porção da Bacia do Rio Cotia. Fortalece os interesses coletivos, levando sempre em conta as potencialidades e

[13]embudasartes.sp.gov.br/e-gov/public/arquivos/2011/06/04_minuta_drenagem.pdf

fragilidades do ambiente (meio biofísico) ao elaborar planos e projetos de desenvolvimento local, garantindo a preservação e manutenção da qualidade ambiental e social dessa região[14].

APA Embu-Verde ocupa uma área de 15,7 km² do município um patrimônio da cidade, pois abrigam importantes fragmentos de Mata Atlântica com uma grande biodiversidade e espécies ameaçadas de extinção, comprovados durante o levantamento realizado pelo Instituto Florestal de São Paulo em 2005 (Avaliação Integrada de Remanescentes Florestais de Embu).

Oferece ainda alto potencial de desenvolvimento social e econômico sustentáveis, se a sua gestão estiver associada à conservação de seus recursos naturais. As áreas verdes também propiciam recreação e lazer, como trilhas, observação de aves e animais, piqueniques ao ar livre, entre outros, contribuindo para a redução do estresse e da violência. O uso sustentável das áreas verdes e dos recursos hídricos favorece atividades de ecoturismo, agricultura orgânica e artesanato, o que pode incrementar as atividades econômicas do município e trazer divisas, ao gerar alternativas de negócios, trabalho e renda, sem agredir o meio ambiente.

2.2.4 Características Econômicas da Região

A atividade econômica e o perfil de renda da sua população refletem o perfil do desenvolvimento socioeconômico de um Município. A economia local pode ser avaliada pelo valor do Produto Interno Bruto - PIB. Esse índice representa a soma em valores monetários de todos os bens e serviços produzidos em um município, estado ou país durante um determinado período de tempo (mês, trimestre ou ano).

O Plano Diretor do município revisado em 2011, Considerada a maior presença do setor terciário (comércio e serviços) em quantidade de trabalhadores (cerca de 58% da população economicamente ativa, em 2007). A cidade está, de fato, inserida num contexto de urbanização desenvolvida, que pode ser constatada pela verificação de que mais de 95% das empresas cadastradas na prefeitura, em 2010, são dos setores de serviço ou comércio. Já os trabalhadores do setor secundário (indústria de transformação, que fabrica novos produtos a partir de uma matéria-prima) são pouco mais de 26% do total e as atividades extrativistas (setor primário: agricultura e mineração) ocupam menos de 1%

[14]http://www.embudasartes.sp.gov.br/pagina/ver/1159

do total de trabalhadores. Por outro lado, cerca de 50% do PIB municipal é gerado pelo setor terciário e quase 30% pelo setor secundário. Tais diferenças de proporção se devem a diversos fatores: muitos trabalhadores atuam no município de São Paulo e em outros da região; em geral as atividades industriais possuem um valor agregado maior e empregam menos; o grau de formalidade na contratação é maior no setor industrial, entre outras razões[15].

Neste contexto, percebe-se uma diversidade de ações necessárias para se alcançar o desenvolvimento econômico e social pretendido no município, em relação aos diversos condicionantes internos e externos. Como fatores de grande influência estão os processos metropolitanos e nacionais que apontam para: o crescimento e a estabilidade econômica, a expansão da rede de ensino superior, a consagração da preservação ambiental, a disponibilidade de créditos públicos e privados, tanto para investir em produção quanto em infraestrutura. Contam ainda, a proximidade do centro da metrópole e, por fim, mas não menos influente, o crescimento do setor da construção civil.

Por outro lado, o potencial de crescimento do município é antes de tudo marcado por um forte contingente populacional que tende a desenvolver os recentes investimentos em educação, saúde, políticas sociais, inclusão digital, participação política cidadã, habitação e saneamento. E também a imagem pública e a tradição artística vinculada a Embu das Artes conferem à cidade grande potencial nos setores de comércio e serviços, devido à sua proximidade da metrópole e as suas características urbanas com patrimônio ambiental, cultural e histórico relativamente preservados. Esta localização estratégica na região metropolitana não apenas favorece o município para receber consumidores ou exportar produtos locais, mas também para cumprir um papel de abastecimento de toda a região, devido ao sistema rodoviário de grande porte que se presta ao setor de logística metropolitano e inter-regional.

Deste modo, a qualificação da mão de obra, a melhoria da escolaridade da população, a ordenação dos setores produtivos e seus investimentos, a preservação ambiental, o aumento de postos de trabalho e o fortalecimento das relações sociais e institucionais tornam-se pontos estratégicos para o desenvolvimento[16].

Na tabela abaixo são apresentados os municípios ao redor de Embu das Artes, distribuídos por quantidade de pessoas em atividades da indústria, construção, comércio, serviço e agrícolas. Os gráficos apontam as empresas, os setores agrícolas e os habitantes

[15]http://embudasartes.sp.gov.br/e-gov/public/arquivos/2012/06/plano_diretor/Cartilha_Plano_Diretor_2.pdf
[16]http://www.embudasartes.sp.gov.br/e-gov/public/arquivos/2014/pdf/jun/cacteristicaseconomicas.pdf

do município destacando de maneira colorida o Embu das Artes, facilitando a visualização dos dados.

Tabela 3: *Estabelecimentos por município e por atividade*

Municípios	Número de Unidades Locais	Indústria	Construção	Comércio	Serviço	Agricultura
Cotia	7.838	685	330	2.862	3.932	29
Embu das Artes	4.404	311	197	1.974	1.910	12
Embu-Guaçu	1.130	131	27	583	374	15
Itapecerica da Serra	2.884	177	124	1.289	1.269	25
Osasco	18.598	1.104	521	7.813	9.146	14
Taboão da Serra	6.071	624	294	2.668	2.483	2
São Paulo	577.190	41.829	22.074	198.759	313.525	1.003
Juquitiba	1.172					
São Lourenço da Serra	851					
Vargem Grande Paulista	1.326					

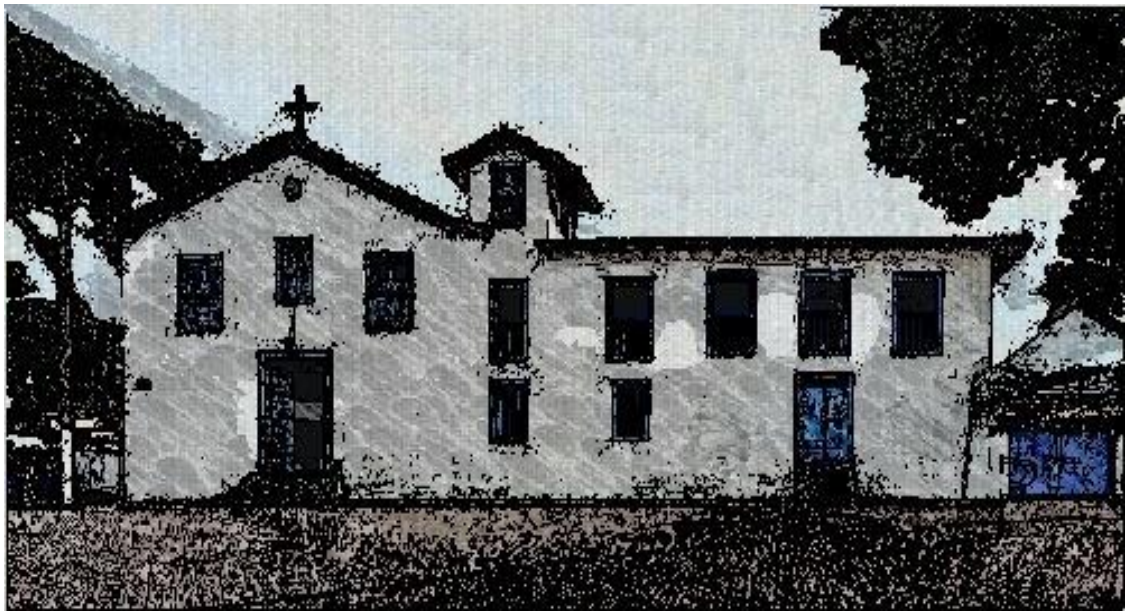
Fonte: IBGE (2010).

Importante informar a situação financeira de Embu das Artes para entender que o município está em fase de crescimento econômico em pouco tempo de emancipação. Uma cidade com a maioria da sua população de baixa renda, os artistas que percorram Embu das Artes para se estabelecerem não vem em busca de prestigio econômico ou social e sim em busca do legado artístico aqui deixado, aperfeiçoam seus conhecimentos e passam a fazer parte desta rica história.

2.3 Contextualização Histórica

A história de Embu das Artes se confunde com a própria história do Brasil, uma vez que há relatos da região relacionados ao ano de 1554, com o estabelecimento das missões jesuíticas no Brasil. Retornando aos tempos do Brasil Colonial, Embu surge por volta de 1554, quando os primeiros jesuítas saíram da Vila de Piratininga, em busca de novas terras e de grupos indígenas para a evangelização. Assim, dá-se o primeiro passo para a formação de um novo aldeamento.

Figura 5: Embu das Artes –Conjunto Jesuítico Nossa Senhora do Rosário



Fonte: http://foralltourism.blogspot.com.br/2014/09/patrimonio-cultural-e-artistico-da.html.

2.3.1 De Bohi a Embu das Artes

Escrever sobre a História de Embu é escrever sobre a própria história da Companhia de Jesus na América Meridional, uma vez que da atuação dessa célebre Ordem, fundada por Inácio de Loiola, da Capitania de São Vicente de Martim Afonso de Sousa, foi que surgiu o primitivo Embu (Jordão, 2004, p.9).

Definem-se como jesuítas, padres da Igreja Católica que compunham a Companhia de Jesus, fundada em 1534 por Inácio de Loyola, com o objetivo principal de coibir o crescimento dos protestantes ao redor do mundo.

A Companhia de Jesus surgiu nesse contexto histórico engendrado a partir do século XVI. Canonizada pelo Papa Paulo III, por meio da Bula Regimini Militantis Ecclesiae (1540), a Ordem religiosa criada por Inácio de Loiola nasceu para apostolar no mundo secular com três objetivos muito bem definidos: defender o Papa, reconverter os cristãos, particularmente os reformados, e evangelizar os chamados "povos bárbaros" que habitavam os outros continentes (Santos,2008)[17].

Data-se que os jesuítas chegaram ao Brasil em 29 de março 1549 e até 1605 foram

[17]pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=3240

encaminhados ao Brasil cerca de 169 religiosos. Em 56 anos de atividade, os jesuítas já se achavam estabelecidos por todo o litoral brasileiro e nesse período de expansão, além de terem contribuído para a edificação das cidades de Salvador e Rio de Janeiro, fundaram a cidade de São Paulo, no planalto de Piratininga, no interior da capitania de São Vicente.

Quando os jesuítas por volta de 1554 saíram da Vila de Piratininga, atual São Paulo, em busca de novas terras e de grupos indígenas para a evangelização eles vão para o Paraguai catequizar os índios Guaranis e na volta são atacados por índios Piratiningas. Ao serem atacados eles fogem para a Aldeia de Bohi, depois chamada de M´Boy, assim, dá-se o primeiro passo para a formação de um novo aldeamento, M'Boy.

Embu das Artes, como conhecemos hoje, ganhou diversas nomeações, muitas lendas e histórias envolvem suas origens e o significado de seu nome. M'Boy, Boy, Bohi, Bohu, Alboy, Emboi ou Embohu eram as formas de nomear essa região.

Segundo Jordão (2004) uma das lendas, a palavra M'Boy significa cobra em tupi-guarani. Consta-se que a região recebeu o nome de M'Boy por causa da bravura de um índio ao salvar de uma grande cobra o padre Belchior de Pontes, um símbolo na formação do aldeamento. Outra explicação define-se pelas características físicas da região, pois o termo M'Boy vem da palavra *Mbeîu*, que quer dizer coisa penhascosa, um agrupamento de montes, coisa em cachos ou cacheadas, coisas juntas, apinhadas, referindo-se as formas do relevo da região. O aldeamento apresentava um relevo bastante acidentado, constituído por colinas e morros. Foi neste quadro físico que se desdobrou o surgimento do aldeamento em acrópole (no topo), estabelecido por uma questão defensiva e estratégica, muito importante na época.

Das próprias circunstâncias que envolveram o nascimento da primitiva Aldeia, podemos tirar a origem do nome "M'Boy", invocando Teodoro Sampaio em "O Tupi na Língua Nacional". Para esse autor, "MAIR" era o apelido dos franceses entre os tupis do Brasil. Os guaranis do Paraguai (Carijós) chamavam os espanhóis de "MBAI". Os dois vocábulos mair e mbai são formas contratas de mbai-ira que exprime o - apartado, o solitário, o que vive distante. De mbai-ira, procedem mbaira, maira, mair, MBAI que era o apelido dado pelos indígenas aos franceses e espanhóis, não só por virem de longe, como porque equiparavam pela sua superioridade, aos seus feiticeiros, chamados pajés ou caraíbas, os quais levavam a vida solitária no recesso das matas, nas cavernas das montanhas distantes (Jordão, 2004).

Para entender melhor a origem destes nomes, Teodoro Sampaio dizia que os índios Guarani chamavam os espanhóis de M Baira, que significa o apartado o solitário, ressaltando também que pode ter a tradução para cobra. O Tupi chamavam os Carijóde M´Boy por viverem afastados na aldeia, separados. Leonardo Arroyo diz que foi o aspecto físico que originou esse nome à região. Câmara Cascudo, em seu dicionário folclórico descreve M´Boy com o significado de cobra preta. Para Jordão e Montoya M Boy é uma corruptela de M Beiu, que quer dizer agrupamentos de montes (Jordão,2004).

Com o tempo MBAI foi se transformando em MBOI, surgindo nos documentos históricos de São Paulo com as mais variadas grafias.

O aldeamento de M'Boy, fundado pelos jesuítas no início do século XVI, foi concebido por uma Carta de Doação, fato esse que está diretamente ligado as mesmas características de povoamento e colonização do Planalto Paulistano, onde, de um lado estava o europeu colonizador, que escolhia e tomava para si as terras, focado na exploração econômica, e de outro, o jesuíta, focado na catequese dos índios.

Os índios que vieram para a Aldeia de M´Boy eram os Guaranis, do Paraguai, trazidos pelos Jesuítas, pois os índios que estavam não aceitavam a catequização. Os Guaranis eram de índole pacífica e ficaram atraídos pelos cantos e rituais da igreja católica, diferentemente dos índios das etnias Tapuia e Tupiniquim, do Brasil, tão valentes e guerreiros.

Mesmo com o decreto de Portugal de 1680, proibindo a escravidão do índio, sem a presença dos jesuítas, eles foram escravizados. Os guaranis de M´Boy desapareceram, restando em Embu apenas alguns mamelucos.

Em 1607, as terras do lugarejo passam a ser propriedade de Fernão Dias Paes (o moço) e sua esposa Catarina Camacho. Em 1624, o casal doa as terras da aldeia M'Boy à Companhia de Jesus, com a condição de que os jesuítas devotassem Nossa Senhora do Rosário e organizassem uma festa de adoração à Santa Cruz. Em 1690, o padre Belchior das Pontes manda erguer uma igreja em homenagem àquela santa, hoje a padroeira do município.

Já no século XVIII, entre 1730 e 1740, os jesuítas iniciaram a construção do convento, anexo à igreja. O padre Domingos Machado reuniu no aldeamento vários

padres artistas que elaboraram os trabalhos de decoração do mesmo. As verbas necessárias aos entalhes das paredes de madeiras e grande número de imagens, foram viabilizadas com a venda do algodão que era cultivado em grande escala. Os padres jesuítas não moraram no convento por muito tempo, quando em 1759 por ordem da Coroa Portuguesa foi expulso do Brasil.

A dificuldade de comunicação não permitiu o rápido desenvolvimento do povoado. Somente no final do século XIX, a cúria diocesana de São Paulo contratou o engenheiro Henrique Bocolini para demarcação do patrimônio, o qual, reconhecendo os valores artísticos da capela e do convento, realizou as primeiras obras de apoio à conservação das construções.

Figura 6: *Henrique Boccolini (destaque) vistoria à Igreja dos Jesuítas (futura restauração em 1908).*

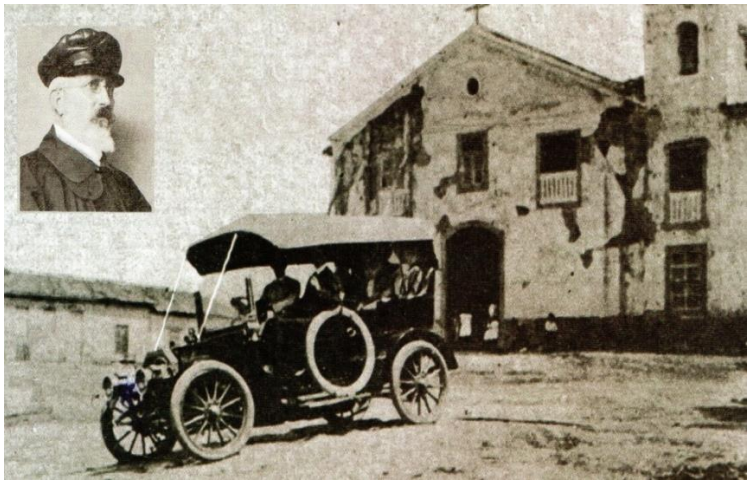


Foto: Trindade, 2010.

O município para chegar a ser chamado de Embu das Artes, a história nos revela alguns fatos importantes. Os padres jesuítas chegam por volta de 18 de julho de 1554 e encontram a Aldeia de Bohi a qual passa a ser chamada de M´Boy. Entre 1779 e 1880 passa por várias modificações entre ser Aldeia e Freguesia.

Segundo o Instituto Seade[18] define de forma clara e objetiva o que vem a ser Aldeia e Freguesia. Entende-se por Aldeia, pequena povoação que não dispõe de jurisdição, dependendo administrativamente da vila ou da cidade, a cujo termo ou comarca pertence; povoação constituída exclusivamente de índios; local em que se

[18]http://produtos.seade.gov.br/produtos/500anos/index.php?tip=defi

agrupavam índios domesticados dos sertões. Os portugueses chamavam de aldeias as tabas dos índios, as povoações indígenas e aquelas que os missionários organizavam ou iam convertendo.

E entende-se por Freguesia, circunscrição eclesiástica que forma a paróquia; sede de uma igreja paroquial, que servia também, para a administração civil; categoria oficial institucionalmente reconhecida a que era elevado um povoado quando nele houvesse uma capela curada ou paróquia na qual pudesse manter um padre à custa destes paroquianos, pagando a ele a côngrua anual, ou seja, fração territorial em que se dividem as dioceses, tratando-se de uma designação portuguesa de paróquia.

Durante 101 anos entre 1779 a 1880 a Aldeia M´Boy passa a ser Aldeia e Freguesia por várias vezes, a seguir: 1779 - A Aldeia Mboy passa a ser Freguesia; 1832 - Volta a ser Aldeia por meio de decreto; 1841 - Nova lei lhe devolve a condição de freguesia; 1869 - Volta a ser Aldeia por meio de decreto; 1880 - Volta a ser Freguesia.

Esse vai e vem terminou em 21 de abril de 1880, quando através de um decreto, a Aldeia M'Boy tornou-se Distrito, no município de Itapecerica com a denominação de M'Boy.

Através do Decreto Estadual nº 9.775, de 30 de novembro de 1938, o distrito de M'Boy passou a denominar-se Embú. (Com acento no u). Em 1943 sob o Decreto-Lei, Embú muda a grafia do nome para Embu (sem acento no u); seguindo as regras da ortografia da língua portuguesa[19].

Em 17 de março de 1958 é formalizada a emancipação de Embu através de uma reunião realizada na casa do senhor Dr. Carlos Koch onde também se fizeram presentes Horácio Wolf, Gastão Santana de Moraes Gonçalves, João Salvador Silva, Hideo Degaki, Hélio Santana, Pedro Candido dos Santos, João de Moraes, Antônio Batista Medina, João Batista Medina Filho, Manoel Batista Medina (Sr. Nei), Joaquim Salvador Silva, Annis Neme Bassith, Indalécio do Espírito Santo Gonçalves, Isaltino Victor de Moraes, Afonso Capri, Jose Marreiros, Agostinho Marreiro, Alberto dos Santos Jacob e Heliodora Oescuma Koch. No final deste mesmo ano houve um plebiscito positivo para que Embu pudesse ser independente politicamente (Trindade, 2010).

No dia 18 de fevereiro de 1959 o município de Embu foi criado pela Lei nº 5.285

[19]https://familysearch.org/wiki/pt/Embu_das_Artes,_São_Paulo_-_Genealogia

sendo desmembrado de Itapecerica da Serra e Cotia, no ano seguinte, em 1960 foi eleito o primeiro prefeito do município, Anis Neme Bassith.

O município de Embu passa a ser Estância Turística através da Lei Estadual nº 2161, de 12 de novembro de 1979. Passando a ser chamado Estância Turística de Embu. Estância Turística é um título concedido pelo governo do Estado de São Paulo aos municípios que apresentem características turísticas e determinados requisitos como: condições de lazer, recreação, recursos naturais e culturais específicos. Devem dispor de infraestrutura e serviços dimensionados à atividade turística. Nem todas as cidades conseguem o título de Estância Turística, é preciso passar por uma avaliação e atingir os critérios de cultura e lazer como também infraestrutura e serviços dimensionados à atividade turística precisam ser evidentes na cidade. Foi assim que Embu das Artes passou a tornar-se uma Estância Turística.

A alteração no nome da cidade traz ainda outros benefícios. Os municípios com este status podem receber aportes financeiros específicos para incentivo ao turismo. O Estado de São Paulo possui 67 cidades que são consideradas estâncias por cumprirem essas determinações. Cada uma dessas cidades provou que têm vocação para desenvolver negócios voltados ao turismo promovendo atração de visitantes durante todo o ano. Os municípios recebem verba maior por parte do Estado para investimentos voltados ao turismo. O DADE (Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias) é o órgão responsável por repassar verbas.

Também, o município adquire o direito de agregar junto a seu nome o título de Estância Turística, termo pelo qual passa a ser designado tanto pelo expediente municipal oficial quanto pelas referências estaduais. O município Estância Turística de Embu, com a chegada dos artistas através do movimento hippie, começa a desenvolver um trabalho voltado para as artes. Com a projeção da feira de artesanato para o Brasil e para o mundo o município começa a ser chamado pelas pessoas de Embu das Artes, e ele passa a ser identificado e reconhecido desta forma. Porém esse não era seu nome oficial.

Em 2011, o prefeito da cidade juntamente com a câmara de vereadores passa a se atentar com essa situação: A cidade é chamada de Embu das Artes, porém este não é seu nome oficial. Sendo assim houve um plebiscito na cidade para que a população votasse em ocorrer alteração do nome da cidade. O plebiscito submeteu os eleitores à pergunta: "Você é a favor da alteração do nome da cidade de Embu para Embu das Artes”?

Em 01 de maio de 2011 a população embuense foi às urnas e 66,48% votaram sim para a mudança no nome da cidade. A Lei n° 14.537 de 07.09.2011 foi publicada no Diário Oficial passando a se chamar oficialmente Estância Turística de Embu das Artes[20].

2.4 Contextualização cultural

Historicamente a cultura de Embu das Artes, foi iniciada na aldeia do M'Boy, fundada pelos jesuítas entre 1555 e 1559. Nos anos que se seguiram, os padres realizaram inúmeros trabalhos na região, como a catequização dos índios guaranis e a construção da Igreja Nossa Senhora do Rosário. Foi das mãos dos jesuítas e dos índios que surgiram os primeiros traços artísticos que mais tarde se tornariam a marca da cidade: na arquitetura da Igreja, na escultura dos santos de madeira, nas pinturas e no entalhamento.

A cidade é uma fonte rica de pesquisa cultural e histórica, oferecendo elementos para a formação de educadores e constituindo um berço para a arte e para as manifestações culturais de seu povo.

Cultura faz parte do vocabulário básico das ciências humanas e sociais e por consequência é um conceito relevante e que deve ser valorizado na capacitação de professores não só do Brasil como do mundo. Fatos históricos e culturais se fazem presentes em diversas áreas do ensino, e este saber compreende-se como conjunto de crenças, valores, visões de mundo, redes de significado que definem a própria natureza humana.

Pode-se dizer que a cultura, não vem da natureza, e sim de tudo aquilo que os seres humanos podem produzir. A origem da palavra cultura vem do latim *cultura*, *culturae*, que significa "ação de tratar", "cultivar" ou "cultivar a mente e os conhecimentos". Originalmente, a palavra *culturae* se originou a partir de outro termo latino: *colere*, que quer dizer "cultivar as plantas" ou "ato de plantar e desenvolver atividades agrícolas". Com o passar do tempo, foi feita uma analogia entre o cuidado na construção e tratamento do plantio, com o desenvolvimento das capacidades intelectuais e educacionais das pessoas[21].

[20] http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/09/lei-que-muda-nome-de-embu-para-embu-das-artes-sp-e-sancionada.html

[21] Dicionário Etimológico. Etimologia e Origem das Palavras. Disponível em: <http://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/>. Acesso em 04/nov./2015.

Todos os países são compostos por uma multiplicidade de cultura, que abrange pessoas, costumes, hábitos, cores, raças e línguas, contudo essas diferenças devem ser valorizadas e respeitadas.

A cultura evidencia um papel de suma importância para o cidadão e principalmente para a cidade que valoriza este bem tão precioso. Com a cultura é possível herdar valores sociais e intelectuais.

O estudo cultural oferece para a sociedade um entendimento e farto conhecimento sem igual. A cidade de Embu das Artes possui um patrimônio histórico muito rico em virtude dos índios guaranis e dos padres jesuítas que foram os primeiros artistas da cidade. Assim como observamos na sua história, a cultura bem disseminada através de eventos, festas e comemoração de datas, pode transformar a vida e o cotidiano das pessoas, prova disto é a tradicional Feira de Arte e Artesanato que funciona todos os sábados, domingos e feriados do ano, nas alamedas e ruas de paralelepípedos do Centro Histórico.

2.4.1 Valorização do patrimônio histórico cultural

A palavra patrimônio tem origem atrelada ao termo grego pater, que significa “pai” ou “paterno”. De tal forma, patrimônio veio a se relacionar com tudo aquilo que é deixado pela figura do pai e transmitido para seus filhos. Com o passar do tempo, essa noção de repasse acabou sendo estendida a um conjunto de bens materiais que estão intimamente relacionados com a identidade, a cultura ou o passado de uma coletividade.

Essa última noção de patrimônio passou a ganhar força no século XIX, logo que a Revolução Francesa salientou a necessidade de eleger monumentos que pudessem refutar o esquecimento do passado. Nesse período, levando-se em conta as noções historiográficas da época, os monumentos deveriam expressar os fatos de natureza singular e grandiosa. Sendo assim, a preservação do passado colocava-se presa a uma noção de “melhoria”, “evolução” e “progresso”.

Avançando pelo século XX, observamos que as noções sobre o espaço urbano, a cultura e o passado, foram ganhando outras feições que interferiram diretamente na visão sobre aquilo que pode ser considerado patrimônio. Sobre tal mudança, podemos destacar que a pretensa capacidade do patrimônio em reforçar um passado e uma série de valores comuns, acabou englobando outras possibilidades que superaram relativamente o

interesse oficial do Estado e as regras impostas pela cultura erudita.

A conceituação[22] atual do patrimônio acabou estabelecendo a existência de duas categorias distintas sobre o mesmo. Uma mais antiga e tradicional refere-se ao patrimônio material, que engloba construções, obeliscos, esculturas, acervos documentais e museológicos, e outros itens das belas-artes. Paralelamente, temos o chamado patrimônio imaterial, que abrange regiões, paisagens, comidas e bebidas típicas, danças, manifestações religiosas e festividades tradicionais.

Patrimônio é o conjunto de bens materiais e/ou imateriais que contam a história de um povo e sua relação com o meio ambiente. É o legado que herdamos do passado e que transmitimos a gerações futuras[23]. O Patrimônio pode ser classificado em Histórico, Cultural e Ambiental. Sendo Patrimônio Histórico o conjunto de bens que contam a história de uma geração através de sua arquitetura, vestes, acessórios, mobílias, utensílios, armas, ferramentas, meios de transportes, obras de arte, documentos. Até final da década de 1970, tinha caráter político/elitista. A partir de 1980, passaram a ser consideradas outras etnias e classes sociais. O Patrimônio Histórico é importante para a compreensão da identidade histórica, para que os seus bens não se desarmonizem ou desequilibrem, e para manter vivos os usos e costumes populares de uma determinada sociedade[24].

Através do patrimônio cultural é possível conscientizar os indivíduos, proporcionando aos mesmos a aquisição de conhecimentos para a compreensão da história local, adequando-os à sua própria história.

A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto - Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a nominação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial. A Constituição estabelece ainda a parceria entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, no entanto mantém a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens sob responsabilidade da administração pública.

Enquanto o Decreto de 1937 estabelece como patrimônio "o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País cuja conservação seja de interesse público, quer por

[22]brasilescola.uol.com.br/curiosidades/patrimonio-historico-cultural.htm
[23]https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67154/000871222.pdf?sequence=
[24]https://docente.ifrn.edu.br/...e-patrimonio.../aula-01-conceito-de-patrimonio-cultural

vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico", o Artigo 216 da C.F. conceitua patrimônio cultural: "sendo bens" de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira"[25].

Nessa redefinição promovida pela Constituição, estão as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas e culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

O IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, é uma autarquia federal, criada na década de 30 com o intuito de proteger "(...)os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I –as formas de expressão; II –os modos de criar, fazer e viver; III –as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV –as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais. V –os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico." Este trecho éparte do Artigo 216 da Constituição Brasileira que estabelece ao poder público, com o apoio da sociedade, o dever de zelar pelo patrimônio brasileiro, motivo pelo qual foi criado o IPHAN[26].

O Iphan também responde pela conservação, salvaguarda e monitoramento dos bens culturais brasileiros inscritos na Lista do Patrimônio Mundial e na Lista o Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, conforme convenções da UNESCO, respectivamente, a Convenção do Patrimônio Mundial de 1972 e a Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003.

De acordo com o Decreto, a cultura é definida como um conjunto de bens móveis imóveis existentes no País e cuja conservação é de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. São também sujeitos a

[25]http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm
[26]http://www.infoescola.com/cultura/iphan-instituto-do-patrimonio-historico-e-artistico-nacional/

tombamento os monumentos naturais, sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou criados pela indústria humana.

A palavra tombo, significando registro, começou a ser empregado pelo Arquivo Nacional Português, fundado por D. Fernando, em 1375, e originalmente instalado em uma das torres da muralha que protegia a cidade de Lisboa. Com o passar do tempo, o local passou a ser chamado de Torre do Tombo. Ali eram guardados os livros de registros especiais ou livros do tombo. No Brasil, como uma deferência, o Decreto-Lei adotou tais expressões para que todo o bem material passível de acautelamento, por meio do ato administrativo do tombamento, seja inscrito no Livro do Tombo correspondente[27].

O tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. Em âmbito federal, o tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas, e cujos preceitos fundamentais se mantêm atuais e em uso até os nossos dias.

Sob a tutela do Iphan, os bens tombados se subdividem em bens móveis e imóveis, entre os quais estão conjuntos urbanos, edificações, coleções e acervos, equipamentos urbanos e de infraestrutura, paisagens, ruínas, jardins e parques históricos, terreiros e sítios arqueológicos. O objetivo do tombamento de um bem cultural é impedir sua destruição ou mutilação, mantendo-o preservado para as gerações futuras.

2.4.2 Patrimônio histórico cultural de Embu das Artes e sua origem

Os Jesuítas ao chegarem a M'Boy em 1554 ficando alojados na primitiva Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Em 1624, Fernão Dias e sua esposa Catarina Camacho doaram sua fazenda M'Boy para a Companhia de Jesus. Após o falecimento de Fernão Dias, sua esposa fez a doação definitiva das terras, porém para que a doação se concretizasse, a Sra. Catarina Camacho exigiu que os padres cuidassem da evangelização e conversão dos indígenas que ali se encontravam que fossem mantida a Capela de Santa Cruz na Igreja do Colégio, local onde ela seria enterrada, e que fosse organizados todos

[27]portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126

os anos uma festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, hoje padroeira da cidade.

Padre Belchior de Pontes, membro da Companhia de Jesus, em 1690 transfere a igreja primitiva Santa Cruz para o centro da Aldeia M´Boy, atualmente conhecido como Largo dos Jesuítas. O ponto escolhido para a construção era estratégico, por estar em um local alto, permitindo uma boa visão da região, próximo a pequenos riachos, além de ser um local mais afastado de vilas de colonos portugueses. Tais condições permitiram que os jesuítas prosseguissem com seu trabalho missionário junto aos índios ali aldeados.

A construção desta nova igreja foi realizada pelos primeiros artistas de Embu das Artes: Os índios guaranis e padres jesuítas, suas mãos marcaram para sempre o caráter da cidade na arquitetura da igreja, na escultura dos santos em madeira, nas pinturas e entalhamentos.

Segundo Trindade (2010), documentos antigos relatam que os padres Jesuítas faziam, sobre encomenda, santos esculpidos, sendo assim, é possível que essa tradição se mantevesse entre os poucos membros do vilarejo durante o século XVIII até o início do século XX.

A construção da igreja, com sua torre em estilo Moçárabe, já era arte. A tradição que o padre Belchior de Pontes deixou, com a criação da Virgem da Rosário, obra feita por ele em estilo Barroco, em 1719, estimulou seus sucessores, os índios, que trabalharam nas imagens de Santo Inácio, Santa Catarina e São Francisco Xavier, além dos ornamentos e entalhes da igreja (Trindade, 2010).

Pontes teve como seu sucessor o padre Domingos Machado, que iniciou a construção do convento anexo à capela. Neste período de construção de 1720 e 1740, vários padres artistas elaboraram os trabalhos a serem desenvolvidos na capela. Foi através da venda do cultivo do algodão que os padres conseguiram dinheiro para as douraduras dos entalhes das paredes de madeiras e imagens.

Marquês de Pombal, em 1579, expulsa os Jesuítas de todas as Colônias portuguesas. Neste período chega à Embu o padre Macaré que esculpe com a ajuda dos Guaranis as imagens de Nossa Senhora dos Passos, Nossa Senhora das Dores e os Doze Apóstolos.

Pombal não somente expulsou os Jesuítas como também mandou destruir todos os documentos e registros daquela época. Com essa atitude começa a desconstrução da história de Embu das Artes. Com a expulsão dos Jesuítas do Brasil o aldeamento de

M´Boy entrou em declínio.

No final do século XIX, o engenheiro Henrique Boccolini, foi contratado pela Cúria Diocesana para demarcar e conservar o patrimônio, a capela e o convento, reconhecendo assim os valores artísticos contidos nestes locais.

Em 1938, Mário de Andrade, aproveitando sua função de delegado do Estado de São Paulo, tombou os três monumentos mais importantes do município, passando a ser Patrimônio Histórico: A Igreja Nossa Senhora do Rosário, o convento e a capela.

A –Conjunto Jesuítico Nossa Senhora do Rosário

Os padres foram embora, mas deixaram um tesouro para a cidade paulista, um belíssimo conjunto de arquitetura colonial, hoje sede do Museu de Arte Sacra, no centro histórico. Tombado como Patrimônio Histórico Nacional e protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), é uma das mais preservadas construções jesuítas remanescentes em São Paulo.

Embora exiba detalhes do estilo barroco paulista, a arquitetura do conjunto que inclui o museu e a igreja, tem como principal característica a simplicidade das linhas retas. A Igreja Nossa Senhora do Rosário e a antiga casa dos padres foram construídas em taipa de pilão e parcialmente concluídas em 1734, quando a pintura e douração da capela-mor e da sacristia começaram a ser feitas. Faz parte de seu acervo imagens de anjos, santos e personagens bíblicos entalhados em madeira, modelados em terracota ou em armações de roca, produzidos pelos jesuítas entre os séculos 17 e 19. O ponto alto do museu é a obra “Senhor Morto”, esculpida em tamanho real em uma única tora de madeira.

A igreja começou a ser construída por volta de 1700 pelo Padre Belchior de Pontes em substituição à antiga capela da fazenda de Catarina Camacho situada não muito longe dali, também dedicada a Nossa Senhora do Rosário. A igreja foi tombada em 1938 pelo Iphan, sendo restaurada em 1939-40.

Sua arquitetura em estilo barroco é um dos prédios mais importantes e bem preservados das construções jesuíticas no Estado de São Paulo. Um local de oração que também era usado como abrigo aos moradores locais no caso de ataques indígenas. Suas paredes tinham barro reforçado com o forro e o assoalho de madeira. Sua arquitetura em

estilo barroco é um dos prédios mais importantes e bem preservados das construções jesuíticas no Estado de São Paulo. Um local de oração que também era usado como abrigo aos moradores locais no caso de ataques indígenas. Suas paredes tinham barro reforçado com o forro e o assoalho de madeira.

Trindade (2010, p.37) explica que o "Conjunto Jesuítico é constituído pela igreja, construída em taipa de pilão em 1690, com elaborados trabalhos de pintura na capela-mor e na sacristia e pela residência dos jesuítas, conjugados numa mesma edificação, parcialmente concluída em 1734".

Esta igreja que apresenta como característica principal a sua simplicidade nas linhas retas começou a ser construída por padre Belchior de Pontes, por volta do século XVIII. Após sua morte em 1719 começou a ser construído o convento anexo à igreja, atualmente o Museu de Arte Sacra.

Figura 7: *Igreja Nossa Senhora do Rosário e o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas*

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Museu_de_Arte_Sacra_dos_Jesu%C3%ADtas_01.JPG

Figura 8: *Altar Igreja Nossa Senhora do Rosário*

Fonte:http://www.saopaulo.com.br/embu-das-artes-riquezas-historicas-e-artesanais-em-embu-das-artes/

B –O Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

O Museu de Arte Sacra dos Jesuítas (MASJ) está instalado no complexo arquitetônico que engloba a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e a residência anexa dos jesuítas. Localizado na cidade de Embu das Artes, o prédio foi construído na virada do século XVII para o XVIII pelos padres da Companhia de Jesus.

Este monumento arquitetônico foi o primeiro bem tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Estado de São Paulo no ano de 1938, e restaurado por essa mesma instituição entre os anos de 1939 e 1941. O restauro foi realizado sob os cuidados do arquiteto Luís Saia, um dos nomes mais importantes para o estudo e compreensão das primeiras intervenções de restauro no Brasil. O prédio também é protegido pelo CONDEPHAAT desde 1974.

A equipe do IPHAN, representada pelo intelectual Mário de Andrade, que ficou responsável por escolher os monumentos paulistas que deveriam ser preservados, justificou a necessidade de se realizar o tombamento por ser tratar de um dos poucos remanescentes da arquitetura paulista do período colonial e por conservar um grande acervo em imaginária sacra dos séculos XVII ao XX.

Este monumento, para além de ser um dos poucos conjuntos jesuíticos preservados no Estado de São Paulo, detentor de um acervo único de arquitetura e imaginária barroca paulista, com características particulares e raras, também nos traz à memória as primeiras ações de preservação do patrimônio realizado no Estado. Por estas razões, este complexo arquitetônico é de extrema importância para a sociedade, tanto local quanto nacional.

O Museu de Arte Sacra dos Jesuítas foi inicialmente idealizado pela Fundação Maria Auxiliadora, instituição que recebeu da Cúria Metropolitana de São Paulo o direito de utilizar o prédio e proteger seu acervo após 1948. Este museu funcionou de forma restrita entre as décadas de 1970 e 1980 abrindo eventualmente para turistas e moradores.

Com o fim da fundação, a administração do prédio voltou a ser feita pela diocese que após a década de 90 devolveu à Companhia de Jesus a posse do monumento, que no passado havia sido erguido por essa mesma instituição.

Figura 9: *Senhor Morto –Igreja Nossa Senhora*

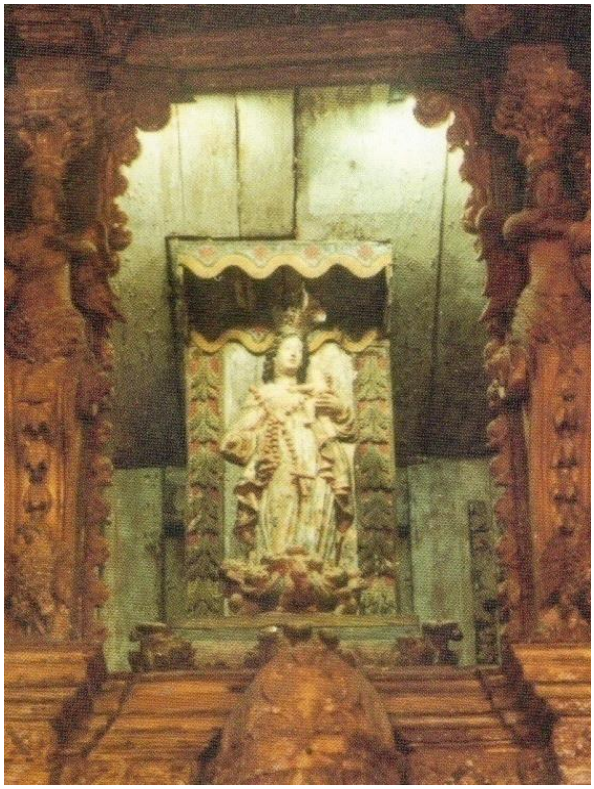


Figura 10: *Detalhe de altar –Museu de Arte Sacra*

Fotos: Trindade, 2010.

A autoria da imagem de Nossa Senhora do Rosário, em terracota, é creditada ao padre Belchior de Pontes, responsável pela construção da igreja; o "Senhor Morto",

esculpido em tamanho real em uma única tora de madeira, e as imagens de Nossa Senhora das Dores e da Santa Ceia, em roca, são da autoria do padre Macaré; as demais peças expostas foram esculpidas por jesuítas auxiliados pelos índios. Um *tour* pela igreja tem como ponto alto a sacristia, com pinturas em estilo oriental no forro, e altar de capela-mor ornado com talha dourada (Trindade, 2010. p. 42). O museu passou por algumas reestruturações e foi reaberto ao público em 2004. Desde então desenvolvem várias projetos que tem por intuito divulgar o patrimônio, aproximar a comunidade do museu, de sua história e memória através de ações culturais.

Figura 11: *Interior do Museu de Arte Sacra.*

Fotos: Trindade, 2010

C –Capela São Lázaro

Sua origem está ligada a uma imagem do santo São Lázaro esculpida em madeira, com altura de 1,75 metros, pelo artista Cássio M'Boy nos anos 1920. A imagem atraiu grande número de devotos e, em 1934, foi construída uma capela para abrigá-la. Em 1969, a capela foi restaurada, aproximando-se das linhas da arquitetura jesuítica da igreja do Conjunto Nossa Senhora do Rosário.

Figura 12: *Capela de São Lázaro*

Foto: Trindade, 2010.

Figura 13: *São Lázaro –Escultura em madeira.*

Foto: Trindade, 2010.

2.4.3 O surgimento dos movimentos artísticos em Embu das Artes e seus primeiros artistas.

A arte sempre fez parte da vida da cidade, os padres jesuítas que colonizaram a antiga aldeia de M'Boy já expressavam pela arte nas pinturas e esculturas que usavam para catequizar os índios.

Figura 14 e 15: *Ladeiras de paralelepípedo compõe a arquitetura rústica e cultura do centro da cidade.*

Foto: http://www.guiaviagensbrasil.com/galerias/sp/fotos-do-centro-historico-de-embu-das-artes/

Caminhando pelas ruas de paralelepípedo é possível perceber que esse caráter histórico legitimamente brasileiro, foi se consolidando com o passar do tempo, até que se instalou o movimento artístico, no início da década de 1960.

A vocação artística da cidade se consolidou nas primeiras décadas do século XX com a chegada de artistas renomados como: Cássio M'Boy, Assis do Embu, Mestre Sakai, Mestre Gama, Solano Trindade, Ana Moysés, entre outros.

Um dos grandes responsáveis pela consolidação da vocação histórica para as artes de Embu foi o artista Cássio M'Boy, que se mudou para a cidade em 1920. Em 1937, Cássio ganhou o 1°Grande Prêmio na Exposição Internacional das Artes Técnicas, em Paris. Ele também foi professor de vários outros artistas que se fixaram em Embu, se tornando um dos precursores da fama da cidade de Terra das Artes (Trindade, 2010).

De acordo com Raquel Trindade (2010, p. 34), "esses novos moradores começaram, então, a se dedicar às produções artísticas e exteriorizaram cada um, o seu potencial criativo, por meio de pintura, escultura, modelagem, entalhes em madeira, música, literatura e bordado, demonstrando a capacidade criativa e de adaptação de um povo singular".

Esses artistas ajudaram a fundar em 1969 a feira de Embu das Artes, dando origem ao movimento artístico que permanece até os dias atuais. Em 1969, foi criado o Conselho de Turismo e, em 31 de janeiro, fundada a Feira de Artes e Artesanato.

A artista Raquel Trindade conta como foi esse surgimento:

> O surgimento da hoje tradicional Feira de Artes e Artesanato, em 1969, deve-se em grande medida a esses migrantes e imigrantes pioneiros que, totalmente integrados à cultura local, transformaram Embu num celeiro de artistas, hoje conhecidos em todo o País e internacionalmente, chamando atenção, ainda, de imigrantes vindos de outras partes do mundo (Argentina, Uruguai, Bolívia, Chile e Grécia, por exemplo) e que se juntaram à cidade, adotando Embu como sua cidade-mãe. Esse "caldo" de culturas explica a grande riqueza e vigor artístico da cidade (Trindade 2010, p. 36).

Paralelamente, a cidade também chamou a atenção de artistas *hippies*, que passaram a expor seus trabalhos de artesanato nos finais de semana na Feira de Artes e Artesanato, que se realizam todos os fins de semana desde 1969 e que é um dos principais motores da projeção turística da cidade. Em seus 49 anos de existência, a feira foi ocupando todas as ruas do centro histórico de Embu das Artes, um circuito hoje conhecido como Passeio das Artes.

É neste imenso ateliê ao ar livre que mais de 700 expositores mostram suas obras, desde pinturas, porcelanas, esculturas, instrumentos musicais, roupas e bijuterias até objetos utilitários. Ao redor da feira encontram-se ainda diversas galerias de artes, antiquários e lojas de artesanato e de móveis artesanais de estilo rústico.

De fato, o movimento artístico iniciado na década de 1920 foi decisivo para a transformação da pacata aldeia de M'Boy na Estância Turística de Embu das Artes. Com o crescimento e a popularização da Feira de Artes e Artesanato, a cidade se transformou em um importante destino turístico do Estado de São Paulo que recebe atualmente cerca de 20 mil turistas por fim de semana.

Esta feira é considerada uma das principais atrações turísticas da cidade. Desde sua inauguração, as ruas são ocupadas por artistas e artesões que expõem e vendem seus produtos. A variedade é grande: como pinturas em geral, estofados, móveis rústicos, cestarias, quadros, rendados e uma série de objetos utilitários e decorativos. Além disso, há também uma Feira do Verde, de plantas e flores ornamentais, e também uma vasta opção de culinária brasileira.

Os restaurantes da cidade oferecem opções especialíssimas e tradicionais, como o Leitão à Pururuca e pratos de carnes e peixes, da cozinha argentina, alemã, brasileira, suíça e japonesa. Na praça de alimentação da Feira de Embu das Artes, funcionam 24 quiosques que vendem salgados e doces. Há também uma vasta gama de aconchegantes bares e cafés - boa opção para relaxar ao som de música ao vivo depois de um dia de compras.

Figura 16 à 21: *Exposição de barracas e loja de Artesanato.*

Foto:http://www.guiaviagensbrasil.com/galerias/sp/fotos-do-centro-historico-de-embu-das-artes/

I –Cássio da Rocha Matos –Cássio M'Boy

O primeiro artista que chegou em Embu das Artes foi Cássio da Rocha Matos *(1896-1986)*, conhecido carinhosamente como Cássio M'Boy, era paulista da cidade de Mineiros do Tietê, mas chegou ao Embu em 1920. Em 1937, ganhou o Primeiro Grande Prêmio na Exposição Internacional de Artes Técnicas em Paris com a escultura em

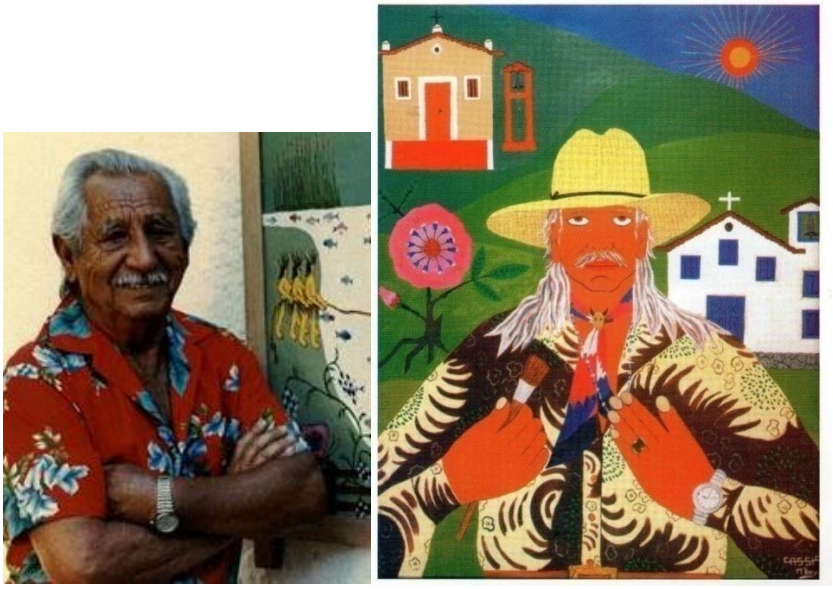
madeira *Fuga para o Egito*.

Desenhista de traços apurados já era conhecido em São Paulo por seu talento, e por frequentar eventos artísticos e culturais. Por ser reconhecido e inovador recebia em sua residência artistas e intelectuais da época entre eles Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Oswald de Andrade e outros. Suas ideias de fazer uma arte puramente brasileira que contagiava e agrupava simpatizantes ao seu redor, de sua sombra saíram Sakai do Embu, Assis e outros que além de produzirem um trabalho premiado internacionalmente, criaram a Feira De Artes de Embu.

Segundo Trindade (2010, p. 57): "Ele não foi apenas um grande artista de Embu depois da fase da arte sacra dos jesuítas, foi também um artista e pensador da arte popular, conhecido e respeitado pela vanguarda das artes brasileiras em sua época".

Sua arte como santeiro e pintor é a representação da cultura caipira. Muitos de seus quadros retratam a história e lendas de Embu das Artes.

Figura 22 e 23: *Artista Cássio M'Boy e seu Autorretrato em óleo.*



Fonte: http://www.panoramio.com/photo/40241230 e Trindade, 2010.

II –Tadakyio Sakai –Mestre Sakai

Tadakyio Sakai *(1914-1981),* o Mestre Sakai, um dos mais importantes do país, nasceu em Nagasaki, Japão e chegou no Brasil em 1928 e dois anos depois já estava radicado em Embu das Artes.

Consolidou sua carreira com arte em barro e terracota e ao mesmo tempo, se

empenhou com amigos para tornar a cidade do Embu em um recanto das artes. Sakai acrescentou em suas obras que era a cultura oriental elementos da cultura brasileira, indígena, católica e cabocla, acentuando uma identidade de traços entre a arte japonesa e a indígena do Brasil.

Sua técnica em terracota realizada na construção de esculturas lhe deu muitos prêmios, sua obra mais conhecida, a via-crúcis, está exposta no memorial Sakai.

Além da sua arte e de ter ensinado e influenciado muitos ceramistas, Sakai ajudou a resgatar e preservar a Festa de Santa Cruz, iniciada com os jesuítas e os índios no século XVII. Sakai foi ainda o idealizador do Salão de Artes Plásticas de Embu e presidente das primeiras edições desse evento, que contou com participação dos artistas Antenor Carlos Vaz, Claudionor Assis Dias, Cirso Teixeira, Josefina Azteca, Sizuca de Embu, Margarida Garcia e Ester Robacov. Nos anos 1970, ele organizou e, com alunos, montou o Grupo Sakai do Embu, que organizava exposições em diversas cidades[28].

Sakai casou-se com Sizuca, em 1920, no início ela era ajudadora do marido em amassar o barro e com o tempo passou aprender com ele a técnica da escultura em terracota, e em 1951 já estava esculpindo. Sizuca do Embu (*1920 - 1986*) recebeu vários prêmios por suas obras.

O mestre Sakai fez vários seguidores e um deles a sua cunhada, Maria Kawai, conhecida como Maria do Embu, foi premiada em diversas exposições e mostras de artes plásticas.

Figura 24: *Memorial Sakai*

Fonte: Trindade, 2010.

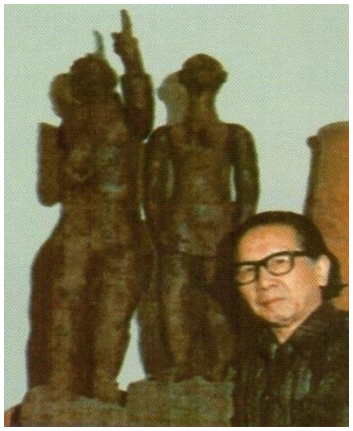
[28] ACAV. História –artista plástico Tadakyio Sakai. Disponível em: <http://blog-acavart.blogspot.com.br/2013/01/historia-artista-plastico-tadakyio.html>. Acesso em 16 nov. 2015

Figura 25: *Interior do Memorial Sakai*

Fonte: Trindade, 2010

O Memorial Sakai do Embu, inaugurado em 2003, tem em seu acervo peças do artista Tadakio Sakai, um dos maiores terracotistas do país. O conjunto arquitetônico inclui a Capela de Santa Cruz, inaugurada em 2008, o Cruzeiro da Paz e um pátio onde são realizados eventos, além de uma ampla galeria de peças de Sakai e outros artistas.

Figura 26: *Mestre Sakai entre suas obras*



Fonte: Trindade, 2010.

III –Claudionor Assis Dias –Assis do Embu

Claudionor Assis Dias (1931-2006), simplesmente Assis do Embu, chegou à cidade em 1959. Esculpia em madeira, pedra sabão e terracota, nasceu na cidade de Campo Belo em Minas Gerais, onde trabalhou como pedreiro e frentista, mas gostava

mesmo de fazer alto relevo na frente de casas coloniais.

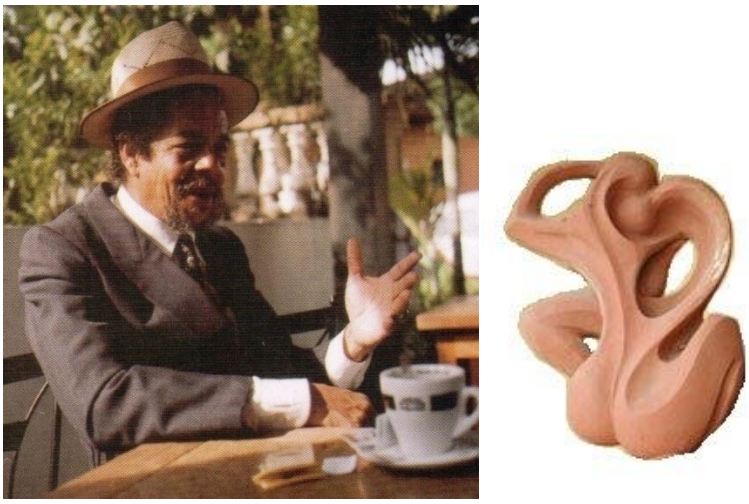
Em 1959, através de uma nota de jornal sobre o artista Cassio M'Boy, Assis o procurou e mostrou uma escultura em gesso e passou a frequentar seu ateliê, onde aprendeu técnicas de cerâmica com Mestre Sakai. Nesta época conheceu o poeta Solano Trindade e os dois sonharam em transformar Embu em um reduto coletivo de arte.

Assis tem várias obras espalhadas pelo mundo, e dava aulas de escultura em madeira, pedra e bronze, em seu ateliê "Barraco do Assis". Em seu currículo artístico há premiações importantes, como medalhas de ouro nos Estados Unidos e na França e inúmeros prêmios no Brasil.

No final da década de 60 que com o advento de *hippies* nos anos 70 e artistas trazidos por Assis e pela fama da cidade fizeram a desconhecida Embu ser mundialmente conhecida e se transformar num celeiro de artistas que ainda hoje fazem da cidade um lugar encantador[29].

Em 1968, começa o movimento criado por Assis para a criação da Feira de artesanato, em 31 de janeiro de 1969 teve seu início[30].

Figura 27 e 28: *Artista Assis de Embu e uma de suas obras primas*



Fonte: Trindade, 2010.

[29] Artistas de Embu das Artes. Disponível em: <http://www.artistasdeembu.com.br/artistas/cassiom/cassio.html>. Acesso em 16 nov. 2015

[30] Artistas de Embu das Artes. Disponível em: <http://www.artistasdeembu.com.br/artistas/cassiom/cassio.html>. Acesso em 16 nov. 2015

IV –Francisco Solano Trindade–Solano Trindade

Poeta, ativista político e artista múltiplo, a trajetória de Francisco Solano Trindade *(1908-1974)* foi marcada pela valorização da estética negra e da cultura afro-brasileira. Politicamente sempre se colocou ao lado da população negra mais pobre, denunciando através de sua arte, a discriminação e o racismo.

Nasceu em Recife, estudou até o segundo grau, e frequentava o curso de desenho no Liceu de Artes e Ofícios. No final de 1920, tornou-se protestante, e nesta época começa a publicar seus primeiros poemas. Em 1934, participou do I Congresso Afro Brasileiro em Recife, e em 1937 do II Congresso realizado em Salvador. Fundou a Frente Negra Pernambucana e o Centro Cultural Afro Brasileiro para divulgação de obras intelectuais e artistas negros.

O artista passou por alguns estados levando sua arte e formando novos grupos, como Belo Horizonte, Rio Grande do Sul onde sua primeira tentativa de criar um teatro do povo foi frustrada devido a uma enchente que levou todo seu material. Voltou para Recife, foi morar no Rio de Janeiro, passou a ser militante político, foi preso[31].

Em 1950, no Rio de Janeiro, cidade de Duque de Caxias, fundou com sua esposa Margarida e o sociólogo Edison Carneiro, o Teatro Popular Brasileiro com o qual viaja para a Europa em 1955. O elenco era formado por operários, domésticas, comerciários e estudantes.

Solano Trindade foi que primeiro encenou, em 1956, a peça "Orfeu", de Vinícius de Morais, depois transformada em filme pelo francês Marcel Camus. Foi co-produtor do filme "Magia Verde", premiado em Cannes, e diretor do documentário "Brasil Dança", realizado em Praga.

Em 1961, recém-chegados da Europa, Solano e um grupo com mais de trinta bailarinos estavam em São Paulo para a apresentação de um espetáculo, quando recebeu do escultor Claudionor Assis Dias, o Assis do Embu, um convite para visitar a cidade paulistana. Assis já havia falado sobre Solano Trindade a outro escultor, Tadakio Sakai, ao qual propôs mais contato com o poeta. A "caravana" na qual também estava a família de Solano, aceitou a proposta de Assis, que fez as vezes de anfitrião hospedando o grupo

[31] http://www.unilab.edu.br/noticias/2013/07/22/quarta-cultural-faz-homenagem-a-pintor-teatrologo-e-folclorista-solano-Trindade/

em sua casa.

Além de Sakai e Assis, já estavam em Embu artistas como a pintora Azteca e o também escultor Cássio M'Boy. Com a chegada de Solano, montou-se um movimento artístico coletivo no "Barraco do Assis". Em 1961, eles começaram a fazer festas e espetáculos na rua, que duravam três dias. Essas manifestações ajudaram a dar origem ao nome Embu das Artes, que fez do município paulistano um lugar conhecido internacionalmente[32].

Seu legado de poesias foi publicado nos livros *Cantares ao meu povo,* em 1981 e *O poeta do povo* em 1999 (Trindade, 2010, p. 89).

Figura 29 e 30: *Artista Solano Trindade e uma de suas poesias*

Fonte: https://fabiopereira.wordpress.com/2011/04/28/epigramas-caxienses-solano-Trindade/

V –Valdevino Sabino da Gama –Mestre Gama

Valdevino Sabino da Gama *(1919-1988),* nasceu na cidade de Laje de Muriaé em Minas Gerais, e desde pequeno, aprendeu a fazer gamelas e colheres de pau para vender, sem perceber que já era um escultor em madeira.

Mestre Gama, como assim passou a ser conhecido, chegou àcidade de Embu em 1960, fixando residência em uma olaria situada na Estrada do Gramado. Passou então a expor seus trabalhos em madeira no Largo da Matriz, e poucos anos depois fez sua

[32] HERÓIS DO MUNDO. A cor da cultura. Disponível em: <http://antigo.acordacultura.org.br/herois/heroi/franciscoTrindade>. Acesso em 16 nov. 2015

primeira exposição no IV Salão de Artes Plásticas de Embu, em 1967, obtendo uma Medalha de Prata, a primeira de suas várias premiações na carreira como escultor.

Possuidor de um senso artístico apurado criou, juntamente com seus filhos, uma dança com batidas de paus e uma cantoria própria, conhecida como "Dança do Mineiro-Pau", fruto de suas memórias da infância vivida no interior de Minas Gerais, de onde buscou inspiração nas danças populares tradicionais daquela região brasileira. Chegaram a se apresentar no Festival da Canção Folclórica Mundial no final dos anos 1960, sendo os únicos representantes de danças populares brasileiras naquele evento.

Mestre Gama é também considerado um dos pioneiros da tradicional Feira de Artes e Artesanato de Embu, tornando-a internacionalmente conhecida e reconhecida como uma das mais importantes manifestações populares de arte do mundo.

Seus filhos, entre os quais Gaminha e Jovino Gama dão continuidade em Embu, à arte de esculpir em madeira, ensinada pelo Mestre, que foi um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento cultural da cidade[33].

Figura 31 e 32: *Artista Mestre Gama e uma de suas esculturas*

Fonte: Livro –Trindade,2010.

VI –Sidney Moreno Rodrigues –Cristo de Embu

Sidney Moreno Rodrigues *(1939-2007)* conhecido como Cristo de Embu, chegou à cidade em 1969 a convite de Assis. Trabalhava com cerâmica, couro, metal e papel

[33] CMEA. História. Disponível em: <http://camaradeembudasartes.blogspot.com.br/2010_01_19_archive.html>. Acesso em 16 nov. 2015

marchêna feira de artesanato da Praça da República em São Paulo. Ele foi um dos primeiros hippies que chegou a fazer parte da feira de Artes e Artesanato de Embu das Artes. Outros hippies foram chegando à cidade com suas pinturas, esculturas gravuras e desenhos.

Eram chamados de hippiesos jovens que, na segunda metade da década de 1960, principalmente nos EUA e na Europa Ocidental, rejeitavam os padrões convencionais da sociedade, vivendo em comunidades alternativas de hábitos modestos e caracterizando-se, em alguns casos, pelo uso de drogas psicodélicas e maconha. A prática de artes manuais, principalmente do artesanato, com a fabricação de pulseiras e colares, era uma forma muito comum encontrada para arrecadar um mínimo de dinheiro necessário para sobrevivência.

Trata-se de um fenômeno típico da contracultura, expressão utilizada para designar uma tendência da cultura norte-americana, entendida como um movimento de contestação de caráter social e cultural. Nasceu e ganhou força, principalmente entre os jovens desta década, seguindo pelas décadas posteriores até os dias atuais. A contracultura foi marcada pela oposição aos valores impostos pelas sociedades urbanas e industriais, como o consumismo e busca desenfreada por dinheiro. (Trindade,2010).

Cristo fez parte do Teatro Popular Brasileiro de Solano Trindade e participou ativamente da Feira de Artes.

Figura 33: *Artista Cristo de Embu em 2004*

Fonte: Trindade,2010.

VII –Maria Josefina de A. Carvalho - Azteca

Maria Josefina de A. Carvalho *(1914-1997)* nasceu no México em Tacubaya adotou seu nome artístico como Azteca, pseudônimo escolhido para homenagear seus ancestrais. Estudou pintura e desenho em Bruxelas, em 1939 chega a Aldeia de M'Boy. Iniciou suas pinturas pelo convento dos Jesuítas, que estava em ruínas, o casario colonial e os carros de boi. Participou da organização dos primeiros salões de Artes de Embu.

Sua irmã Margarida Garcia (1921) pintora primitivista, conhecida como Nazaré de Embu, também chegou ao Embu em 1939, integrou a comissão organizadora de 1º, 2º, 4º e 5º Salão de Arte de Embu.

Figura 34: *Artista Azteca*

Fonte: Trindade,2010.

VIII –Valdemar de Andrade e Silva

Valdemar de Andrade e Silva (*1933-2015*) nasceu em Timburi, SP, adorou o nome artístico de Walde-Mar chegou à capital em 1953, passou a frequentar Embu das Artes desde os anos 60 e foi um dos primeiros artistas a expor na cidade em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, hoje Museu de Arte Sacra. Foi um dos maiores pintores Naïfs do Brasil e sua pintura atraía muitos estrangeiros, principalmente os alemães. Toda a sua obra foi dedicada à divulgação e defesa das causas indígena e ecológica. Deixou diversos livros publicados e em vários idiomas. Walde-Mar começou a mostrar seu talento para a

pintura aos 35 anos. Mal sabia ele, neto de índio, que seria reconhecido no mundo pelas obras de temática indígena.

Walde-Mar tem mais de 1.500 obras, entre pintura em pedra, tela, cabaça, baú e remo indígena. Sua experiência contribuiu para a publicação de três livros: “Lendas e mitos dos índios brasileiros”, “O Menino Botovi” e “Anituengo”. O primeiro foi editado na Alemanha e no Japão. Na bagagem, estão exposições na Alemanha, França, Bélgica, Áustria, Portugal, Suíça e outros países. Em 1970, no consulado norte-americano, o artista recebeu um bilhete do sertanista Orlando Villas Bôas, que o convidou para conhecer os índios no Parque Indígena do Xingu. Meses depois, ele desembarcava nas aldeias e fazia contato com sua maior referência. Daí em diante, visitou mais de 20 tribos, tornando-se um pesquisador da cultura, marcada nos filhos Tarumãe Aritana.

Em 1996, foi lançado na Alemanha um jogo educativo, com 110 cartas relacionadas à cultura indígena sob o olhar de Walde-Mar, tendo seu conteúdo traduzido em treze idiomas. Três anos mais tarde, uma empresa de porcelanas lançou uma coleção de pratos decorativos com obras do artista, relacionadas às lendas indígenas. Walde-mar também foi convidado para fazer cartões de natal para a o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF.

Em 2004, ele inaugurou o Museu do Índio, que conta com mais de quinhentas peças autênticas que ganhou de presente nas suas viagens. O acervo reúne: utensílios para o preparo da comida, instrumentos musicais, armas de caça, enfeites usados em rituais, peças em cerâmica, cestaria e muitos outros.

Figura 35: *Artista Walde-Mar*

Fonte: http://embudasartes.sp.gov.br/noticia/ver/8579

Figura 36: *Museu do Índio*

Fonte: http://static.panoramio.com/photos/original/31123598.jpg

Museu do Índio - Centro de Informação da Cultura Indígena, trata-se de um espaço de pesquisa e debate de temas relacionados a questões indígenas. Grupos étnicos, costumes, hábitos alimentares, arte (plástica, musical, dança, oratória e ornamental), idiomas, crenças, rituais, vida comunitária e relação com a natureza e meio ambiente.

O museu oferece uma dinâmica em grupo, que aborda aspectos do cotidiano indígena, como alimentação, linguagem e brincadeiras. Essa dinâmica ressalta a importância em conhecer a identidade de formação do povo indígena e as contribuições que eles deram na formação da sociedade nacional, na área social, econômica e política, pertinentes à história do Embu e do Brasil.

Figura 37 e 38: *Salas internas no Museu do Índio*

Fonte:https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/03/0b/3f/dc/museu-do-indio.jpghttps://dicasdeviagensepasseios.files.wordpress.com/2013/03/museu-do-c3adndio-10.jpg

IX – Joel Câmara

Joel Câmara (*1931-1968*) nasceu em São Paulo, chegando à cidade artística em 1968, se agregou ao movimento Solando Trindade e ajudou a criar a feira de artes. Desenhista, ilustrador, escritor e poeta, pertencia a escola primitivista, com influência do estilo Barroco.

Apresenta um estilo medieval no desenho e na pintura. Escreveu e ilustrou vários livros: Guerra Santa no Sertão (Canudos), Primeiro Livro de Moisés a Gênesis, As quatro estações e Os dez pecados capitais.

Figura 39 e 40: *Ilustração e artista Joel Câmara*

Fonte: Trindade, 2010.

X –José Saboya

José Saboya (*1958 -1982*), nascido em Machado - Minas Gerais, chegou a Embu das Artes no ano de 1958, era escultor, entalhador e construtor de presépios móveis. Após sua morte seu filho José Saboya Junior deu continuidade ao presépio mecânico, o qual faz muito sucesso.

Maria Auxiliadora Saboya, filha do artista, conhecida como Dola, ressalta que as primeiras famílias negras a chegarem à cidade foram os Saboyas e os Franckilins. Acrescenta ainda em sua fala que as primeiras quituteiras foram Dita Saboya, Lycia Borges, a seguir Laura do Acarajé e muitos outros que fundaram a Rua de Gastronomia de Embu das Artes (Trindade, 2010, p.105).

Figura 41: *Artista Saboya*

Fonte: Trindade,2010.

2.4.4 A continuidade das Artes pelos filhos, discípulos e novos artistas.

A continuidade artística do município deu-se através dos filhos dos primeiros artistas chegados em Embu das Artes e os seus discípulos que vieram em busca de aprender com as Artes.

I –Raquel Trindade (1936 -2018)

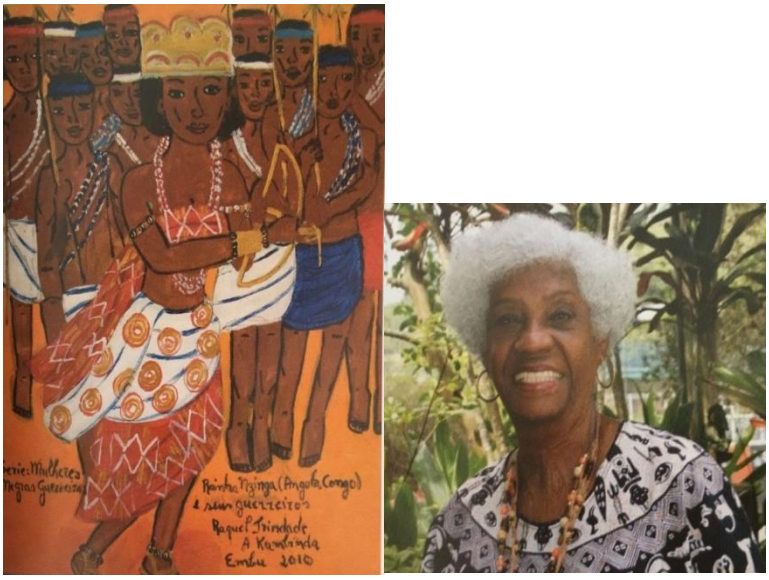
Raquel Trindade nasceu em Recife no ano de 1936, foi criada no Rio de Janeiro e chegou com seu pai em Embu das Artes no ano de 1961. Formou-se em Terapia Ocupacional, pintora primitivista, autodidata na pintura no desenho, sua escola de arte é Afro-brasileira.

Sua temática sempre foram os negros, suas religiões, costumes, danças, lazer e trabalho, expondo suas obras no Brasil e exterior. Ganhou vários prêmios, nos quais seus quadros integram os avessos de vários museus brasileiros.

Filha de Solano Trindade sempre esteve presente nos movimentos culturais da cidade e fora dela, como em Campinas com os grupos Urucungos, Puítas, e Quijengues.

Fundou o teatro popular Solano Trindade em Embu das Artes.

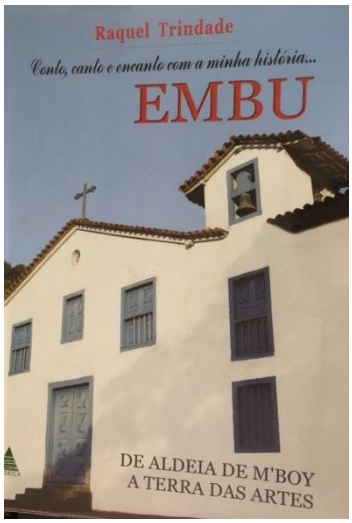
Figura 42: *Obra RainhaNzinga e seus guerreiros e Artista Raquel Trindade*



Fonte: Trindade, 2010.

Na área da educação ministrou aulas de folclore, sincretismo religioso afro-brasileiro nas universidades de Campinas e São Carlos. Promoveu palestras e workshops em várias escolas. Também criou enredos de carnaval para escolas de samba. Lançou o livro com os poemas de seu pai intitulado "O poeta do povo", em 1999. Continuando como escritora lança em 2004 o livro "Conto, canto e encanto com a minha história…Embu –de Aldeia de M'Boya Terra das Artes", e sua segunda edição em 2010.

Figura 43: *Livros de Raquel de Trindade Conto, canto e encanto com a minha história*



Fonte: Trindade,2010.

II –Antônia Aparecida Gonzaga –Tônia do Embu

Antônia Aparecida Gonzaga nasceu em Embu das Artes em 1950, passou a ser reconhecida como Tônia do Embu. Discípula do mestre Sakay começou a fazer cerâmica com 9 anos e meio, entre 1974 e 1979 morou na França onde buscou aprender com os artistas renomeados desse período.

Retornando ao Brasil continuou trabalhando com terracota, a temática de suas esculturas é voltadas para mitologia brasileira e os costumes de nossa terra.

Mudou-se em 1988 para outro município, Santa Fé do Sul - SP implantou seu trabalho com cerâmicas formando grupos de pessoas que deram continuidade ao seu trabalho. Retornou ao Embu em 2003 para ser coordenadora do museu inaugurado em homenagem ao seu mestre Sakai.

O grupo Barros Artes nasce em 2008, sob a orientação de Tônia, buscando aprimorar na criação de obras com qualidade e originalidade, utilizando potencial criativo e seu amor às artes plásticas.

Figura 44: *Arte em terracota e artista plástica Tônia do Embu*

Fonte: Trindade, 2010.

III –Família Caetano

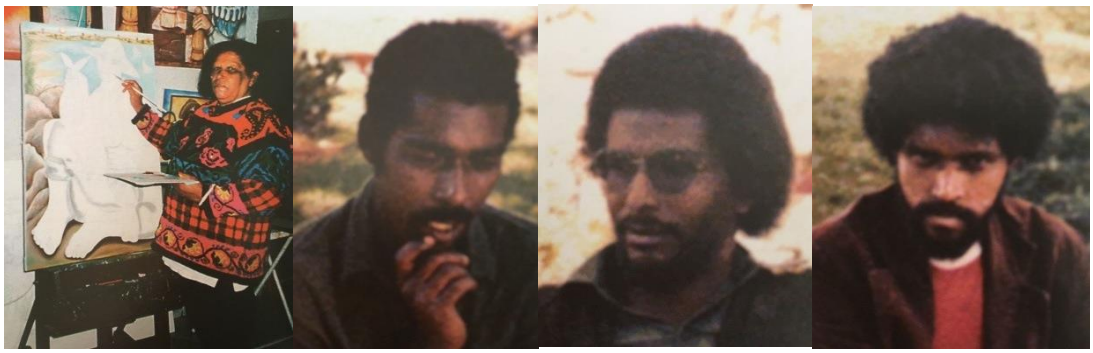
A família Caetano deixou sua representatividade no movimento artístico de Embu das Artes. Luzia Caetano (1945-2009) nascida em Leopoldina MG, perde sua mãe em 1958 e seu pai em 1961, após a morte de seus pais precisou vir morar com seus irmãos em Embu das Artes. Começou a trabalhar junto com seus irmãos em uma olaria da família, começando ali a desenvolver suas habilidades artísticas quando brincava de fazer bonecos de argila.

Aos 13 anos de idade Luzia era incentivada pela artista Asteka a realizar seus trabalhos em argila. Quando a caravana do teatro de Solando Trindade chegou expondo seus quadros, ela se motivou a mostrar os seus trabalhos de pintura.

Seus irmãos Antônio Caetano, Elizeu Caetano e Jorge Caetano também tiveram considerada participação no mundo das artes. Porém tiveram pouco tempo de vida para se dedicarem mais tempo às artes, pois falecerem jovens deixando uma vasta obra em pinturas de quadros.

A continuidade dos artistas dessa família deu-se com Elias Caetano que continua realizando seu trabalho artístico em nossa cidade.

Figura 45, 46, 47 e 48: *Luiza Caetano*, *Acae*, *Elizei e Jorge*



Fonte: Trindade, 2010.

IV –Família Silva

Família Silva, também deixou seu legado no espaço artístico de Embu das Artes, começando com João Cândido da Silva, nascido em Campo Belo - Minas Gerais, nasceu em uma família de 18 irmãos gerados por dona Maria, uma humilde bordadeira, que acumulava as funções de dona de casa e artista plástica. Nascida em Sorocaba, interior de

São Paulo, que, casada com um trabalhador braçal de estrada de ferro, migrou para a cidade mineira, onde teve os primeiros filhos, entre eles João Cândido. Diante das dificuldades e privações que atingiam a família, Maria e seus filhos decidem partir para a cidade de São Paulo, em 1940, em busca de uma vida melhor. Seu pai veio se juntar à família mais tarde.

Desde cedo, João Cândido demonstrava interesse pelas artes, enquanto sua mãe trabalhava em suas pinturas e esculturas, o jovem desenhava com carvão nas paredes da casa. Para impedir que o Cândido continuasse com a "sujeira", Dona Maria passou a lhe disponibilizar alguns materiais de pintura como restos de tintas e pincéis velhos.

A partir daí, João Cândido inicia suas primeiras experiências com as tintas óleo e acrílica aplicando-as sobre os suportes mais variados possíveis.

Os temas preferidos de João são as festas e manifestações populares como: o boi, a capoeira, o futebol, o carnaval e a folia de reis. Embora a pintura seja sua mais recorrente forma de expressão, o artista também é escultor; trabalha com madeira, papel, arame recozido entre outros materiais.

Autodidata, ele inaugurava a tradição primitivista que se instalaria na família Silva, com filhos pintores e escultores, como Vicente e Benedito, já falecidos.

De excelente imaginação ele possui um grande sentido do ritmo e da cor, aliados a um profundo amor pela terra natal. Seus caboclos e suas favelas, enfocados sob o Sol dos trópicos, se transformam em uma feérica festa de cores. São quadros ricos, sonoros e, por incrível que pareça transbordantes de felicidade, impregnados de bucólica poesia.

Mesmo residindo em uma capital efervescente como São Paulo, o artista conservou, felizmente, o impacto da arte popular mineira, conferindo-lhe tanto sua particularidade quanto seu charme.

Suas composições, como em Samba, doado ao Acervo Artístico do Parlamento paulista, contam, com cores claras e vivas, a magia do trabalho do campo e nossos festejos.

Iniciou sua carreira artística em 1964, participando dos eventos culturais promovidos pelo município de Embu das Artes, terra das artes, e de outros movimentos formados por diversos grupos de artistas desta região.

Participou de inúmeras exposições individuais e coletivas, destacando-se na

maioria delas, recebendo também diversos prêmios. Suas obras encontram-se em inúmeras coleções particulares e oficiais e suas referências publicadas em catálogos e livros de artes plásticas nacionais e internacionais[34].

Figura 49 e 50: *Foto e obra do artista plástico João Cândido da Silva*

Fonte: Trindade, 2010.

Sua irmã Maria Auxiliadora da Silva, (*1935 - 1974*), vinda junto com a família para Embu das Artes, pintora autodidata, sua pintura buscou representar seu cotidiano através de muitos temas. Pintou durante apenas sete anos de 1967 a 1974, aos 32 anos, dedicando-se intensivamente à pintura. Sua obra foi vista pelos críticos como ato de resistência pessoal (contra sua doença) e social, pois revela em suas pinturas o cotidiano da população pobre. Sem conhecimento formal da pintura, pois jamais estudou arte, Auxiliadora foi aprimorando sua técnica. No início trabalhava na casa dos pais e depois em sua própria casa. No final dos anos 1960, juntaram-se com outros integrantes que manifestavam a prática das artes, como seu irmão João Cândido, Vicente de Paula e o grupo de Solano Trindade formando um centro de artesanato, voltado principalmente para a cultura e arte de origem africana.

Auxiliadora retornou à Capital e passou a expor seus trabalhos na Praça da República, conhecendo então o físico e crítico de arte Mário Schemberg, que a apresentou ao cônsul dos EUA, Alan Fisher. Este último organizou, em 1971, com sucesso, uma exposição da artista na galeria USIS do Consulado Americano, em São Paulo. A notoriedade durou pouco, pois Auxiliadora continuava sendo admirada apenas por alguns

[34]http://www.vidabstrata.com.br/2011/04/joao-candido-da-silva-um-artista.html

artistas primitivistas, como Ivonaldo Veloso de Melo e Crisaldo Moraes. Em 1972, aos 37 anos, Auxiliadora voltou a estudar, inscrevendo-se no Centro de Alfabetização de Adultos, universo que também retratou em seus trabalhos. Em suas obras mostrou a dura realidade dos cursos noturnos, repleta de dificuldades na aprendizagem.

Figura 51 e 52: *Obras da artista Maria Auxiliadora*

Fonte: http://www.galeriaestacao.com.br/artista/33#prettyPhoto

Nos dois últimos anos de vida, Auxiliadora travou uma batalha contra o câncer, que a levou ser operada seis vezes nos últimos dez meses de vida e a recorrer a medicamentos tradicionais. Ainda assim nunca parou de pintar, registrando cenas desta realidade como: extrema-unção, hospitais, ambulâncias, velórios e enterros; além de pintar seu autorretrato. A artista faleceu em 20 de agosto de 1974, de câncer generalizado, na cidade de São Paulo[35].

O legado artístico de Maria Auxiliadora se mantém vivo no trabalho de três irmãos da família Silva, Efigênia Rosária Silva (1938), Conceição Silva (1938) e João Cândido Silva (1933), todos nasceram na cidade de Campo Belo no Estado de Minas Gerais, são artistas Naïfs, valorizam a identidade cultural Afro-brasileira e assim como Maria Auxiliadora, são um orgulho para a produção de Arte Brasileira.

Efigênia Rosária Silva, nascida em Campo Belo, MG, foi registrada dia 7 de outubro de 1938, mas foi no dia 5 de março de 1937 que veio ao mundo. Veio para São Paulo, com sete anos de idade junto da família na década de 1940. Começou a pintar, por incentivo da mãe, Dona Maria Almeida, seus irmãos Vicente de Paula, Auxiliadora, João

[35] http://antigo.acordacultura.org.br/herois/heroi/mariaauxiliadora

Cândido e Conceição Silva. No começo dos anos 1970, seguindo a tradição da família e, acima de tudo, encontrando nela um especial encanto para a vida.

Começou pintando por hobby, nas horas vagas, por volta dos trinta anos, somente depois que se aposentou dedicou-se exclusivamente a aprender sobre pintura. Um de seus temas preferidos, as colheitas, poderiam se tornar repetitivos, mas Rosária busca sempre novas possibilidades, com destaque para os fundos, que a preocupam especialmente, mostrando, assim, a sua consciência plástica de encontrar novas soluções.

É nas colheitas de algodão que apresenta um ótimo resultado, em grande parte pela maneira como aplica pequenas manchas de branco na tela. É o recurso que encontra para encantar com suas composições, que incluem também cenas agrícolas de outros produtos, como café e maçãs. Seu repertório versátil de temas inclui ainda pescadores, santos, como São Francisco, e algumas cenas diferentes, onde existe toda uma narrativa, desenvolvida imageticamente pelo uso de numerosos personagens que estão disseminados pela tela.

Uma dessas obras, por exemplo, mostra uma imagem de garimpo. Enquanto os adultos prestam atenção apenas na possibilidade de conseguir o ouro, as crianças brincam despreocupadamente ao lado deles, ainda não despertos para a ganância – e os adolescentes começam a entrar na atividade, tendo o que seria seu rito iniciático, ao sair da infância e ingressar no mundo adulto com sua avidez por dinheiro.

Figura 53 e 54: *Telas da artista Efigênia Rosária Silva*

Fonte: http://artenaifrio.blogspot.com.br/2012/07/rosaria-silva.html

A artista apresenta ao público um trabalho plástico que encanta pelas cores e pela autenticidade. O fato de gostar de pintar revela, na verdade, um exercício constante de

alternativas que fixam um estilo e, ao mesmo tempo, a tentativa constante de não repetir fórmulas.

Rosária Silva não é apenas mais uma pintora primitivista ou naïf. Com mais de 70 anos de idade e 30 de pintura, é um exemplo para os novos artistas, muitas vezes acomodados ou sem paixão pelo ato de pegar no pincel e enfrentar a tela em branco. Ela faz isso com prazer e, a cada quadro que apresenta, temos certeza disso[36].

Oriunda de uma família de artistas, Conceição nasceu em Campo Belo, MG, em 27 de setembro de 1938, mas foi registrada apenas em 7 de outubro. Migrou ainda menina, com a mãe e os irmãos, para São Paulo, SP, onde exerceu diversas profissões humildes para sobreviver, pois, até então, a arte nunca fora vista como uma atividade lucrativa, capaz de assegurar o seu sustento.

Há pintores autodidatas que fascinam pelos temas, voltados para o folclore. Outros se valem de mergulhos imaginativos em atmosferas fantásticas, de sonho. Há ainda os que se destacam pelo colorido surpreendente. No caso da pintora Conceição Silva, seu principal atributo é o amor ao detalhe, em uma busca consciente e incessante por não deixar espaços da tela sem imagens[37].

Conceição Silva começou a pintar em 1962, mas somente passou a expor seus trabalhos dois anos depois, no Embu das Artes. A aproximação ocorreu por acaso, quando seu irmão Vicente, escultor, começou a namorar Raquel, filha do poeta Solano Trindade grande incentivador das artes do município. Dado o primeiro passo, ela passou a participar de eventos culturais nacionais e internacionais, sendo que alguns de seus quadros estão no Exterior.

Segundo o jornalista Oscar Conceição D'Ambrosio Conceição lembra que seus primeiros quadros mostravam cenas mais cômicas. Era o início de uma série de pinturas sobre variados temas. Há 30 anos, ela expõe seus trabalhos na Praça da República, em SP, junto com a família. Mãe de cinco filhos e avó de seis netos encontra tempo para prosseguir com a carreira com imagens de cores intensas e grupos humanos geralmente vibrantes, em atividades como danças ou festas[38].

[36]http://artenaifrio.blogspot.com.br/2012/07/rosaria-silva.html
[37] http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/conseicaosilva.htm
[38] Oscar D'Ambrosio é jornalista, crítico de arte e autor de Os pincéis de Deus: vida e obra do pintor naïf Waldomiro de Deus

Figura 55: *Tela de Conceição Silva a "Baiana e São Francisco"*

Fonte: http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/conseicaosilva.htm

Na Bienal Naïfs do Brasil de 1998, realizada em Piracicaba, (SP), Conceição obteve classificação com duas telas. Roda de capoeira apresenta grande profusão de imagens e coloridos vestidos de baiana, pintados com todas suas rendas e intensas variedades cromáticas, enquanto Rosas do campo, tela mais próxima ao universo naïf pela desproporção entre o tamanho das crianças e o dos adultos, mostram em primeiro plano, mulheres de vestido rosa e, mais atrás, um casal apaixonado de noivos, todos situados em meio a um colorido roseiral. Trabalhando sem esboços, criando suas imagens diretamente na tela, Conceição, que gosta de mostrar grávidas, pinta tanto: brancos e negros, geralmente numa mesma tela.

A artista encanta pelo poder de criar cenas alegres repletas de figuras humanas e da natureza, que se articula em composições espontaneamente equilibradas. Todo espaço é aproveitado no sentido de compor um todo harmônico, fundamentado no princípio de que cada detalhe contribui decisivamente para criar, com cores fortes e traços bem definidos, cenas que transmitem alegria de viver.

O escultor, poeta e pintor primitivista, já falecido, Vicente de Paula, é outro integrante do clã de artistas autodidatas, da Família Silva: A mãe, Maria Almeida da Silva - escultora e pintora, o irmão Sebastião Cândido-pintor, João Cândido - pintor e escultor e Maria Auxiliadora, artista e pintora primitivista, naïf, conhecida internacionalmente.

Também mineiro de Campo Belo, como todo menino de sua cidade, aos 11 anos,

Vicente começou brincando em pedra-sabão e canivete, a diferença é que com 16 anos, copiava trabalhos de ‘’ Aleijadinho’’. É um artista especial, esculpe na madeira cenas do cotidiano vivido, lembranças que vão se revelando textualmente no relevo da madeira. Com intuição própria e técnica pessoal encontra sua expressão estética exteriorizando seu interior, que se liberta de qualquer tipo de amarras à arte acadêmica. Versão comum da arte planejada, antes de criar... É assim que evolui a arte dos artistas não especializados academicamente. Desenvolvem isoladamente e por si só, habilidades e dons artísticos pessoais. É a arte naïf.

No início da década de 40, Vicente, atraído pelas promessas de prosperidade que a capital paulista oferecia, veio com a mãe e os irmãos em busca de uma vida melhor. Nos momentos em que não estava trabalhando como funcionário da prefeitura, aproveitava para esculpir na madeira. Descobrindo aí, vocação pelo artesanato. Tinha 27 anos, quando pediu demissão do emprego e decidiu viver apenas da arte.

Certa vez, entalhando um trabalho novo num barraco-ateliê na cidade de Embu das Artes, Vicente explicava: “quando começo um trabalho não sei exatamente o que vai sair. As formas vão aparecendo automaticamente, são as manifestações inconscientes do meio em que vivi: muita gente pobre vivendo e sofrendo e se divertindo junto”[39].

Sem esperar Vicente sofre um derrame de pleura, ficando sete anos internado, durante esse tempo leva a escultura mais a sério, esculpindo imagens de santos em madeira e pedra sabão, os quais eram vendidos pelas freiras para ajudar pagar seus remédios. Foi no hospital que Vicente lendo revistas de arte descobriu o Assis do Embu, o escultor. Quando recebeu alta, vai conhecer pessoalmente Assis, que o leva para morar em seu ateliê na cidade de Embu das Artes, onde já viviam vários artistas.

Nesse tempo conhece Raquel Trindade filha do teatrólogo, músico e poeta negro Solano Trindade com quem vai morar junto num barraco em Santana. No fim dos anos 1960, juntou-se, com outros integrantes da Família Silva, ao grupo que girava em torno do músico, Solano Trindade formando um centro de artesanato, principalmente de cultura e arte de origem africana. Na sua trajetória Vicente de Paula, dedica-se à cultura do povo brasileiro e suas tradições, desde 1956, quando iniciou suas atividades artísticas[40].

Ilsa Jacob Silva nasceu em Minas Gerais cidade de Aimorés, (*1939–2007*) veio

[39]http://ttoquesdeteatro.blogspot.com.br/2010/03/vicente-de-paula-escultor-e-precursor.html
[40]http://ttoquesdeteatro.blogspot.com.br/2010/03/vicente-de-paula-escultor-e-precursor.html

para São Paulo nos anos 60, e dez anos depois conheceu o artista João Cândido da Silva com quem se casou. Embora vivendo no meio de uma família de artistas, ela não praticava essa arte. Em 1990 ela teve que substituir seu marido em uma mostra coletiva de pintura ao vivo. O resultado foi excelente o que a estimulou a seguir essa carreira.

Começou pintando flores num estilo primitivista, ao longo do tempo passou a pintar imagem de festas populares, sendo que algumas eram a própria representação de sua infância. Seus traços no plano de fundo de seus quadros são uniformes e monocromáticos ressaltando as figuras colocadas em primeiro plano.

V – Jovino Almeida Gama

Jovino Almeida Gama, conhecido artisticamente como Gaminha ou J. Gama do Embu nasceu em 1952, na cidade de Palma (MG), aprendeu com seu pai Mestre Gama a trabalhar rápido na madeira, chegou em Embu das Artes com 10 anos. Trabalha com cedro, mogno, peroba, canela e ipê. A arte em sua família é passada de geração para geração, suas temáticas são santos e a história do negro.

Figura 56 e 57: *Artista Gama do Embu (Gaminha) e uma de suas esculturas, a grávida*

Fonte: http://jornaldaqui.com.br/47-anos-da-feira-do-embu/ e http://www.artedobrasil.com.br/jovino_almeida1.html

Jovino esclarece que:

> Vinha para a praça com meu pai e era muito diferente, havia muita discussão sobre preços e assim o movimento foi ganhando vida. Hoje, acredito que falta uma política cultural que valorize de verdade o artista e o ajude. Falta comunicação, o dinheiro manda em tudo e fica difícil. Sabe por que o Embu se chama Embu das Artes? Porque essa fama foi

> garantida por artistas como meu pai. Foram eles que começaram essa feira e hoje em dia as pessoas nem sabem que eles existiram. E nem vão saber que nós existimos[41].

Como muitos artistas brasileiros, J. Gama do Embu, não esconde o desapontamento pela falta de apoio e pelas dificuldades que tem que enfrentar para sobreviver só da arte. Trabalhou dez anos como segurança e hoje garante parte de seu sustento na construção civil. Ele lembra que, quando começaram, a cidade era totalmente rural, a praça não tinha calçamento e cavalos ficavam amarrados por ali esperando por seus donos. Vinha muito turista aqui e compravam muito. Hoje está muito diferente e o movimento mais fraco, com muita miudeza.

VI –Agenor Francisco dos Santos Junior - Agenov

Agenor Francisco dos Santos Junior, (*1965-2015*), conhecido como Agenov, filho do mestre Agenor, nasceu em São Paulo na cidade de São Bernardo do Campo. Na década de 1970, chegou na cidade de Embu das Artes, suas obras passaram a ter destaque em várias exposições por todo o Brasil e no exterior em países da Europa e Estados Unidos.

Figura 58: *Escultura do artista Agenov*

Foto: http://embudasartes.sp.gov.br/noticia/ver/8140

Agenov seguiu os passos do pai, de início a contragosto, mais tarde, após a morte do pai, ele e o irmão, Ivan, assumiriam a tradição paterna no sítio onde mora toda a família, e que também abrigou o ateliê. Produziu esculturas de madeira, pedra-sabão, mármore, granito, quartzo com profundidade e talento, com trabalho reconhecido e valorizado por outros artistas da cidade. Além de artista, Agenov foi um grande cidadão:

[41]http://www.artedobrasil.com.br/jovino_almeida.html

“Ele era importante tanto como artista quanto como participante da vida cultural na cidade. Na sua própria chácara, reunia jovens, dava lanche e aula de violão”, conta a amiga Tônia do Embu[42].

VII –João Batista dos Santos

João Batista dos Santos (1942) nasceu em Nhandeara interior de São Paulo, conhecido como Jozan, começou a pintar aos 14 anos, passou a ser morador de Embu das Artes em 1966 e três anos depois inaugurou seu ateliê. Pintor impressionista passando pelo abstrato até casarios e misticismo, com templos e temas que retratam a paz. Realizou várias exposições no Japão, Alemanha, Uruguai e Estados Unidos, ganhando inúmeros prêmios.

Figura 59: *Telas do artista João Batista dos Santos (Jozan)*

Fonte: https://www.facebook.com/Galeria-Jozan-180297038684094/

VIII –Paulo Dud

Paulo Renato Dud é paulista e nasceu em 1953, é conhecido no meio artístico como Paulo Dud. Em 1981, formou-se em produção visual gráfica e participou de inúmeros cursos de desenho no Liceu de Artes em São Paulo. Daí nasceu sua influência ao neo-construtivismo e abstrato geométrico.

Paulo Dud tem como característica principal retratar o abstracionismo geométrico e enaltecer a estrutura cromática, utilizando cores fortes e vibrantes. Os traços

[42]http://www.jornalnanet.com.br/noticias/12109/morre-agenov-escultor-de-embu-das-artes

identificados em suas obras são avaliados por críticos como um trabalho de subtração e purificação, em que transforma o concreto em uma geometria animada e de grande realce.

Uma de suas obras, a chamada “Feixes musicais” foi doada Ao Museu de Arte do Parlamento de São Paulo, em que ele define como: Formas monocromáticas, numa evidência de que a liberdade do ser humano se identifica com o artista, e nesse equilíbrio, é possível reconhecer deste modo a capacidade poética que tento expressar.

Atualmente vive em Embu das Artes, tem seu ateliêe participa ativamente das atividades culturais da cidade. É convidado também para expor seus trabalhos em outras cidades no interior de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Figura 60 e 61: *Paulo Dud e suas obras com tendências abstratas*

Fonte: http://embudasartes.sp.gov.br/noticia/ver/5808
http://www.artistasdeembu.com.br/artistas/PauloDud/dud.html

IX –Raimundo Veira Gondin - Gondin

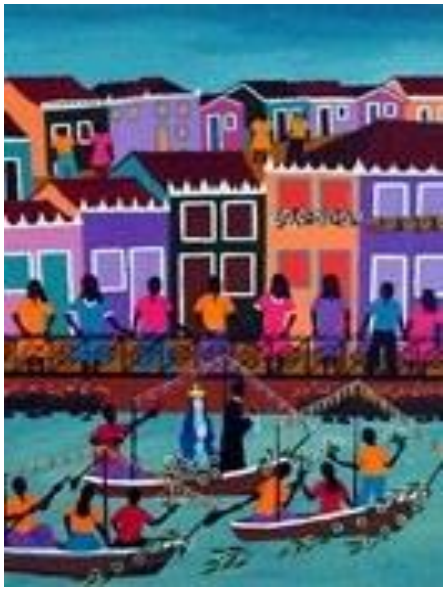
Nascido em 7 de outubro de 1944, em Aracati –CE, Gondin foi inicialmente pintor de paredes, e nos momentos livres começou a pintar e desenhar retratando o universo ao seu redor. Suas pinturas autênticas explosões de alegria com rica gama cromática, são exemplo de como a diversidade pode estar presente em infinitas variações sobre temas populares.

Seu talento chamou a atenção do célebre artista plástico Chico da Silva, que, em 1972, encaminhou o jovem para que pudesse obter seu sustento pela arte, e suas obras começaram a ser vendidas para colecionadores de todo o Brasil e de países como EUA, Itália e Alemanha.

A inspiração de Gondin foi às festas populares em que o colorido era valorizado, observava e retratava também colinas, plantações, lagos, colheitas, árvores, esse recursos emprestava às telas harmonia, equilíbrio e transformava suas obras convidativas aos olhos e chamando o observador a participar daquela cena.

Convidado pelo mestre Assis do Embu, está em Embu das Artes desde 1981, e cada tela apresentada oferece a alegria de viver e a existência das cores. Por isso, a arte criada por ele se transformou em aulas de otimismo e habilidade que mescla talento e amor à vida[43].

Figura 62: *Tela de Gondim a "Procissão"*



Fonte: http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/

X –Helaine Malca Cristina de Melo –Helaine Malca

Helaine Malca Cristina de Melo, nasceu em 21 de março de 1977 em Recife. Filha de artistas plásticos, chegaram à cidade de Embu das Artes em 1996. Helaine se encontrou culturalmente na cidade e foi uma das primeiras alunas de escultura em terracota do Memorial Sakai, e se destacou por várias obras realizadas, entre elas a placa de entrada do museu e ainda dois anjos guardiões da Santa Cruz, que decoram a capela do mesmo nome, que pertence ao Memorial. Atualmente atua como arte-educadora em vários pontos do município de Embu (Trindade, 2010).

[43] http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/

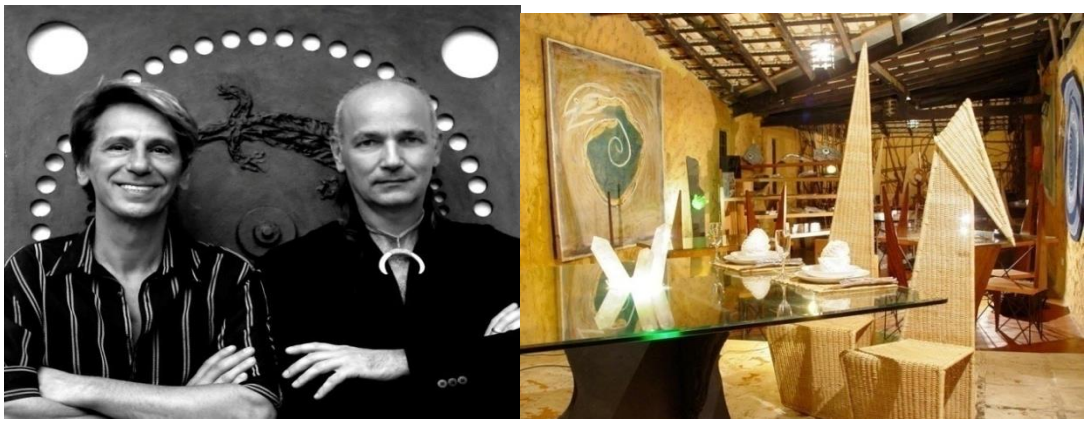
Figura 63: *Artista Helaine Malca*

Fonte: Trindade, 2010.

XI –Gerson Correro e Renato Gonda –Correra & Gonda

Gerson Correra e Renato Gonda são artistas plásticos e designers, há mais de 20 anos trabalhando e assinando coletivamente seus trabalhos –Correra & Gonda. Suas obras vão do micro ao macro - desde pequenas peças em série (para brindes e presentes empresariais) até esculturas monumentais de vários metros para residências ou áreas públicas. A arte está no tridimensional e nas pinturas; o design passeia por mesas, tapetes, objetos. A pedra e a luz se equilibram como opostos: denso e e téreo, pesado e fluido, material e transcendente. Correra & Gonda têm dezenas de exposições individuais pelo país, além de obras em várias partes do mundo. Críticos como Enock Sacramento, Lula Freire, Jacob Klintowitz, Radha Abramo, Alfredo Bosi, Jorge Anthonio, Carlos Bratke – entre outros, já escreveram sobre sua obra. Gonda é também poeta, com vários livros editados e premiados. Correra e Gonda são professores universitários[44].

Figura 64 e 65: *Correra & Gonda ao lado exposição de móveis e luminárias em cristal.*



Fonte: https://www.facebook.com/correra.gonda/

[44] http://www.artistasdeembu.com.br/artistas/renatogon/gonda.html

Resumo

Conforme foi visto no transcorrer deste capítulo que Embu foi fundado por jesuítas. Historicamente desde a colonização há citações em que aparece a menção de uma aldeia que se chamava Vila de M'Boy e posteriormente conhecida por Aldeia de Bohi. Inicialmente os jesuítas objetivavam catequizar índios para que eles abandonassem seus costumes e seguissem a religião católica.

Em 1624, os jesuítas construíram a Igreja Nossa Senhora do Rosário, e sem dúvida os padres e os índios marcaram para sempre a história da cidade transformando-a num grande celeiro cultural. Padre Belchior no ano de 1917 esculpiu em estilo barroco a Virgem do Rosário, e estimulou os índios a produzirem obras que seriam colocadas na igreja.

Em 1930, chegam ao então Distrito de M'Boy, os imigrantes japoneses que foram responsáveis pelo cultivo de plantas e flores e instalaram o Instituto Prático Agrícola.

Durante um longo período a cidade passou por várias denominações, foi vila, aldeia, distrito, freguesia, aldeia novamente até que em 1938, Mário de Andrade o então Delegado do Estado de São Paulo do Ministério da Educação, iniciou o processo de tombamento da cidade devido às obras jesuíticas que compunham o centro do município, sendo inclusive um dos primeiros do Estado de São Paulo. Para tanto se declara cidade em 1939 oficialmente o tombamento do Distrito de M'Boy e foi denominado Patrimônio Histórico permanecendo com esse nome até 1943, quando um Decreto-lei muda o nome para Embu.

Em 1958, moradores ilustres da cidade se reuniram para formalizar a emancipação, cujo plebiscito foi realizado em novembro. Como era esperada a emancipação foi apoiada pela maioria do embuenses e em fevereiro de 1959, foi criado oficialmente o município de Embu, desmembrado de Itapecerica da Serra e Cotia.

Em 2011, através de projeto municipal apresentado pela Câmara Municipal foi agregado ao nome da cidade "das artes", tornando-se carinhosamente chamada Embu das Artes, para alegria de seus munícipes e realização de seus emancipadores. Embu das Artes tornou-se uma grande referência para a cultura, sendo propagado pela cidade: artesanato, escultura, música, poesia, dança e atraindo milhares de turistas todos os finais de semana.

CAPÍTULO III

CULTURA, ARTE E EDUCAÇÃO EM EMBU DAS ARTES

> *"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender".* Paulo Freire.

3.1 Introdução

Cultura é o conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização. Cultura significa todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro. Portanto, faz parte da cultura de um povo algumas atividades e manifestações, tais como: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, entre outros[45].

Ao tratar do conceito de cultura, a Sociologia se ocupa em entender os aspectos aprendidos que o ser humano, em contato social, adquire ao longo de sua convivência. Esses aspectos, compartilhados entre os indivíduos que fazem parte deste grupo de convívio específico, refletem especificamente a realidade social desses sujeitos. A cultura possui tanto aspectos tangíveis, objetos ou símbolos que fazem parte do seu contexto, quanto intangíveis, ideias, normas que regulam o comportamento, formas de religiosidade[46].

Esses aspectos constroem a realidade social dividida por aqueles que a integram, dando forma a relações e estabelecendo valores e normas.

Para compreender a cultura em países diferentes, é necessário entender a sociedade e a cultura nacional, suas concepções de vida em sociedade, seus valores e a forma de governo de um determinado grupo. Partindo dessas considerações iniciais, é que se apresentará, de forma sucinta, a contextualização da cultura brasileira, visto que as

[45]https://www.significados.com.br/cultura/. Acesso em: 29/ nov./ 2016.
[46] http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/conceito-cultura.htm/. Acesso em: 29/ nov./ 2016.

características culturais do país tendem a se refletir nas culturas organizacionais. Estabelecem como Objetivo Geral do Sistema Nacional da Cultura: Formular e implantar políticas públicas de cultura, democráticas e permanentes, pactuadas entre os entes da federação e a sociedade civil, promovendo o desenvolvimento humano, social e econômico, com pleno exercício dos direitos culturais e acesso aos bens e serviços culturais.

A Secretaria Municipal de Cultura de Embu das Artes surgiu da necessidade que a sociedade civil almejou, motivada pela 1ª Conferência Municipal de Cultura, e, a partir desta última, iniciou os trabalhos para constituição do PMC – Plano Municipal de Cultura.

Estabelecer um processo democrático de participação na gestão das políticas e dos recursos públicos na área cultural; articular e implementar políticas públicas que promovam a interação da cultura com as demais áreas sociais, destacando seu papel estratégico no processo de desenvolvimento entre outros são alguns dos objetivos específicos deste plano.

Por meio das artes encontramos a expressão de cada cultura. A arte (do latim "*ars*") é o conceito que engloba todas as criações realizadas pelo ser humano para expressar uma visão/abordagem sensível do mundo, seja este real ou fruto da imaginação. Pelos recursos plásticos, linguísticos ou sonoros, a arte permite expressar ideias, emoções, percepções e sensações.

3.2 Construção histórica da cultura e suas definições

A cultura é construída através do modo de vida da humanidade passando de geração por geração e sofrendo mudanças e adaptações ao longo de sua História, pois é dinâmica e não estática. Na presença de uma comunidade, pode-se identificar sua cultura por várias manifestações, como: religião, música, comida típica, danças, lendas, pinturas, artesanato, crenças, entre outras (Santos, 2008).

O conceito de cultura é necessário e muito utilizado porque atende a várias necessidades e vários interesses da sociedade e dos próprios pesquisadores. A cultura implica estabilidade, enfatiza demonstrações conceituais, serve como fator aglutinador para levar os membros do grupo em direção ao consenso, implica dinâmica e padronização.

À medida que um grupo de pessoas se reúne para desenvolver uma determinada atividade, esse grupo inicia também a construção de seus hábitos, sua linguagem e sua cultura. Falar em cultura implica falar sobre a capacidade de adaptação do indivíduo à realidade do grupo no qual está inserido. A cultura, com a construção do significado social e normativo, possibilita que um grupo se fortaleça ou se desintegre. A cultura expressa os valores e as crenças que os membros desse grupo partilham. Tais valores manifestam-se por meio de símbolos, como mitos, rituais, histórias, lendas e uma linguagem especializada, orientando os indivíduos de uma referida cultura na forma de pensar, agir e tomar decisões (Pires & Macedo 2006).

O indivíduo é essencialmente um ser de cultura. Nesse sentido, a cultura torna possível a transformação da natureza e faz com que os povos se diferenciem pelas suas elaborações culturais, invenções e diferentes resoluções e encaminhamentos dos problemas.

Segundo Sodré cultura é um:

> Conjunto dos valores materiais e espirituais criados pela humanidade, no curso de sua história. A cultura é um fenômeno social que representa o nível alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica: processo, técnica, experiência de produção e de trabalho, instrução, educação, ciência, literatura, arte e instituições que lhes correspondem (Sodré, 2003, p. 9).

Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. “Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica”(Bosi, 2014, p.85).

Franz Boas, no começo do século XX iniciou uma crítica sistemática às teorias até então vigentes que defendiam a existência de uma hierarquia entre culturas. Boas, por sua vez, foi um dos pioneiros em criticar essa visão, afirmando que toda cultura tem uma história própria, que se desenvolve de forma particular e não pode ser julgada a partir da história de outras culturas, passando a usar a História para explicar a diversidade cultural, a grande diferença de culturas na humanidade, fazendo pela primeira vez uma aproximação entre História e Antropologia até hoje em dia bastante utilizada (Bosi, 2014, p. 85).

Bosi (2014) define Cultura a partir da Linguística e da Etimologia da palavra cultura, assim como Culto e Colonização, viria do verbo latino “*colo*”, que significa:“eu

ocupo a terra". Cultura, dessa forma, seria o futuro de tal verbo, significando o que se vai trabalhar, o que se quer cultivar, e não apenas em termos de agricultura, mas também de transmissão de valores e conhecimento para as próximas gerações.

Nesse sentido, Bosi (2014, p.86) afirma que:

> Cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social. Mas para haver cultura é preciso antes que exista também uma consciência coletiva que, a partir da vida cotidiana, elabore os planos para o futuro da comunidade.

Tal definição dá à Cultura um significado muito próximo do ato de educar; cultura seria o que um povo ensina aos seus descendentes para garantir sua sobrevivência. Em todo universo cultural, há regras que possibilitam aos indivíduos viver em sociedade; nessa perspectiva, cultura envolve todo o cotidiano dos indivíduos. A função da cultura, dessa forma, é, entre outras coisas, permitir a adaptação do indivíduo ao meio social e natural em que vive. E é por meio da herança cultural que os indivíduos podem se comunicar uns com os outros, não apenas por meio da linguagem, mas também por formas de comportamento. Isso significa que as pessoas compreendem quais os sentimentos e as intenções das outras porque conhecem as regras culturais de comportamento em sua sociedade (Bosi, 2014).

A definição de Cultura como o conjunto de realizações humanas, materiais ou imateriais leva-nos a caracterizá-la como um fundamento básico da História, que por sua vez pode ser definida como o estudo das realizações humanas ao longo do tempo. Tal percepção, no entanto, só se desenvolveu plenamente com a Nova História, na segunda metade do século XX. Os historiadores da Nova História começaram a fazer conexões entre História e Antropologia e História e Literatura, algo em que o antropólogo Gilberto Freyre foi precursor.

Os historiadores da Nova História passaram a escolher temas cada vez mais voltados para o cotidiano e as mentalidades, realizando, dessa forma, trabalhos de História Cultural.

Outro sentido muito comum atribuído à palavra Cultura é aquele que a define como produção artística e intelectual. Pode-se falar de cultura erudita, cultura popular, cultura de massa, dentre outras, para todas as expressões que designam conceitos específicos onde a produção intelectual retrata determinados grupos sociais.

Sociologicamente pode-se afirmar que toda cultura é uma construção social e

histórica. A cultura de cada povo pode ser definida por costumes, hábitos, crenças, valores, modo de agir, de pensar, vestimentas, entre outros. É fato que a cultura nos molda como espécie única e ela também nos modela como indivíduos separados (Geertz, 2004).

A cultura é histórica porque transcende de uma época para outra, e torna-se social porque é compartilhado por grupos.

3.3 Construção histórica das artes e suas definições

A presença da arte na história pode ser identificada, nas manifestações de conhecimento, onde o homem utilizava o desenho como forma de linguagem. Já no tempo das cavernas os primatas desenhavam como caçavam, quantas pessoas tinham na caverna, representavam o que viviam. Desde o começo da humanidade o ser humano era e é um ser criativo, nascendo com essa habilidade, a qual pode ser desenvolvida através do meio em que vive, independente da cultura e do desenvolvimento interno de seu ser, assim explorando e estimulando sua criatividade em seu cotidiano (Sans, 2001).

A arte deve ser entendida como essencial para a completude humana, permitindo que o ser humano possa se desenvolver e evoluir, fazendo uso dessa Ciência possuidora de características potencialmente ilimitadas, tendo em vista também sua imensurável capacidade criativa.

O traço primordial da arte é sua natureza complexa, o que colabora para a inexistência de consenso sobre o que deve ser entendido como tal. Essa ausência de concordância sobre como se deve analisar “a arte”e o que ela comporta contribui para a manutenção da sensibilidade na sociedade. O processo de formação e evolução histórica do que hoje em dia se entende como arte, enfrentando os principais diálogos sociológicos e antropológicos acerca de sua definição, sua inserção na cultura e na educação, seu papel no despertar da criatividade, liberdade de expressão se mostra indispensável e essencial à construção do conhecimento, a expressão das emoções, percepções e sensações do mundo que nos rodeia.

O homem nasce com especificidades culturais, psicológicas e sociais, o que permite fazer ligações com a natureza e com o mundo. Sendo a arte parte integrante desse movimento, possibilita a representação e interpretação do mundo, onde são desenvolvidas habilidades de seleção, classificação, identificação, entre outros, indispensáveis para organização humana (Buoro, 2001).

A Arte primeiramente, antes de ser definida, deveria ser apreciada, admirada sem tentar compreendê-la ou explicá-la. Arte é uma palavra que chega ao português derivada do latim ars. A princípio, a palavra ars era utilizada com o significado de "capacidade de fazer algo". Com o passar do tempo, seu significado mudou e passou a significar arte. É considerada como uma atividade humana que acontece por meio de manifestação estética. Quem produz arte é chamado de artista e tem o objetivo de afetar a percepção, as emoções e as ideias daqueles que entram em contato com sua arte. Cada obra de arte possui um sentido para o artista e é produzida com a intenção de despertar alguma sensação ou emoção em quem a vê, ouve ou sente[47].

É o conceito que engloba todas as criações realizadas pelo ser humano para expressar uma visão sensível do mundo, seja este real ou fruto da imaginação. Através de recursos plásticos, linguísticos ou sonoros, a arte permite expressar ideias, emoções, percepções e sensações. A definição de arte varia de acordo com a época e a cultura, por ser arte rupestre, artesanato, arte da ciência, da religião e da tecnologia. Atualmente, arte é usada como a atividade artística ou o produto da atividade artística. A arte é uma criação humana com valores estéticos, como beleza, equilíbrio, harmonia, que representam um conjunto de procedimentos utilizados para realizar obras.

Para os povos primitivos, a arte, a religião e a ciência andavam juntas na figura, e originalmente a arte poderia ser entendida como o produto ou processo em que o conhecimento é usado para realizar determinadas habilidades. A história indica que, com o aparecimento do Homo Sapiens, a arte teve uma função ritual e mágico-religiosa, que foi sofrendo alterações ao longo do tempo. Seja como for, a definição do termo "arte" varia consoante a época e a cultura[48].

A História da Arte é muito vasta e complexa, pois acompanha todo o desenvolvimento do ser humano. Sendo assim, ela está dividida em vários períodos, nos quais se verificam as variadas formas de produção artística de inúmeras civilizações ao longo da história humana. Alguns historiadores entendem que a História da Arte, desde a Pré-História até os nossos dias, traduz a própria história da humanidade, isto é, revela o processo de auto compreensão humana.

[47] http://conceito.de/arte /. Acesso em: 29/ nov./ 2016.
[48] http://conceito.de/arte /. Acesso em: 29/ nov./ 2016.

Durante a Pré-História a arte se manifestava como uma tentativa do homem captar a natureza a sua volta da forma mais fiel e exata possível vinculando seus trabalhos às forças da natureza.

A Arte na Pré-História é período no qual podem ser colhidas informações sobre os sistemas simbólicos desenvolvidos pelos homens primitivos, suas técnicas como a arte rupestre e os principais lugares do mundo onde esse tipo de arte pode ser encontrado atualmente.

A arte rupestre é compreendida como o amplo conjunto de desenhos, pinturas e inscrições realizadas pelo homem pré-histórico.

A arte desenvolvida pelas grandes civilizações da Antiguidade no Ocidente e no Oriente Médio, como a arte da Mesopotâmia, (em palácios) no Egito Antigo (tumbas, estatuetas), na Persa (grandes estatuas, decorações), a Arte Grega (representação do corpo com riquezas de detalhes), a Arte Romana (arquitetura, grandes edificações), a Arte Bizantina (igrejas monumentais) e a Arte Cristã Primitiva (basílicas).

Seguindo cronologicamente, temos a arte no período da Idade Média, com temas como a Arte Gótica que pode ser esmiuçada no estudo dos vitrais góticos e na especificidade, gótico alemão além das catedrais medievais e as técnicas de pinturas que estabeleceram as bases para os artistas do Renascimento. Entre os artistas do Renascimento, destacam-se os italianos, como Michelangelo. Além disso, temos ainda a fase pós-renascentista, destacando-se a arte barroca com destaque especial, a pintura barroca em que foram empregadas as técnicas de luz e sombra e a variação do mesmo período, conhecida como Rococó[49].

No período da "antiguidade tardia", ou simplesmente "época medieval", experimentou-se grave momento de crise histórica, em especial frente ao desenvolvimento e solidificação alcançado pelo Cristianismo, o que influenciou diretamente as artes, fazendo com que muitas das obras artísticas produzidas fossem vinculadas a aspectos de natureza religiosa.

Ao se prosseguir na jornada cultural das artes, inclui-se no Período Romântico, durante o qual elas são fortemente influenciadas pela nova situação histórica e política

[49] http://brasilescola.uol.com.br/historiag/historia-da-arte.htm. Acesso em: 29/ nov./ 2016.

existente, em especial no que se refere à cisão do Oriente. A partir desse momento, "qualquer obra sobre o período deverá partir de investigações sobre a realidade econômica, política e social que dominava o período." (Argan; Fagiolo, 1992. p. 59) A arte se vinculava aos factos que se manifestavam na sociedade.

Durante o Renascimento, a arte experimenta a passagem por um processo de reconstrução, tendo em vista se tratar de um momento histórico marcado pela busca de certezas e racionalidade, quando todos os critérios de qualidade artística se encontravam vinculados à racionalização, caindo em desprestígio quaisquer visões irreais e irracionais.

Hausser esclarece:

> Todo desenvolvimento artístico passa a ser parte do processo total de racionalização. O irracional deixa de causar qualquer impressão mais profunda. As coisas que são agora sentidas como "belas" são a conformidade lógica das partes individuais de um todo, a harmonia aritmeticamente definível das relações e o ritmo calculável de uma composição, a exclusão de discordâncias na relação das figuras com o espaço que ocupam e o relacionamento mútuo das várias partes do próprio espaço. (2000, pp. 284-285).

No Período Neoclássico, a arte se insere nesse processo de elevada complexidade em que ainda se encontra, tornando-se passível de visões e conceitos cada vez mais amplos e articulados, englobando o surgimento de novas expressões artísticas que, apesar de muitas vezes impopulares eram reconhecidas como arte.

A Arte Moderna tem seu surgimento no Século XIX, início do Século XX, quando há uma completa ruptura das formas clássicas e tradicionais, comumente marcadas por padrões bem definidos, introduzindo novos temas, inexplorados pelas expressões artísticas antigas e vistas como uma nova forma de expressão, contrária a conceitos idealizados até o momento conhecidos.

Essa multiplicidade de correntes em artes contribuiu para o processo de difusão e diferenciação de trabalhos artísticos, considerando-se as distinções presentes entre cada nova produção realizada. Às artes, portanto, apega-se ao lúdico, ao belo, ao agradável, entrega-se à fantasia como mecanismo de superação das barreiras impostas pelo cotidiano que lhe permite alcançar um estado de equilíbrio e de paz com a realidade que a circunda.

3.4. Diversos tipos de Artes

O século XVIII ficou conhecido como o Século das Luzes, pois as ideias iluministas promovidas na Europa por filósofos se espalharam pelo mundo e inspiraram

revoluções como a Revolução Francesa em 1789. Um conceito que reunia criações do homem que tinham um propósito não mais que artístico e estético começou a surgir nesta época, iniciando assim uma maior valorização das artes e marcando o começo das discussões sobre quais seriam as belas criações humanas que rondavam o mundo.

O conceito de "belas-artes" surgiu neste século associado à ideia de que certo conjunto de suportes e manifestações artísticas é superior aos demais. Até meados do século XIX, as academias classificavam as artes em basicamente dois tipos: as belas-artes e as artes aplicadas ou artes secundárias. As belas-artes eram aquelas que, segundo o ponto de vista do período, possuíam a dignidade da nobreza. Já as artes aplicadas, devido ao fato de serem praticadas por trabalhadores, eram desvalorizadas. Assim, compunham, as belas-artes: a pintura, a escultura, o desenho e a arquitetura.

A arte tem sido ao longo da história, um aspecto unido à vida do homem de forma intrínseca, servindo como meio de expressão e também como uma linguagem universal em que a beleza e a estética prevalecem. Foi na antiga Grécia onde surgiu a divisão entre as artes superiores, criadas para serem apreciadas com os olhos e os ouvidos, e as menores relacionadas muito mais com o tato.

Os antigos gregos criaram a base, mas o termo belas artes foi usado pela primeira vez no século XV por Charles Batteaux, para definir com apenas um par de palavras todas estas manifestações artísticas.

A classificação utilizada na Grécia Antiga incluía seis ramos dentro da própria arte: a arquitetura, a dança, a escultura, a música, a pintura e a poesia (literatura). Posteriormente, isto é, mais recentemente, passou-se a incluir o cinema como sendo a sétima arte.

Figura 66: *Sala de exposição do MNBA –Museu Nacional de Belas Artes –Rio de Janeiro*

Fonte: http://karidesbrava.com.br/wp-content/uploads/2016/03/MNBA_Museu_Nacional_de_Belas_Artes_03.jpg

O termo belas artes se refere a um conjunto de disciplinas estéticas refinadas desenvolvidas ao longo da história. Isto significa que cada uma delas apresenta uma rica trajetória com vigorosa tradição. Na verdade, cada uma destas artes apresenta um amplo repertório técnico que exige certo grau de destreza para ser dominada. Estas artes são a música, a arquitetura, a literatura, a pintura e a dança. Elas foram muito importantes e tiveram diferentes graus de desenvolvimento em todas as sociedades, mas foi na cultura grega que conseguiu alto grau de requinte. A partir deste momento, as técnicas utilizadas no passado foram recompiladas e ficaram de herança como novos elementos de importância no tempo. Assim, a tradição tem grande peso sobre as artes e cada contribuição se adiciona às anteriores.

Embora a definição das artes plásticas inclua a utilização de materiais maleáveis por parte de artistas que criam suas obras, esta definição hoje em dia já está superada e apresenta um leque mais amplo de atividades. Para que uma obra seja considerada uma arte plástica, ela deve ser tangível, ou seja, ser real, visível e palpável. Isto permite que além das disciplinas consideradas pelas artes plásticas, outras desconhecidas também fazem parte deste ramo no momento.

Tradicionalmente, considera-se a existência de apenas três tipos de artes plásticas: a pintura, a escultura e a arquitetura. Porém, esta percepção vem mudando ao longo do tempo, já que com o desenvolvimento das novas técnicas e de certos avanços tecnológicos

têm surgido novas formas de expressão artística.

O início do século XIX possuía vários tipos de artes plásticas, entre elas: a pintura, a escultura, o desenho, a gravura, a pintura mural, a cerâmica, a ourivesaria e o artesanato, posteriormente outras manifestações artísticas também tiveram espaço até o ponto de incluir outras nem tanto convencionais como cinema, fotografia ou arte digital. A arte moderna e sua versatilidade de materiais e conceitos também revolucionaram este campo.

Isto acontece basicamente porque as artes plásticas partem de princípios comuns a imensidão de disciplinas artísticas. Princípios como as teorias da cor, da psicologia e da percepção, elementos de desenho, conceitos de proporção e composição se encontram na raiz de cada uma das disciplinas.

A arte diz respeito às criações do ser humano que procuram expressar uma visão sensível do mundo real ou imaginário. Essas expressões podem ser manifestadas em diversos materiais, a arte plástica, por sua vez, consiste em dar forma a estes materiais.

As artes plásticas são manifestações do ser humano que refletem, o produto da sua imaginação ou da sua visão da realidade.

A arquitetura, a escultura e a pintura são as três primeiras artes plásticas a serem contempladas. A arquitetura é a arte que devido ao talento e grande uso da estética necessária para criar construções harmônicas com o espaço e perduráveis no tempo.

Figura 67:*Partenon –Atenas - Grecia*

Fonte:http://1.bp.blogspot.com/-yP18n-nUwN8/Uuk81OL1LEI/AAAAAAAAARk/-Rg9qiAhEsM/s1600/Partenon-Atenas-Grecia-1.jpg

Podemos entender a arquitetura como a Arte de projetar e construir prédios de acordo com os contextos históricos, sociais e políticos vigentes no período. Sendo influenciada, também, pelas mudanças estéticas e tecnológicas.

Figura 68: *Brasília capital federal do Brasil*

Fonte: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000000509/0000006511.jpg

Escultura é a arte de transformar a matéria através do entalhamento, da modelagem de diversos materiais como, por exemplo, barro, cimento, bronze, madeira, mármore e plástico. Toda escultura supõe um volume no espaço, que tem valor tanto em si mesmo como em relação ao seu entorno. A escultura define certa silhueta e gera determinada massa, que pode sugerir tanto peso e solidez como fluidez e leveza. Consiste em esculpir, talhar ou modelar diferentes tipos de materiais representando figuras reais ou imaginárias. São escultores conhecidos: Aleijadinho, Rodin e Victor Brecheret.

Figura 69: *"David"é uma obra-prima da escultura renascentista criada entre 1501 e 1504, pelo artista italiano Michelangelo*

Fonte: http://blogdalux.blogspot.com.br/2011/06/as-dez-esculturas-mais-famosas.html

Chamamos de artes menores aquelas que são portáteis e não porque possuem menor valor artístico. Na maioria das vezes são objetos artísticos com funções utilitárias. Exemplos: vasos, cestarias, louças, iluminuras, têxteis, jóias.

Sem dúvida a mais memorial das artes, as esculturas fazem-nos lembrar do passado, de figuras que fizeram história, dos poderosos deuses que reinaram no céu e na terra e muitas outras coisas que mostra em cada centímetro a perfeição dos artistas escultores que já pisaram no planeta Terra.

Entre as três belas artes, reconhecidas em primeiro momento, a pintura é, talvez, uma das mais reconhecidas. Desde a antiguidade o homem a usa como uma forma de expressão e um mecanismo para capturar a realidade. Ao longo da história houve centenas de pintores reconhecidos, por isso não é de se estranhar que hoje em dia continue sendo uma das belas artes mais populares e apreciadas. O artista passa suas impressões sobre a realidade e expressa seus sentimentos em uma tela, através de linhas e cores. Pintura é arte de aplicar cores, pigmentos sobre diferentes superfícies para criar imagens, formas figurativas ou abstratas.Vinda desde o homem das cavernas, a pintura ainda é considerada a mais expressiva das artes, até nos traços mais minimalistas ou confusos o pintor demonstrava um sentimento diferente, a cada fase de sua vida uma nova característica era percebida nos quadros que até hoje ilustram museus mundo a fora. Continuando com a classificação utilizada na Grécia Antiga com a inclusão de seis ramificações dentro da própria arte, cujos três primeiros foram: arquitetura, escultura e pintura consideradas pelos gregos como os principais, mas também a dança, a música e a poesia (literatura) eram importantes a serem apreciadas.

Figura 70*:* *Retrato de Vincent van Gogh e Monalisa de Leonardo da Vinci*

Fonte:https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b2/Vincent_van_Gogh_-_Self-Portrait_-_Google_Art_Project.jpg
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d5/Mona_Lisa_(copy,_Hermitage).jpg

A arte de combinar sons e ritmos já tem milhares de anos, sem dúvida a música é a arte que tem mais efeito sobre nós seres humanos, nela podemos facilmente encontrar a calma, a estabilidade e a confiança necessária para fazer de nós mesmos pessoas melhores.

Aristóteles, na Grécia, definiu música como "a arte de expressar sentimentos mediante o som". A lógica da construção musical é a combinação de sons em sucessão temporal formando melodias. Há diversos representantes dentro das numerosas categorias desta arte. Os mais conhecidos são: Mozart, Bethoveen, Beatles, Rolling Stones, Madonna e Frank Sinatra.

A capacidade de usar instrumentos para gerar belos sons faz com que a música seja considerada, de forma inequívoca, como uma das sete belas artes. Esta forma de criação acompanhou o homem ao longo de sua própria existência, sendo uma forma de comunicação, mas também uma arte que, antes de mais nada, gera prazer. Trata-se de uma das formas mais quotidianas de se aproximar das belas artes.

Figura 71*: Música*

Fonte: http://www.tecnocurioso.com.br/2014/curiosidades/quais-sao-as-7-belas-artes

A dança faz parte das sete belas artes devido aos vigorosos movimentos usados ao ritmo da música, que servem como um dos meios de expressão mais estéticos que podemos desfrutar. Movimentos delicados e sincronizados com ou sem uma melodia não deixam de ser uma arte, cada movimento pode representar alguma situação, cada expressão facial pode representar um sentimento, deixando assim de ser somente uma representação teatral e se tornando uma arte independente.

A Dança, que consiste na representação de movimentos corporais sucessivos dentro de um ritmo musical, foi muito usada em rituais religiosos. São exemplos: o samba e o tango.

Figura 72: *Dança*

Fonte: http://www.tecnocurioso.com.br/2014/curiosidades/quais-sao-as-7-belas-artes

A literatura é a arte que vem da palavra para criar. Apesar de costumarmos dizer que a literatura é uma das belas artes, a poesia também está incluída nesta forma. As duas têm oferecido contribuições valiosíssimas à humanidade, com peças e autores que, sem dúvida, constituem uma obra de arte em si. "É a arte da palavra", consiste em usar exclusivamente a linguagem para se expressar contando histórias reais ou fictícias. O livro mais antigo do mundo é a Bíblia.

Figura 73: *Literatura*

Fonte: http://www.tecnocurioso.com.br/2014/curiosidades/quais-sao-as-7-belas-artes

Por último, mas não menos importante está a sétima arte: o cinema. Acrescentado a esta lista no século XX, foi Ricciotto Canudo, teórico e crítico cinematográfico, quem através de seu "Manifesto das sete artes" (1911) usou o termo "sétima arte" para incluir o cinema entre as belas artes. Hoje é um dos meios de expressão artísticos mais populares do mundo, com peças de grande valor audiovisual considerada como clássicos entre os estudiosos e cinéfilos.

O ponto mais alto da arte, no cinema e no teatro, onde todas as outras artes se

encontram para formar uma única obra, reunindo a arquitetura do cenário, os atores que dão movimento a esculturas históricas, os quais mostram a sua leveza nas danças dos mais belos musicais, criando verdadeiras 'pinturas' elaboradas a partir dos roteiros mais bem escritos.

Figura 74: *Cinema e teatro*

Fonte: http://www.tecnocurioso.com.br/2014/curiosidades/quais-sao-as-7-belas-artes

O Manifesto de Canudo foi publicado posteriormente em 1923, incluído o cinema como sétima arte aumentando a lista precedente de Hedel, apresentando uma listagem das artes através de numeração. Sendo assim apresentada:

1ªArte – Música (som);

2ªArte –Dança (Teatro/Dança/Coreografia) (movimento);

3ªArte – Pintura (cor);

4ªArte - Arquitetura (espaço);

5ªArte – Escultura (volume);

6ªArte - Literatura; (palavra);

7ªArte - Cinema;

Além das sete belas artes descritas por Canudo, outras novas artes já foram citadas. Mesmo que ainda existam muitas pessoas que não concordem com o fato dos itens a seguir se tornarem artes, vamos apresentá-las como se de fato fossem.

8ªArte - Fotografia (imagem);

A arte de registrar momentos por imagens acabou surgindo com a tecnologia, possibilitando assim que as visões mais belas ou fatos históricos pudessem ser registrados de uma maneira mais realista do que os outros tipos de arte.

9ªArte – Desenho (quadrinhos, imagem e gráficos);

Contar histórias somente por textos acabou deixando de ser a única arte do tipo, os quadrinhos resolveram uni-los aos desenhos para criar uma nova forma de literatura visual que hoje é tão lida quanto os próprios livros.

10ª Arte – Arte Digital (multimídia, vídeos games, programação, artes gráficas computadorizadas);

Podemos com toda certeza afirmar que a arte digital recebeu inspiração de boa parte das sete belas artes originais, tendo como propósito recriar imagens e histórias por meio de computação gráfica com a ajuda de programas especiais. Os efeitos especiais são a principal característica da arte, gerando incríveis resultados.

11ª Arte – Culinária.

Quem disse que cozinhar também não pode ser uma arte? Assim como o pintor precisa saber reunir as cores corretas para ter as melhores combinações, o chefe de cozinha também precisa conhecer quais temperos cairão melhor com certo alimento, precisa saber quanto tempo à panela precisa ficar ao fogo e qual é o ponto certo da sua "criação".

Ao entender a história da arte e seus estilos podemos elencar com os artistas de Embu das Artes, nos próximos capítulos apresentaremos aqueles que mais se destacaram com suas habilidades e marcaram a cultura da cidade. Encontramos nos trabalhos desenvolvidos por eles as pinturas expressas nos quadros representando vários movimentos artísticos como entre eles o rococó. A pintura nas telas é uma das artes mais reconhecida mundialmente, a representação dos movimentos literários, políticos e sociais são expressos através dos quadros, desta forma fizeram ser reconhecidos mundialmente

A arte esculpida é outro movimento artístico que se destacou no cenário nacional e internacional. A marca da cidade continua sendo os artistas esculpindo ao ar livre na feira de artesanato.

A música, a dança e o teatro são mantidos através das festas regionais, sendo a mais importante a da Santa Cruz. Os grupos de varias faixas etárias realizam suas apresentações mantendo viva a tradição cultural do inicio com os jesuítas.

Figura 75: *Quais são as 7 belas artes?*

Fonte: http://www.tecnocurioso.com.br/2014/curiosidades/quais-sao-as-7-belas-artes.

3.5 Construção histórica da educação e suas legislações

A preocupação com a legislação educacional no Brasil é relativamente recente, começa, obviamente, com a independência, adentrando timidamente o período colonial. A proclamação da República trouxe mudanças, mas somente no século XX a legislação começou a ser objeto de um debate mais intenso. Foi quando a sociedade brasileira mudou a forma de enxergar a educação, pressionando o Estado pela abertura de acesso ao ensino básico.

No país, em 1934 foi promulgada uma nova constituição, que pela primeira vez colocava a educação como direito de todos, devendo esta ser ministrada pela família e pelos poderes públicos. Com as mudanças econômicas e do alinhamento nacional ao processo de industrialização, observou-se que as reformas educacionais ocorridas entre os anos de 1930 a 1945 objetivaram adequar o sistema de ensino ao projeto nacional.

No campo educacional, o governo incentivou o desenvolvimento do ensino superior e médio. A grande meta era formar futuras gerações preparadas para assumir postos de trabalhos gerados com os avanços pretendidos no setor econômico. Paralelamente, também assegurou a criação de um ensino primário público, gratuito e obrigatório. Além disso, defendia o ensino religioso nas escolas e o uso de diferentes

grades curriculares para meninos e meninas[50].

Uma pressão que foi ampliada pela luta ao acesso em nível superior no final do século XX e início do XXI. A legislação educacional evoluiu, acompanhando a tendência em conceber a educação como direito de todos e dever do Estado, balizada por uma construção coletiva garantidora e facilitadora do acesso ao ensino. A prática educacional também apresenta características peculiares em determinados períodos, evoluindo de acordo com as transformações sociais e culturais.

A escola tradicional, onde o desenho relacionava-se com a preparação do aluno para o trabalho, enfatizando a linha, o contorno e a reprodução de modelos propostos pelo professor. A escola nova, onde a arte defende a livre expressão e a expressão espontânea. A escola libertadora, onde a arte segue ações interdisciplinares. A escola crítico-social dos conteúdos, onde o professor deve ter domínio sobre o assunto sabendo ensinar a arte ou ser professor de Arte. Na educação, a arte possui uma extensa jornada, mas foi amparado em lei somente na década de 1970 através da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 que tornou obrigatória a disciplina de Educação Artística nos estabelecimentos de 1º e 2º graus, atualmente Ensino Fundamental e Médio. Segundo o entendimento dessa lei, a arte era considerada apenas uma atividade educativa, não efetivamente uma disciplina. Em 20 de dezembro de 1996, essa lei foi revogada pela Lei 9394 que, em seu artigo 26 parágrafo 2, menciona o ensino da arte como componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica.

3.5.1 Legislações da educação no Brasil

Legislação é um corpo de leis que regulariza determinada matéria ou ciência, ou ainda um conjunto de leis que organiza a vida de um país, ou seja, o que popularmente se chama de ordem jurídica e que estabelece condutas e ações aceitáveis ou recusáveis de um indivíduo, instituição, empresa, entre outros.

Durante o período colonial, a educação não foi uma prioridade para o governo português. Mesmo na metrópole não havia uma legislação específica para a educação ou a garantia de acesso ao que hoje chamamos letramento. Havia sim uma série de proibições

[50] http://brasilescola.uol.com.br/historiab/constituicao-1934.htm Acesso em: 29/ nov./ 2016.

que visavam exercer controle social e político sobre a colônia.

A partir da Independência do Brasil, em 1822, a despeito de continuar inexistente uma legislação educacional, a Constituição de 1824 deu continuidade ao projeto pensado por D. João VI. A chamada Constituição de Gaveta, pensada pelo próprio Imperador, que dissolveu a Assembleia Constituinte. Ele fez a Constituição com a colaboração de uns poucos elementos de sua confiança, demonstrando uma tímida preocupação com a educação (Ramos, 2011, p.02).

Dentre outros direitos básicos, o título 5º. - "Das disposições gerais, e garantias dos direitos civis, e políticos dos cidadãos brasileiros"-, em seu artigo 179, no item 32, afirmava ser direito dos súditos do Imperador "a instrução primária, e gratuita".

> Segundo dados da época, apenas 3% da população brasileira tiveram acesso às escolas primárias gratuitas, estando fixado neste ponto o dualismo educacional que persiste até hoje, com o ensino público de um lado e o privado do outro. Tentando contornar a situação, uma lei, promulgada em outubro de 1827, determinou a criação de escolas elementares em "todas as cidades, vilas e lugarejos (Ramos, 2011, p. 02).

Neste período em que os primeiros passos da educação no Brasil estava sendo iniciados a legislação já citava a importância das Artes no ensino.

Trinta anos após essa primeira tentativa de legislação em 1854, D. Pedro II tentou reformular o ensino, promulgando decretos que modificaram a estrutura da educação e os conteúdos ministrados. O ensino primário foi padronizado com duração total de quatro anos, dividido em elementar e superior. No elementar eram ministradas as disciplinas de instrução moral e religiosa, leitura e escrita, noções elementares de gramática e princípios de aritmética e sistemas de pesos e medidas.

No superior essas mesmas disciplinas se desdobravam, originando dez outras, tal como história, geografia, entre outros. Para ingressar no secundário passou a ser exigido o diploma do primário. Neste sentido, o currículo do Colégio Pedro II, criado em 1837, foi adotado como parâmetro para a reorganização do secundário. Este último correspondia ao que hoje chamamos de Fundamental II e Médio, com duração de sete anos. É interessante notar que a Constituição de 1824 só garantia acesso gratuito ao ensino primário, equivalente ao atual Fundamental I, portanto, apenas quatro anos de escolarização. Era evidente a intenção do Estado de facilitar o acesso da população apenas

à alfabetização e letramento, assim como o domínio básico da matemática e demais áreas do conhecimento. (Ramos, 2011, p 02).

A Proclamação da República, em 1889, trouxe novas mudanças para a educação, sobretudo atreladas à Constituição de 1891. A nova Carta Magna, notabilizada pela laicização[51] do Estado, pela separação entre política e religião, não mencionava a gratuidade da educação, tocava na questão do ensino de modo vago.

Novas mudanças tiveram que esperar até 1911, com a chamada reforma Rivadário Corrêa, nome do titular do Ministério da Justiça e dos Negócios Interiores. A educação estava então subordinada à pasta, não tendo um Ministério próprio.

O Decreto n° 8.659 de 5 de abril de 1911, a Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental, que foi complementada pelo Decreto n° 838 de 20 de outubro do mesmo ano. A reforma propunha a formação do cidadão ao invés de uma educação preparatória para o ensino superior, até porque este foi elitizado. "Na prática a lei conferiu total liberdade de organização e gestão aos estabelecimentos de ensino, referendando a não obrigação do Estado em oferecer educação gratuita, pois a presença dos alunos se tornou facultativa". (Ramos, 2011, p. 04).

Uma reforma, em 1915, pela Lei n° 11.530, extinguiu os privilégios dos concluintes do Ginásio Nacional, os quais entravam direto nas faculdades, sem prestar exames. A lei instituiu os "exames vestibulares" como forma de ingresso nas faculdades, passando a exigir também o certificado de conclusão do curso ginasial (atualmente Fundamental II ou séries finais).

O Estado Novo de Getúlio Vargas, segundo Ramos, trouxe inúmeros avanços para a educação brasileira, dentre os quais uma legislação específica, quando pela primeira vez o debate em torno da questão mencionava a necessidade de uma Lei de Diretrizes, a qual, posteriormente, iria compor a LDB. Pressionado pela Revolução Constitucionalista de 1932, Vargas acabou promulgando uma nova Constituição em 1934. Esta sofreu forte influência do "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", um movimento iniciado em 1932 por vinte e seis intelectuais que defendiam a educação como função essencialmente pública, gratuita, obrigatória, laica e única, desde o jardim da infância até a universidade,

[51] Toda sociedade Laica é aquela que não possui religião e afasta de si os preceitos religiosos. A Laicização é o processo pelo qual a sociedade torna-se laica sem incentivos religiosos ou o pragmatismo natural das religiões.

dos quatro anos aos dezoito anos de idade. (Ramos, 2011).

A Constituição de 1934, logo nas "Disposições Preliminares", no capítulo I, artigo 5º, que relata o que "Compete privativamente à União", no inciso XIV, afirmava que o Estado deveria "traçar as diretrizes da educação nacional". Portanto, admitindo a necessidade de uma legislação específica sobre a educação, o que, posteriormente daria origem à LDB.

A educação era entendida como agregando fatores da vida moral e econômica, além do desenvolvimento do "espírito brasileiro" e da "consciência da solidariedade humana". A despeito de não mencionar a cidadania, este último artigo, junto com o artigo n° 113, deixava subentendido que seria função da escola formar o cidadão. Entretanto, o artigo n° 150, que fixava a fiscalização da educação em todos os níveis, em parágrafo único, afirmava que seria obrigatório e gratuito somente o ensino primário. O artigo n° 150 mencionava uma "tendência à gratuidade do ensino educativo ulterior ao primário", mas não garantia acesso ao ginásio. Na prática apenas o acesso a quatro anos de escolarização era garantido pela Constituição.

Destaco aqui o artigo n° 148 que afirmava a preocupação com o desenvolvimento das ciências, das artes, das letras e da cultura em geral. Cabe à escola voltar a buscar subsídios para o envolvimento dessa disciplina.

A Constituição de 1937 marcou algumas alterações na maneira de conceber a educação brasileira. Uma das principais mudanças foi efetivada pelo artigo n° 130, o qual mantinha o ensino primário como obrigatório e gratuito. Aqui já encontramos a obrigatoriedade do ensino e artes através da realização de trabalhos manuais nas escolas.

Dentro do âmbito da Constituição de 1937, o Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, tentou reformar a educação por meio de uma série de decretos promulgados entre 1942 e 1946, inseridas nas denominadas Leis Orgânicas do Ensino.

A carência de mão de obra nas indústrias fez também a legislação favorecer o ensino técnico profissionalizante, com a criação do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) em 1942. Depois da queda de Vargas, em 1946, foi fundado também o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). Igualmente em 1946, foi instituído o ensino supletivo de dois anos, tentando diminuir o elevado índice de analfabetismo entre jovens e adultos. Pela mesma altura foi criada a Escola Normal, ou magistério, (equivalente hoje ao ensino médio), com duração de três anos, porém o

objetivo deste ensino estava destinado a formar professores para o primário.

No período de 1937 a 1945 o estado político ditatorial implantado no Brasil, afastando das cúpulas diretivos educadores de ação renovadora, entravou o desenvolvimento da arte-educação e solidificou alguns procedimentos, como o desenho geométrico na escola secundária e na escola primária, o desenho pedagógico e a cópia de estampas usadas para aulas de composição em língua portuguesa. (Barbosa, 2007).

Em 1946, o Brasil teve sua 5º. Constituição promulgada, marcada pela redemocratização e o conceito de cidadania, vinculado em significativas melhorias na conquista de liberdades individuais.

Depois, em 1959, o deputado Carlos Lacerda apresentou um substitutivo vetando monopólio do ensino estatal, defendendo a continuidade da educação privada, que deveria permanecer convivendo com o ensino público e gratuito oferecido pelo poder governamental.

O golpe militar de 1964, que depôs João Goulart, deu início aos chamados anos de chumbo, um período caracterizado por forte repressão à liberdade de expressão, influenciando diretamente a legislação educacional. A Constituição de 1946 passou a sofrer uma série de emendas, até ser suspenso por seis meses pelo Ato Institucional nº1 (AI-1), sendo substituído pela Constituição de 1967, promulgada pelo Ato Institucional Nº. 4 (AI-4) (Ramos,2011).

A Lei n° 5.540/68 instituiu também o curso básico, com cursos de curta e longa duração, demonstrando uma tendência em centralizar o ensino médio em torno da profissionalização. As grandes modificações estruturais foram efetivadas pela LDB de 1971, quando a educação foi dividida no ensino de 1º e 2º Graus. O primário foi agregado ao ginásio, cada qual com quatro anos, compondo o 1º Grau; enquanto o ensino médio, com duração de três anos, sendo chamado de 2º Grau; já que o ensino superior passou a ser considerado o 3º Grau. A LDB fixou como 180 dias o mínimo para compor o ano letivo, excetuando períodos de provas e 90 dias de trabalho escolar. Assim como determinou a frequência mínima em 75%, minimizando as disciplinas de humanas, extinguindo filosofia e sociologia do 2º Grau, introduzindo como obrigatórias: educação física, educação moral e cívica, educação artística e programa de saúde. (Ramos, 2011, p. 10).

Depois do processo de abertura e redemocratização do Brasil, em 1985, após

algumas iniciativas pontuais em alguns Estados, foi a Constituição de 1988 que tentou reformar a educação no Brasil.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB n° 9394/96) é a legislação que regulamenta o sistema educacional público ou privado do Brasil da educação básica ao ensino superior. Na história do Brasil, essa é a segunda vez que a educação conta com uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que regulamenta todos os seus níveis. A primeira LDB foi promulgada em 1961 (LDB n° 4024/61). A LDB n° 9394/96 reafirma o direito à educação, garantido pela Constituição Federal. Estabelece os princípios da educação e os deveres do Estado em relação à educação escolar pública, definindo as responsabilidades, em regime de colaboração, entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios. Segundo a LDB n° 9394/96, a educação brasileira é dividida em dois níveis: a educação básica e o ensino superior.

No artigo n° 26, que trata dos currículos do ensino fundamental, é chamada base nacional comum. Abrange "o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil" (Carneiro, 2014, p. 98), o ensino da arte e a educação física. Deve ser complementada, entre outros itens, pela cultura, em suas características regionais e locais.

Segundo o artigo citado acima encontramos a disciplina de artes indo ao encontro da preservação do contexto cultural e regional do município de Embu das Artes.

O parágrafo 2° desse artigo, "o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (LDB nº 9.394/96). Portanto todas as escolas devem manter em seu currículo esta disciplina, e cabe aos professores desenvolverem em seus planejamentos atividades para que nesse estudo cultural sejam mantidas as tradições da cidade.

Ainda sobre o artigo n° 26, Carneiro (2014) destaca a flexibilidade do currículo, proposta na nova LDB, considerando-a uma tendência contemporânea que prevê a diversificação de fontes para a sua construção. As fontes do currículo incorporam traços socioculturais (carências do aluno da sociedade), traços epistemológicos (características particulares das disciplinas e das articulações das disciplinas configurando uma área de conhecimento), traços psicopedagógicos (especificidades psicoevolutivas dos alunos e respectivas competências). A referência a conteúdos curriculares específicos [...] deve ser

interpretada como uma preocupação de se construir um currículo ativo, contemporâneo e empolgante, não apenas pela inclusão de disciplinas de base como Português e Matemática, mas também de disciplinas que ajudem a situar o aluno no mundo físico e em sua cultura. (Carneiro, 2014, p. 102)

O artigo n° 32 da LDB nº 9.394/96 apresenta como objetivos do ensino fundamental o desenvolvimento da capacidade de aprender, além da leitura, da escrita e do cálculo, sobre o ambiente natural e social, sobre a tecnologia e as artes. Também são citados aqui a formação de atitudes e valores, os vínculos de família, solidariedade e tolerância, além da aquisição de conhecimentos e habilidades. Ao falar de currículo, Carneiro (2014) lembra o artigo 9 da LDB nº 9.394/96, que prevê no inciso IV, entre outras incumbências da União, a de "estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar a formação básica comum"(LDB nº 9.394/96). Esse inciso foi atendido com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, como demonstra o autor.

No cumprimento do que estabelece o Art.9º, Inc. IV da LDB, o MEC elaborou, através da Secretaria de Ensino Fundamental, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, buscando sinalizar referências nacionais comuns ao processo educativo. Aqui se busca apontar o universo de conhecimentos identificados como indispensáveis ao exercício da cidadania. Neste sentido, a visão dos conteúdos deve ultrapassar os conceitos, pela incorporação de procedimentos, atitudes e valores como formas de conhecimento tão úteis quanto os aspectos teóricos abordados tradicionalmente (Carneiro, 2014).

Vale ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um "material de referência para a reflexão da prática" (Carneiro, 2014, p.113), indicam pontos em que a aprendizagem deve ser comum, em todo o ensino fundamental, mas devem ser "refinalizados em propostas regionais por Estados e Municípios" (Carneiro, 2014, p. 113) como forma de respeitar a pluralidade cultural do país. Outro ponto novamente a ser destacado: as características regionais, cabendo ao professor em especificar em seu planejamento o trabalho a ser desenvolvido para manter a cultura artística e histórica do município.

Cabe aqui a intervenção neste parágrafo ressaltando o desenvolvimento dessa

pesquisa, indo ao encontro dos PCNs, para que as propostas regionais de cada município possam ser desenvolvidas e adequadas dentro da realidade da cidade, respeitando as características regionais e culturais, dentro do trabalho a ser desenvolvido pelas escolas e educadores.

Prosseguindo em sua leitura sobre a LDB, Carneiro (2014) fala sobre as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio, cujos princípios norteadores são, entre outros, o desenvolvimento da estética da sensibilidade e a igualdade no acesso aos bens sociais e culturais. Para isto, a "organização escolar e a constituição curricular" (p. 123) devem estar "cimentadas nos princípios estéticos, políticos e éticos" (p.123), considerando os conhecimentos como "insumos fundamentais de interpretação da História Cultural das sociedades" (p. 123). E como princípio de organização do currículo, as diretrizes apontam para a *interdisciplinaridade* e para a *contextualização* enquanto formas de trabalho educativo que podem "ultrapassar a convenção propositiva de disciplinas ou de áreas, mediante uma proposta pedagógica sintonizada com o perfil dos alunos" (Carneiro, 2014, p. 124).

3.5.2 A LDB – Perspectiva da Arte

A LDB nº 9.394/96 organiza todos os níveis de ensino e prevê, para a educação básica, o ensino da arte, determinando como sua finalidade o desenvolvimento cultural dos alunos. Essa prescrição nos leva a buscar os conceitos de arte e cultura para compreendermos o que enseja o discurso legal em questão.

O ensino de Arte foi incluído no currículo escolar pela LDB de 1971, com o nome de Educação Artística, ainda como "atividade educativa" e não como disciplina. Em 1988, ano da nossa atual Constituição Federal, em meio a discussões sobre educação, sofreu ainda riscos de ser excluído do currículo escolar, fato que levou educadores da área a organizarem manifestações a fim de garantir a permanência do estudo das artes nas escolas.

Finalmente, com a atual Lei de Diretrizes e Bases, foram revogadas disposições anteriores e a matéria "Artes" foi reconhecida como disciplina, tendo seu ensino se tornado obrigatório na educação básica, conforme citado no parágrafo 2ºdo artigo 26. Atualmente, a matéria se compõe do ensino de Artes Plásticas, Artes Cênicas, Dança e Música, que se tornou obrigatória a partir de 2008 com o advento da Lei Federal n° 11.769.

O artigo n° 26 da LDB nº 9.394/96 trata da organização dos currículos do ensino fundamental e médio, determinando que eles devam ser constituídos por uma base comum e uma parte diversificada. Na base comum, a Lei situa as disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências, Arte e Educação Física. Na parte diversificada, a Lei sugere o ensino de línguas estrangeiras e outras disciplinas que contemplem características regionais e locais.

Atualmente, o artigo se apresenta com o complemento intitulado artigo n° 26-A, que determina a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, "em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras" (LDB nº9.394/96). Outro acréscimo, mais recente, é o §6, que torna obrigatório o ensino da música, afirmando que esta deve ser um dos conteúdos da disciplina de Arte. Entretanto, o ponto específico que motiva esta pesquisa é a última parte do §2, do artigo n° 26. Quando a Lei maior da educação brasileira coloca *'de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos'*, entendemos que o documento esteja formulando um objetivo para o ensino da arte, uma proposição para a educação dos cidadãos no que diz respeito a uma das formas de expressão humana: as várias linguagens da arte. Partindo desse pressuposto –de que a Lei pretende que a educação promova o desenvolvimento cultural a partir do ensino das várias linguagens da arte –procuramos, no texto da LDB nº9.394/96, em sua íntegra, visualizar a concepção de cultura e as preocupações que o documento revela quanto ao desenvolvimento cultural de crianças, jovens e adultos.

A palavra cultura aparece cerca de dezessete vezes, incluindo nesse número as palavras derivadas dela, como intercultural, cultural, sociocultural, entre outras. Outras vezes o texto remete ao conceito de cultura utilizando outras expressões que a caracterizam como produto da ação humana para o convívio na sociedade, como, por exemplo, no inciso IV do art. 3º: "respeito à liberdade e apreço à tolerância" (LDB nº9.394/96) ou "conhecimento das formas contemporâneas de linguagem" (LDB nº9.394/96), escrito no art. n° 36º, §1, inciso II (Baumer, 2009, p 68).

A ideia é que a própria organização escolar e a constituição curricular flexível, cimentadas nos princípios estéticos, políticos e éticos, adotem a inteligência de que os conhecimentos de teor histórico-geográfico, socioeconômico, jurídico, psicológico e antropológico constituem insumos fundamentais de interpretação da História Cultural das sociedades e, portanto, instrumentos de sinalização e clarificação dos contornos do pensamento e do conhecimento nas transações e confrontações da atividade humana. (Carneiro, 2014, p. 123).

Baumer (2009) entende que os conhecimentos que circulam nas atividades da escola constituem, antes de tudo, um conjunto de recursos básicos para compreender as culturas, ou seja, para compreender os modos como as pessoas desenvolveram e desenvolvem suas formas de viver em sociedade.

Ao analisar os PCNs, Carneiro verifica a intenção dos documentos norteadores da educação envolve a formação para a cidadania e, nesse sentido, ressalta que "a visão dos conteúdos deve ultrapassar os conceitos, pela incorporação de procedimentos, atitudes e valores como formas de conhecimento tão úteis quanto os aspectos teóricos abordados tradicionalmente" (Carneiro, 2014, p. 112).

Por essas afirmações, entende-se a concepção de cultura presente na LDB nº 9.394/96 como o produto da ação humana sobre os vários aspectos de sua vida cotidiana. E entende a preocupação do documento em fazer com que os alunos interpretem as culturas, situem-se no momento de sua própria cultura e sintam-se capazes de, no interior delas, constituírem-se autores, sujeitos.

Baumer (2009) faz duas citações apresentando uma abordagem filosófica, da cultura como a formação humana completa, ao contrário de uma formação especializada (Abbagnano, 2000); e uma formação que pode nos direcionar para fins mais elevados do que a própria natureza (Kant, 2008).

Segundo esses autores, a cultura, enquanto formação humana, propicia uma educação pela qual as pessoas possam pensar além de seus próprios interesses, colocarem-se em posição de receptividade e abertura para as diferenças e se sentirem potencialmente capazes de enfrentar os problemas, que em sua maioria, reúnem fatores múltiplos e amplos (Baumer, 2009, p. 70).

Hall (2006) alerta para "coisas que não aparecem usualmente na discussão da cultura" (p. 235), como a questão do capital, do trabalho, das instituições, dos coletivismos, da formação de um novo estado educativo, de uma nova recreação, de uma nova dança, de uma nova música. Fala também do poder cultural que se constitui de "meios de fazer cultura nas mãos de poucos" (Hall, 2006, p. 238). O poder cultural e a indústria cultural se retroalimentam. No entanto, Hall (2006, p. 238) diz que "essas definições não têm o poder de encampar nossas mentes; elas não atuam sobre nós como se fôssemos uma tela em branco. Contudo, elas invadem e retrabalham as contradições internas dos sentimentos e percepções".

> Na realidade, o que vem ocorrendo frequentemente ao longo do tempo é a rápida destruição de estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo. A *transformação cultural* é um eufemismo para o processo pelo qual algumas formas e práticas culturais são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas. Em vez de simplesmente *caírem desuso* através da Longa Marcha para a modernização, as coisas foram ativamente descartadas, para que outras pudessem tomar seus lugares (Hall, 2006, p. 232).

Segundo a percepção de Baumer 2009, a LDB nº 9.394/96, acredita na educação como meio de promover o desenvolvimento cultural das pessoas que pode culminar em ações que visem a contribuir para a construção da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, ultrapassa os limites geográficos e políticos do país quando espera que, na escola, as pessoas aprendam, em tempos de globalização, a conhecer, compreender e respeitar os valores diferentes de outras culturas existentes no mundo. No artigo n° 27, inciso I, a Lei determina que os conteúdos curriculares devam observar "a difusão de valores fundamentais ao desenvolvimento social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática" (LDB nº 9.394/96). O artigo n° 32, incisos II e III, afirma que o ensino fundamental terá como objetivo a formação básica do cidadão mediante [...] a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; [...] o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores (LDB nº 9.394/96).

Para a disciplina de Artes, agora considerada componente curricular obrigatório em todos os níveis da educação básica, a Lei estabelece claramente como objetivo a promoção do desenvolvimento cultural dos alunos.

Passamos, então, a analisar a relação entre o ensino da arte e o desenvolvimento cultural com Pareyson (2001), Laraia (2003) e Moreira e Silva (2006) apresentados em Baumer (2009).

Segundo Laraia (2003, p. 63), "estudar cultura é, portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura". A arte, em todas as suas formas de expressão, se apresenta por códigos e símbolos e revela conhecimentos e sentimentos de seus contextos históricos e sociais. Essas são afirmações que justificam a presença do ensino da arte na escola, entretanto recorremos à filosofia, com Pareyson (2001), para reforçar sua importância:

> Grande e insubstituível é a função de uma história da arte: por um lado, ela determina o nexo da arte com as outras manifestações de uma mesma civilização e, por outro, determina o lugar de uma obra, ou de um artista, no interior de uma tradição artística. Assim fazendo, contribui tanto para a compreensão e avaliação da arte como tal quanto para o incremento e enriquecimento da história geral [...] e, ao traçar a história da arte, contribui para uma revelação mais ampla e compreensão mais profunda da civilização humana no seu caminho. (Pareyson, 2001, pp. 147-148).

Moreira e Silva (2006) ultrapassam a questão do conhecimento acumulado a ser transmitida, como a história da arte, citada por Pareyson (2001) na citação acima. Para eles, o currículo não é o veículo de algo a ser transmitido e passivamente absorvido, mas o terreno em que ativamente se criará e produzirá cultura. O currículo é, assim, um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação, recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão (Moreira & Silva, 2006, p. 28).

Para Baumer (2009) ao perceber a ênfase dos documentos norteadores da educação sobre a apreciação e a contextualização da arte na escola é de que a arte como conhecimento, proposto por Pareyson, esteja sendo privilegiada. Ao falar sobre o conceito de arte, alerta que na definição de "arte como conhecimento, visão, contemplação [...] o aspecto executivo e exteriorizador é secundário, se não supérfluo" Pareyson (2001, p. 22).

O fato de se haver acentuado o caráter cognoscitivo e visivo, contemplativo e teorético da arte contribuiu para colocar em segundo plano seu aspecto mais essencial e fundamental que é o executivo e realizador, com grave prejuízo para a teoria e prática da arte (Pareyson, 2001, p. 24).

Por outro lado, pensamos que oportunizar o aprendizado de um fazer técnico na pintura, escultura, fotografia, cerâmica, teatro, dança e música na escola é oportunizar o desenvolvimento de capacidades e habilidades específicas da criança, do jovem e do adulto. A tendência é eleger uma das alternativas como a mais adequada, no entanto Kant (2008) apresenta em seus estudos uma relação de concordância e complementação entre o desenvolvimento de habilidades e o desenvolvimento do juízo de gosto pelo belo. O desenvolvimento das habilidades necessárias para expressar alguma ideia artística pode tornar essa expressão mecânica, se não for acompanhada de um estudo sobre o fazer e expressar arte na história dos povos e nações (Baumer, 2009, p. 72).

E o artigo n° 22 da LDB nº 9.394/96 determina que "a educação básica tem por

finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores" (LDB nº 9.394/96). A Lei maior sobre a educação no país não está preocupada com a elevação cultural pura e simples das pessoas, mas com sua cidadania, sua participação na sociedade, e inclui o ensino da arte na busca por essa conquista.

Por meio dessas leituras, concluímos que é necessário o desenvolvimento de habilidades diversas na escola, porém Abbagnano (2000) diz que: Competências específicas, habilidades particulares, destreza e precisão no uso de instrumentos, materiais ou conceituais, são coisas úteis, aliás, indispensáveis à vida do homem em sociedade e da sociedade no seu conjunto, mas não podem, nem de longe, substituir a cultura entendida como formação equilibrada e harmônica do homem como tal (Abbagnano, 2000, p. 227).

Para Baumer (2009) a cultura não é equilibrada nem harmônica, é desigual, conflituosa, envolvida em lutas pelo poder; um complexo nada calmo e pacífico. Entretanto, acreditamos que a educação deve primar pela compreensão e aceitação das diferenças, resultando na diminuição dos conflitos. Hall (2006), preocupado com as questões multiculturais, reconhece que "os espaços conquistados para a diferença são poucos e dispersos [...] policiados e regulados" (p. 321) e se interessa por estratégias culturais "capazes de efetuar diferenças e de deslocar as disposições de poder" (p. 321).

Se a Lei maior da educação no país espera que o ensino da arte promova o desenvolvimento cultural dos alunos, pensamos que a disciplina curricular deve extrapolar o simples fazer artístico e propiciar aos educandos o desenvolvimento do juízo de gosto pelo belo, ou seja, uma educação estética entendida aqui como análise, investigação e especulação sobre a arte e o belo, nos termos propostos por Abbagnano (2000).

A partir do estudo de Kant (2008) acreditamos que é possível nos aproximarmos das artes agradáveis por nossas sensações e juízos de valor que lhes atribuímos e, assim, conhecer uma dimensão da arte que é o fazer arte a partir do prazer que isso nos traz. Da mesma forma, é possível conhecer as artes belas pela apreciação e contextualização histórica dos diversos momentos em que a humanidade utilizou dessa linguagem para expressar pensamentos e sentimentos sobre sua vida e a vida coletiva em sua sociedade. O filósofo parece privilegiar a segunda forma de arte, porque esta utiliza a razão. (Baumer, 2009, p. 73).

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem

como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (Brasil, 2000, p. 7).

A obra de arte, como filha de seu tempo, e, portanto, como expressão da alma de um determinado povo ou de uma determinada época, pode ser considerada como documento de uma nação ou de uma idade: por um lado, para ser compreendida, ela exige ser colocada no seu tempo e interpretada à luz do espírito da época; por outro lado, contribui para dar a conhecer a sua época, em todas as suas diversas manifestações espirituais, culturais, políticas, morais, religiosas, entre outros (Pareyson, 2001, p. 126).

Converge também com os estudos de Hall (2006, p. 240), que alerta para o fato de que "a escola e o sistema educacional são exemplos de instituições que distinguem a parte valorizada da cultura, a herança cultural, a história a ser transmitida, da parte *sem valor*".

O município de Embu das Artes patrimônio histórico cultural, complexo por suas raízes, descendências artísticas e tradições, necessita que as artes ensinadas dentro do contexto escolar possam ser trabalhadas, estimulando e propiciando estratégias para que essa miscigenação cultural seja continuada para a presevação da história e das artes dos munícipes.

3.5.3 PCN's –Parâmetros Curriculares Nacionais

Além da LDB, o Governo Federal formulou os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), servindo como referência para a elaboração dos currículos escolares do ensino fundamental e médio, das redes pública e particular.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) encontram-se entre os documentos oficiais elaborados pós-LDB pelo Ministério da Educação (Oliveira 1998), e é uma referência nacional para o ensino fundamental; estabelecendo uma meta educacional para a qual devem convergir as ações políticas do Ministério da Educação. Seu objetivo é o de "propiciar aos sistemas do ensino, particularmente aos professores, subsídios à elaboração e/ou reelaboração do currículo, visando a construção do projeto pedagógico, em função da cidadania do aluno" (Brasil 1997).

Os livros, cada um dedicado a uma das disciplinas ministradas no ensino fundamental, estão agrupados em dois grupos: Primeiro Volume -Primeiro e Segundo Ciclos, abrangendo da primeira à quarta série; Segundo Volume - Terceiro e Quarto

Ciclos, abrangendo da quinta à oitava série. As discussões relacionadas à elaboração dos PCNs remontam ao ano de 1995, mas o Primeiro Volume só foi publicado em 1997, enquanto que o Segundo Volume foi publicado posteriormente, em 1998.

A estrutura dos volumes dedicados ao ensino das Artes difere pouco, sendo basicamente divididos em duas partes. Na Primeira Parte há uma caracterização geral da área de Artes, abrangendo uma perspectiva histórica das Artes na sociedade ocidental e no Brasil, assim como uma visão diacrônica das diferentes perspectivas relacionadas ao ensino das Artes nas escolas regulares, e os objetivos gerais para Arte no Ensino Fundamental. Na Segunda Parte, cada área (Artes visuais, Dança, Música, Teatro) recebe atenção individualizada, com objetivos específicos, e sugestões de atuação específicas. Por fim, há um capítulo relativo aos valores, normas e atitudes direcionadoras do ensino de Artes na escola regular, sem esquecer-se de mencionar sugestões de formas de avaliação.

Os PCNs (2000) se referem sempre ao ensino da arte em quatro linguagens artísticas –artes visuais, música, teatro e dança –e suas relações entre si, com a sociedade e com a cultura. Espera que durante o ensino fundamental os alunos tenham a oportunidade de "desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, *estética*, de inter-relação pessoal e de inserção social" (PCN, 2000, p. 8).

Nesse sentido, os PCNs estabelecem como um dos objetivos para o ensino fundamental que os alunos possam "utilizar as diferentes linguagens –verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados" (PCN, 2000, p. 8).

Ao iniciar a leitura dos PCNs de Artes nos deparamos com essa afirmação:

> O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar. A realização de trabalhos pessoais, assim como a apreciação de seus trabalhos, os dos colegas e a produção de artistas, se dá mediante a elaboração de idéias, sensações, hipóteses e esquemas pessoais que o aluno vai estruturando e transformando, ao interagir com os diversos conteúdos de arte manifestados nesse processo dialógico. Produzindo trabalhos artísticos e conhecendo essa produção nas outras culturas, o aluno poderá compreender a diversidade de valores que orientam tanto seus modos de pensar e agir como os da sociedade. Trata-se de criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer o entendimento da riqueza e diversidade da

> imaginação humana. Além disso, os alunos tornam-se capazes de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo e decodificando formas, sons, gestos, movimentos que estão à sua volta. O exercício de uma percepção crítica das transformações que ocorrem na natureza e na cultura pode criar condições para que os alunos percebam o seu comprometimento na manutenção de uma qualidade de vida melhor. A dimensão social das manifestações artísticas revela modos de perceber, sentir e articular significados e valores que orientam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte estimula o aluno a perceber, compreender e relacionar tais significados sociais (PCNs ,1988, p. 18).

Transportamos essas colocações para a pesquisa aqui desenvolvida, cujo interesse é que os alunos possam desenvolver em sua disciplina atividades que venham resgatar a natureza histórica da cultura social e artística de seu município.

É importante lembrarmos que, após vinte e cinco anos de um ensino de Artes polivalente, após a Lei 5692/71, que instituiu a Arte-Educação nas escolas brasileiras (Oliveira 1998), onde um único professor era o responsável pelo ensino de todas as áreas artísticas, a LDB de 1996, traz uma grande mudança, tornando obrigatório o ensino de Artes, porém dividida em cada uma das modalidades artísticas já especificadas. É nesse contexto que surgem os PCNs, como uma forma de orientar a ação pedagógica de cada uma das áreas de Artes, nas salas de aula. No texto referente à área de música dos PCNs-Artes, há visíveis progressos em relação à visão do que seja música, e de como pensar a prática pedagógica em música, se comparados com a visão tradicional. Entre os principais pontos positivos constantes nos PCNs-Arte/Música, está a aceitação da pluralidade musical, sugerindo a utilização da música de forma indiscriminada, a contextualização das aulas de música com a realidade da escola, incentivando músicas e produtos culturais da cultura local e músicas do cotidiano.

No documento PCNs-Artes, foram elaborados os moldes que o ensino de Artes deveria seguir. Os parâmetros curriculares, para todos os ciclos do ensino fundamental são bastante abrangentes. Foram propostas como guias quatro modalidades artísticas: artes visuais, música, teatro e dança.

Segundo os PCNs (2000), as características do ensino da arte na escola tradicional envolviam a transmissão de padrões e modelos das culturas predominantes, a valorização de habilidades manuais, os dons artísticos, os hábitos de organização e precisão, os exercícios e modelos convencionais constantes nos livros didáticos. O ensino se fundamentava em uma visão utilitarista, voltado para o domínio técnico e centrado no professor. As disciplinas dividiam-se em Desenho Geométrico, Desenho Natural e Desenho Plástico, que visavam à qualificação para o trabalho. O Teatro e a Dança

apareciam apenas nas festividades escolares e datas comemorativas enquanto a Música tinha o objetivo de difundir o civismo e a coletividade. A teoria musical fundamentava-se nos aspectos matemáticos e visuais da música.

As mudanças suscitadas durante esse período começam a se efetivar, segundo os PCNs, trazendo para a aula de Artes Plásticas, um caráter expressivo, buscando a espontaneidade e valorizando o crescimento progressivo do aluno: invenção, autonomia e descobertas são as expectativas da nova proposta. Na música percebem-se outros enfoques: ela pode ser sentida, tocada, dançada, cantada, vivenciada em jogos e brincadeiras, instrumentos de percussão e expressão corporal com o desenvolvimento do improviso e da criação através do experimento.

Ao verificar o percurso do ensino das artes nas escolas durante as décadas anteriores nota-se que, em 1940 ao professor não cabia ensinar nada e a arte adulta era mantida distante da escola e da criança. Na década de 1960 iniciaram-se as reflexões sobre a livre expressão e sobre a valorização da arte como conhecimento. Na década de 1970, surgiu a afirmação de que é função do professor oportunizar e propiciar a aprendizagem (também artística) por meio de experiências na aula; ao mesmo tempo, reforçou-se a ênfase nas técnicas, com o pensamento, na educação, de que a escola deveria preparar os alunos para o mercado de trabalho (Baumer, 2009).

Na década de 1970, segundo os PCNs (1998), o ensino da arte mantinha os ranços da educação tradicional e escolanovista: modelo reprodutivo ou fazer expressivo, enquanto "conhecer mais profundamente cada uma das modalidades artísticas, as articulações entre elas e conhecer artistas, objetos artísticos e suas histórias não faziam parte de decisões curriculares que regiam a prática educativa em Arte na época"(p. 19). Nessa década além de orientar o trabalho com disciplina de arte na escola regular, demonstrou a intenção de favorecer os professores, despertando neles o desejo de mudança, a iniciativa inovadora e a possibilidade de reformular o ensino da arte.

Os PCNs (2000) registram que em 1971, pela LDB nº 5.692, a arte foi incluída no currículo escolar como atividade educativa e não disciplina. Aquela foi à era da Educação Artística, com a proposta da polivalência, na qual o professor de arte deveria trabalhar as várias linguagens da arte em suas aulas. No entanto, muitos foram os problemas para a efetivação dessa ideia, entre eles a falta de professores habilitados na área e a dificuldade de atuação dos professores habilitados em cursos com dois anos de duração apenas, que ofereciam estudos superficiais sobre a música, o teatro, as artes plásticas e a formação pedagógica. A proposta de professor polivalente culminou na "crença de que bastavam

propostas de atividades expressivas espontâneas para que os alunos conhecessem muito bem música, artes plásticas, cênicas, dança, etc" (Brasil, 2000, p. 29).

Segundo Penna (2001) os PCNs parecem preocupar-se mais com o conhecimento das várias linguagens artísticas como elementos integrantes das variadas culturas, ao contrário de uma pretensão sobre o desenvolvimento de habilidades necessárias ao fazer artístico, seja na música, nas artes visuais, no teatro ou na dança. Como ela mesma afirma ao comentar as orientações didáticas que os PCNs apresentam.

Os conteúdos da área de Arte, os PCNs (2000) manifestam o desejo de que o aluno "ao longo da escolaridade, tenha oportunidade de vivenciar o maior número de formas da arte; entretanto, isso precisa ocorrer de modo que cada modalidade artística possa ser desenvolvida e aprofundada" (p. 55). Ao sugerir a *vivência*, o documento nos leva a pensar na produção de sentidos que pode ser obtida por meio da criação, da fruição e contextualização pelo aluno, nas diversas linguagens artísticas.

A referência às linguagens artísticas (música, artes cênicas e artes visuais) é feita no documento com o uso do termo modalidade artística. Pareyson (2001), ainda na metade do século XX, já apresentava os termos *meio expressivo* e *linguagem artística* como definições da matéria artística ou da realidade física e estrutura técnica da obra de arte, o que nos ajuda a compreender que o documento, nesse trecho, sugere o fazer artístico nas diversas formas de expressão da arte. No entanto, Pareyson (2001), ao falar sobre o problema da técnica na arte, alerta para que esse *fazer* seja o "conhecimento da destinação artística de uma matéria e prática de sua manipulação artística" (p. 170), e compreendemos aqui uma referência ao desenvolvimento de habilidades para o trabalho com as imagens, as cores, os sons, as texturas, os volumes, o corpo, os objetos, enfim, o palpável na arte.

Penna (2009) considera a proposta dos PCNs abrangente, ambiciosa e complicada quando sugere uma prática pedagógica que envolva as quatro modalidades artísticas. O documento não explicita de modo claro como pode ser desenvolvido concretamente um trabalho com essas linguagens, deixando em aberto "a questão de quais linguagens artísticas, quando e como serão abordadas na escola" (p. 2). Segundo ela, a concretização das sugestões apresentadas depende da qualificação dos recursos humanos –valorização da prática profissional, formação continuada, acompanhamento pedagógico –e de recursos materiais específicos para cada linguagem da arte.

Sobre os conteúdos do ensino da arte, Penna (2001) extrai dos PCNs (1998) a sugestão de que estes sejam explicitados por meio das ações de produzir, apreciar e

contextualizar, assim especificadas: Produzir refere-se ao fazer artístico (como expressão, construção, representação) e ao conjunto de informações a ele relacionadas, no âmbito do fazer do aluno e do desenvolvimento de seu percurso de criação. (...) Apreciar refere-se ao âmbito da recepção, incluindo percepção, decodificação, interpretação, fruição de arte e do universo a ela relacionado. (...) contextualizar é situar o conhecimento do próprio trabalho artístico, dos colegas e da arte como produto social e histórico, o que desvela a existência de múltiplas culturas e subjetividades. (Brasil, 1998, p.50)

Segundo Penna (2001, pp. 41-42), "nos PCN-Arte é dada uma maior abrangência ao eixo da contextualização/reflexão, que não se restringe mais a uma mera contextualização histórica da obra apreciada, através da aplicação de conhecimentos da história da arte. [...] agora, abrange a própria atuação do aluno e a sua vivência cultural". Contextualizar, explica a autora, envolve a pesquisa e requer o domínio reflexivo pessoal e compartilhado que "favorece saber pensar sobre arte, em vez de operacionalizar um saber cumulativo na área" (p. 42).

Cada obra de arte é, ao mesmo tempo, um produto cultural de uma determinada época e uma criação singular da imaginação humana, cujo valor é universal. Por isso, uma obra de arte não é mais avançada, mais evoluída, nem mais correta do que outra qualquer (Brasil, 2000, p. 36).

Os PCNs (2000) entendem que o ensino da arte, em suas diversas linguagens, depende do investimento de municípios, estados e regiões, e sugerem uma relação de conteúdos para "garantir a presença e profundidade das formas artísticas nos projetos educacionais" ao citarem os professores de Artes como aqueles que "poderão reconhecer as possibilidades de interseção entre elas (as linguagens) para o seu trabalho em sala" (p. 62).

Os alunos precisam compreender o sentido do fazer artístico; que suas experiências de desenhar, cantar, dançar ou dramatizar não são atividades que visam distraí-lo da seriedade das outras disciplinas. Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetos de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. (Brasil, 2000, p. 44).

É importante valorizar os PCNs, reconhecendo, em suas propostas para o ensino da arte, a intenção de levar para a escola a possibilidade de conhecermos e apreciarmos as diversas manifestações artísticas das variadas culturas.

3.5.4 A formação do professor de Artes

Na década de 70 o Brasil, no campo educacional, revisa sua lei educacional maior, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional –LDB 4024/613. Essa lei é reformulada em 1968 (Lei n° 5.540/68 - reforma do ensino superior) e em 1971 (Lei n° 5692/71 - reforma da educação básica), a partir de um acordo entre o Ministério da Educação brasileiro e o estadunidense. Desse acordo, chamado MEC-USAID, surge a lei 5692/71. Instituindo a disciplina de Educação Artística, passando a ser obrigatória nas escolas primárias e secundárias da época.

Essa lei estabeleceu uma educação tecnologicamente orientada que começou a profissionalizar a criança na 7ª série, sendo a escola secundária completamente profissionalizante. Esta foi uma maneira de profissionalizar mão de obra barata para as companhias multinacionais que adquiriram grande poder econômico no País sob o regime da ditadura militar de 1964 a 1983.

No currículo estabelecido em 1971, as artes eram aparentemente a única matéria que poderia mostrar alguma abertura em relação às humanidades e ao trabalho criativo, porque mesmo filosofia e história haviam sido eliminadas do currículo. Neste período não havia cursos de arte-educação nas universidades, apenas cursos para preparar professores de desenho, principalmente desenho geométrico. Fora das universidades um movimento bastante ativo (Movimento Escolinhas de Arte) tentava desenvolver, desde 1948, a autoexpressão da criança e do adolescente através do ensino das artes. Em 1971, o "Movimento Escolinhas de Arte" estava difundido por todo o país com a maioria delas particulares, oferecendo cursos de artes para crianças e adolescentes e cursos de arte-educação para professores e artistas.

A Lei Federal que tornou obrigatória artes nas escolas, entretanto, não pôde assimilar, como professores de arte, os artistas que tinham sido preparados pelas Escolinhas, porque para lecionar a partir da 5ª série exigia-se o grau universitário que a maioria deles não tinha.

Para se formar os professores que atuariam nessa disciplina, foi criado, em 1973, pelo Governo, o curso de graduação em Educação Artística, com formação polivalente nas diversas linguagens artísticas. O profissional era formado em dois anos, no curso de Licenciatura Curta em Educação Artística e era habilitado a ensinar aos alunos de 1ª a 8ª série, (atualmente do 6º ao 9º ano) ou até, no segundo grau, (atualmente ensino médio),

as Artes Plásticas, Música, Teatro e Dança.

Os alunos formados nesses cursos prestavam concurso público, conforme a Lei Federal nº 5.692/1971, para lecionar da 5ª a 8ª série, ou no segundo grau. As então séries primárias (atualmente 1º ao 5º ano) ficaram sem professor especializado na área, logo, o ensino da música foi se minimizando em músicas cantadas em eventos da escola e em datas comemorativas. De acordo com Barbosa (2002a), essa formação polivalente é uma variante, reduzida e incorreta, do que era praticado nas escolas norte-americanas, que tinha por objetivo desenvolver a interdisciplinaridade ou também a chamada artes relacionadas.

Os cursos foram, com raríssimas exceções, implantados e trabalhados como um laissez-faire, um deixar fazer "qualquer coisa", partindo ora de uma sensibilização apenas primeira, ora de simplistas apropriações de sucatas e/ou "lixo-limpo"para grotescas reproduções copistas [...] (Frange, 2002, p.40).

O trabalho realizado em escolas especializadas de Artes influenciou a ação docente nesse período, quando o Ministério da Educação realizou um convênio com a Escolinha de Arte do Brasil - EAB. Este convênio visava preparar um representante das Secretarias de Educação de cada Estado, para posterior implantação dessa disciplina. (Barbosa, 2002, p.48).

Em 1977, o MEC criou o Programa de Desenvolvimento Integrado de Arte Educação (Prodiarte), com o objetivo de integrar a cultura da comunidade e da escola por meio de convênios com órgãos estaduais e universidades. O fato de a LDB de 1971 estipular a implantação de uma disciplina tão ampla no ensino regular (atualmente ensino fundamental) causou busca pela formação, o quanto mais rápida, de profissionais para atuarem nessa área. Isso desencadeou uma série de tentativas de formação de professores em grande escala sem antecedentes, o que causou grande críticas pelos profissionais da época. Observa-se que o Prodiarte foi uma tentativa de se inserir a Educação Artística nas escolas, assim como os cursos de graduação de licenciatura curta, os cursos rápidos e as parcerias com a EAB.

A referida Lei nomeava disciplinas e atividades de forma separada. Isso não trouxe o suporte necessário para a implantação e a valorização da Arte no contexto escolar e uma identidade para a disciplina de Educação Artística. Diante disso, dois perigos perpassavam a valorização da Arte na escola. "A ameaça estaria em considerar a Arte apenas como uma atividade. O outro perigo estaria em entender a criação como fator

afetivo, que intervém no ato de aprender" (Barbosa, 1990, p.111).

Segundo Silva (2016), a década de 1980, desgastada pelos movimentos populares que se reorganizam e propõem um forte movimento de mudança do contexto anterior, ou seja, da política educacional do governo militar, as organizações educacionais e culturais da sociedade civil iniciam uma pressão por mudanças nesse campo. Este é o pano de fundo do qual destacamos a LDB, a Lei nº 9394/96, que tramitou no Congresso por cerca de doze anos e que atualmente, também passa por reformas. Destacamos, em particular, as Leis nº10.639/2003 e 11.645/2008, que atingem diretamente a formação de professores de Artes. As Resoluções do Conselho Nacional de Educação/CP 01, de 10/02 de 2002, a de 19/02 de 2002 e a nº 01 de 16 de janeiro de 2009, que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação Artes Visuais, também assinalam caminhos para a formação de professores nos cursos superiores nas licenciaturas em geral e também de Artes.

Neste período de 1980 surge o movimento Arte-educação para valorizar o professor de Arte e pensar novas formas de aprimoramento de seu trabalho. Os conteúdos agora são reconhecidos como próprios da arte e ligados à cultura artística e não mais apenas como atividade. Nesta década foi marcada pela organização dos profissionais de Arte-Educação, que passaram a se reunir em encontros e em congressos e, consequentemente, formaram associações. Esses eventos, organizados em diferentes regiões do país, colocavam em pauta assuntos como a relação entre a Arte e a Educação, a Arte e a Vida, a Arte e Cultura e a Arte e a Comunicação.

A partir da LDB em vigor, várias legislações foram criadas com a intenção de ampliar as atividades docentes para além das atividades pedagógicas tradicionais. A atual LDB ainda muda o lugar do ensino de arte: transforma-a de atividade, com um cunho tecnicista, como era na Lei n° 5692/71, para componente curricular. O mesmo acontece com relação à concepção de polivalência na educação: dá lugar a um pensamento cognitivista da nova lei, mais adequado ao pensamento educacional da década de 1990.

A Federação dos Arte-Educadores do Brasil - FAEB – foi o instrumento de resistência dos arte-educadores na concretização do modelo de ensino da Arte na década de 1990. Poucos são os documentos que registram essa participação, porque ainda é pequena a tradição de registrar a história dos arte-educadores no Brasil. Barbosa, a partir das produções de 1978,1982, 1985, 1986, 1990 e 2008 foi pioneira nessa tarefa (Silva,

2016, p. 04).

A LDB n° 9394/96, que demorou cerca de dez anos para ser aprovada, vivenciou momentos de grandes conflitos entre o Fórum em Defesa da Escola Pública, no qual a FAEB tinha assento, e os interesses dos empresários do ramo educacional.

Saviani (1996) relata a entrada do projeto do senador Darci Ribeiro que propõe tirar o ensino de arte da matriz curricular colocando-o como atividade extraescolar e, por consequência, não obrigatória. Foi a FAEB que buscou mostrar aos parlamentares a necessidade de garantir o acesso ao Ensino de Arte nas escolas na matriz curricular obrigatória, justificando que fora da matriz curricular a disciplina poderia ter enfraquecida sua ação educativa.

Silva coloca que a necessidade do oferecimento do ensino de arte não polivalente, a partir da formação de professores por área (música, teatro, artes visuais, dança) e a defesa do espaço da Arte como componente curricular obrigatório garantiram o texto da atual legislação, que, longe de ser o que os educadores desejavam, retrata esse contexto de correlação de forças entre o movimento civil organizado e as bases políticas representadas pelos parlamentares.

Embora a década de 1990 tenha sido marcada pela construção da LDB, outras políticas do governo brasileiro interferiram no ensino de Arte. Não podemos negar igualmente que os educadores, as universidades e as instituições culturais e sociais tenham desempenhado um relevante papel ao inserir nas políticas educativas e culturais dos governos municipais, estaduais e federal importantes modificações. As transformações relativas ao fazer pedagógico dos professores de Arte, a partir da entrada da imagem e do seu processo reflexivo, são reconhecidas a partir da introdução no cenário educativo brasileiro da Proposta Triangular por Barbosa (1992).

Da mesma forma, não podemos esquecer do conjunto de mudanças na arte contemporânea que paulatinamente foram sendo inserido nos centros culturais fora do eixo Rio-São Paulo, movimento que ampliou as possibilidades de divulgação da produção de polos culturais mais afastados do centro do País. (Silva, 2016, p. 05).

O desenvolvimento e crescimento da pós-graduação ampliou a formação de pesquisadores na área de arte e seu ensino de forma eficiente a fim de suprir as universidades de profissionais qualificados e preparados para atuar na conjuntura educacional, artístico-cultural do país.

A Resolução do CNE/CP1, de 18 de fevereiro de 2002, institui as Diretrizes

Curriculares para a Formação de Professores da Educação Básica em nível superior, Curso de Licenciatura, de graduação plena. O documento institui um conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização institucional e curricular para toda Educação Básica. No Brasil, a Educação Básica compreende desde os anos iniciais da Educação Infantil até os anos finais do Ensino Médio, agora abrangendo o arco que vai dos seis aos quatorze anos.

A Regulamentação (CNE/CP1) atinge todas as Licenciaturas, propondo em seu artigo 2º, sete itens que devem ser previstos na formação de professores de artes, a saber: o ensino visando à aprendizagem do estudante; o acolhimento e o trato da diversidade; o exercício de atividades de enriquecimento cultural; o aprimoramento em práticas investigativas; a construção de projetos e o desenvolvimento de conteúdos curriculares; o uso de tecnologias da informação, da comunicação e das inovações no âmbito escolar e, por último, o desenvolvimento do trabalho em grupo. Esses eixos poderiam auxiliar na qualificação de vários problemas na escola pública; no entanto, a resolução carece de estrutura financeira para auxiliar na aplicação das diretrizes.

Além da proposta ousada dos PCNs, os professores de Arte encontram duas novas tarefas em sua profissão, com a aprovação da Lei nº 10.639, de 2003, e da Lei nº 11.769, de 2008. A Lei nº 10.639 determina que a cultura afro-brasileira deva fazer parte dos currículos escolares, especialmente nas disciplinas de Educação Artística, História e Literatura Brasileira. A Lei nº 11.769 de 2008 torna obrigatório o ensino de música na educação básica sem exigir que o professor tenha a habilitação em música, o que nos leva a supor que será professor de Arte quem levará para a escola essa linguagem artística. Essas duas leis estão incorporadas na LDB nº 9.394/96, artigo n° 26.

Cabe apontar uma falha no texto da lei n° 10.639, em que na redação do texto mantém a nomenclatura Educação Artística, contrariando o Parecer CNE/CEB nº 22/2005, altera a nomenclatura da disciplina Educação Artística para Artes. Segue abaixo a legislação e sua justificativa.

A Federação de Arte-Educadores do Brasil–FAEB, entidade representativa dos profissionais da educação na área de arte, solicita à Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação retificação do termo “Educação Artística“por “Arte, com base na formação específica plena em uma das linguagens: Artes Visuais, Dança. Música e Teatro”, no inciso IV, alínea b, do artigo 3º da Resolução CNE/CEB no 2, de 7 de abril de 1998, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.

CNE/CEB nº 22/2005.

Na Lei nº 5.692/71, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte foi incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, considerada, porém, como "atividade educativa" e não como disciplina. A consequência foi a perda da qualidade dos saberes específicos das diversas formas de arte, dando lugar a uma aprendizagem reprodutiva. CNE/CEB nº 22/2005.

A Lei nº 9.394/96, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, significou um avanço para a área. Em primeiro lugar, pôs fim a discussões sobre o eventual caráter de não obrigatoriedade. E arte passa a ser considerada obrigatória na Educação Básica: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos". (art. n° 26, §2º). Em segundo lugar, porque a denominação de "Educação Artística" é substituída por "Ensino da Arte". Ficou, assim, pavimentado o caminho para se identificar a área por "Arte", não mais entendida como uma atividade, um mero "fazer por fazer", mas como uma forma de conhecimento. CNE/CEB nº 22/2005.

Segundo Silva (2016, p. 7),

> Várias abordagens na década de 1990 ganham espaço na escola. Tanto a estética do cotidiano, como as imagens publicitárias, a produção de grupos locais, a arte de diferentes povos e de diferentes regiões do País começam a ser introduzidas nos conteúdos escolares. Da mesma forma, a Arte Contemporânea é inserida aos poucos no espaço da ação docente nos programas escolares. A cronologia rígida da História da Arte perde lugar para os temas, as problemáticas e projetos articulados. Mesmo que o quadro apontado pareça ufanista diante da real situação das escolas, parece-nos que o movimento intelectual dos arte-educadores se adianta em relação às transformações na escola, pois essas mudanças, por força do movimento organizado, nos próximos anos farão parte da realidade.

A resolução que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais foi aprovada no ano de 2009. Trata da organização dos Projetos Políticos Pedagógicos dos Cursos de Artes Visuais, prioritariamente da formação dos bacharéis em arte, embora remeta às questões da licenciatura para a Resolução e o Parecer do CNE/CES nº 280/2007, específicos sobre a formação de professores nas licenciaturas.

Os cursos de graduação em Artes Visuais, segundo a proposta sistematizada pela Comissão de Especialistas de Ensino de Artes Visuais da SESu/MEC, "devem formar

profissionais habilitados para a produção, a pesquisa, a crítica e o ensino das Artes Visuais" e sua formação deve contemplar "o desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo, dentro da especificidade do pensamento visual ", de modo a privilegiar a apropriação do pensamento reflexivo, da sensibilidade artística, da utilização de técnicas e procedimentos tradicionais e experimentais e da sensibilidade estética através do conhecimento de estilos, tendências, obras e outras criações visuais revelando aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes de artes visuais. (CNE/CES nº 280/2007).

Tal perfil considera, portanto, que o profissional das Artes Visuais trabalha com um modo de percepção e conhecimento específico, qual seja, o visual, certamente em interação com outras formas de percepção e conhecimento, como o verbal e o sonoro. Essa especificidade, por si só, já esclarece a peculiaridade do campo de formação do egresso diante de outras linguagens artísticas.

3.5.5 A participação do professor

Figueiredo (2007) refere-se especialmente aos professores da educação básica que atuam nos anos iniciais, mas convoca todos os educadores para uma reflexão sobre "a construção de uma nova educação, mais integral e mais humana" (Figueiredo, 2007, p. 9) quando reflete sobre o desafio do professor se preparar continuamente, avaliando e repensando as práticas dos currículos, oferecendo uma educação com mais qualidade. Sendo assim, todos os profissionais da educação estão convidados a empreenderem e assumirem parte deste debate, fortalecendo novos modos de pensar e agir que poderão contribuir para uma educação cada vez melhor.

Adorno (1985), Pereira (2001) e Figueiredo (2007) levantam a questão da importância do professor nos processos educativos, valorizando a sua autoria, participação e autonomia dentro da escola. Os documentos norteadores da educação brasileira também consideram de forma especial os profissionais da educação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, em seu artigo 13, incisos I e II, convoca àparticipação efetiva dos professores, determinando como incumbências do docente as tarefas de "participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino".

Aqui se pode constatar a valorização do professor no planejamento das ações escolares, principalmente em sua disciplina. Carneiro (2014, p. 91) comenta o artigo n° 23 afirmando que ele trata da "liberdade de organização da educação básica de acordo com um projeto pedagógico contextualizado com o perfil do alunado e com o seu entorno". Ora, se o professor deve participar da elaboração do projeto pedagógico e a escola tem liberdade para organizar suas atividades, torna-se fundamental a influência direta do professor sobre a proposta de ensino. Não se trata de colocar toda a responsabilidade pela educação sobre os professores, mas sim de chamá-los a uma efetiva participação no processo de construção do currículo, pois, como afirma Carneiro (2014, p. 40).

Os educadores precisam ter a "oportunidade de questionar e experimentar de maneira contínua e íntima, dentro de uma comunidade de diálogo ativo", refletindo sobre os modelos educacionais em desenvolvimento e suas relações com a sociedade. A partir de seu envolvimento com projetos culturais, no Brasil, Baron (2004, p. 419).

Destaca a necessidade de "uma pedagogia que cultiva a sensibilidade intercultural" para a construção de novas sociedades e novas políticas democráticas. Utilizando teatro, dança, música, escultura e poesia –linguagens de expressão, reflexão e performance –essa pedagogia busca uma leitura alerta do mundo através de uma autoleitura íntima e questionadora de nossa subjetividade. [...] Não se propõe somente como uma opção pedagógica ou uma nova disciplina curricular, mas como um modo de vida que descoloniza a inconsciência política e a memória corporal para intervir na reprodução do passado (Baron, 2004, p. 419).

Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais dizem que os acadêmicos devem ter oportunidade de desenvolver "estudos e processos de interação com outras áreas do conhecimento tais como filosofia, estética, sociologia, comunicação e teorias do conhecimento" e que as atividades complementares devem "ter relações com o mundo do trabalho, com as diferentes manifestações e expressões culturais e artísticas e com as inovações tecnológicas" (BRASIL, CNE/CES n. 1, 2009, p. 2). Vale ressaltar que a referida diretriz, em seu artigo quarto, parágrafo único, determina que "para a licenciatura, devem ser acrescidas as competências e habilidades definidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais referentes à Formação de Professores para a Educação Básica" (BRASIL, CNE/CES n. 1, 2009, p. 2).

Faz-se presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica (CNE/CP, 2002, p. 1) a proposição do "preparo para o

acolhimento e o trato da diversidade, o exercício de atividades de enriquecimento cultural e o aprimoramento em práticas investigativas", que também se aplica às questões da estética. Destacamos o parágrafo terceiro do artigo 6º, que determina: A definição dos conhecimentos exigidos para a constituição de competências deverá, além da formação específica relacionada às diferentes etapas da educação básica, propiciar a inserção no debate contemporâneo mais amplo, envolvendo questões culturais, sociais, econômicas e o conhecimento sobre o desenvolvimento humano e a própria docência. (CNE/CP, 2002, p. 3).

Todos esses documentos apontam para a necessidade de uma educação que transcenda os conhecimentos específicos para o desenvolvimento de habilidades próprias para a realização de determinadas atividades. Apontam para uma educação que pense, em todos os momentos, nas diversas realidades sociais e busque pela solução de impasses e problemas inseridos nelas. O ensino da arte, parte integrante da base comum da organização curricular nacional, é envolvido também nesses objetivos.

Independentemente da área de ensino, a LDB nº 9.394/96 valoriza a capacidade dos professores, incentiva à pesquisa, o aperfeiçoamento e lhes atribui incumbências como participar da elaboração do projeto pedagógico da escola e planejar as suas aulas, administrando-as de forma a "zelar pela aprendizagem dos alunos" (LDB nº 9.394/96). Os PCN (2000) valorizam ações pelas quais o professor cria maneiras de trabalhar a partir de sua pesquisa autodidata e cita os professores de Artes como aqueles que "poderão reconhecer as possibilidades de interseção entre elas (as linguagens) para o seu trabalho em sala" (p. 62). Sugerem como atitude dos professores de Artes uma conduta que revele o caráter criador de sua atividade de pesquisa, buscando conhecer a história da arte, aguçando a percepção e a curiosidade dos alunos, desafiando o conhecimento prévio e aceitando a aprendizagem formal somada a outras perspectivas de conhecimento. Somamos aos dizeres desses documentos a fala de Souza (2004) que, ao falar sobre Kant e a pedagogia, conclui:

> Outro ponto interessante de seus escritos traz a importância da formação dos formadores, tanto pais quanto mestres. Eles devem receber uma educação de qualidade para que possam cumprir a tarefa educacional. Caso essa tarefa seja realizada por pessoas despreparadas, a educação poderá levar à degradação dos avanços já conquistados. Ora, essa observação não poderia ser mais atual, quando olhamos o quadro geral da educação em nossos dias. Ela nos faz refletir sobre a problemática da formação do professor (Souza, 2004, p. 122).

Buscar elementos disponíveis na realidade circundante que contribuam para o enriquecimento da aprendizagem artística de seus alunos: imagens, textos que falem sobre a vida de artistas (seus modos de trabalho, a época, o local), textos críticos, textos

literários, levantamento sobre artistas e artesãos locais, revistas, vídeos, fitas de áudio, cassetes, discos, manifestações artísticas da comunidade, exposições, apresentações musicais e teatrais, bem como acolhimento dos materiais trazidos pelos alunos (Brasil, 2000, p. 98).

Aqui vemos o quão necessária é a participação do professor dentro da elaboração do planejamento de sua disciplina de artes, a importância de registrar o contexto histórico e cultural da cidade de Embu das Artes. Ao elaborar seus conteúdos programáticos o professor deve ter a preocupação de colocar as artes tradicionais de nossa cidade para que o aluno comece a desenvolvê-las, passando assim a dar continuidade ao trabalho artístico da cidade.

3.5.6 A arte e a educação

Desde cedo a criança começa a se comunicar e a representar seu mundo através de diversas linguagens. Nesse momento ela aprende as primeiras formas de representação do desenho, devendo ser estimulada. A criança que conhece a arte tem a possibilidade de fazer ligações entre as diversas áreas do conhecimento, relacionando-as com o seu cotidiano. O estudo da arte irá aguçar na criança a dimensão do sonho, da força de comunicação dos objetos que o rodeiam da sonoridade da poesia, das criações musicais, das cores, formas, gestos e luzes. Através dessas percepções, a arte possibilita à criança o desenvolvimento de seu modo próprio de ver o mundo ou dar sentido, a desenvolver estratégias pessoais para resolução de problemas e habilidades para construção de textos (Brasil, 1997).

A criatividade é considerada como parte essencial do homem, a qual dá equilíbrio à vida, auxiliando-o em seu cotidiano, nas resoluções de problemas e tornando o homem um ser mais criativo. A arte deve ser inserida na educação como forma de estimular o pensamento criador, para que a imaginação da criança e seu intelecto não se separem (Sans, 2001).

Segundo Buoro (2003, p. 25) a arte é "[...] um produto de embate homem/mundo, consideramos que ela é vida e, por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa, figura e conhece". Através da arte que a criança irá realizar sua leitura de mundo, entender o contexto em que vive e relacionar-se com ele, sendo de suma importância que sua imaginação flua

naturalmente. Muitas vezes o adulto, na angústia de ensinar, causa bloqueios, os quais prejudicam a evolução natural da criatividade. A arte-educação é um alicerce para desenvolver a criatividade.

A criança como um ser em profunda aprendizagem, tem mais facilidade para o senso de observação e em diversas ocasiões, chama atenção de pormenores observados pelos adultos, portanto usando sua liberdade de expressão e de indagação, conclui com ajuda dos adultos suas aprendizagens e desenvolve sua expressão ao ver o mundo (Sans, 2001).

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a criança de alguma forma expressa o que sente ou o que vê através do desenho, da música, da dança ou do teatro. A arte tem como objetivo ajudar a criança a se desenvolver livremente, a estimular a criatividade e a expressão. A arte desenvolve o pensamento artístico, deixando o particular dar sentido às experiências do exterior, onde a criança aumenta a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. A criança sem o conhecimento das artes tem uma aprendizagem limitada, escapando o faz-de-conta, as cores do seu mundo, os gestos e as luzes (Brasil, 1997).

Com a utilização da arte no cotidiano escolar, o aluno poderá aprender de forma lúdica, tornando o ambiente escolar mais agradável, sendo que o educando terá a possibilidade de contribuir afetiva e cognitivamente para o desenvolvimento da expressão da criança. A criança, através da arte, representa seus desejos, expressa seus sentimentos e coloca em evidência sua personalidade. Nesse contexto, o educador pode conhecer melhor o educando e, até mesmo, identificar suas dificuldades.

No cotidiano escolar, a arte deve ser vista como criação individual, não havendo julgamento de certo ou errado, o que interfere em muitos momentos na expressão da criança, tornando-as inseguras ao soltar sua imaginação e criar (Buoro, 2003).

A criança desenvolve sua obra de arte dependendo de sua cultura ou a época que está vivenciando, ela traz seu cotidiano para dentro da sala de aula, enriquecendo a sala de diversos pensamentos, dando ênfase ao momento atual (Buoro, 2001). No entanto, mesmo que a arte auxilie na liberdade da criança, ela exige alguns limites importantes, espaço adequado. A criança tendo seu espaço reservado e respeitado pelo adulto também saber á respeitar o nosso espaço. Assim a arte ajudando a desenvolver seu cognitivo também ajuda a auxiliar no seu limite, sem interferir no ato expressivo da mesma (Craidy& Kaercher, 2001).

Se a criança quando se expressa devolve ao exterior a mesma estimulação que recebe, mesmo que ela represente o desenho por imitação, cabem aos educadores deixar livres suas emoções sem influenciar nos sentimentos, emoções e ideias das mesmas. E sim, fazer com que cada vez mais ela se apaixone e desenvolva sua criatividade pela arte. A atividade artística em todas suas vertentes faz parte da educação da maioria dos sistemas acadêmicos. Isto significa que ao longo da formação de um indivíduo em sua fase escolar terá contato com uma série de atividades artísticas: desenho, pintura, música, dança, cinema, teatro, entre outras.

A formação de um indivíduo é completa quando abrange diversas áreas: línguas, história, ciências e arte. Todas essas áreas do conhecimento são necessárias e por isso estão integradas nos diversos sistemas educativos. Em relação à arte, podemos falar de duas dimensões: uma teórica e outra prática. Deve-se conhecer a história da arte e suas características, mas também sua dimensão prática. Neste sentido, é preciso recordar uma evidência: que a aprendizagem se assimila praticando e no caso da educação artística o estudante aprende exercitando suas destrezas musicais, de desenho e dança.

Resumo

Desde o período colonial, passando pelo Império e o início da República, a legislação educacional avançou muito. Porém, não só de rupturas foi feita a legislação, também tivemos continuidade que influenciaram as práticas educativas. Embora tenhamos uma legislação extremamente avançada no Brasil, existe grande disparidade entre a forma da lei e a prática real.

Um grande destaque deste avanço foi a Constituição de 1934, aprovando os seguintes princípios, entre outros: O direito de todos à educação, com a determinação de que esta desenvolvesse a consciência da solidariedade humana; A obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário, inclusive para os adultos, e intenção à gratuidade do ensino imediato ao primário. O ensino religioso facultativo, respeitando a crença do aluno. A liberdade de ensinar e garantia da cátedra.

As constituições brasileiras já traziam referência à educação e sua forma de aplicação. Mas é apenas no final dos anos 1940 que se inicia uma discussão mais centrada em uma legislação. Era preciso uma lei que fixasse diretrizes e bases para uma educação nacional.

Vale ressaltar que depois da queda do estado novo de Getulio Vargas houve uma restauração da sociedade brasileira em relação aos ideais democráticos que tinham sido suprimidos. A batalha entre o público e o privado, entre a vanguarda escolanovista e o segmento católico-privatista culminou com o texto aprovado em 2 de dezembro de 1961, como a Lei nº 4.024.

A Lei nº 024/61 determinava que a estrutura da educação brasileira fosse composta por: Educação pré-primária, Ensino primário, Ensino médio e Ensino superior.

Com essas mudanças permitiu-se a equivalência dos cursos entre as unidades federativas, possibilitando a mobilidade dos alunos e quebrando a rigidez dos sistemas estaduais de ensino. Também foi possível que cada estado tivesse sua própria proposta de educação local ampliando a pluralidade de experiências curriculares no país.

Academia Imperial de Belas-Artes (criada pelo Decreto - Lei datado de 1816, e que só começaria a funcionar em 1826). A Academia constituiu-se numa das primeiras instituições de ensino superior no Brasil, junto com as escolas militares e os cursos médicos. O ensino das artes na educação básica só se tornou obrigatório com a Lei nº

5.692/71, que instituiu a disciplina Educação Artística nos currículos de 1º e 2º Graus. Tal obrigatoriedade fez crescer a oferta de graduações (sobretudo licenciatura) com habilitações em Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música e Desenho, descentralizando a oferta de cursos na área, antes praticamente restrita aos centros tradicionais. Entretanto, aquela Lei também instituiu a polivalência, sob o princípio de que o professor de artes deveria ser um generalista e não um especialista em cada linguagem artística.

A criação das associações estaduais de arte-educadores e sua consequente reunião em torno da Federação de Arte - Educadores do Brasil (FAEB) teve como consequência a ampliação e o aprofundamento do debate, em congressos e seminários realizados em todo o país, sobre a especificidade da formação do profissional da arte (bacharel e licenciado), culminando com uma intensa mobilização quando das discussões em torno da LDB/96.

Tal debate arregimentou também profissionais organizados em outras associações, como a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), Associação Brasileira de Artes Cênicas (ABRACE) entre outros, em consonância com as discussões contemporâneas desenvolvidas pelas associações internacionais, tais como a *International Society for Education trough Art* (INSEA).

Foi dessa maneira que os profissionais da área de Artes construíram um referencial considerável sobre o ensino da arte e a formação de profissionais na área. Toda essa intensa mobilização redundou num outro perfil para o ensino da arte na educação básica e, consequentemente, para os cursos superiores de arte, consagrado na Lei nº 9.394/96 (nova LDB).

Ao nos referirmos sobre cultura, entendemos que é uma forma dinâmica que passa de geração em geração na vida da humanidade sofrendo mudanças e adaptações ao longo de sua História. Na presença de uma comunidade, pode-se identificar sua cultura por várias manifestações, como: religião, música, comida típica, danças, lendas, pinturas, artesanato, crenças, entre outras.

No Brasil, o direito à Cultura foi reafirmado na Constituição de 1988 em Embu das Artes, a Lei Orgânica Municipal consagra aos direitos dos cidadãos embuenses das artes à cultura. O Município garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura, apoiando e incentivando a valorização e difusão das manifestações culturais.

O marco inicial para a Gestão Cultural da cidade de Embu das Artes ocorreu na 1ª Conferência Municipal de Cultura realizada em 2007, o evento foi a primeira grande mobilização artística e cultural ocorrida desde a criação do movimento cultural dos anos 1960 com a criação da Feira de Artesanato e do Salão de Artes Plásticas.

CAPÍTULO IV
QUADRO METODOLÓGICO

> […] o espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento do quadro do conhecimento. Julga seu passado histórico, condensando-o. Sua estrutura é a consciência de suas faltas históricas. Cientificamente, pensa-se o verdadeiro como retificação histórica de um longo erro, pensa-se a experiência como a retificação da ilusão comum e primeira. Toda a vida intelectual da ciência move-se dialeticamente sobre esse diferencial do conhecimento, na fronteira do desconhecido. A própria essência da reflexão é compreender que não se compreenderá (Bachelard, 1968, pp. 147-148).

4.1 Introdução

Desde a história mais remota do homem primitivo, sabe-se da ânsia de conhecimento, fazendo com que o homem começasse a pensar com base nas suas observações evoluindo seus conhecimentos desde as concepções astrológicas evoluindo até registros em papiros a fim de realmente tornar o conhecimento explícito. Pode-se dizer, cientificamente, que o conhecimento sofreu várias fases, na qual se fundou em vários tipos (Fachin, 2006; Ramos; Ramos 2005; Busnello, 2005).

De acordo com Fachin (2006), Koche (2005) os tipos de conhecimentos são: O filosófico, como propulsor Tales de Mileto (630 - 545 a. C.) em Roma, expandiu-se pela Grécia na qual, vários filósofos demonstraram seus conhecimentos, bem como: Sócrates, Platão e Aristóteles. O conhecimento filosófico é o pensamento crítico reflexivo para gerar coerências nas informações. Em Ramos; Ramos; Busnello (2005), o conhecimento filosófico é apresentado como resposta aos problemas que rodeiam o ser humano em seu contexto histórico. Porém, tanto em Fachin (2006) como em Ramos; Ramos; Busnello (2005), o conhecimento filosófico é considerado como originador do raciocínio lógico.

O conhecimento teológico, em que, Fachin (2006); Ramos; Ramos; Busnello (2005) abordam como a resposta para perguntas que o homem não consegue responder com base em outros conhecimentos, tendo como principal objeto de estudo a fé e crenças do ser humano. Os dois autores exemplificam como objetos de estudo, Deus.

O conhecimento empírico, conceituado por Fachin (2006) como a resposta para ocorrências baseadas na vivência, experiência de erros e acertos, que não possuem

fundamentação, a metodológica. Já em Ramos; Ramos; Busnello (2005) acrescenta o conceito anterior a concepção do autor em que o conhecimento empírico é estabelecido pela experiência do outro ensinado e da interação humana e social, na qual são explicitados conhecimentos implícitos individuais e antes em grupo.

O que é mais estudado e difundido, o conhecimento científico, se apresenta para Fachin (2006) como o resultado de uma investigação que segue uma metodologia, baseada na realidade de fatos e fenômenos capaz de analisar, descobrir, concluir, criar e resolver novos e antigos problemas (Ramos & Ramos, 2005).

Para Ramos; Ramos; Busnello (2005) ainda há outro tipo de conhecimento, o tecnológico, que é abordado como um auxílio para os outros tipos de conhecimento, defendendo a ideia de que como antigamente os meios naturais já influenciavam nas pesquisas, as inovações tecnológicas, não podem ficar excluídas, visto avanços nas várias áreas do conhecimento: Engenharia, Biologia, Social, entre outras e até a própria Tecnologia.

Em Ander –Egg (2003), já tinha uma concepção estruturada de pesquisa aliada ao conhecimento, a qual a classificava como um procedimento. Este procedimento consistia em um sistema que pudesse ser controlado, avaliado, mas que acima de tudo descobrisse novos dados e informações, não se restrigindo a nenhum tipo específico de conhecimento. Aplicada as Ciências Sociais, Marconi e Lakatos (2002), definem pesquisa como instrumento fundamental para a resolução de problemas colectivos. Pois, Selltiz et.al. (1965) defendia que a definição e respeito à aplicação dos métodos que realmente poderia trazer resultados nem sempre satisfatórios; mas com certeza fidedignos (Dalfovo, Lana e Silveira 2008).

Em conformidade com Marconi e Lakatos (2002), quanto a respeito de uma das características da pesquisa, podendo até enquadrar-se como um dos primeiros passos de uma pesquisa, de acordo com o autor a exploração técnica, sistemática e exata, em que o pesquisador baseia-se em estudos já realizados por teóricos anteriores e pesquisas, a fim de ter a certeza do método a ser trabalhado e se realmente está com o delineamento correto. Da mesma forma, Silveira (2004), denomina este procedimento de revisão de literatura. Além disso, Marconi e Lakatos (2002), apontam para a necessidade de registrar na própria pesquisa a fonte e a referência de onde foram retiradas as informações. Para isso, no Brasil segue-se um padrão que é definido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, ABNT (2005).

4.2. Entendendo os conceitos

Metodologia é uma palavra derivada de "método", do Latim "*methodus*" cujo significado é "caminho ou a via para a realização de algo". Método é o processo para se atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento. Metodologia é o campo em que se estudam os melhores métodos praticados em determinada área para a produção do conhecimento.

A metodologia consiste em uma meditação em relação aos métodos lógicos e científicos. Inicialmente era descrita como parte integrante da lógica que se focava nas diversas modalidades de pensamento e a sua aplicação. Posteriormente, a noção de que a metodologia era algo exclusivo do campo da lógica foi abandonada, uma vez que os métodos podem ser aplicados a várias áreas do saber[52].

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos, em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências. A utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos (Marconi & Lakatos, 2010).

Para as autoras, "método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros - traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista" (Marconi & Lakatos, 2010, p. 65).

Segundo Gil (2017) pesquisa é um procedimento racional sistemático que tem como objetivo proporcionar repostas aos problemas que são propostos. Uma pesquisa é realizada quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na verdade a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (Gil, 2017).

Rudio (2012, p. 9), define pesquisa como um conjunto de atividades orientadas

[52]https://www.significados.com.br/metodologia/. Acesso em 29/nov/2016.

para busca de um determinado conhecimento "a fim de receber o qualitativo de *científica*, a pesquisa deve ser feita de modo sistematizado, utilizando para isto método próprio, técnicas específicas e procurando um conhecimento que se refira à realidade empírica".

Desta maneira, a pesquisa científica se distingue de outra modalidade qualquer de pesquisa pelo método, pelas técnicas, por estar voltada para a realidade empírica e pela forma de comunicar o conhecimento obtido.

> Há muitas razões que determinam a realização de uma pesquisa, as quais podem ser classificadas em dois grupos: de ordem intelectual, o desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer e razões de ordem prática o desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente e eficaz (Gil, 2008, p. 17).

A forma mais usual que o homem utiliza para conhecer a si mesmo, ou seu mundo e universo como um todo, produzindo interpretações significativas, isto é, conhecimento, é a do senso comum, também chamado de conhecimento ordinário, comum ou empírico (Koche, 2009).

Conhecimento empírico é aquele conhecimento que se adquire no dia a dia, com base na tentativa e erro, ou seja, o conhecimento adquirido através da observação, da experiência, do senso comum, dispensando a necessidade de comprovação científica. Pelo conhecimento empírico pode-se afirmar que as ações geram algum tipo de reação, porém não se é capaz de determinar o que levou àquela ação ou reação[53].

As autoras Marconi e Lakatos (2010, p. 59) trazem as características do conhecimento popular apontadas por Ander-Egg (2003, pp.13-14) como sendo:

Superficial, isto é, conforma-se com a aparência, com aquilo que se pode comprovar simplesmente estando junto das coisas. Exemplo, "porque todo mundo diz" (sic).

Sensitivo, ou seja, referente à vivência, estado de ânimo e emoções da vida diária.

Subjetivo, pois é o próprio sujeito que organiza suas experiências e conhecimentos, tanto que adquire por vivência própria quanto os "por ouvir falar".

Assistemático, a organização das experiências não visa a uma sistematização das ideias, nem na forma de adquiri-las, nem na tentativa de validá-las.

Acrítico, pois verdadeiros ou não, a pretensão de que esses conhecimentos não se

[53]https://www.significadosbr.com.br/conhecimento-empirico. Acesso em 27/nov/2016.

manifestam sempre de forma crítica.

Para o autor Koche (2009), o conhecimento empírico ou popular é tratado como o comum, o que tem origem no povo, que pode ser adquirido com o passar do tempo e no convívio com as coisas e os seres humanos. Pode-se dizer que é adquirido por tradição, com certa ingenuidade, uma vez que no conhecimento empírico não é necessário entender a fundo determinado assunto, apenas observar. Por ser uma forma de conhecimento passiva, onde não se busca o conhecimento, é comum que ocorram erros no que se é aprendido, pois não existe questionamento.

Já o conhecimento científico é a informação e o saber que parte do princípio das análises dos fatos reais e cientificamente comprovados. Para ser reconhecido como um conhecimento científico, este deve ser baseado em observações e experimentações, que servem para atestar a veracidade ou falsidade de determinada teoria[54].

O conhecimento científico surge da necessidade do homem em não assumir uma posição meramente passiva, de testemunha dos fenômenos, sem poder de ação ou controle dos mesmos. O homem através de sua nacionalidade deve propor uma forma sistemática, metódica e crítica da sua função de desvelar o mundo, compreendê-lo, explicá-lo e dominá-lo (Koche, 2009. p.29).

Segundo Marconi e Lakatos (2010, p.62), o conhecimento científico é:

Contingente, pois suas proposições ou hipóteses têm sua veracidade ou falsidade conhecida através da experiência e não apenas pela razão.

Sistemático já que se trata de um saber ordenado por um sistema de ideias (teoria) e não conhecimentos desconexos.

Possui a característica de verificabilidade (hipóteses), pois o que não puder ser confirmado não pode fazer parte da ciência.

Constitui-se em conhecimento falível, em virtude de não ser: definitivo, absoluto ou final e, por esse motivo, é aproximadamente exato.

Para Koche (2009), o que impulsiona o homem em direção à ciência é a "necessidade de compreender a cadeia de relações que se esconde por trás das aparências sensíveis dos objetos, factos ou fenômenos, captadas pela percepção sensorial e analisadas de forma superficial, subjetiva e a crítica pelo senso comum" (Koche, 2009.

[54]https://www.significados.com.br/conhecimento-cientifico/. Acesso 30.nov.2016.

p.29). O homem quer descobrir princípios explicativos, que servem de base para a compreensão da organização, classificação e ordenação da natureza em que está inserido.

Através desses princípios, a realidade passa a ser percebida pelos olhos da ciência e não de forma desordenada esfacelada, fragmentada, como ocorre na visão subjetiva e acrítica do senso comum, mas sob o enfoque de um critério orientador, de um princípio explicativo que esclarece e proporciona a compreensão do tipo de relação que se estabelece entre os fatos, coisas e fenômenos, unificando a visão de mundo (Koche, 2009, p. 29).

O conhecimento científico é expresso sob a forma de enunciados que explicam as condições que determinam a ocorrência dos fatos e dos fenômenos relacionados a um problema, tornando-os claros aos esquemas e sistemas de dependência que existem entre suas propriedades. Surge não apenas da necessidade de encontrar soluções para problemas de ordem prática do dia a dia da vida das pessoas, característica essa do senso comum, mas do desejo de fornecer explicações sistemáticas que possam ser testadas pelas provas empíricas e da discussão intersubjetiva (Koche, 2009).

Koche (2009) aponta que a investigação científica busca a construção de um saber que acontece no momento em que se reconhece a ineficiência dos conhecimentos existentes, incapazes de responder de forma eficiente e plausível as perguntas e dúvidas levantadas. Frente a essa situação ocorre o início de uma investigação científica, buscando um novo que venha responder o questionamento existente.

Ao contrário do senso comum, o conhecimento científico, não aceita a opinião ou o sentimento de convicção como fundamento para justificar a aceitação de uma afirmação. É necessária a aplicação de testes experimentais e da avaliação de seus resultados de forma intersubjetiva. “Se o conhecimento permanecesse somente no plano horizontal, avaliado apenas no nível da coerência lógica dos seus enunciados (plano sintático), estaria sujeito a se tornar alienado, marginalizado de uma realidade capaz de lhe proporcionar testes empíricos para correção, e distante da revisão crítica e da experiência intersubjetiva” (Koche, 2009, p.33).

A diferença entre o conhecimento científico e o senso comum, não é o assunto, o tema ou o problema e sim a forma especial que adota para investigar os problemas.

Portanto, conclui-se por ciência uma sistematização de conhecimento, um conjunto de proposições logicamente correlacionado sobre o comportamento de certos

fenômenos que se deseja estudar.

Existem várias classificações para as pesquisas e esta classificação depende da visão de diferentes autores. Elas podem ser classificadas quanto à finalidade, ao local onde são realizadas, à abordagem e quanto à teoria filosófica que a fundamenta. A classificação das pesquisas e os tipos de pesquisa podem variar dependendo da visão de cada área do conhecimento.

Pode-se perceber uma diferença de como as pesquisas podem ser classificadas ou estereotipadas, segundo alguns autores a seguir.

Ander –Egg (2003), divide a pesquisa em fundamental, por aquela que possui caráter científico e a aplicada, que é feita na prática sem preocupação junto à ciência.

Hymann (1967) indica pesquisa como descritiva, na qual descreve um fenômeno e registra a maneira que ocorre e, também como experimental, quando há interpretações e avaliações na aplicação de determinados fatores ou simplesmente dos resultados já existentes dos fenômenos.

Além destes tipos, Best (1977), acrescenta nos tipos de pesquisa, a histórica, na qual pode-se enquadrar dentro dos moldes da revisão de literatura.

Há outras abordagens de classificações da pesquisa. Alguns pesquisadores dividem em monodisciplinares, interdisciplinares e multidisciplinares. É o caso de Pardinas (1977), Abramo (1979).

Dalfovo, Lana e Silveira (2008) comentam que vários autores classificaram como partes de uma pesquisa a população, como o conjunto a que se pretende estudar e o indivíduo, uma peça deste conjunto. Apesar ainda de alguns autores classificarem amostra também como população; a amostra tem como corpo uma fração da população delineada na pesquisa.

Outra parte da pesquisa foram as características como sendo aspectos específicos de uma população e variáveis como sendo a apresentação destes aspectos dentro de um contexto. Os valores ou modalidades é a explicitação das peculiaridades da amostra que se enquadram dentro das variáveis. Boente; Braga (2014), classifica a pesquisa em acadêmica quando possui fins científicos e pesquisa de ponta, a qual é considerada pelo autor como científico, mas com enfoque ao mercado e não ao conhecimento.

4.3 Métodos da Pesquisa

A pesquisa recebe diferentes classificações de acordo com a finalidade (básica

/pura ou aplicada), o local onde é realizada (bibliográfica, de campo de laboratório), a abordagem (qualitativa ou quantitativa) e com a tendência filosófica que utiliza (empírico-analítica, fenomenológica, crítico-dialética).

Para a elaboração da pesquisa também é necessário fazer a escolha de quais métodos de pesquisa serão realizados. Cada pesquisa tem suas características próprias, seus instrumentos, técnicas metodológicas e, também a área de conhecimento em que se utiliza.

Em sentido amplo, para Richardson (1989, p. 29) "(...) método em pesquisa significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos". Desta forma, todo trabalho de pesquisa deve ser planejado e executado de acordo com as normas que acompanham todos os métodos.

Segundo Diehl (2004) a escolha do método se dará pela natureza do problema, bem como de acordo com o nível de aprofundamento. Ademais, estes métodos são diferenciados, além da forma de abordagem do problema, pela sistemática pertinente a cada um deles (Richardson, 1989).

Durante o desenvolvimento desta tese foram traçados alguns caminhos metodológicos para que fossem alinhados com o tema desta pesquisa: A preservação do patrimônio artístico de Embu das Artes pela educação nas séries iniciais do ensino fundamental. Partindo da situação problema, com as perguntas a serem respondidas:

1 - ***Os professores de Artes das escolas do município de Embu das Artes estão preparados por meio do ensino das artes para trabalhar a cultura local dentro do sistema educacional e no ensino fundamental?***

2 –***Até que ponto os professores de artes no ensino fundamental dentro da proposta educacional inserem cultura no currículo das escolas do município de Embu das Arte?***

Buscaram-se na literatura os embasamentos teóricos referentes à classificação desta tese quanto:

4.3.1 À finalidade desta pesquisa:

Esta pesquisa teve por finalidade ser uma pesquisa básica ou pura, pois é o tipo de estudo sistemático motivado pela curiosidade intelectual, que se preocupa com o

desenvolvimento do conhecimento pelo prazer de conhecer e evoluir cientificamente.

Na concepção de Trujillo Ferrari (1982), a pesquisa pura procura melhorar o próprio conhecimento, isto é, busca contribuir, entender e explicar os fenômenos. Nela os pesquisadores trabalham para gerar novas teorias.

Já para Minayo (2002, p. 52) esta forma de investigar "permite articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área de conhecimento" visando, portanto "criar novas questões num processo de incorporação e superação daquilo que já se encontra produzido".

A pesquisa pura objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. O pesquisador tem como meta o saber, buscando satisfazer uma necessidade intelectual pelo conhecimento. Procura a atualização de conhecimentos para uma nova tomada de posição.

4.3.2 A fundamentação filosófica da pesquisa:

Esta pesquisa buscou referencial histórico para a contextualização do município de Embu das Artes, portanto a fundamentação Crítico-Dialética encaixa-se aqui devido às técnicas utilizadas pelas pesquisas empírico-analíticas, quanto à coleta de dados através do questionário, utilizam a 'pesquisa-ação'e a 'pesquisa participante', etnográficas socioantropológica.

Segundo Gamboa (1987, p.97) essa abordagem Crítico-dialética "questiona fundamentalmente a visão estática da realidade implícita nas abordagens anteriores". Demo (1981) resume os pressupostos teóricos que identificam a prática dessa abordagem, iniciando pela historicidade, caracterizada pela mobilidade constante da História, "o vir-a-ser contínuo das formações sociais" (Demo, 1981, p.145). Marcuse, encontrado em Demo (1981, p.145), argumenta que "a condição básica para se empregar o predicado dialético é a propriedade de ser 'histórico'", exemplo disso e a evolução dos tipos de sociedades.

Outro pressuposto é o processo, significando que está sempre em formação, isto é, "de nunca ser algo completamente formado, acabado, fechado" (Demo, 1981, p.146). Esta ideia de processo não necessariamente significa progresso, pode também denotar regresso. Pelo processo há uma busca incessante pelo estágio final que nunca virá. Esse

fim que nunca chega é notável, porque, a dialética não concebe a noção de coisa fechada, acabada.

Demo (1981) cita também, como pressuposto dessa abordagem, a mutação social, já bem conhecida, até pelos não dialéticos. Esse pressuposto preconiza que a mutação de uma sociedade ou de um sistema acontecerá sempre, mesmo que não o mude por completo, como queiram os funcionalistas (Demo, 1981).

Portanto, fazer a análise histórica e crítica do cotidiano, discutir práticas, refletir trajetórias, discutir estratégias, propor mudanças faz parte do objetivo final desta tese.

4.3.3 A abordagem do problema desta pesquisa:

Segundo as regras da ABNT, a escolha do tema do trabalho desenvolvido, sabe-se que seu foco de estudo, seu objeto de análise, partiu, necessariamente, de um problema. A escolha irá compreender e analisar determinado facto. A metodologia para esta análise consiste em escolher qual seráo método a ser utilizado para checar as causas envolvidas nessa problemática. Afirma-se, dessa forma, que, dependendo da abordagem do problema, a pesquisa pode se classificar como quantitativa ou qualitativa. Se a intenção do pesquisador for medir, ajuizar, avaliar e calcular, a opção ideal será pela pesquisa quantitativa, haja vista que ela se traduz por tudo aquilo que pode ser quantificável, ou seja, ele iria traduzir em números as opiniões e informações para então obter a análise dos dados e, posteriormente, chegar a uma conclusão.

De uma forma geral, tal como a pesquisa experimental, os estudos de campo quantitativos guiam-se por um modelo de pesquisa em que o pesquisador parte de quadros conceituais de referência tão bem estruturados quanto possível, a partir dos quais formula hipóteses sobre os fenômenos e situações que quer estudar. Uma lista de consequências é então deduzida das hipóteses.

A coleta de dados enfatizará números (ou informações conversíveis em números) que permitam verificar a ocorrência ou não das consequências, e daí então a aceitação (ainda que provisória) ou não das hipóteses.

Os dados são analisados com apoio da Estatística (inclusive multivariada) ou outras técnicas matemáticas. Também, os tradicionais levantamentos de dados são o exemplo clássico do estudo de campo quantitativo (Popper, 1972).

Esclarece Fonseca (2002, p. 20):

> Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

A pesquisa quantitativa, que tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana.

Também, entre os tipos de estudos quantitativos, segundo Diehl (2004) pode-se citar os de correlação de variáveis ou descritivos (os quais por meio de técnicas estatísticas procuram explicar seu grau de relação e o modo como estão operando), os estudos comparativos causais (onde o pesquisador parte dos efeitos observados para descobrir seus antecedentes), e os estudos experimentais (que proporcionam meios para testar hipóteses e estatísticas).

Segundo Gil (2017), mediante a utilização de testes estatísticos, torna-se possível determinar, em termos numéricos, a probabilidade de acerto de determinada conclusão, bem como a margem de erro de um valor obtido. Portanto, o método estatístico passa a caracterizar-se por razoável grau de precisão, o que o torna bastante aceito por parte dos pesquisadores com preocupações de ordem quantitativa.

A pesquisa classificada, desde que, tenha-se controle sobre as variáveis podem assumir papel importante em estudos quantitativo-descritivos. A coleta de dados geralmente é realizada nestes estudos por questionários e entrevistas que apresentam variáveis distintas e relevantes para pesquisa, que em análise é geralmente apresentado por tabelas e gráficos.

A expressão dos dados pode ser abordada conforme Marconi (1982), ao revelar que devem ser expressos com medidas numéricas. Defende ainda que técnicas quânticas de análise e tratamento dos dados apresentam melhor compreensão, mais objetivo, dinamizam o processo de relação entre variáveis. A pesquisa quantitativa também é apresentada como “semântica quantitativa e análise de conteúdo”, trabalhando e

mensurando dados de uma base textual.

Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Neste caso tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Por outro lado, há pesquisas que, embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos, entre outros (Gil, 2017).

Tripoldi (1981, p. 48), enquadra estudos quantitativos-descritivos como uma categoria dentro da pesquisa. Esta categoria, ainda possui sub-divisões, ou como cita o autor propósitos, bem como de modo geral a "verificação de hipóteses e a descrição de relações quantitativas entre variáveis especificadas". Ressalta ainda que características experimentais de busca aleatória e o trabalho em cima de variáveis independentes não podem fazer parte de estudos quantitativo-descritivos.

O primeiro propósito se destina a hipóteses de causa-efeito ou então as hipóteses que inter-relacionam duas ou mais variáveis. O segundo propósito serve para correlacionar diversas variáveis específicas para responder as questões específicas da pesquisa.

4.3.4 Aos objetivos gerais das pesquisas:

Trata-se de uma pesquisa descritiva, pois têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população, portanto está relacionada com o objeto de estudo desta pesquisa. "Professores de artes do ensino fundamental das escolas municipais estaduais e particulares do município de Embu das Artes."

Também é considerada uma pesquisa descritiva Documental, pois ao longo da pesquisa foram utilizados dados históricos do município contextualizando a fundação, desenvolvimento cultural e artístico. E esta será utilizada para refletir com os professores o seu conhecimento cultural sobre o município.

Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental, dentre outros. Outras pesquisas deste tipo são as que se propõem estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade que aí se registra etc. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Também são pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis, como, por exemplo, as pesquisas eleitorais que indicam a relação entre preferência político-partidária e nível de rendimentos ou de escolaridade.

Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Neste caso tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Por outro lado, há pesquisas que, embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias.

As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos, entre outros.

A pesquisa Exploratória tem como objetivo tornar um problema explícito e preencher as lacunas existentes, sendo assim, passa a ser também um dos objetivos desta tese, pontuando a utilização de estratégias associando teoria e prática aos professores de artes do ensino fundamental para preservar o patrimônio histórico da humanidade em Embu das Artes. O objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido e explorado, com a finalidade de torná-lo mais explícito. Ela tem como foco principal o aprimoramento de ideias. Ao final de uma pesquisa exploratória, o pesquisador conhecerá mais sobre aquele assunto, estando aptas a construir hipóteses.

Como qualquer exploração, a pesquisa exploratória depende da intuição do pesquisador. Por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso (Gil, 2017). Como qualquer pesquisa, ela depende também

de uma pesquisa bibliográfica, pois mesmo que existam poucas referências sobre o assunto pesquisado, nenhuma pesquisa hoje começa totalmente do zero. Haverá sempre alguma obra, ou entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com problemas semelhantes ou análise de exemplos análogos que podem estimular a compreensão.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas (Gil, 2017).

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado facto. Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido épouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam- se necessário seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados.

> A classificação das pesquisas em exploratórias, descritivas e explicativas é muito útil para o estabelecimento do marco teórico, ou seja, para possibilitar uma aproximação conceitual. Todavia, para analisar os fatos do ponto de vista empírico, para confrontar a visão teórica com os dados da realidade, torna-se necessário traçar um modelo conceitual e operativo da pesquisa (Gil, 2008, p. 43).

4.3.5 Ao local onde são realizadas:

Nesta tese foi utilizada a pesquisa de campo, pois tem como objetivo conseguir informações e, ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se busca a procura de uma resposta ou hipótese que se queira comprovar. O ponto de estudo aqui em questão

é: A Secretaria da Cultura em parceria com a Secretaria da Educação de Embu das Artes subsidiam projetos de formação continuada aos professores de artes do ensino fundamental relacionados à preservação da cultura trabalhada em sala de aula.

> Os estudos de campo apresentam muitas semelhanças com os levantamentos. Distinguem-se destes, porém, em relação principalmente a dois aspectos. Primeiramente, os levantamentos procuram ser representativos de um universo definido e fornecer resultados caracterizados pela precisão estatística. Já os estudos de campo procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como conseqüência, o planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa (Gil, 2008, p. 57).

Outra característica é que estuda um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, o objeto de estudo dessa pesquisa foi o professor. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação.

Segundo Gil (2017), para ilustrar essas diferenças, considere-se um levantamento a ser realizado em determinada comunidade. Procurou-se, neste caso, descrever com precisão as características de sua população em termos de sexo, idade, estado civil, escolaridade, renda, dentre outros. Já num estudo de campo, a ênfase poderá estar, por exemplo, na análise da estrutura do poder local ou das formas de associação verificadas entre seus moradores.

4.3.6 Coleta de dados:

De acordo com a Linha de pesquisa desta tese: Construção e diversidade de saberes: cultura e desenvolvimento pessoal por meio das artes tiveram-se como base para a coleta dos dados as pesquisas:

Pesquisa documental–Assemelha-se à pesquisa bibliográfica tendo como diferença essencial entre ambas a natureza das fontes. Nas bibliográficas fontes são constituídas, sobretudo, por material impresso localizado nas bibliotecas e se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, consiste na exploração das fontes documentais tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações, dentre outras. Na pesquisa documental as fontes são muito mais diversificadas, vale-se de

materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Segundo Gil (2004) para fins de pesquisa científica são considerados documentos não apenas os escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno. Assim, a pesquisa documental tradicionalmente vale-se dos registros cursivos, que são persistentes e continuados. Mas muitas pesquisas utilizam registros episódicos e privados, constituídos principalmente por documentos pessoais e por imagens visuais produzidas pelos meios de comunicação de massa. E também podem ser identificadas pesquisas que se valem dos chamados dados encontrados, que são constituídos não apenas por objetos materiais, mas também por vestígios físicos produzidos por erosão ou acumulação no meio ambiente (Webb et al., 1966).

Pesquisa Etnográfica: estudo do cotidiano, como por exemplo: a descrição dos povos, sua língua, raça, religião ou a descrição do cotidiano de uma escola e as manifestações de suas atividades. Também se pode dizer que a pesquisa etnográfica é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo. A pesquisa etnográfica é utilizada na educação, na psicologia social e na administração de empresas.

Pesquisa Socioantropológica: pode-se dizer que a pesquisa socioantropológica reúne as características das pesquisas participantes, ação e etnográfica, pois os pesquisadores precisam estar em estreita associação com os investigados, descobrir os problemas na realidade cotidiana dos investigados e propor ações que possam modificar essa realidade. Por isso se diz que se trata de uma proposta pedagógica interdisciplinar, onde estabelece uma associação entre conhecimento escolar e cidadania, diálogo entre saberes popular e científico e a apreensão do conhecimento científico é construída coletivamente (construção partilhada do conhecimento). A pesquisa socioantropológica pode trabalhar as seguintes áreas: educação, saúde, transporte, religião, ecologia, trabalho, cultura, relações sociais, visões de vida e cidadania, crianças, adolescentes, jovens, idosos. É utilizada para estudar a realidade de vida social da comunidade de acolhida da escola e seus entornos socioculturais.

Pesquisa Histórica: investigação crítica de factos, desenvolvimento e experiências do passado, com cuidadosa consideração sobre as validades interna e externa das fontes de informação e interpretação das evidências obtidas.

Método Estatístico: Este método fundamenta-se na aplicação da teoria estatística da probabilidade e constitui importante auxílio para a investigação em ciências sociais. Há que se considerar, porém, que as explicações obtidas mediante a utilização do método estatístico não podem ser consideradas absolutamente verdadeiras, mas dotadas de boa probabilidade de serem verdadeiras.

Mediante a utilização de testes estatísticos, torna-se possível determinar, em termos numéricos, a probabilidade de acerto de determinada conclusão, bem como a margem de erro de um valor obtido. Portanto, o método estatístico passa a caracterizar-se por razoável grau de precisão, o que o torna bastante aceito por parte dos pesquisadores com preocupações de ordem quantitativa.

Os procedimentos estatísticos fornecem considerável reforço às conclusões obtidas, sobretudo mediante a experimentação e a observação. Tanto é que os conhecimentos obtidos em alguns setores da Psicologia e da economia devem-se fundamentalmente à utilização do método estatístico.

4.4 O contexto da pesquisa

No Brasil o Ministério da Cultura foi criado em 15 de março de 1985, pelo Decreto nº 91.144. Reconhecia-se, assim, a autonomia e a importância desta área fundamental, até então tratada em conjunto com a educação. A cultura, ademais de elemento fundamental e insubstituível na construção da própria identidade nacional é, cada vez mais, um setor de grande destaque na economia do País, como fonte de geração crescente de empregos e renda.

Em 1990 por meio da Lei nº 8.028 de 12 de abril o Ministério da Cultura foi transformado em Secretaria da Cultura, diretamente vinculada à Presidência da República, situação que foi revertida, pela Lei nº 8.490, de 19 de novembro de 1992.

A discussão da necessidade de uma reformulação na política cultural brasileira começou no primeiro governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva e sua premissa pela democratização e descentralização da cultura no país. Nomeado por Lula, o ministro e cantor Gilberto Gil organizou o seminário “Cultura para Todos” em 2003, com representantes de amplos setores da sociedade civil cultural do país, artistas, produtores, empresários e pesquisadores, para rediscutir a situação em que se encontravam as atividades nesse campo e as propostas de metas para a Cultura. Nesse mesmo ano a Presidência da República aprovou a reestruturação do Ministério da Cultura, por meio do

Decreto nº 4.805, de 12 de agosto[55].

O Sistema Nacional de Cultura cuidará, entre outras ações, da operacionalização do PNC (Plano Nacional da Cultura), assumindo o compromisso de responsabilidades e a cooperação das instituições envolvidas. Por outro lado, são as ações decorrentes do Plano que darão forma e consistência ao Sistema, de modo que a consolidação dos dois caminhará de forma conjunta.

O Conceito do Sistema Nacional de Cultura apresenta-se em duas definições: Sistema é um conjunto de partes interligadas que interagem entre si; o sistema é sempre maior que a soma de suas partes, pois tem certas qualidades que não se encontram nos elementos concebidos de forma isolada[56].

São princípios do Sistema Nacional de Cultura: Diversidade das expressões culturais; Universalização do acesso aos bens e serviços culturais; Cooperação entre os entes federados, os agentes públicos e privados atuantes na área da cultura; Fomento à produção, difusão e circulação de conhecimento e bens culturais; Integração e interação na execução das políticas, programas, projetos e ações desenvolvidas; Complementaridade nos papéis dos agentes culturais.

Transversalidade das políticas culturais; Autonomia dos entes federados e das instituições da sociedade civil; Transparência e compartilhamento das informações; Democratização dos processos decisórios com participação e controle social; Descentralização articulada e pactuada da gestão, dos recursos e das ações.

Estabelecem como Objetivo Geral do Sistema Nacional da Cultura: formular e implantar políticas públicas de cultura, democráticas e permanentes, pactuadas entre os entes da federação e a sociedade civil, promovendo o desenvolvimento humano, social e econômico, com pleno exercício dos direitos culturais e acesso aos bens e serviços culturais.

Instituem como Objetivos Específicos: instituir um processo democrático de participação na gestão das políticas e dos recursos públicos na área cultural; Articular e implementar políticas públicas que promovam a interação da cultura com as demais áreas sociais, destacando seu papel estratégico no processo de desenvolvimento; Promover o intercâmbio entre os entes federados para a formação, capacitação e circulação de bens e serviços culturais, viabilizando a cooperação técnica entre estes; Criar instrumentos de

[55]http://www.cultura.gov.br/historico
[56] www.cultura.gov.br/documents/10907/.../8cbf3dae-0baf-4a30-88af-231bd3c5cd6e

gestão para acompanhamento e avaliação das políticas públicas de cultura desenvolvidas no âmbito do Sistema Nacional de Cultura; Estabelecer parcerias entre o setor público e privado nas áreas de gestão e de promoção da cultura[57].

A Secretaria Municipal de Cultura de Embu das Artes surgiu da necessidade que a sociedade civil almejou, movida por mobilização do poder público local no ano de 2007, quando da realização da 1ª Conferência Municipal de Cultura, bem como da construção do SMC –Sistema Municipal de Cultura (Secretaria, Conselho, Fundo Municipal de Cultura) que nasceu desse procedimento democrático organizado pelo Governo Municipal de Embu das Artes. Foram realizadas 03 (três) Conferências Municipais de Cultura (2007, 2009 e 2011) e, a partir desta última, iniciou os trabalhos para constituição do PMC –Plano Municipal de Cultura.

O Plano Municipal de Cultura no decênio de 2012 a 2022, sob o mandato do prefeito Francisco Nascimento Brito, visa garantir, nos termos da Lei Orgânica Municipal, a todos os embuenses das artes o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura, apoiando e incentivando a valorização e difusão das manifestações culturais. O PMC, numa ação conjunta do Poder Executivo e Sociedade Civil, representada pelos diversos setores artísticos e culturais da cidade, fortalece a construção do Sistema Nacional de Cultura e representa a consolidação da Política Municipal de Cultura como política de Estado, garantindo assim, o desenvolvimento da cultura e estabilidade institucional no horizonte dos próximos dez anos, sendo necessária uma revisão após cinco anos.

Nele define os conceitos de política cultural, apresenta diagnóstico e aponta os desafios a serem enfrentados em cada área cultural, formula diretrizes gerais e estrutura a intervenção do governo municipal através de cinco programas estratégicos que agrupam tematicamente os planos, programas, projetos e ações a serem desenvolvidas a curto, médio e longos prazos (PMC, 2012, p. 19).

No Brasil, o direito à Cultura foi reafirmado na Constituição de 1988, em capítulo especial, como um direito fundamental de todos os brasileiros. No Embu das Artes, a Lei Orgânica Municipal consagra seus artigos n° 218 a n° 226 aos direitos dos cidadãos embuenses das artes à cultura, afirmando que "o Município garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura, apoiando e incentivando a

[57]www.cultura.gov.br/documents/10907/.../d17c52f9-3a60-4196-af5c-a6655f028f3b

valorização e difusão das manifestações culturais" (art. 218), e ainda, em seu parágrafo 1º, "o Município protegerá as manifestações das culturas populares, afro-brasileiras e das de outros grupos participantes do processo de formação da civilização nacional".

De acordo com nossa Lei Orgânica, a 'Constituição'Cidadã de Embu das Artes, cabe ao Município, como agente público e de Estado no âmbito municipal, proteger e difundir:

I –As formas de expressão;

II –Os modos de criar, fazer e viver;

III –As criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV –As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V –Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Art. n° 219 da LOM). Lei Orgânica Municipal.

Para a garantia destes bens culturais, o Poder Público incentivará a livre manifestação cultural mediante:

- Criação, manutenção e abertura de espaços públicos, devidamente equipados e capazes de garantir a produção, divulgação e apresentação das manifestações culturais e artísticas;
- Desenvolvimento de intercâmbio cultural e artístico com os demais municípios, integração de programas culturais e apoio à instalação de casas de cultura, bibliotecas municipais e museus;
- Acesso aos acervos das bibliotecas, museus, arquivos e congêneres, inclusive com a implantação de programas de Inclusão Digital, de Incentivo à Leitura, Pesquisa, entre outros;
- Promoção do aperfeiçoamento e valorização dos profissionais da arte, artesanato e da cultura;
- Planejamento e gestão do conjunto das ações culturais e artísticas, garantida a participação de representantes da comunidade;
- Defesa da integridade, pluralidade, independência e autenticidade das culturas

nacionais em seu território;

- Garantir a atualização e modernização permanente dos acervos e equipamentos instalados nas Bibliotecas Públicas, com planejamento estratégico anual da criação e ampliação dos Pontos de Cultura, com ênfase nas regiões mais carentes do Município;
- Informação e divulgação permanente, por parte do poder público municipal, de toda a programação cultural, bem como dos espaços culturais disponíveis ao público;
- Isenção fiscal a empresas que patrocinem produção e eventos culturais no âmbito municipal. (Art. n° 225 da LOM). Lei Orgânica Municipal.

As diversidades étnicas, religiosas, de gênero, regionais, urbanas, rurais, enfim, devem ser valorizadas e promovidas. Embu das Artes tem a composição ampla cultural, com contribuições de todas as partes do País e do mundo. Os indígenas foram os primeiros moradores desta cidade, praticamente junto ao nascimento do Brasil como colônia de exploração europeia, há mais de quatro séculos e meio, juntaram-se aos portugueses e jesuítas que, com a contribuição da fé cristã, adicionaram elementos até hoje visíveis em Embu das Artes no Museu Sacro.

Com a chegada dos imigrantes nos séculos XX novas contribuições somaram-se à vida da cidade, imigrantes japoneses deram origem aos centros de cultura japonesa e os italianos ao CTG (Centro de Tradições Gaúchas). A cultura afrodescendente apresenta várias contribuições, especialmente o Teatro Popular Brasileiro, da família Trindade instalado no Barracão do Assis.

Nos anos 1920 a 1960 consolidou-se a influência de artesãos e artistas plásticos à nossa diversidade cultural. Com o crescimento urbano verificado nos anos 1970 a 2000, outras experiências somaram-se às anteriores, com fortes elementos da Cultura Urbana, as tradições nordestinas, o samba, o hip-hop, os grupos de danças, os poetas e atores do teatro alternativo.

A Constituição Brasileira de 1988 garante a todos o pleno exercício dos direitos culturais (art. n° 215). Ao definir patrimônio cultural brasileiro, de forma indireta, aponta como direitos culturais as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas. O livre exercício dos cultos religiosos, a livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, e os

direitos do autor também estão expressamente assegurados na Constituição, no rol dos direitos e garantias fundamentais (art. n° 5º).

O marco inicial para a Gestão Cultural da cidade de Embu das Artes ocorreu na 1ª Conferência Municipal de Cultura realizada em 2007, o evento foi a primeira grande mobilização artística e cultural ocorrida desde a criação do movimento cultural dos anos 1960 com a criação da Feira de Artesanato e do Salão de Artes Plásticas.

Partiu-se dessa conferência estudos para que em 2009 fosse criada definitivamente a Secretaria Municipal de Cultura estruturando assim um Sistema Municipal com a criação de um Conselho Municipal de Cultura e propostas como o Fundo Municipal e Sistema de Incentivo, além do calendário bienal de Conferências de Cultura.

O primeiro passo foi organizar a parte física com recursos humanos e materiais disponibilizados pelo governo municipal. Implantaram-se as coordenadorias para os segmentos artísticos, considerando a grande diversidade cultural existente na cidade, incluindo um setor exclusivo para a produção e realização dos diversos eventos populares e culturais da cidade.

No primeiro ano da gestão a cidade ganharia o seu segundo Centro Cultural no Bairro do Pirajussara; este juntamente com o Centro Cultural Mestre Assis e ao Memorial Sakai, formariam o embrião de uma Rede de Equipamentos Culturais que inclui o Sistema Municipal de Bibliotecas com seis unidades (PMC 2012, p 18).

Neste período foram traçados os objetivos e metas iniciais para as políticas a serem implantadas de forma sistemática e organizadas, considerando como premissas, a qualificação técnica, a relevância cultural e reciprocidade social, assim definida:

- Política de Difusão Cultural, focando o acesso da população a grandes eventos populares e tradicionais, como o Carnaval, a Festa de Santa Cruz, o Arraial de Embu das Artes, a Semana da Imigração Japonesa e a realização de eventos de difusão cultural com diversas exposições, Semana Lítero Cultural, apresentações de teatro e dança, concursos literários, apresentações de música, ópera e a retomada, após 12 anos de interrupção do famoso Salão de Artes Plásticas de caráter nacional.

- Política de Formação Cultural, focando o acesso à iniciação e formação artística e cultural através da implantação do Projeto Núcleos de Cultura que leva aos

Centros Culturais e através de parcerias com entidades e instituições da cidade cursos em diversas áreas: ballet, capoeira, dança de salão, dança do ventre, danças brasileiras, hip hop, jazz, teatro, cerâmica, desenho, escultura em madeira, fotografia e vídeo, papel marché, pintura em tela, criação literária, canto coletivo, cavaquinho, percussão, viola caipira e violão. A Secretaria de Cultura também compartilha e organiza com a Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, com: o oferecimento de diversos cursos de extensão comunitária e workshops nas áreas de teatro, dança, música, história da África, gestão cultural, artes plásticas, artes visuais, novas linguagens e história de Embu das Artes.

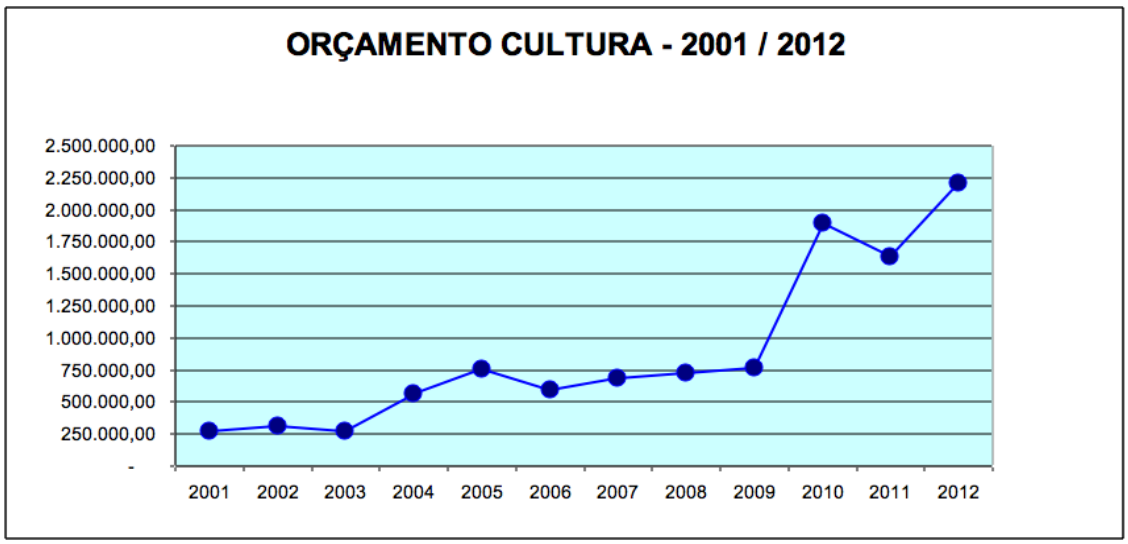
- Política de Fomento à Cultura, implantando e estabelecendo, através de convênios, vários Pontos de Cultura na cidade de Embu das Artes, credenciando assim, entidades da sociedade civil para a realização de projetos próprios trabalhando as identidades culturais das comunidades e mantendo e aprimorando a centenária Banda Municipal de Embu das Artes.

Passaram a serem objetivos estratégicos da política cultural:

- Desenvolver a cultura em todos os seus campos como expressão e afirmação de identidade;
- Democratizar o acesso à cultura e às artes, descentralizando as ações e atividades culturais, levando a todas as regiões da cidade;
- Consolidar a cultura como um dos principais vetores de desenvolvimento econômico e social na cidade de Embu das Artes;
- Consolidar a cidade de Embu das Artes como referência artística e cultural no circuito estadual, nacional e internacional;
- Promover conhecimento, qualidade de vida, saúde e paz através da arte e da cultura.

Durante muitos anos as Secretarias de Educação e de Cultura eram unificadas, e da mesma forma as verbas que recebiam. Com o desmembramento as verbas também tiveram destinos separados, no quadro abaixo é possível visualizar o crescimento do investimento que foi destinado à Secretaria da Cultura.

Ilustração 1: *Gráfico de crescimento do investimento destinado à Secretaria da Cultura.*



Fonte: PNC 2012

Ilustração 2: *Pontos culturais distribuídos pelo município sendo o ano base 2012.*

Fonte: PNC 2012

Adentrando na diversidade cultural da cidade encontramos os vários tipos de artes e ações especificadas no Plano Municipal da Cultura de Embu das Artes.

4.4.1 Música

Nesta cidade voltada a tantas atividades culturais a Secretaria da Cultura é responsável pela Banda Municipal de Embu das Artes uma entidade civil, não partidária e sem fins lucrativos de tradição secular. Ela é gerida e mantida pela Prefeitura de Embu das Artes, estando diretamente subordinada à Secretaria de Cultura. Por ela passaram, ao longo dos anos, diversos músicos e maestros, alterando períodos de plena atividade e de paralisação. Atualmente a Banda é regida pelo Maestro Elias Evangelista, que conduz e dirige o trabalho, inclusive dando aulas.

A cidade de Embu das Artes é berço de diversos músicos, bandas e compositores em diversos estilos musicais: samba, sertanejo, rock, rap e outros. Hoje em dia, é uma prática da Secretaria de Cultura convidar e subsidiar grupos musicais para apresentações nos mais variados eventos pela cidade, oferecendo a possibilidade da profissionalização e da divulgação de trabalhos. Além destas oportunidades, os músicos têm na noite de Embu a possibilidade de shows e apresentações nos vários bares e restaurantes da cidade.

A preocupação com a área musical fez a Secretaria da Cultura juntamente com o governo da prefeitura inaugurar no dia 25.10.2014 a escola municipal de música,

instalada no centro cultural do bairro do Jardim Santo Eduardo. Espaço para 561 (quinhentos e sessenta e um) estudantes, nos cursos de bateria, canto, cavaquinho, clarineta, contrabaixo, flauta, guitarra, percussão, piano, saxofone, violão e violino, traz não só para os moradores do bairro Santo Eduardo, mas para toda a cidade e região, a oportunidade de estudar música, de graça, perto de casa[58].

A ASAVE –Associação Amigos Violeiros de Embu é uma entidade sem fins lucrativos, com objetivo de promover e preservar a música caipira. Embu das Artes mantém algumas tradições paulistas de cultura popular vivas, através de ações e eventos que oferecem o acesso da população à nossa ancestralidade cultural. A ASAVE representa o elo com as culturas tradicionais do interior paulista através da música caipira.

4.4.2 Artes Cênicas

Teatro: A situação do segmento teatro em nossa cidade é precária, limitando-se a sua produção ao entusiasmo e dedicação de alguns, poucos criadores que vão insistindo em sacrificar as suas vidas pessoais e profissionais em nome de projetos esporádicos e de alguns grupos amadores que de tanto insistir e praticar já alcança a qualidade dramatúrgica encontrada em centros de excelência da área, ou seja, um grande potencial a ser desenvolvido e talentos a serem aproveitados. A cidade ganhou alguns espaços onde se pode desenvolver o teatro, mesmo não sendo estes espaços construídos para este fim, pois lhes falta a estrutura técnica necessária, porém, são espaços públicos onde podemos "formar públicos" para o teatro. A prefeitura oferece os primeiros passos na área através de cursos no Projeto Núcleos de Cultura e cursos de extensão pela UNIFESP.

Dança: Na cidade de Embu das Artes, a dança é uma atividade cultural muito disseminada, desde a tradicional, histórica e centenária dança de Santa Cruz, relacionada ao festejo religioso, que envolve ainda o chimarrete, a cana verde e outras, ligadas ao repertório popular paulista, até as danças folclóricas brasileiras trazidas pelas diversas comunidades de todo o país que aqui chegaram: o maracatu, o jongo, o bumba-meu-boi, coco, entre outras. As danças étnicas são também muito fomentadas junto à população; a dança afro, dança do ventre e dança indiana são as mais desenvolvidas. Os movimentos da cultura urbana também contribuem com "*dance street"*, o "*break"* e suas inúmeras

[58]http://embudasartes.sp.gov.br/noticia/ver/7172

variações. Atualmente, o poder público disponibiliza cursos de modalidades mais técnicas como o jazz, a dança contemporânea e o ballet clássico que ainda carecem de espaços apropriados para a sua desenvolta evolução, mas com uma demanda crescente da população, o que justifica o investimento a ser realizado na área. Outra modalidade que merece destaque é a dança de salão como uma prática saudável e prazerosa que atrai um grande número de pessoas. No Embu das Artes vêm sendo realizados Festivais de Dança desde 2005, organizados por escolas de dança da cidade. Em média são realizadas 90 apresentações com público médio de 150 (cento e cinquenta) pessoas por evento.

A SELIC. Semana Lítero Cultural de Embu das Artes, realizada a cada ano, é um evento oficial da cidade que em 2011 alcançou sua 5ª Edição. Trata-se de um projeto com ações literárias diversificadas como: exposição de textos literários, lançamentos de livros, saraus, espetáculos, debates literários, recitais itinerantes, entre outros. A cada ano o projeto tem alcançado novas etapas.

Desde o ano de 2009, a Secretaria Municipal de Cultura tem sido procurada para disponibilizar espaço para lançamentos de livros. Apoiando assim esses eventos, a demanda da procura foi aumentando. Autores tanto da cidade quando de fora dela vieram lançar seus livros, cuja logística oferecida é: espaço para lançamento (Centros Culturais), divulgação do evento, coquetéis, saraus e/ou debates acoplados aos lançamentos.

4.4.3 Artes Plásticas

As artes plásticas sempre foram grandes referências de Embu. Além de agregarem-se ao nome da cidade, “Embu das Artes”, alçaram-na como um importante polo cultural brasileiro. A cidade como estância turística conta com diversos ateliês de artistas consagrados e galerias de arte, que junto à feira acentua as artes plásticas como principal referência cultural.

Exposições - A Secretaria de Cultura mantém um Programa de Exposições que ocorrem no Centro Cultural Mestre Assis, onde nos últimos 03 (três) anos, realizou cerca de 50 (cinquenta) exposições individuais e coletivas com uma rica diversidade de estilos, técnicas e modalidades. O Programa também prevê, em algumas oportunidades, exposições monitoradas na rede municipal de ensino, em escolas de toda a cidade.

O Salão de Artes é outro grande evento das artes plásticas da cidade, sendo o mais

importante pela história e pela abrangência nacional que atrai a participação de grandes artistas brasileiros. A Secretaria de Cultura junto de artistas importantes da cidade constituem uma comissão que conceitua e coordena todo o evento. O Salão de Artes Plásticas de 2010, último a ser realizado, foi a 27ª edição e passou a integrar a marca "Anuário Embu das Artes", que agregará também o Salão de Humor e o Salão Regional só com artistas locais.

4.4.4 Artes Visuais

Cinema Popular: Ocasionalmente a Secretaria de Cultura desenvolve atividades culturais ligadas ao audiovisual em especial ações no campo da cultura cinematográfica, voltadas para a formação de público na cidade de Embu das Artes.

Tais ações consistem na organização de mostras e sessões gratuitas de cinema direcionadas aos públicos de diferentes faixas etárias e sociais, em parceria com instituições e empresas que realizam as sessões de cinema itinerante nos bairros da cidade. Ainda na área do cinema, desde 2007 a cidade recebe o Dia Internacional da Animação através da realização dos cineclubes da cidade, que além da mostra, desenvolve oficinas de animação com jovens e crianças.

Fotografia: A Secretaria de Cultura mantém em exposição permanente um acervo de fotografias históricas do início do século XX no Centro Cultural Mestre Assis e um acervo de fotografias de Sebastião Salgado, adquirido recentemente. Realizou exposições fotográficas temáticas, como a dos funcionários públicos municipais sob diversos temas, a exposição dos 40 (quarenta) anos da Feira de Artes, exposições sobre a Imigração Japonesa, entre outras.

Vídeo e Cineclubismo: O Cineclube de Embu das Artes, localizado na região Central da cidade, é uma instituição sem fins lucrativos que mantém atividades que consistem na exibição de filmes e a realização de debates sobre os mesmos, círculo de debates envolvendo assuntos relacionados com o cinema, desenvolvendo também cursos e palestras sobre cinema, produção, filmagem, roteiros entre outros temas.

Novas Linguagens (arte digital e novas mídias): Na cidade de Embu das Artes ainda é incipiente o desenvolvimento das novas linguagens principalmente aquelas produzidas em ambiente gráfico computacional através de processos digitais e virtuais.

Alguns artistas da cidade já desenvolvem trabalhos com essas técnicas.

4.4.5 Artesanato

Historicamente, os índios e jesuítas, primeiros habitantes da Aldeia de M'boy, eram artesãos primorosos e essa vocação anteciparia o que viria a ser Embu das Artes com a chegada de artesãos que se instalaram na cidade na década de 1960 e criaram a Feira de Embu das Artes. Muito do desenvolvimento artístico, cultural e social da cidade se deve ao artesanato. Ele gera renda e empregos para diversas famílias da cidade que expõem e vendem seus trabalhos na Feira de Artes.

Artesanato / Casa do Artesão:A prefeitura apoia através da Secretaria de Cultura a Casa do Artesão, entidade que agrega os expositores da Feira, oferecendo estrutura para o desenvolvimento da atividade. A proposta tem como finalidade oferecer à população acesso aos mais diversos segmentos do artesanato, oferecer a possibilidade de geração de renda por meio da comercialização de seus produtos, através de cursos qualificados.

Feira de Artesanato: Em 31 de janeiro de 1969 foi criada a Feira de Artes e Artesanato em frente ao Museu de Arte Sacra, que aos poucos se expandiu pelas ruas do Centro Histórico. A Feira tornou-se o grande atrativo turístico da cidade, gerando um grande número de visitantes todos os fins de semana ávidos pela variedade de produtos artesanais e obras de arte expostas. Hoje em dia a Feira conta com 522 (quinhentos e vinte e dois) expositores, sendo que 350 (trezentos e cinquenta) moram em Embu das Artes.

4.4.6 Patrimônio Cultural e Memória

Museu de Arte Sacra, Museu do Índio, Instituto Portucale e Teatro Popular Solano Trindade, são importantes instituições não governamentais presentes na cidade.

Museu de Arte Sacra: é o grande cartão postal da cidade de Embu das Artes, o conjunto jesuítico com a centenária Igreja de Nossa Senhora do Rosário construída no século XVII com arquitetura em estilo barroco paulista, sedia hoje o Museu e um rico acervo de imagens de anjos, santos e personagens bíblicos entalhados em madeira, modelados em terracota ou em armações de roca, produzidos entre os séculos XVII e XIX.

Museu do Índio: mantido pelo Centro de Informação da Cultura Indígena – CICI

e idealizado pelo artista plástico e pesquisador Waldemar de Andrade e Silva, além do grande acervo disponível (mais de 600 peças de arte e do cotidiano indígena), realiza palestras e visitação monitorada (com agendamento) para grupos de estudantes, desenvolve o Projeto PECI que capacita e orienta educadores das redes de ensino para a abordagem do tema em sala de aula.

Instituto Portucale:é uma instituição que mantém um acervo de 500 (quinhentas) peças de cerâmica brasileira e portuguesa, dos séculos XVIII, XIX e XX, expostas ao ar livre em uma belíssima área. O Instituto também mantém um ateliê para atividades de conservação e preservação e realiza pesquisas para a contextualização histórica da coleção.

Teatro Popular Solano Trindade: representa o legado cultural do grande poeta pernambucano Solano Trindade para Embu das Artes, a cidade em que ele escolheu para viver e que junto com outros grandes artistas, fundou nos anos 1960 o movimento cultural que consolidou a vocação local para as artes e para cultura. O Teatro é um grande centro multicultural com constantes eventos de música, dança, teatro, artes plásticas e literatura, diversos cursos da cultura afro-brasileira.

Duas importantes instituições públicas da prefeitura presentes na cidade.

Memorial Sakai: Mantido pela Prefeitura de Embu das Artes, através da Secretaria de Cultura, o Memorial Sakai do Embu, inaugurado em 2003, tem em seu acervo peças do artista plástico Tadakiyo Sakai, um dos maiores terracotistas do País. O conjunto arquitetônico inclui a Capela de Santa Cruz, inaugurada em 2008, o Cruzeiro da Paz, construído nos anos 1970 e um pátio onde são realizados eventos. Além de uma ampla galeria de peças de Sakai e de outros artistas, o Memorial desenvolve uma escola de terracota, com oficinas e cursos regulares gratuitos.

Centro Cultural Mestre Assis: Também mantido pela Prefeitura de Embu das Artes, sob responsabilidade da Secretaria de Cultura, o Centro Cultural Mestre Assis, cujo nome é uma homenagem ao escultor Claudionor Assis Dias, um dos pioneiros de nossa Feira de Artes, é um espaço de exposições, como já mencionado, mas também um espaço único de memória dos artistas da cidade. O Centro Cultural mantém um considerável acervo de telas e esculturas de artistas de diferentes épocas, além de exposição permanente de fotos históricas da cidade.

4.4.7. Cultura Popular Tradicional

Folia de Reis é um festejo de origem portuguesa ligada às comemorações do culto católico do Natal, trazido para o Brasil ainda nos primórdios da formação da identidade cultural brasileira, e que ainda na atualidade se mantém vivo nas manifestações folclóricas de muitas regiões do país. Em Embu das Artes é tradição os moradores vizinhos saírem nas sacadas de suas casas para assistir ao cortejo da Folia e a cantoria pedindo licença para entrar na casa. Os foliões abençoam uma mesa de comidas e frutas, saudando a chegada do menino Deus e pedem um ano de abundância para todos. A Folia de Reis do Jardim Santa Clara foi fundada em 1982, pelo falecido Sílvio Albano da Silva. Nos dias atuais, ela é comandada por sua filha, Débora, juntamente a outros membros da família e amigos do bairro de Embu das Artes.

Festa de Santa Cruz - é um evento tradicional do folclore paulista relacionado aos festejos iniciados pelos padres jesuítas, cuja simplicidade e riqueza artística remontam à sua origem a partir do século XVII, tornando-se assim, uma das mais importantes festas do Estado de São Paulo. Embu das Artes cresceu sob a égide de Santa Cruz, anos após 1554, data provável da fundação da aldeia de M'Boy. Em 1624, Fernão Dias e Catarina Camacha, sua esposa exigiu, como condição para doar parte de suas terras aos jesuítas da Companhia de Jesus, que fosse instituída a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a adoração à Santa Cruz. Desde então a tradição se mantém viva através das famílias que transmitem este conhecimento e fé de geração em geração.

Danças Tradicionais Paulistas e Brasileiras - No Embu das Artes algumas famílias mantêm núcleos que trabalham danças folclóricas paulistas e brasileiras, como o jongo, a dança de lenço paulista, a dança do mineiro-pau, a dança do cafezal e o trança fitas. Os trabalhos destes grupos apontam a necessidade de desenvolvimento e preservação destas danças enquanto manifestações transmitidas para a comunidade através da oralidade.

Violeiros - A tradição caipira paulista tem nos violeiros uma das suas maiores expressões. Em Embu das Artes, que cultiva e mantêm diversas manifestações locais características e históricas, os violeiros se organizam agregados a grupos que desenvolvem a Folia de Reis, a Adoração à Santa Cruz, ou através da Sociedade Amigos Violeiros de Embu, uma entidade fundada em 1998 que desenvolve intenso trabalho de preservação da música caipira de raiz.

Capoeira - A capoeira foi criada no século XVI pelos escravos africanos que

utilizaram o ritmo e os movimentos de suas danças, adaptando a um tipo de luta. Esta prática além de aliviar o estresse do trabalho e exercitar o corpo, mantinha viva a cultura original africana e escondia sob o manto de uma dança inocente, uma forma de arte marcial usada na defesa pessoal. Muitas vezes, as lutas ocorriam em campos com pequenos arbustos, chamados na época de capoeira ou capoeirão. Do nome deste lugar surgiu o nome desta luta. Hoje, a capoeira é considerada um esporte brasileiro, porém com um grande conteúdo cultural e humano. Na cidade de Embu das Artes, a prática da capoeira já é uma tradição, muitas academias e instituições realizam cursos junto à comunidade. Nos anos 1970 e 1980 Embu sediou grandes eventos internacionais dedicados à prática da Capoeira.

Cultura Negra - O Teatro Popular Solano Trindade desenvolve estudos e práticas de manifestações artísticas como o Maracatu, o Mulungu, a Dança do Bumbo, Capoeira de Angola, Coco de Alagoas e Pernambuco, Lundu Colonial, Samba de Roda, Samba Lenço Rural Paulista e Cafezal Paulista.

Cultura Nordestina - A tradição do nordeste e sua rica cultura manifestam-se de forma intensa dentro da comunidade. A música, as danças, a literatura, a culinária, as festas e costumes do nordeste, mais do que práticas culturais, representam o elo desta população com suas origens. A população nordestina espalha-se por vários bairros de todas as regiões do município, o que evidencia a necessidade de desenvolvimento da cultura nordestina em todas as suas manifestações.

Cultura Indígena - Na região central da cidade de Embu das Artes está instalado o C.I.C.I. - Centro de Informação da Cultura Indígena, uma Associação sem fins lucrativos que, em abril de 2005, inaugura o Museu do Índio com um patrimônio de mais de 600 peças da arte indígena, de uso ritualístico e cotidiano. O Museu conta com aproximadamente 350m² de área total e se constitui em um dos maiores e mais diversos acervos deste tipo existentes no Estado de São Paulo. O CICI, em função da Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que rege a política nacional de educação, atribuindo incumbências nos âmbitos municipais e estaduais, no sentido de tornar obrigatório o ensino da História do Brasil e das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro criaram em parceria com o Governo Municipal e UNIFESP, o Programa Educacional da Cultura Indígena –PECI, um curso de capacitação para educadores com um rico conteúdo teórico e vivencial.

Cultura Japonesa-As primeiras famílias japonesas chegaram a Embu nos anos

1920. Logo, centenas de imigrantes foram trazidas pela Companhia de Imigração Japonesa (Kaiko). Hoje em dia, vivem na Cidade de Embu das Artes e região mais de 300 famílias japonesas que tiveram papel fundamental na formação econômica, política e cultural do município.

Blocos Carnavalescos - No município existem 08 (oito) blocos carnavalescos de comunidades distintas, que tradicionalmente desfilam no carnaval da cidade em eventos no centro da cidade e no Bairro Jardim Santa Tereza. Todo ano esses grupos se esmeram para participar do carnaval da cidade e invariavelmente padecem com a falta de recursos para o desenvolvimento de suas fantasias, alegorias e nas baterias que carecem de instrumentos.

4.4.8. Cultura Urbana

A cultura do hip hop, surgida com comunidade negra nos Estados Unidos da década de 1960 (excepcionalmente no sul do Bronx - Nova York), tomou corpo nas favelas e bairros no entorno dos grandes centros do Sudeste do Brasil em meados de 1970 e 1980 e vem crescendo até os dias de hoje.

Movimento Hip Hop –Na cidade de Embu das Artes o HIP-HOP mantém as mesmas características de origem, firmando-se como Movimento que une o RAP (música) na figura do Mc com todas as suas técnicas de improviso, o DJ (criador e executor de sons para o rap), o B. Boy (representando a dança) e o Grafiteiro (representando as artes visuais do movimento). Estamos falando, portanto, de uma cultura urbana que carrega na sua diversidade de manifestações a necessidade de descrever sua realidade com valores e denúncias de cunho político-social. No ano de 2011 foram implantados na cidade dois pontos de cultura com essa característica: o "Ponto de Cultura Círculo Palmarino –De periferia para periferia valorizando a cultura afro-brasileira" e o "Ponto de Cultura NH²Z –Núcleo de HIP HOP Zumaluma". Fora esses outros grupos independentes atuam ora somente com a arte do grafite, ora com o rap, entre outros, mas que estão sempre no mesmo ciclo de convivência e troca de experiências. Vale lembrar que, na segunda formação do Conselho Municipal de Cultura, eleito na 3ª Conferência em 2011, a Cultura Urbana passou a ter sua cadeira de representatividade do setorial.

4.4.9 Eventos – Difusão e fomento cultural

Embu das Artes tem uma tradição em festas e eventos. O governo municipal mantém um calendário de eventos oficiais, tradicionais, religiosos e eventos de difusão cultural, além de sediar outros de grande relevância fora do calendário. Todos são gratuitos, com o acesso pleno da população agregando valores de cidadania, promoção e inclusão social, com atividades culturais.

Eventos do Calendário Oficial da Cidade: (comemorativos; festivos e cívicos): Aniversário da Cidade, Mês Lítero-Cultural, Festa de Santa Cruz, Mês do Folclore, Fundação da Aldeia M Boy, Carnaval, Imigração Japonesa, Dia do Trabalhador, Festa Junina de Embu, Independência do Brasil, Dia das Crianças, Festival das Flores, Consciência Negra, Natal das Artes e Cidadania em Ação.

Eventos do Calendário Tradicional e Religioso: Festa da Santa Cruz, Corpus Christi, Folia de Reis, Paixão de Cristo e Romarias.

Eventos Difusão Artístico Cultural: HQ Comics, Loucos por Vinil, SELIC - Semana Lítero-Cultural, Dia do Artista, Semana Mestre Assis, Semana Solano Trindade Semana do Índio, Salão de Artes Plásticas, Dia Internacional da Animação, Exposições variadas e contínuas, Concursos Literários, Saraus diversos, Lançamentos de Livros, Shows Musicais, Apresentações de Teatro, Concertos de Música Erudita e Óperas.

Eventos Esporádicos Realizados nos Últimos Três Anos: Hippie Fest Festival, Teia Regional dos Pontos de Cultura e Congresso Nacional Fé e Política.

4.4.10. Formação Cultural

A Política de Formação Cultural atual se baseia na promoção do acesso da população à iniciação artístico-cultural através do projeto e cursos.

Núcleos de Cultura: Lançado em 2009, o projeto atendeu em três anos cerca de 7.500 pessoas em diversos cursos e oficinas (balé, capoeira, dança de salão, dança do ventre, danças brasileiras, hip hop, jazz, teatro, cerâmica, desenho, escultura em madeira, fotografia e vídeo, papel marché, pintura, dança, cavaquinho, percussão, viola caipira e violão).

Cursos de Extensão: Desde o 2º semestre de 2010, o governo municipal em

parceria com a Universidade Federal de São Paulo, mantém um Campus de Extensão Universitária onde se desenvolvem diversos Cursos de Extensão Comunitária em Artes Plásticas, História das Artes, Música, Novas Linguagens, Teatro, Dança, Gestão Cultural e História e Cultura Africana e diversos workshops de Música; até 2011 cerca de 700 alunos frequentaram e concluíram os cursos.

Em 2010, a Cidade de Embu das Artes liderou um movimento junto ao Consórcio Intermunicipal da Região Sudoeste –CONISUD –e trouxe para a região, sediando em seu território, um CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO– UNIFESP, oficializado pela Presidenta Dilma Rousseff, nas áreas das artes e cultura, desta forma, o município também se consolidará como um importante polo educacional no Estado de São Paulo.

4.4.11. Identidade Cultural

O município de Embu das Artes conta com 08 (oito) Pontos de Cultura criados a partir de iniciativas culturais desenvolvidas por instituições da sociedade civil, potencializadas com o apoio do governo federal, através do Programa Mais Cultura. O Projeto é uma grande conquista do município e através de uma gestão compartilhada com a Secretaria de Cultura, os Pontos promovem diversas atividades com as comunidades locais e segmentos culturais.

- Ponto de Cultura Círculo Palmarino – cultura afro-brasileira

- Ponto de Cultura Zumaluma – hip hop

- Ponto de Cultura Casa do Artesão – artesanato

- Ponto de Cultura Acordacorpo (Inst. Acorde) – dança, expressão corporal

- Ponto de Cultura Enraizar (Inst. Jump) – cultura japonesa

- Ponto de Cultura Km30 (Ass. Bartira) – memória, contação de histórias

- Ponto de Cultura Revelando Embu (Cine Clube) – vídeo

- Ponto de Cultura Diversidade Cultural – capoeira

Além do convênio com o governo federal, com oito Pontos de Cultura, o município ainda conta com mais dois Pontos de Cultura através de convênio com o

governo estadual; são eles:

- Ponto de Cultura Casa de Cultura Santa Tereza –múltiplas atividades;

- Ponto de Cultura Solano Trindade Raízes de Cultura –cultura brasileira.

4.4.12. Inclusão Digital

O Governo da Cidade de Embu das Artes, através da Secretaria de Cultura implanta o Programa Municipalde Inclusão Digital com foco principal na democratização do acesso às tecnologias da informação. Este conceito agrega a disponibilidade de computadores, de acesso à rede e, principalmente, o domínio dessas ferramentas.

O Programa prevê a implantação de uma rede de Telecentros através de parcerias com o Governo Federal – Ministério das Comunicações, Ministério da Justiça, SERPRO (Serviço Federal de Processamento de Dados), Banco do Brasil e com a Suzano Papel e Celulose. Essas parcerias viabilizam equipamentos, tecnologias e recursos humanos que são selecionados entre jovens da própria comunidade a ser assistida e recebem treinamento e bolsas do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) que formam monitores que atuarão no programa.

O Telecentro atua em duas frentes: oferece a possibilidade de acesso à rede mundial de computadores para a comunidade através do Programa Internet Solidária e através de Cursos Introdutórios de Informática e Softwares Livres.

Na primeira fase de implantação estão previstos para o município de Embu das Artes 07 (sete) Telecentros, distribuídos em sete regiões distintas: Centro (Biblioteca Moacyr Farias de Jordão), Jardim Santo Eduardo (Centro Cultural), Jardim Pirajussara (centro Cultural), estes instalados em equipamentos municipais e no Jardim Vazame, Casa Branca, Jardim Vista Alegre e Pinheirinho através de parcerias com entidades locais.

4.4.13. Espaços Públicos de Cultura

Desde 2009 o Governo da Cidade de Embu das Artes empenha-se em expandir, implantar e manter uma rede de equipamentos culturais por todo o território do município, além de promover diversas parcerias com instituições e entidades das comunidades com o objetivo de oferecer acesso da população a diversas atividades culturais e eventos

diversos.

Os equipamentos públicos de Cultura são:

Centro Cultural Mestre Assis – Na região central da cidade e dispõe de três grandes salas para exposições e um auditório para 144 pessoas.

Centro Cultural Parque Pirajussara – Localizado no Complexo Educacional Valdelice Prass, no Parque Pirajussara, conta com três salas para atividades e aulas, biblioteca e telecentro, um espaço para exposições e um auditório para 350 pessoas.

Centro Cultural Santo Eduardo – Na região do Jardim Santo Eduardo, dispõe de quatro salas de aulas / atividades, biblioteca, telecentro, um teatro de arena com capacidade para 150 pessoas, um teatro externo e uma grande área de convivência.

Memorial Sakai – Instalado no Bairro do Cercado Grande, o Memorial dispõe de um museu com um acervo de obras do mestre Sakai de Embu, um espaço griô para palestras, um ateliê onde são ensinadas as técnicas de cerâmica e escultura em terracota, havendo em seu entorno um grande espaço para eventos e festividades ao pé do Cruzeiro da Paz e da Capela de Santa Cruz.

Teatro Solano Trindade – Localizado na região central da cidade, o Teatro Solano Trindade é um espaço onde se desenvolvem atividades das raízes da cultura brasileira e afro-brasileira, num galpão com estrutura para realização de cursos, oficinas, workshops, palestras, espetáculos e festividades.

Praça da Lagoa – Na Praça da Lagoa, região central de Embu das Artes, está instalada a Praça de Alimentação que oferece a estrutura para o segmento como apoio à tradicional Feira de Artesanato. Este espaço possui um amplo palco onde se desenvolvem inúmeras atividades culturais.

Rede de Bibliotecas Municipais com 06 unidades –Conforme já descrito:

- Biblioteca Moacyr de Faria Jordão, na região central.

- Biblioteca Comunitária Jardim Casa Branca, no bairro do mesmo nome.

- Biblioteca Saci Pererê, instalada no Centro Cultural Pirajussara, no Parque Pirajussara.

- Biblioteca Temática Francisco Rizzo, localiza-se no Parque Municipal Francisco Rizzo – Quinhau.

- Biblioteca Comunitária Jardim da Luz, localizado no bairro homônimo.

- Biblioteca Santo Eduardo, instalada no Centro Cultural Santo Eduardo.

- Biblioteca Afonso Carpi, instalada na Câmara Municipal de Embu das Artes, no Parque Industrial, dispõe de acervo e pesquisa, espaço para leitura, e computadores com acesso à Internet.

4.4.14. Programas Estratégicos de Governo

Analisando o PNC (Plano Nacional de Cultura) 2012 da Secretaria da Cultura do município destacam-se fatores importantes na elaboração dos Programas Estratégicos do governo a serem desenvolvidos em favor da cultura local.

- Programa Estratégico 1 - Política de Expansão, no item 5 - Direitos culturais. 5.5 "Garantir espaços públicos para realização de aulas, cursos e oficinas, pesquisa e criações, montagem, apresentações, mostras, festivais, shows, exposições, palestras e outras atividades para as diversas formas de expressão cultural".

Nesta colocação nota-se um olhar da secretaria em abrir e garantir espaços culturais para que a população possa adquirir novos aprendizados em relação às artes, indo ao encontro do tema central desta pesquisa: a preocupação com as artes locais.

- Programa Estratégico 2 - Formação e Intercâmbio Cultural.

2.1. "Manutenção e aprimoramento do Programa de Capacitação e Qualificação Comunitária através da parceria com a Universidade Federal de São Paulo –UNIFESP, na realização de Cursos de Extensão Comunitária / Universitária - cursos, ciclos de palestras, workshops e oficinas nas diversas áreas do conhecimento das artes e da cultura". Os cursos são abertos à população em geral, priorizando, porém, estudantes de determinadas áreas com um conteúdo específico e direcionado.

2.2. Consolidar a Política de Formação Cultural e Artística de Embu das Artes, estimulando e promovendo o acesso da população aos cursos de nível superior (graduação) da Universidade Federal de São Paulo –Campus Embu das Artes, para todas as áreas do conhecimento e segmentos artístico-culturais na perspectiva de potencializar

e buscar a excelência do estudo acadêmico convencional das artes tradicionais como a música, o teatro, a dança e as artes plásticas que pressupõem uma iniciação mais precoce, aptidões natas ou a dedicação em estudos técnicos durante anos.

No item 4, Programa Pedagógico nas Escolas Públicas

4.1. Incluir no Currículo Básico da Educação Municipal, como Disciplina Obrigatória um programa pedagógico de resgate e divulgação da história de Embu das Artes com produção bibliográfica e audiovisual de sua história e cultura, considerando a pluralidade cultural e histórica (grupos étnicos, sociais, políticos, religiosos e gêneros).

4.2. Oferecer capacitação aos educadores da rede pública de ensino em cultura indígena e cultura afro-brasileira, atendendo a Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que rege a política nacional de educação, que atribui incumbências nos âmbitos municipais e estaduais, tornando obrigatória no ensino da História do Brasil a abordagem das contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas e a cultura afro-brasileira.

4.3. "Oferecer capacitação aos educadores da rede pública de ensino em musicalização e iniciação musical, através de cursos específicos para o atendimento da Lei nº 11.769, sancionada em 18 de agosto de 2008, que determina a música como conteúdo obrigatório em toda a Educação Básica".

A Secretaria da Cultura apresenta em seu plano estratégico, ações para que a cultura de nosso município continue a se manter viva. Apresenta sugestões a serem desenvolvidas para exaltar a identidade histórica da cidade como no item 4.1 em destaque acima. A preocupação da Secretaria da Cultura vai ao encontro dessa pesquisa em manter a tradição artística e cultural do município. Cabe então saber se essas ações estão sendo realizadas.

4.5. *Lócus* da Pesquisa

Etimologicamente *lócus* é uma palavra originária do latim que significa literalmente "lugar", "posição" ou "local". Este termo pode ser usado em diversos sentidos e para várias áreas, como na psicologia, na genética, na matemática, na fonética entre outros.

Um primeiro critério é o *espacial* (Gil, 2004, p. 162). "Por ser a pesquisa social

eminentemente empírica, é preciso delimitar o *locus* da observação, ou seja, o local onde o fenômeno em estudo ocorre". Certo é que o parâmetro espacial escolhido implicará no resultado dos dados obtidos e nas conclusões do estudo.

A delimitação deve se ater, à definição do"campo de observação" (Rudio, 2001, pp. 72-75). Este comporta, além do local (recorte espacial) e circunstâncias (recorte temporal), a população a ser estudada. A população consiste na definição de quem será objeto da pesquisa. A população do estudo dependerá, obviamente, da área de conhecimento na qual ele se insere e no propósito de cada pesquisa. Diante desses critérios, tratemos então de definir o nosso campo de observação, visando elaborar um projeto assentado sobre tema consistente e preciso.

A pesquisa que se desenvolveu neste trabalho, teve como local definido a cidade de Embu das Artes. O objetivo foi pesquisar e analisar como a arte, a cultura e a educação se entrelaçam e se desenvolvem para a manutenção e a preservação da cultura. Um fato que instigou o referido estudo, foi a pouca representatividade numérica de professores de Artes que lecionam no Ensino Fundamental I e II.

No primeiro momento a pesquisa foi enviada por email, para todos os diretores das escolas Estaduais, Municipais e Particulares, indicando o link de acesso, conforme apêndice A, e posteriormente devido a ausência de respostas, foram encaminhadas pesquisas impressas de idêntico teor, para que as respostas pudessem ser encaminhadas para os professores e o lançamento da resposta fosse feito posteriormente.

4.6. Técnicas de recolha e análise dos dados

Para a divulgação e recebimento da pesquisa com os Professores do Ensino Fundamental I e II das séries iniciais, da disciplina de Artes, das escolas Municipais, Estaduais e Particulares do município de Embu das Artes, foi utilizado uma ferramenta que está disponível gratuitamente na internet. Trata-se do Formulário Google, que facilita o trabalho de criação de questionários e de pesquisas personalizadas e, depois, compila os resultados o os lança em uma planilha, esse processo torna a análise dos dados simples e rápida.

Essa ferramenta está disponível no site do Google, em que é possível planejar tabelas, criar pesquisas e votações, como também coletar informações específicas. Basta

o usuário criar um formulário a partir do Google Drive ou de qualquer planilha já existente, divulgar o link de acesso e o sistema registra os dados neste formulário.

O Google Formulários, entre outras vantagens, permite que:

Todo o trabalho de elaboração e manuseio da pesquisa seja feito de forma eletrônica, facilitando a agregação e o tratamento de dados;

O trabalho de criação da pesquisa e sua posterior análise sejam feitos a muitas mãos, já que existe um recurso de adição de usuários para inserções e alterações no conteúdo;

Haja o embaralhamento da ordem das perguntas, personalizando o formulário e evitando respostas automáticas;

Os dados sejam coletados de forma organizada e automática nas Planilhas, gerando relatórios e gráficos em tempo real, economizando tempo dos gestores de RH;

Seja feita uma integração com o Docs ou com o Google Apresentações, o que assegura a posterior migração dos resultados para a elaboração de slides de altíssimo nível.

Neste sistema é possível adicionar as perguntas que desejar e organizar o formulário adicionando cabeçalhos e dividindo-o em várias páginas. No caso específico desta tese de doutoramento, foram elaboradas 37 (trinta e sete) perguntas divididas em 36 (trinta e seis) telas, com respostas únicas ou com múltipla escolha. Quando a pesquisa é respondida, o sistema informa através de um alerta enviado ao e-mail previamente cadastrado pelo usuário, para que o mesmo possa acompanhar o desenvolvimento de sua pesquisa. As respostas são coletadas automaticamente pelo sistema e apresentado ao usuário através de uma ferramenta chamada de Planilha Google.

Vale ressaltar que o sistema permite configurar uma pesquisa e que as pessoas possam ter acesso a determinadas seções e inclusive preencher dados. Nesta pesquisa não foi disponibilizado aos colaboradores o acompanhamento das respostas e nem tão pouco foi solicitado o preenchimento de dados pessoais, uma vez que o foco principal é saber informações sobre como os professores de Artes de Embu tem elaborado e conduzido suas aulas.

O sistema ainda disponibiliza três formatos de respostas:

Resumo das respostas;

Compilados em uma planilha Google;

Arquivo do tipo CSV (comma-separated values) para fazer uma análise mais aprofundada dos dados em outro software.

Neste caso específico, serão apresentadas as perguntas e as respostas uma a uma para que seja possível uma análise detalhada de cada.

4.7 Universo e Participantes da Pesquisa

A pesquisa que se desenvolveu neste trabalho, teve como local definido a cidade de Embu das Artes. O objetivo foi pesquisar e analisar como a arte, a cultura e a educação se entrelaçam e se desenvolvem para a manutenção e a preservação da cultura. A escolha desta cidade deu-se devido ao fato do interesse da pesquisadora em ter conhecimento do contexto histórico e cultural que é inserido na região, como também sua participação dentro do sistema educacional.

O universo desta pesquisa são as escolas Estaduais, Municipais e Particulares de Ensino Fundamental I (séries iniciais –1º ao 5º ano) eFundamental II (séries finais –6º ao 9º ano) do município de Embu das Artes.

Os participantes desta pesquisa, os sujeitos do objeto de estudo desta tese, são os professores de artes, que ministram aulas no Ensino Fundamental. Não houve acepção de idade, sexo ou local de moradia.

A escolha dos educadores do Ensino Fundamental ocorreu porque é nesta fase das séries iniciais, do primeiro ao quinto ano, onde são ensinados os conceitos básicos de artes, estimulando o interesse e participação dos alunos às aulas. E nas séries finais, do sexto ao nono ano, onde professor trabalha a prática, e a dedicação na construção das artes. Excluíram-se os professores que ministram aula no Ensino Médio, pelo fato de nesta idade o adolescente já estar decidido em suas escolhas.

A escolha por trabalhar com todas as escolas, municipais, estaduais e particulares foi com a preocupação de que houvesse quórum suficiente na coleta dos dados e ter a representatividade numérica de professores de Artes que lecionam no Ensino Fundamental I e II.

O instrumento utilizado para a recolha dos dados foi o questionário inserido no Google Drive. A escolha desta técnica foi autorizada pelos professores doutores orientadores, como também a validação do questionário. O acesso à pesquisa foi através do link disponibilizado pelo sistema: www.poliscolegio.com.br/pesquisa. (Conforme apêndice A). O preenchimento das alternativas era obrigatório a todas as questões e no final era só enviar.

Ilustração 3. *Detalhamento do locus da pesquisa.*

Fonte: Ilustração criada pela pesquisadora a título de exemplificação

O processo para a autorização da coleta dos dados se deu primeiramente junto ao Secretário da Educação do município. Após ser atendida por ele, no mês de agosto/2016, fui encaminhada a agendar um horário para conversar com a Orientadora Pedagógica da Secretaria da Educação e a Assessora Técnica Pedagógica da disciplina de Artes. Porém não obtive retorno, nem apoio para essa pesquisa. Foi realizado um levantamento através do site da Prefeitura de todas as escolas do município, com telefone e endereço. Com o nome de todas as escolas foi elaborada uma tabela separando por grupos de escolas municipais estaduais e particulares, de acordo com a seguinte lista:

Tabela 4: *Escolas Estaduais, Particulares e Municipais do município de Embu das Artes*

	Escolas Estaduais
1	Alexandrina Bassith
2	Amelia dos Anjos Oliveira
3	Aparecida Ferreira Dourado de Carvalho
4	Brasilina Valente
5	CHB Embu N
6	Doutor Carlos Koch
7	Doutor Eduardo Vaz
8	Doutora Iracema Bello Orichio
9	Ede Wilson Gonzaga
10	Eli Urias Muzel
11	Elizete de Oliveira Bertini
12	Engenheiro Paulo Chagas Nogueira
13	Eulalia Malta
14	General Rubem Carlos Ludwig
15	Hugo Carotini
16	Irmã Iria Kunz
17	Isabel Lucci de Oliveira
18	Jacques Klein
19	Jardim da Luz
20	Jardim Magali
21	Joanna Sposito
22	João Martins
23	Jorge Amado
24	Madre Odette de Souza Carvalho
25	Marcia Aparecida da Silva Ries
26	Marechal Henrique Teixeira Lott
27	Maria Antonieta Martins de Almeida
28	Maria Auxiliadora
29	Maria Cristina Montora Simões
30	Maria Nelida Sampaio de Mello
31	Nelson Antonio do Nascimento Junior
32	Oddete Maria de Freitas
33	Parque Jane II
34	Paulo Afonso de Toledo Duarte
35	Professor Henrique Costa
36	Professor Vivalter Kerche de Camargo
37	Professora Edila Coutinho Porfirio
38	Professora Marlene Aparecida Maia Olberg
39	Professora Rosana Sueli Funari
40	Professora Sara Sanches Russo
41	Rodolfo José da Costa e Silva
42	Solano Trindade
43	Tadakiyo Sakai
44	Vila Olinda II

	Escolas Particulares
1	Alfa A
2	Amaranthus
3	C. E. Escola Curumim
4	Centro Educacional Colibri
5	Centro Educacional Monza
6	Colégio Adventista de Embu das Artes
7	Colégio Além das Letras
8	Colégio Aurélio
9	Colégio Roberto Motta
10	Colégio São Carlos
11	Escola A Chave do Saber
12	Escola Crescer e Arte
13	Escola Criança Feliz
14	Escola Cunha Ramos
15	Instituto de Des. Educacional e Métodos Idem
16	Instituto Ieda Picon
17	Núcleo Educacional Nova Arca
18	Polis Colegio
19	Primeira Opção
20	Progresso Núcleo de Des. de Ed. Infantil e Ensino Fund.
21	Waldorf Guayi Escola

	Escolas Municipais
1	Amilton Suga Gallego
2	Antonia Augusta Delphina De Moraes
3	Astrogilda
4	Elza Marreiro Medina
5	Hermínio Espósito
6	Iodoque Rosa
7	Ipê
8	Janaina Agostinho Oliveira
9	Jd. Marajoara
10	Jequitibá
11	Jornalista José Ramos
12	José Salvador Julianelli
13	Maria Josefina De A. Carvalho-Azteca
14	Mauro Ferreira da Silva
15	Padre Belchior Pontes
16	Profº Paulo Freire
17	Reynaldo Ramos de S. da Gama
18	Rosa Cirelli dos Santos (Profª)
19	Valdelice A. Medeiros Prass (C.C. Pq. Pirajuçara)
20	Villa Lobos

Fonte: Ilustração criada pela pesquisadora a título de exemplificação.

Entramos em contato com as unidades de ensino acima solicitando o e-mail da escola ou do diretor para que fosse enviado a cada um deles a explicação do projeto desta pesquisa, solicitando autorização e participação dos professores de artes para acessarem

o link da pesquisa e responderem o questionário.

A pesquisa foi enviada para 85 escolas, sendo 44 estaduais, 21 particulares e 20 municipais. Para ampliar a análise dos resultados, foi solicitado neste mesmo e-mail que fosse encaminhado o número total de professores que atuam em cada escola.

Não obtivemos o resultado esperado, foram pouquíssimas escolas que retornaram o e-mail e o preenchimento de questionário online foi insuficiente, não sendo adequado para validar a pesquisa.

Posteriormente devido à ausência de respostas online, optou-se em fazer a impressão do questionário para encaminhar a pesquisa impressa de idêntico teor aos professores. E o lançamento da resposta fosse feito logo após. Sendo assim foi solicitado a dois voluntários que entregassem os questionários. O acesso foi diretamente com o diretor da unidade escolar. Era explicado o contexto da pesquisa e solicitado que fosse entregue o questionário ao professor de artes.

Durante essa fase os voluntários relataram que nas escolas particulares foram muito bem recebidos pelos diretores, deixaram os questionários sem nenhum problema, retornando posteriormente para retirada. Todos os professores responderam.

Nas escolas estaduais a maioria dos diretores aceitou a pesquisa e entregaram aos seus professores, porém não foram todos que responderam (sempre havia pelo menos um questionário respondido).

Nas escolas da prefeitura alguns diretores apresentavam certa resistência em receber o questionário, fazendo alguns questionamentos e revelando preocupação com o mesmo. Ainda assim conseguimos obter um resultado positivo no retorno da pesquisa.

Os questionários respondidos foram digitados no link da pesquisa pela pesquisadora a qual se manteve fiel às respostas neles contidas.

Algumas escolas ficaram fora da coleta de dados, devido ao fato de estarem em lugares mais distantes, necessitando de mais tempo para a aplicação do questionário. Outras escolas também não serão tabuladas porque os professores não devolveram o questionário.

Resumo

Durante o desenvolvimento desta tese foram traçados alguns caminhos metodológicos para que fossem alinhados com o tema desta pesquisa: A preservação do

patrimônio artístico de Embu das Artes pela educação nas séries iniciais do ensino fundamental. Partindo da situação problema, com as perguntas a serem respondidas: Os professores de Artes das escolas do município de Embu das Artes estão preparados por meio do ensino das artes para trabalhar a cultura local dentro do sistema educacional e no ensino fundamental? Até que ponto os professores de artes no ensino fundamental dentro da proposta educacional inserem cultura no currículo das escolas do município de Embu das Arte?

Esta pesquisa teve por finalidade ser uma pesquisa básica ou pura, pois se preocupa com o desenvolvimento artistico e cultural do municipio através da educação nas séries iniciais. A pesquisa pura procura melhorar o próprio conhecimento, isto é, busca contribuir, entender e explicar os fenômenos.

A fundamentação filosófica buscou o referencial histórico para a contextualização do município de Embu das Artes, quanto à coleta de dados foi através do questionário.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, pois têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população, portanto está relacionada com o objeto de estudo desta pesquisa. “Professores de artes do ensino fundamental das escolas municipais estaduais e particulares do município de Embu das Artes.” Também é considerada uma pesquisa descritiva documental, pois foram utilizados dados históricos do município contextualizando a fundação, desenvolvimento cultural e artístico.

A pesquisa de campo também foi aplicada, pois teve como objetivo conseguir informações e, ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se buscou uma resposta ou hipótese que se queria comprovar. O ponto de estudo aqui em questão é: A Secretaria da Cultura em parceria com a Secretaria da Educação de Embu das Artes subsidiar projetos de formação continuada aos professores de artes do ensino fundamental relacionados à preservação da cultura trabalhada em sala de aula?

CAPÍTULO V
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

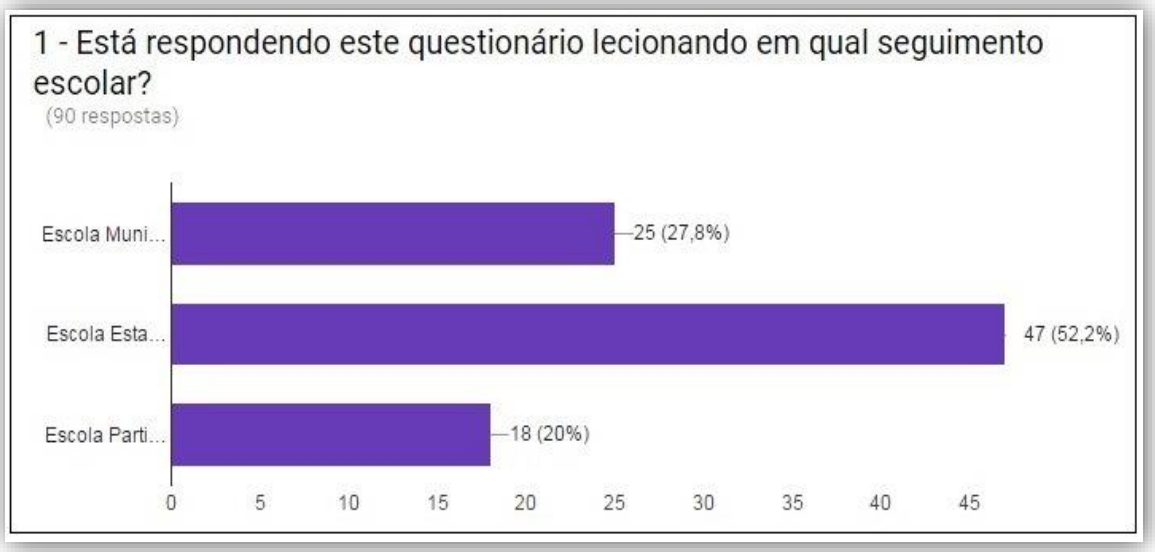
Este capítulo apresentará a análise e os resultados obtidos na pesquisa realizada nas Escolas de Embu das Artes. Primeiramente serão apresentadas as referidas tabulações com a apresentação das 39 (trinta e nove) perguntas e separadas por telas com as respectivas análises.

E posteriormente será apresentada a discussão dos resultados com análise pormenorizada de cada uma.

5.1 Tabulação dos dados

Apresentamos a seguir a tabulação das pesquisas que foi disponibilizada pela internet e também impressa e distribuída para os professores.

Gráfico 1: *Seguimento escolar em que o professor leciona.*



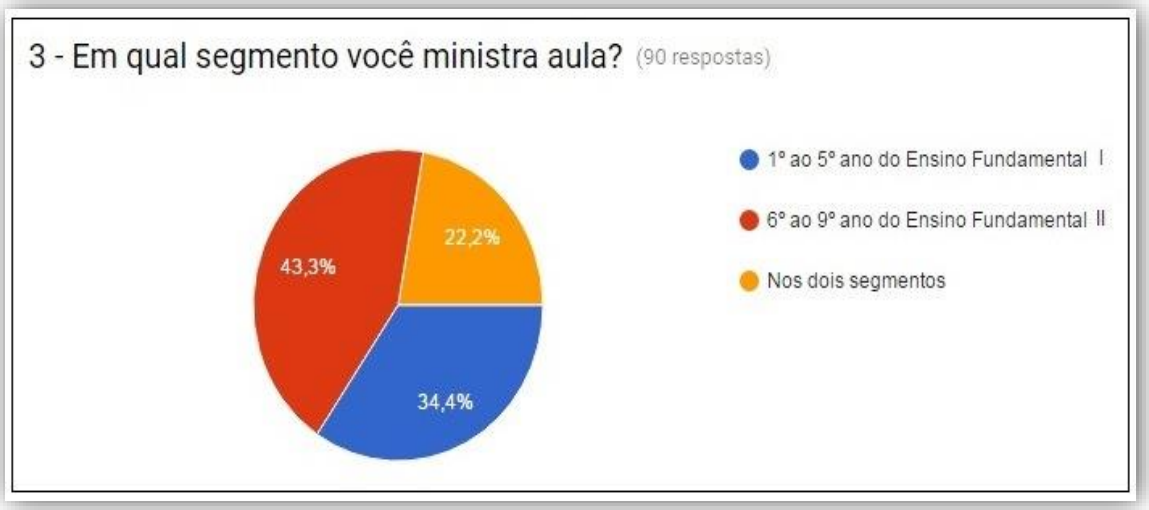
No município existe um total de 85 (oitenta e cinco) escolas, sendo que participaram da pesquisa 58 (cinquenta e oito) escolas com a resposta de 90 (noventa) professores, sendo mais da metade professores das escolas estaduais, que totalizaram 47 (quarenta e sete). Das escolas municipais são 25 (vinte e cinco) participantes e 18 (dezoito) das escolas particulares.

2 - Nome da Escola? (90 respostas)

Tabela 5: *nome das escolas com os resultados das respostas.*

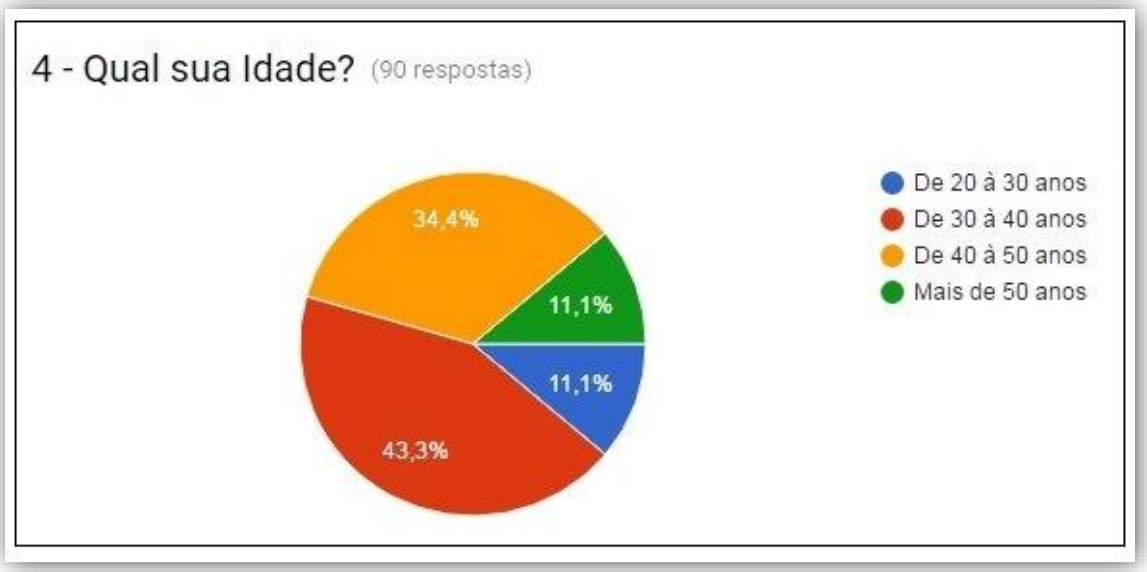
	Escolas	Número de respostas
Escola Estadual	Alexandrina Bassith	1
Escola Estadual	Aparecida Ferreira Dourado de Carvalho	1
Escola Estadual	Brasilina Valente	1
Escola Estadual	Doutor Eduardo Vaz	1
Escola Estadual	Elizete de Oliveira Bertini	2
Escola Estadual	CHB Embu N	2
Escola Estadual	Eulalia Malta	1
Escola Estadual	Doutora Iracema Bello Orichio	1
Escola Estadual	Irmã Iria Kunz	2
Escola Estadual	Jardim da Luz	4
Escola Estadual	Joanna Sposito	3
Escola Estadual	João Martins	7
Escola Estadual	Jorge Amado	2
Escola Estadual	Maria Auxiliadora	1
Escola Estadual	Maria Cristina Montora Simões	1
Escola Estadual	Professora Marlene Aparecida Maia Olberg	1
Escola Estadual	Nelson Antonio do Nascimento Junior	2
Escola Estadual	Oddete Maria de Freitas	3
Escola Estadual	Madre Odette de Souza Carvalho	1
Escola Estadual	Professor Henrique Costa	1
Escola Estadual	Professor Vivalter Kerche de Camargo	1
Escola Estadual	Professora Rosana Sueli Funari	2
Escola Estadual	Professora Sara Sanches Russo	2
Escola Estadual	Solano Trindade	1
Escola Estadual	Tadakiyo Sakai	1
Escola Estadual	Vila Olinda II	2
Escola Municipal	Amilton Suga Gallego	1
Escola Municipal	Padre Belchior Pontes	1
Escola Municipal	Elza Marreiro Medina	2
Escola Municipal	Iodoque Rosa	2
Escola Municipal	Jornalista José Ramos	1
Escola Municipal	Maria Josefina De A. Carvalho-Azteca	1
Escola Municipal	Mauro Ferreira da Silva	4
Escola Municipal	Valdelice A. Medeiros Prass (Centro Cultural Parque Pirajuçara)	5
Escola Municipal	Villa Lobos	3
Escola Municipal	Prof° Paulo Freire	4
Escola Municipal	Ipê	1
Escola Particular	Escola A Chave do Saber	2
Escola Particular	Colégio Adventista de Embu das Artes	1
Escola Particular	Alfa A	1
Escola Particular	Colégio Aurélio	1
Escola Particular	C. E. Escola Curumim	1
Escola Particular	Colégio Roberto Motta	1
Escola Particular	Instituto Ieda Picon	1
Escola Particular	Instituto de Desenvolvimento Educacional e Métodos Idem	1
Escola Particular	Núcleo Educacional Nova Arca	2
Escola Particular	Polis Colegio	3
Escola Particular	Primeira Opção	1
Escola Particular	Progresso Núcleo de Des. de Ed. Inf. e Ensino Fund.	1
Escola Particular	Colégio São Carlos	1
Escola Particular	Escola Crescer e Arte	1
	TOTAL	**90**

Gráfico 2: *Qual segmento o professor ministra aula.*



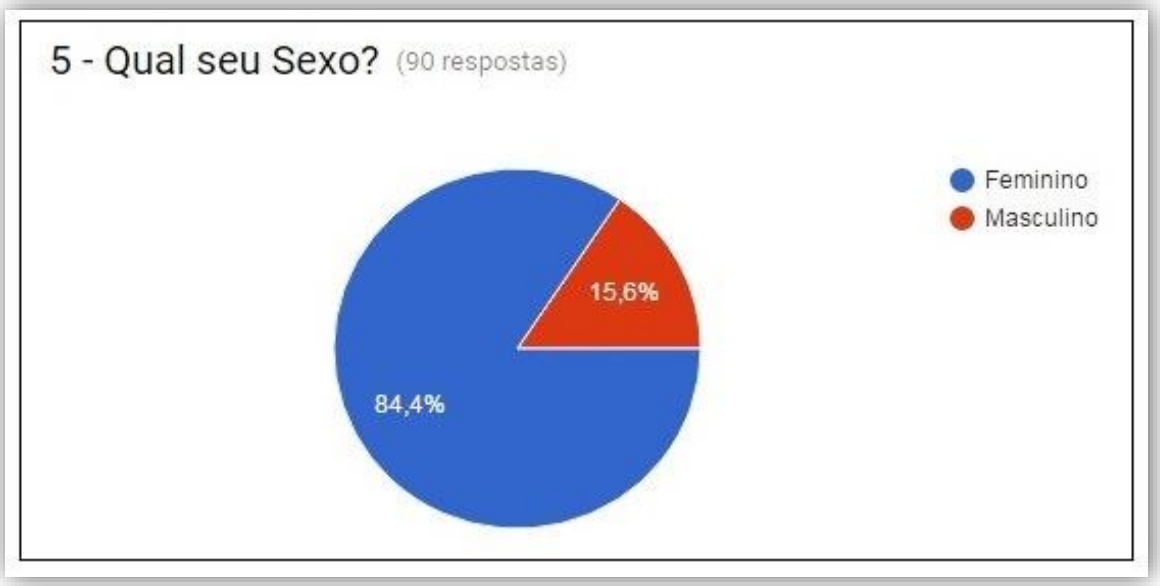
Ao verificar os segmentos em que estes professores ministram suas aulas, a porcentagem maior, quase a metade (43%), isto é, 47 deles trabalham nas séries finais, do sexto ou nono ano. Do primeiro ao quinto ano, as séries iniciais, são 34,4%, 25 professores, e nos dois segmentos encontramos 18 (22,2%) dos participantes.

Gráfico 3: *Idade dos professores.*



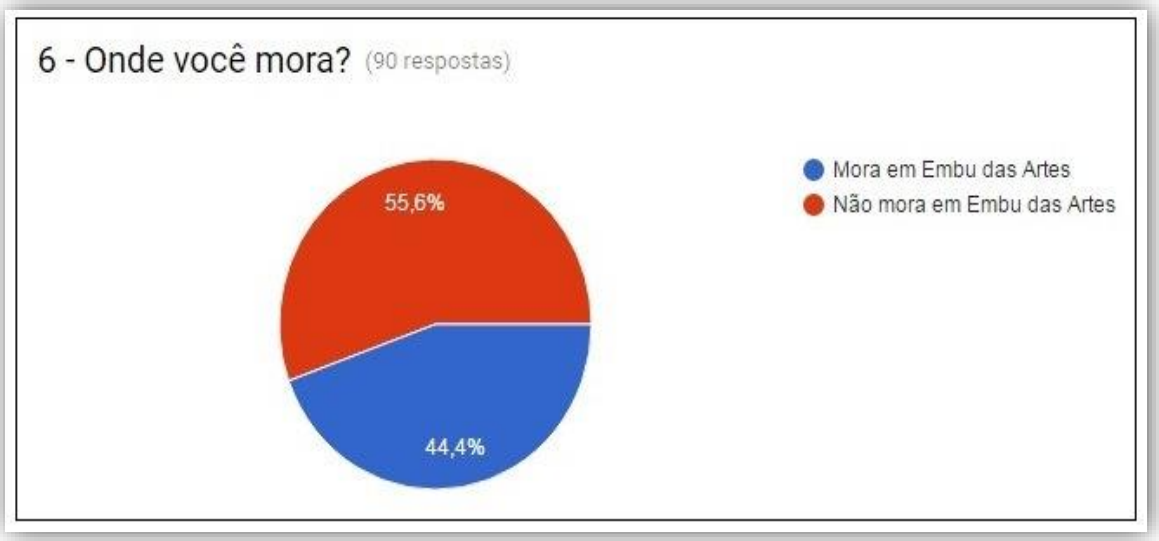
A maioria dos participantes no total de 39 (trina e nove) se enquadra entre 30 (trinta) a 40 (quarenta) anos, mas com pouca diferença entre os professores de 40 (quarenta) a 50 (cinquenta) anos, sendo 31 (trinta e um) deles. O que chama a atenção que somente 10%, apenas 10 (dez), estão entre 20 (vinte) a 30 (trinta) anos, podendo ser considerado início de carreira. A mesma quantidade aparece com mais de 50 (cinquenta) anos.

Gráfico 4: *Sexo*.



Nitidamente percebe-se que esta pesquisa foi respondida quase que em sua totalidade por professoras, totalizando 76 (setenta e seis), demostrando assim que o interesse maior pela disciplina de artes é do sexo feminino. Apenas 14 (quatorze) são do sexo masculino.

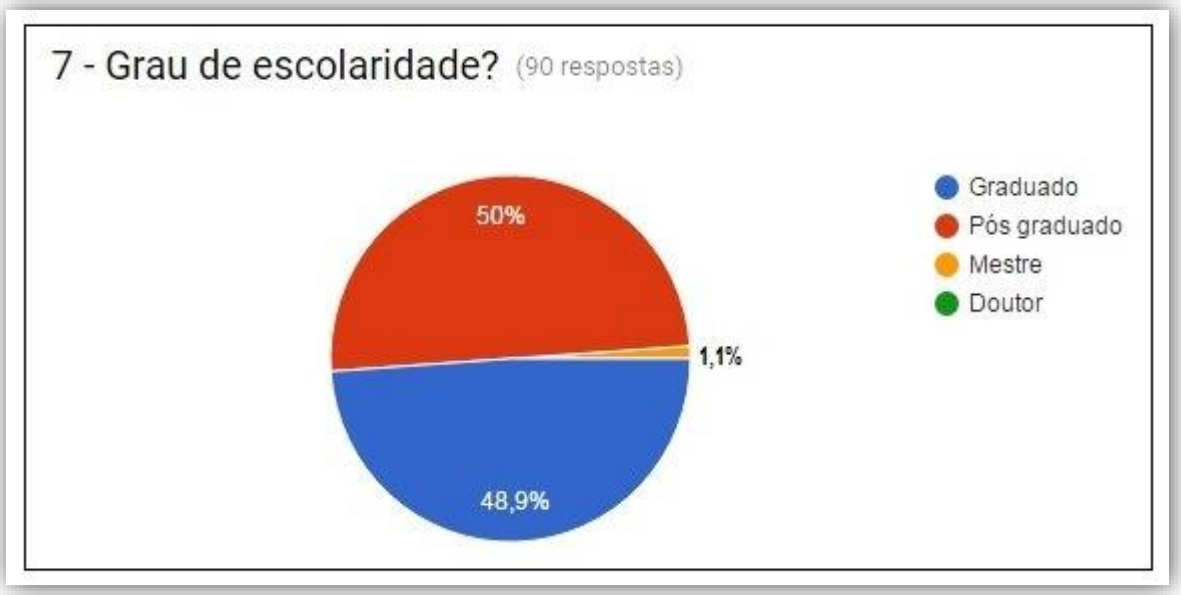
Gráfico 5: *Localidade.*



Mais da metade dos professores que responderam o questionário não são moradores da cidade de Embu das Artes, perfazendo um total de 50 (cinquenta), dos 90 (noventa)

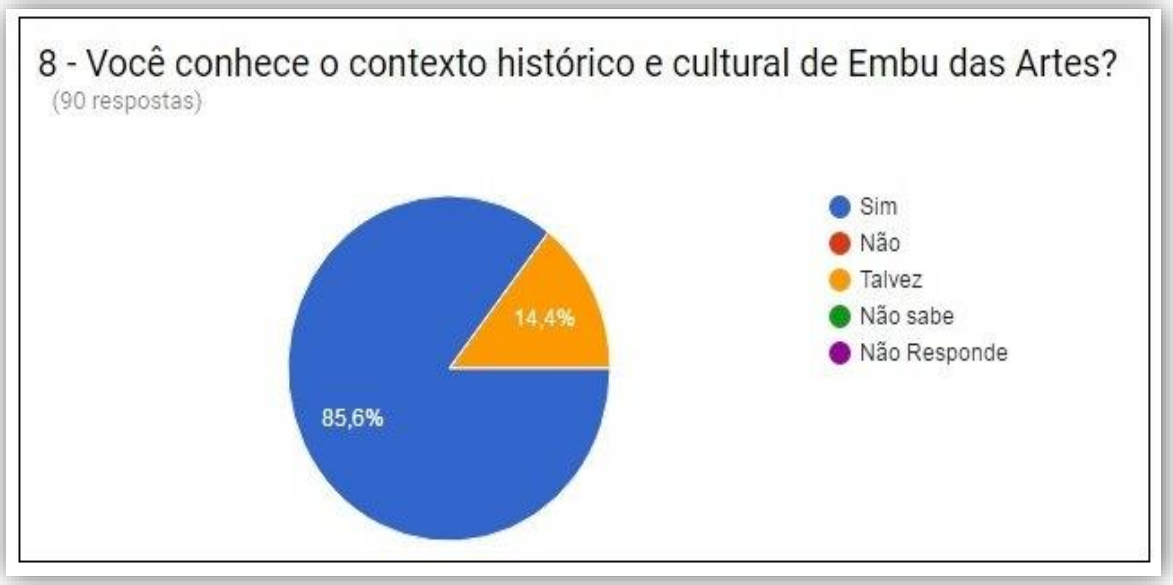
participantes. E 40 (quarenta) deles são moradores da cidade.

Gráfico 6: *Escolaridade*.



Percebe-se um equilíbrio quanto ao grau de escolaridade sendo 44 (quarenta e quatro) fizeram o curso de graduação em artes e 45 (quarenta e cinco) se aperfeiçoaram na Pós-graduação.

Gráfico 7: *Contexto Histórico e Cultural de Embu das Artes.*



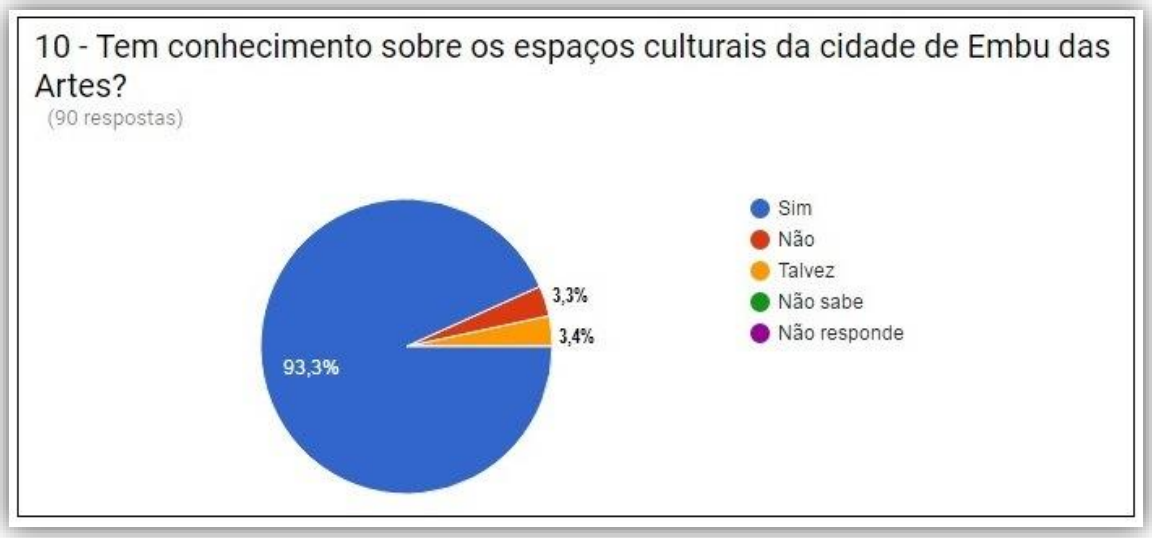
As repostas apontam que quase todos os participantes, 77 (setenta e sete) deles conhecem a história de Embu das Artes, tanto em seu contexto histórico como cultural, e

somente 13 (treze) talvez conheçam.

Gráfico 8: *Participação em Eventos Culturais.*

Nesta disposição gráfica mais da metade dos professores 50 (cinquenta) somente às vezes participam dos eventos culturais e quase 10% equivalente a 06 (seis) nunca participou; raras às vezes 13 (treze) também aparecem. Se somarmos o sempre e muitas vezes não atingimos 25% dos professores que equivale a 19 (dezenove) que participam. Portanto dos 90 (noventa) pesquisados somente 19 (dezenove) realmente estão efetivamente participando dos eventos culturais da cidade.

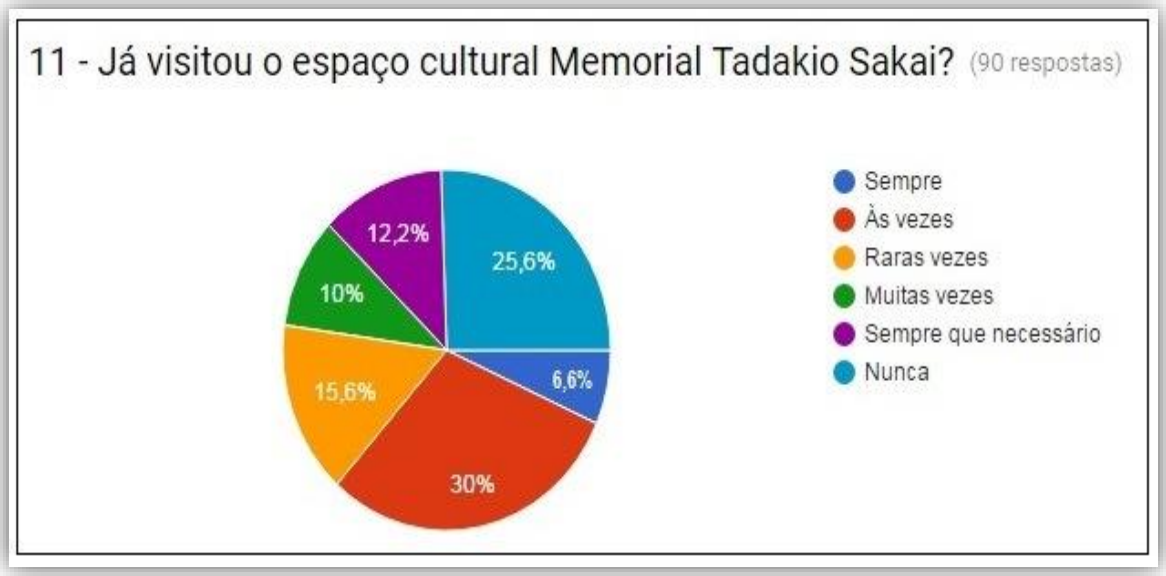
Gráfico 9: *Espaços Culturais*



Quase todos os professores pesquisados, 84 (oitenta e quatro) sabem que no

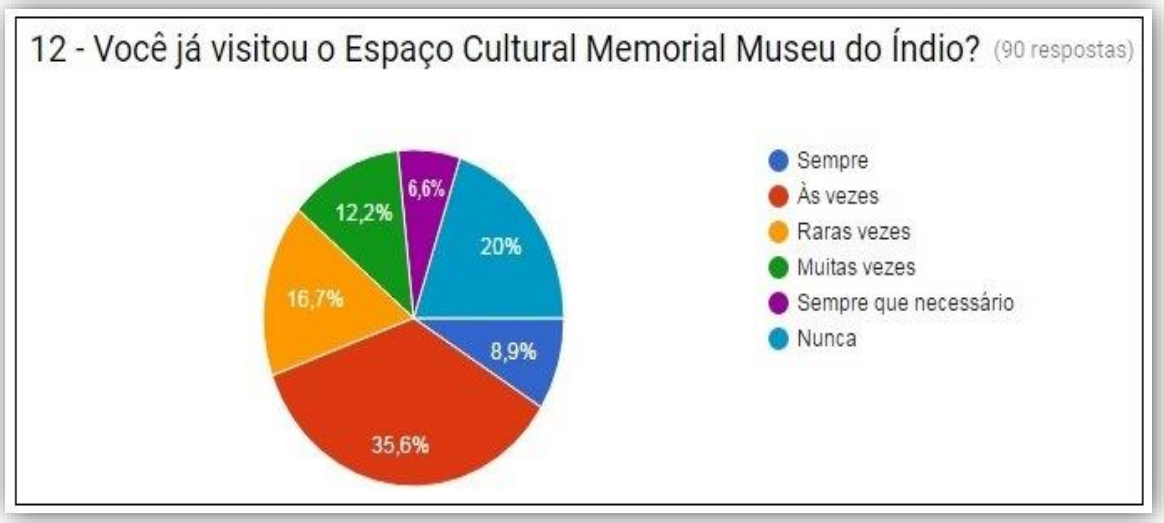
município existem espaços onde podem ser utilizados para: visitas, exposições e apresentações.

Gráfico 10: *Memorial Tadakio Sakai.*



Um quarto dos professores equivalente a 23 (vinte e três) nunca visitou a exposição de artes que está no Memorial Sakai, e as respostas entre às vezes 27 (vinte e sete); raras vezes 14 (quatorze) atingem quase 50%. Muitas vezes 09 (nove) e sempre 06 (seis) não atingem 20%.

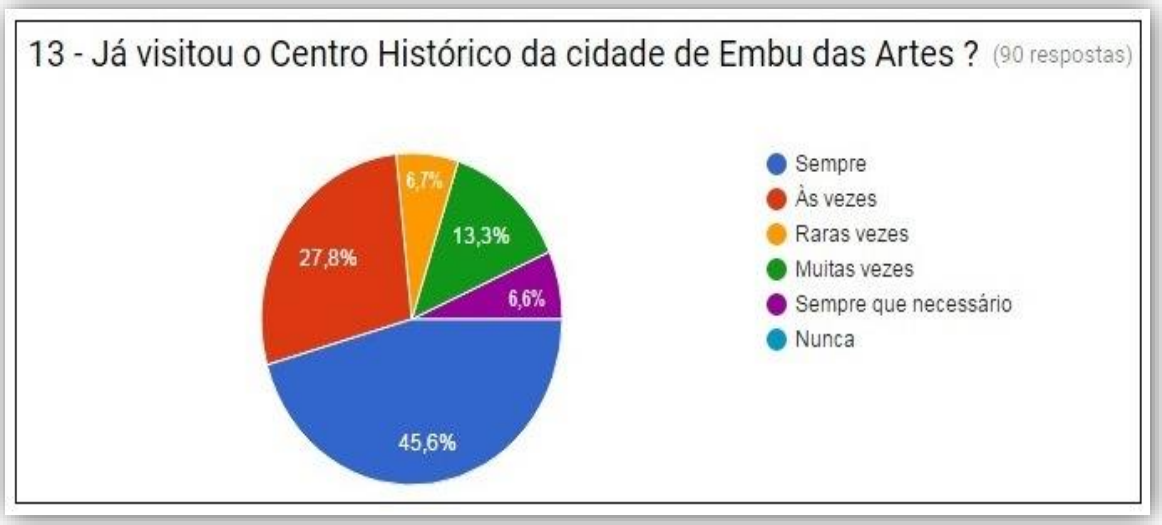
Gráfico 11: *Museu do Índio.*



A visita ao Museu do Índio para 18 (dezoito) professores nunca ocorreu; 32 (trinta e dois) deles às vezes compareceram e 15 (quinze) raras vezes visitaram; 11 (onze) deles

muitas vezes já foram; 08 (oito) sempre realizam visitas e 06 (seis) somente quando necessário.

Gráfico 12: *Centro Histórico.*



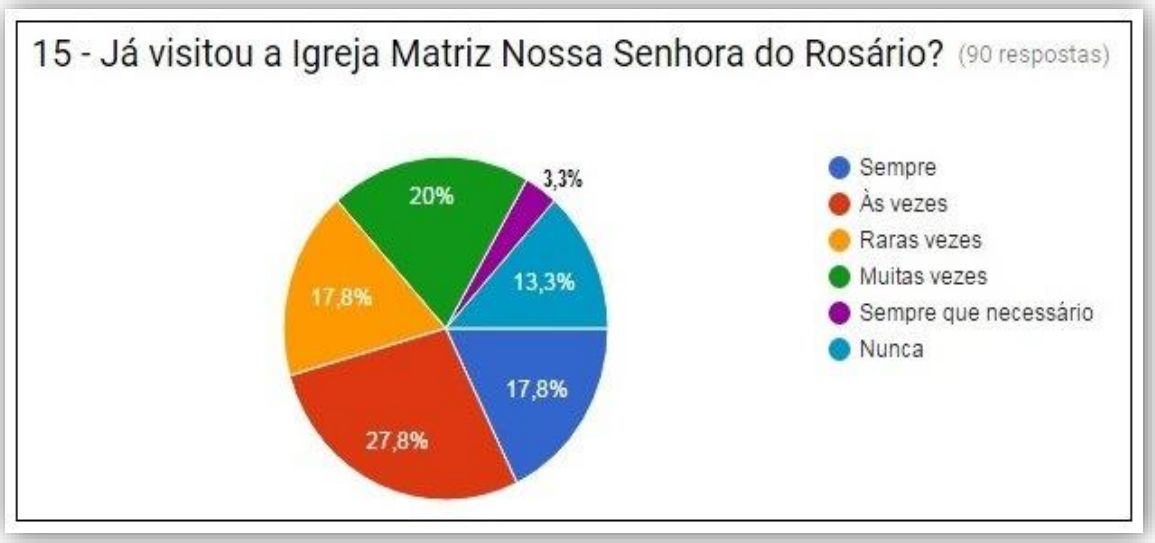
O Centro Histórico do Município sempre foi visitado por 41 (quarenta e um) professores e 12 (doze) por muitas vezes. Aqueles que frequentam às vezes são 25 (vinte e cinco); rara às vezes 06 (seis) e sempre que necessário 06 (seis).

Gráfico 13: *Museu de Arte Sacra.*

Quanto a ter visitado o Museu encontramos como resposta que 07 (sete) professores nunca foram visitar; 12 (doze) raras às vezes e 39 (trinta e nove) às vezes. Por outro lado

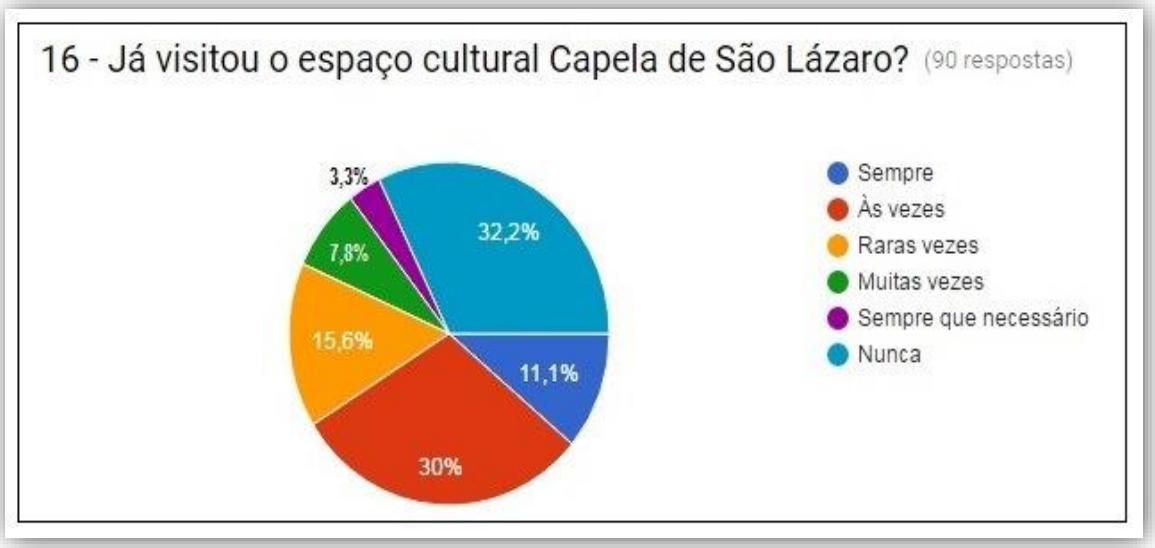
temos 17 (dezessete) que sempre realizam visitas; 10 (dez) muitas vezes e 05 (cinco) sempre que necessário.

Gráfico 14: *Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário.*



Em resposta a Igreja Matriz Patrimônio Histórico Cultural, 12 (doze) professores nunca realizou nenhuma visita; 16 (dezesseis) raras às vezes; 25 (vinte e cinco) às vezes, 03 (três) sempre que necessário e 16 (dezesseis) sempre.

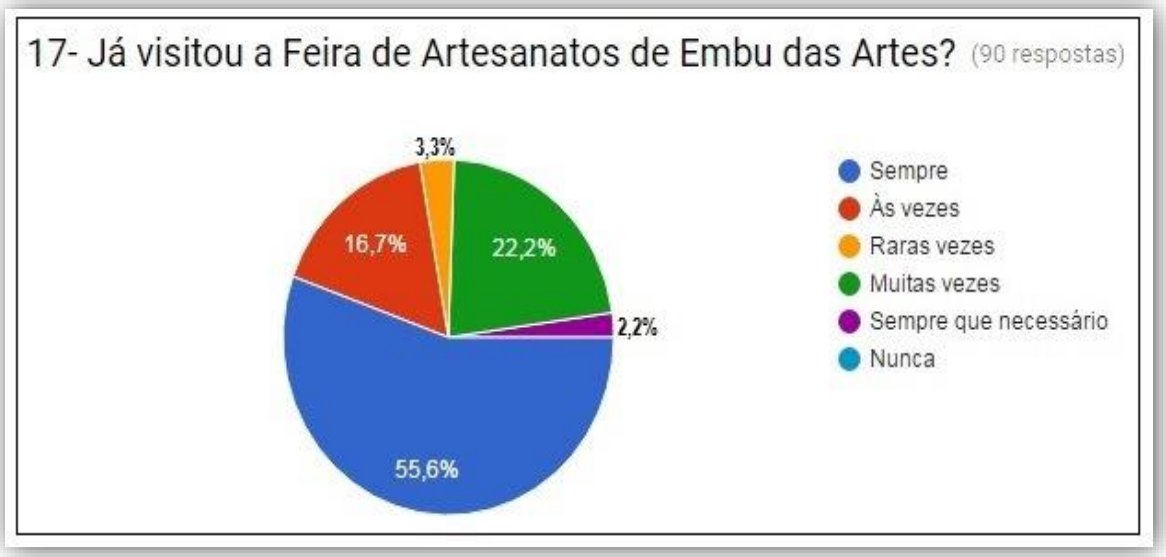
Gráfico 15: *Capela de São Lázaro.*



Dos 90 (noventa) professores participantes 29 (vinte e nove) deles nunca realizou visita à Capela de São Lázaro; 27 (vinte e sete) às vezes; 14 (quatorze) raras vezes; 03

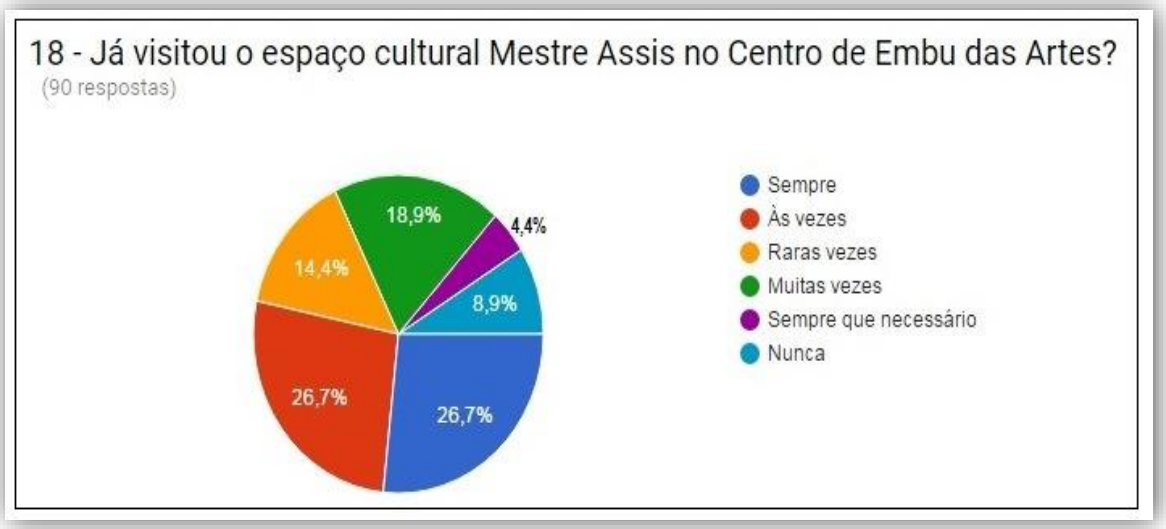
(três) sempre que necessário; muitas vezes de 07 (sete) e 10 (dez) sempre.

Gráfico 16: *Feira de Artesanato.*



A Feira de Artesanato é um local onde quase todos os professores conhecem com 55,6% de 50 (cinquenta) participantes que sempre comparecem; 20 (vinte) muitas vezes; 15 (quinze) às vezes; raras vezes 03 (três) e 02 (dois) sempre que necessário.

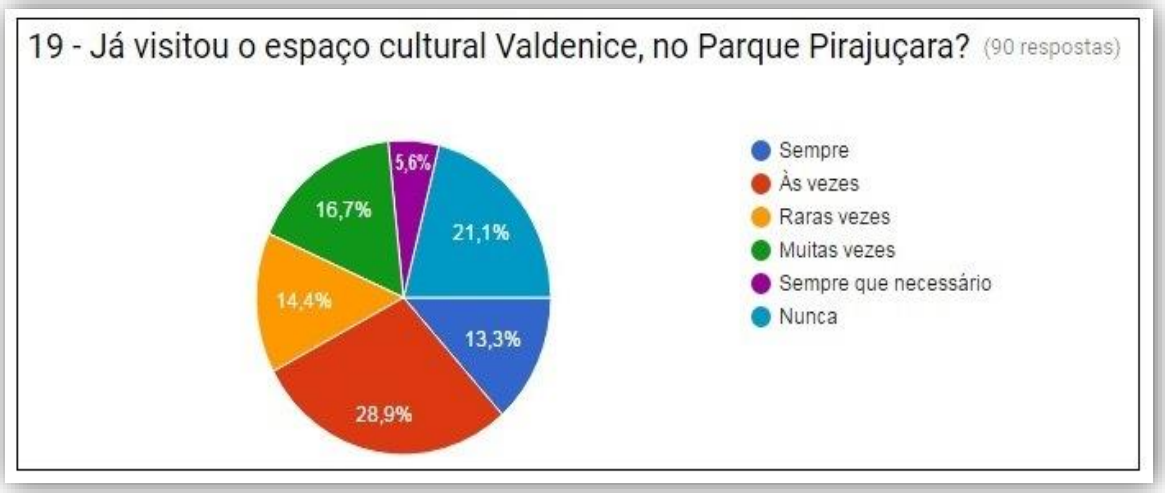
Gráfico 17: *Espaço Cultural Mestre Assis.*



Em visita ao Espaço Cultural Mestre Assis, o resultado sempre e às vezes são os mesmos para 24 (vinte e quatro) professores, muitas vezes 17 (dezessete) já visitaram e

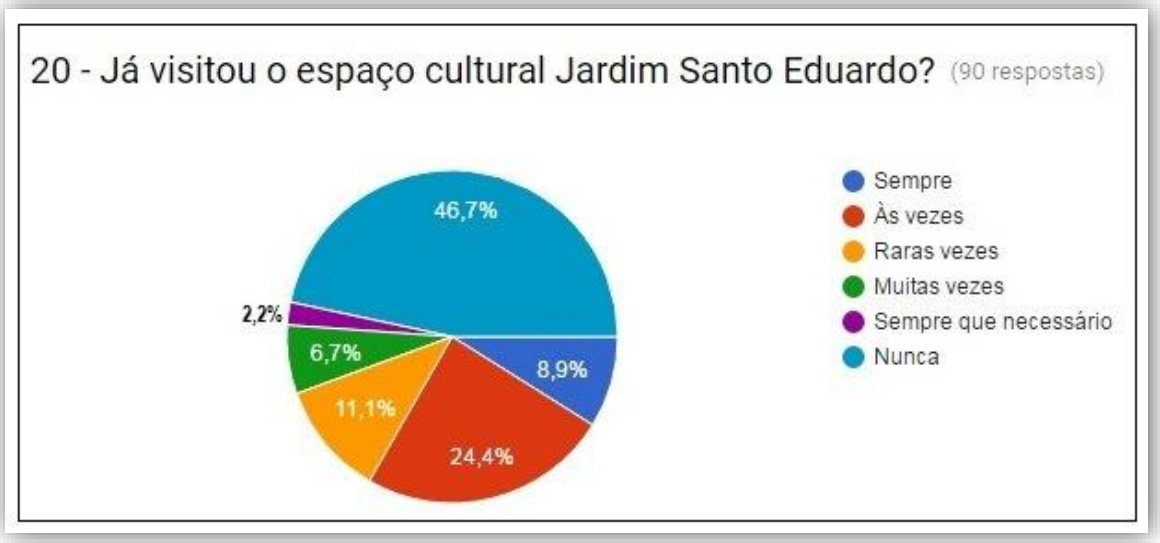
rara às vezes 13 (treze); sempre que necessário 04 (quatro) e nunca 08 (oito).

Gráfico 18: *Espaço Cultural Valdenice.*



Quanto a ter visitado o Espaço Cultural Valdelice encontramos como resposta que 19 (dezenove) professores nunca visitaram o local; 13 (treze) raras às vezes e 26 (vinte e seis) às vezes. Por outro lado temos 12 (doze) que sempre realizam visitas, 15 (quinze) muitas vezes e 05 (cinco) sempre que necessário.

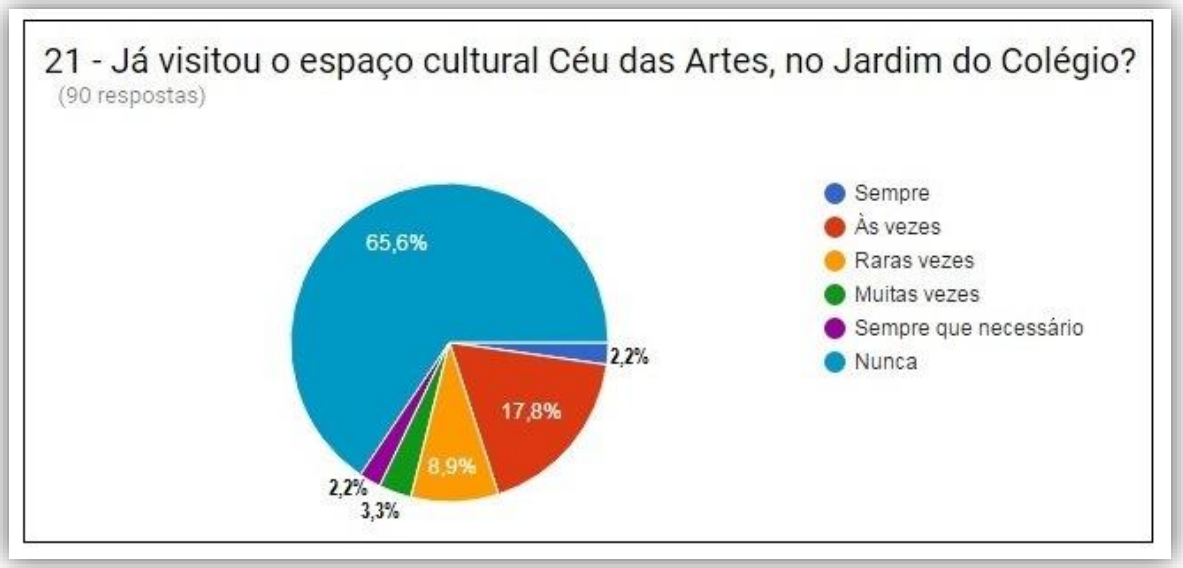
Gráfico 19: *Espaço Cultural Jardim Santo Eduardo.*



Dos 90 (noventa) professores de artes pesquisados 42 (quarenta e dois) deles (46,7%) não conhecem o Espaço Cultural do bairro Santo Eduardo. Aqueles que às vezes

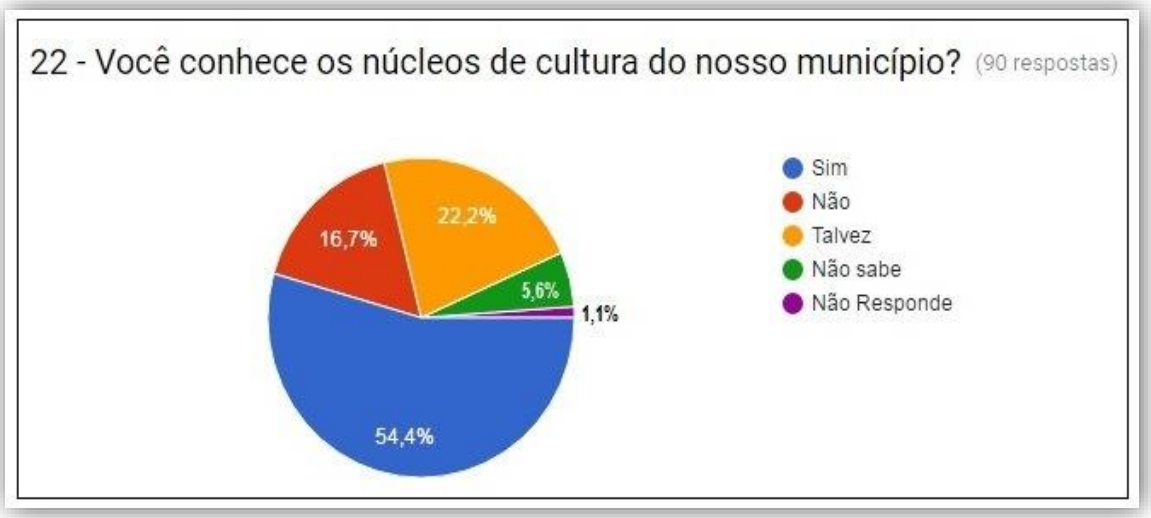
visitaram 22 (vinte e dois); raras às vezes 10 (dez); sempre que necessário 02 (dois); muitas vezes 06 (seis) e sempre 08 (oito).

Gráfico 20: *Espaço Cultural Céu das Artes.*



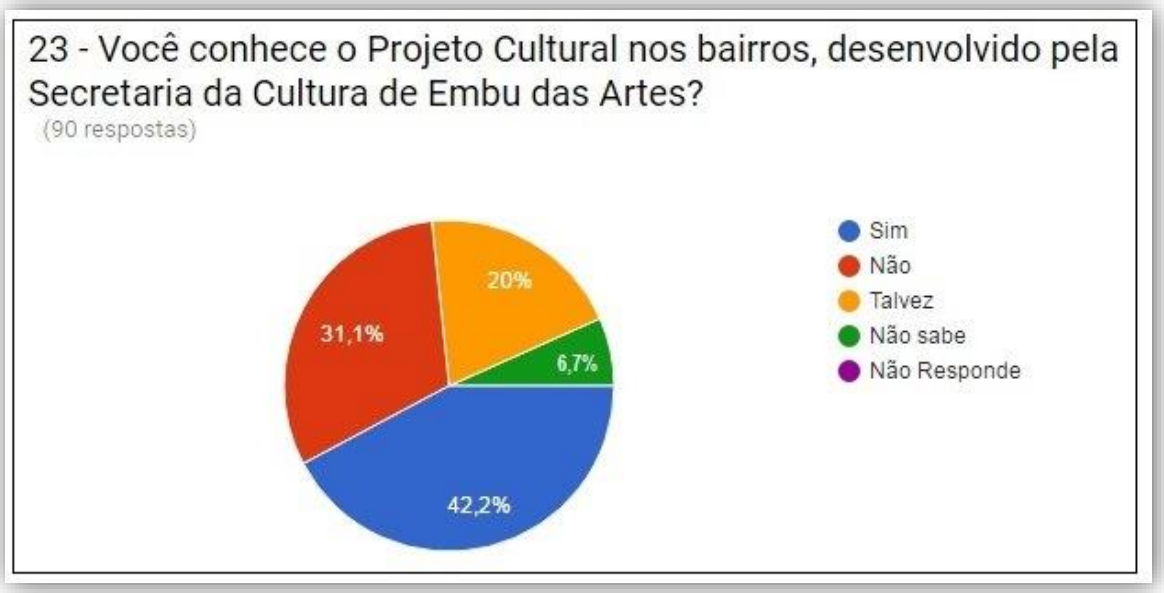
Quanto a ter visitado o Espaço Cultural Jardim do Colégio encontramos como resposta que 59 (cinquenta e nove) professores nunca visitaram; 08 (oito) raras às vezes e 16 (dezesseis) às vezes; 02 (dois) sempre realizam visitas; 03 (três) muitas vezes e 02 (dois) sempre que necessário.

Gráfico 21: Núcleos de Cultura.



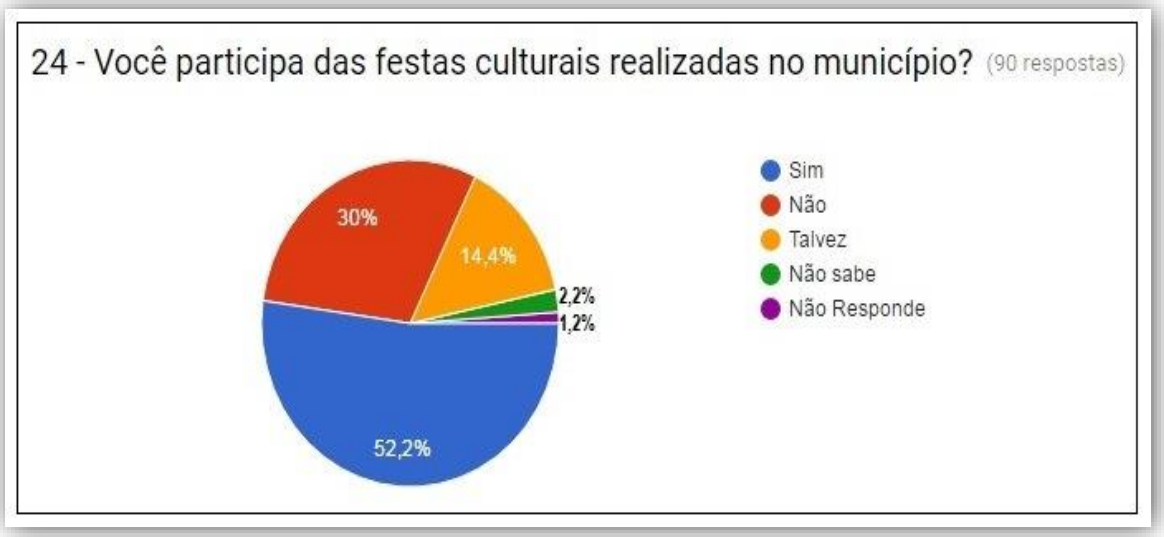
Ao responder sobre os Núcleos de Cultura 49 (quarenta e nove) professores responderam que conhecem; 15 (quinze) não conhecem; 20 (vinte) talvez possam conhecer; 05 (cinco) não souberam responder e 01 (um) não soube responder.

Gráfico 22: *Projeto Cultural dos bairros.*



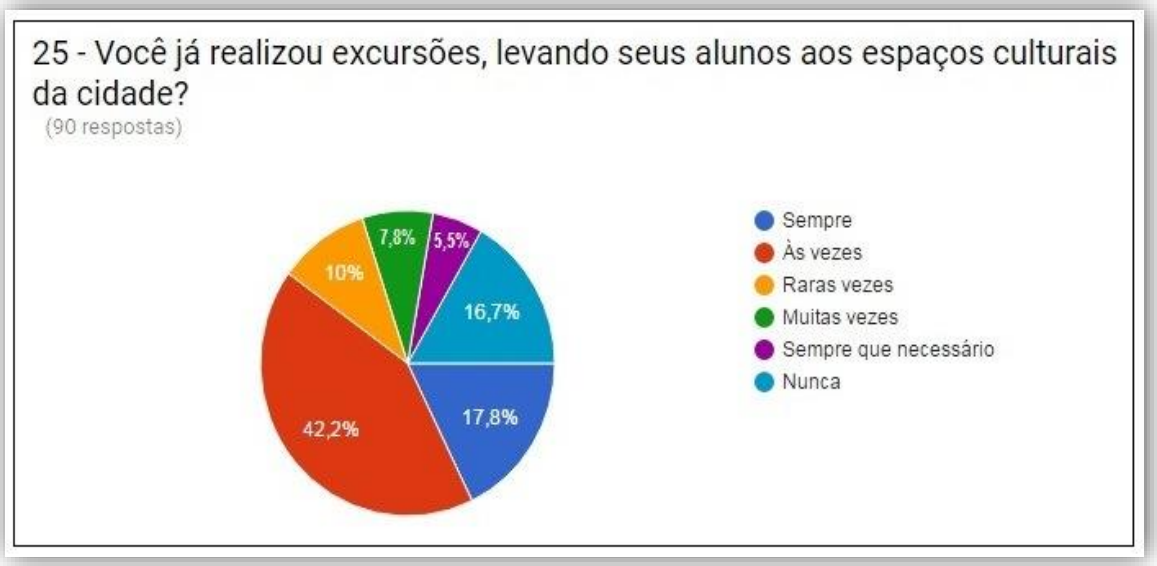
Em resposta a esta questão 38 (trinta e oito) professores responderam sim e 28 (vinte e oito) não; 18 (dezoito) talvez e 06 (seis) não sabem dos Projetos Culturais nos bairros.

Gráfico 23: Festas Culturais.



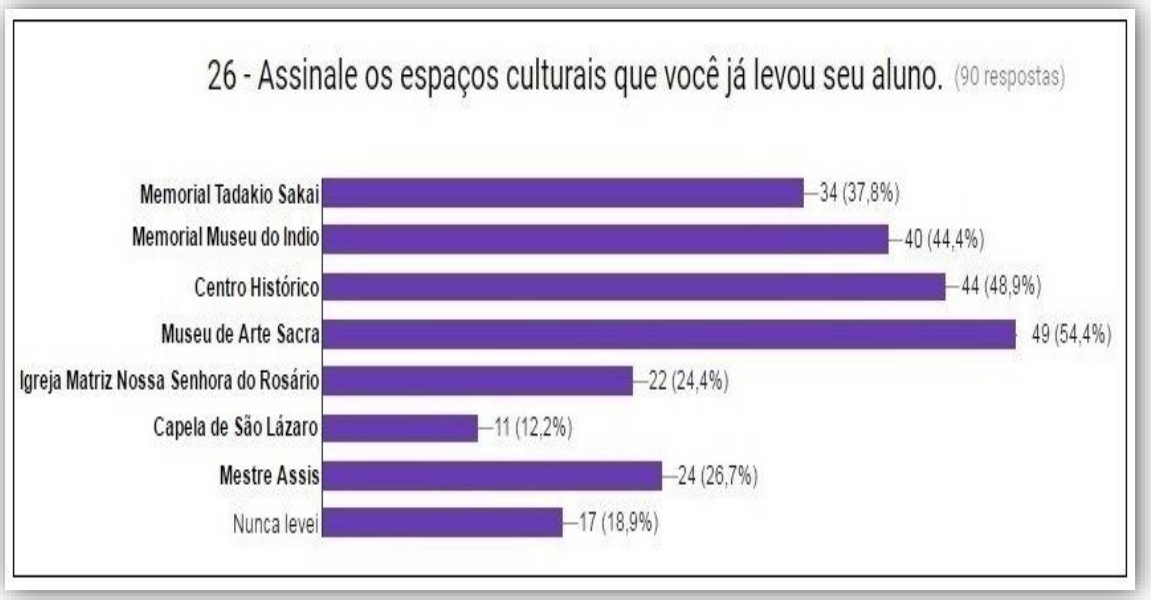
Ao participar das Festas Culturais 47 (quarenta e sete) disseram sim e 27 (vinte e sete) não; 13 (treze) talvez participem e 01 (um) não soube responder.

Gráfico 24*: Excursões com alunos.*



Somente 16 (dezesseis) professores já levaram seus alunos nos Espaços Culturais e 15 (quinze) nunca. Às vezes foram 38 (trinta e oito); raras vezes 09 (nove); muitas vezes 07(sete) e sempre que necessário 05 (cinco).

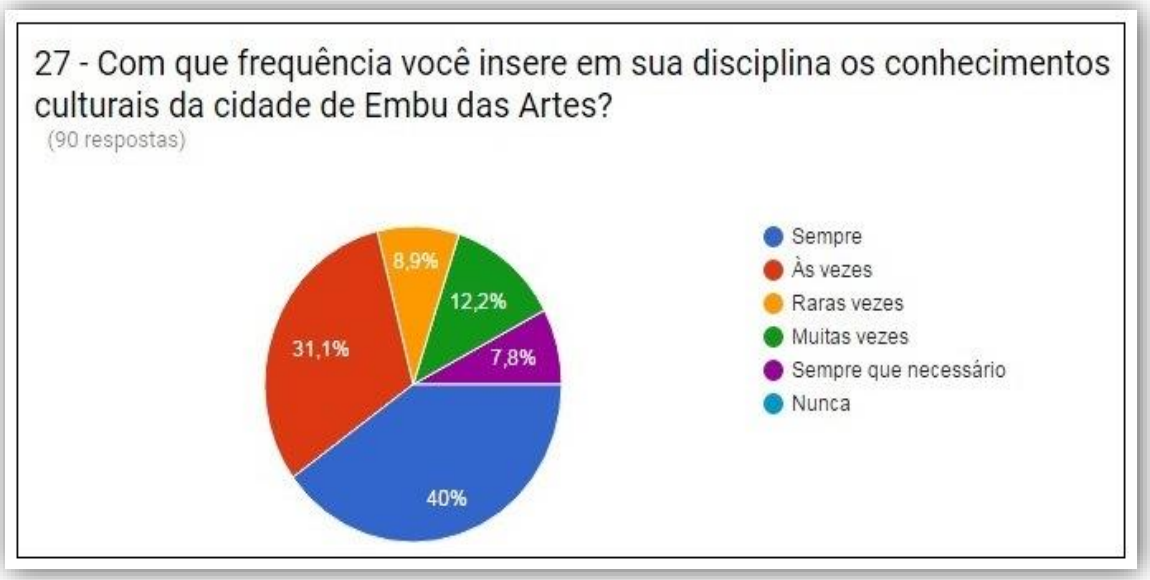
Gráfico 25: *Espaços culturais visitados*.



As respostas assinaladas pelos professores apontam os locais em que eles

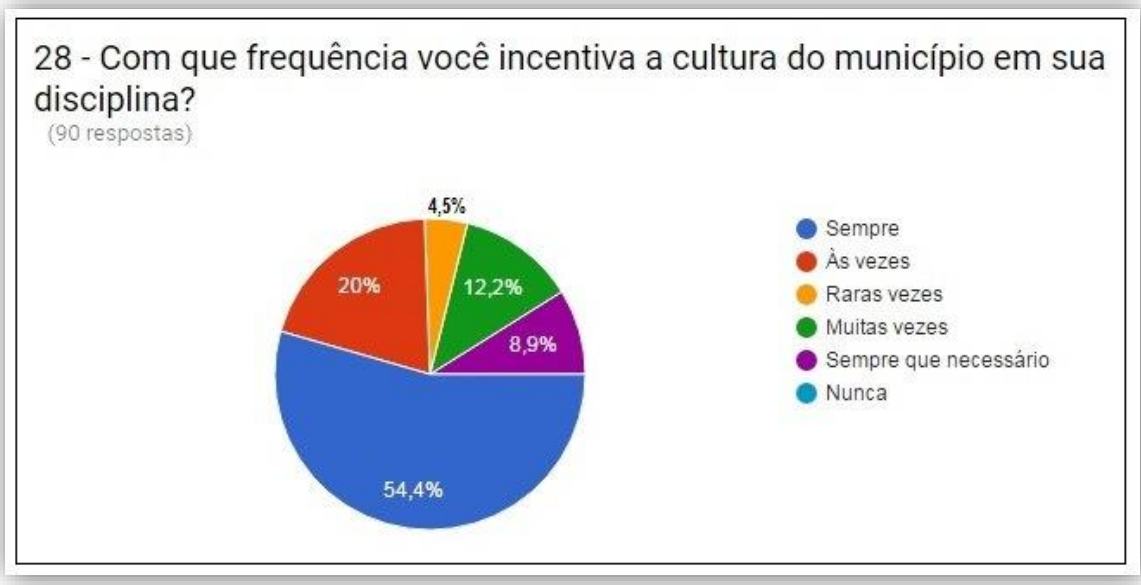
preferencialmente já levaram seus alunos, destacando-se os mais visitados:

Gráfico 26: *Disciplina que aborde conhecimentos culturais.*



Nesta questão 36 (trinta e seis) professores responderam que sempre; 28 (vinte e oito) às vezes; 11(onze) muitas vezes; 08 (oito) raras vezes e 07 (sete) sempre que necessário.

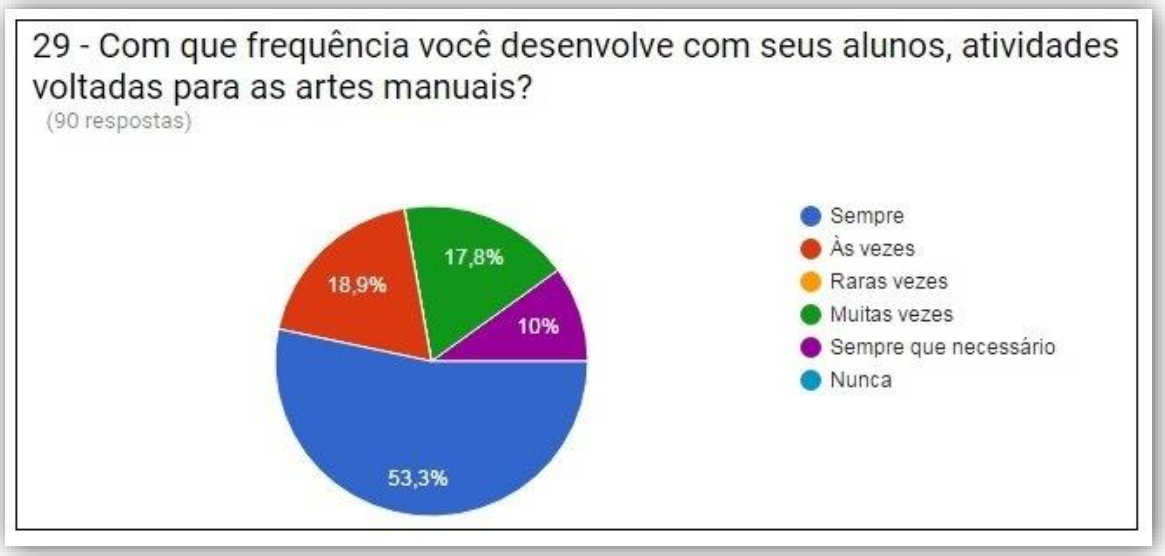
Gráfico 27: *Incentivo à cultura do município.*



Mais da metade dos professores 49 (quarenta e nove) responderam que sempre incentivam a cultura nas aulas; 18 (dezoito) às vezes; 11 (onze) muitas vezes; 08 (oito)

sempre que necessário e 04 (quatro) raras vezes.

Gráfico 28: *Atividades de artes manuais.*



Nesta questão 48 (quarenta e oito) professores sempre estão desenvolvendo trabalhos com artes manuais; 17 (dezessete) às vezes; 16 (dezesseis) muitas vezes; 09 (nove) sempre que necessário.

Gráfico 29: *Preocupação para o desenvolvimento de novos artistas.*

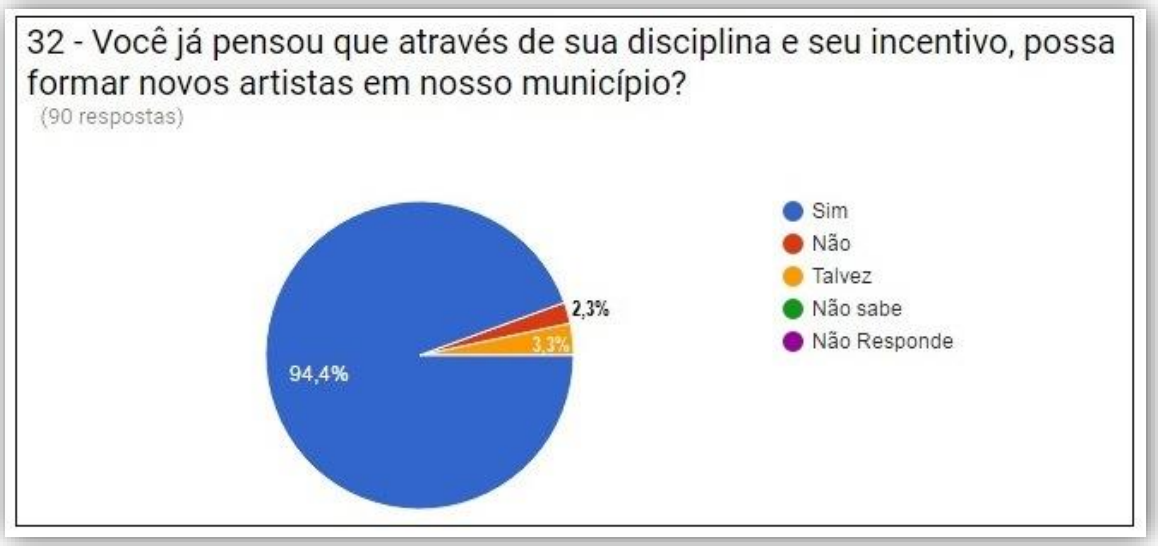
Para 74 (setenta e quatro) dos 90 (noventa) professores existe a preocupação na elaboração do planejamento sendo que 05 (cinco) não e 11 (onze) talvez venham a pensar

nestas atividades.

Gráfico 30: *Preocupação com a cultura de Embu das Artes.*

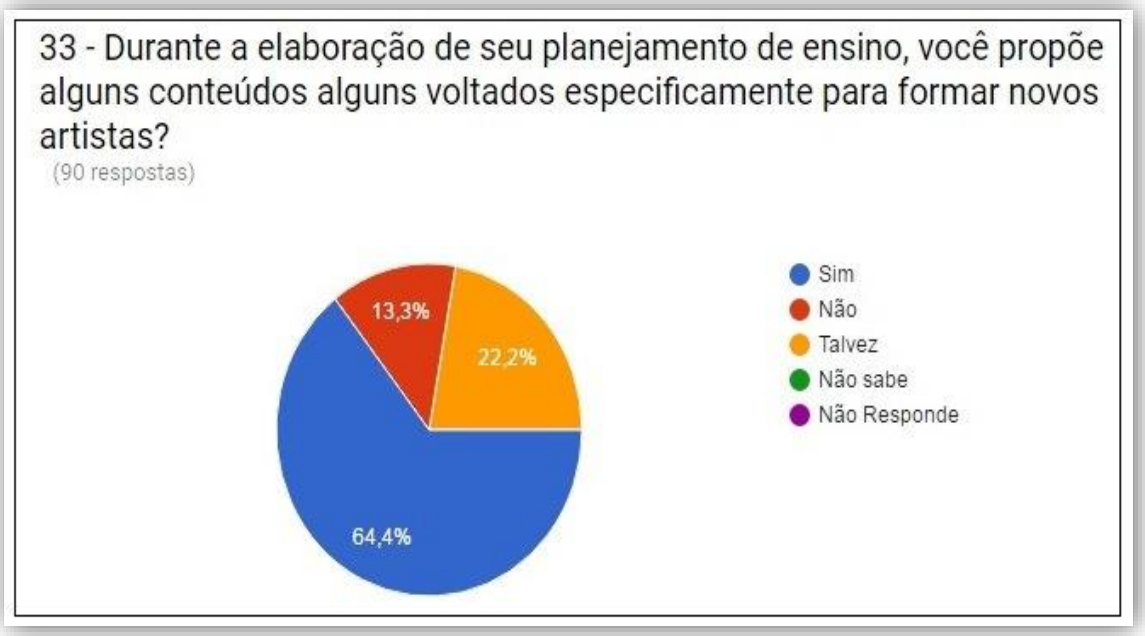
Claramente 83 (oitenta e três) dos professores responderam sim a questão da diminuição dos artistas por falta de estímulos; 04 (quatro) não pensaram e 03 (três) talvez.

Gráfico 31: *Incentivo em formar novos artistas na escola.*



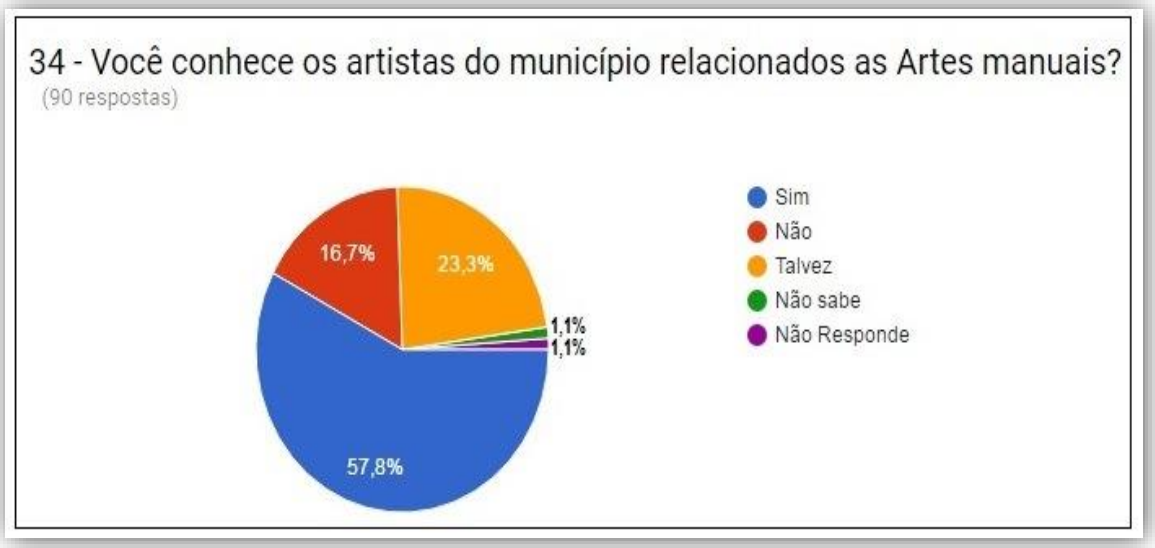
Quase 100% dos 85 (oitenta e cinco) professores responderam sim a importância de sua disciplina para incentivar novos alunos.

Gráfico 32: *Planejamento versus Conteúdo de Artes preservando novos Artistas.*



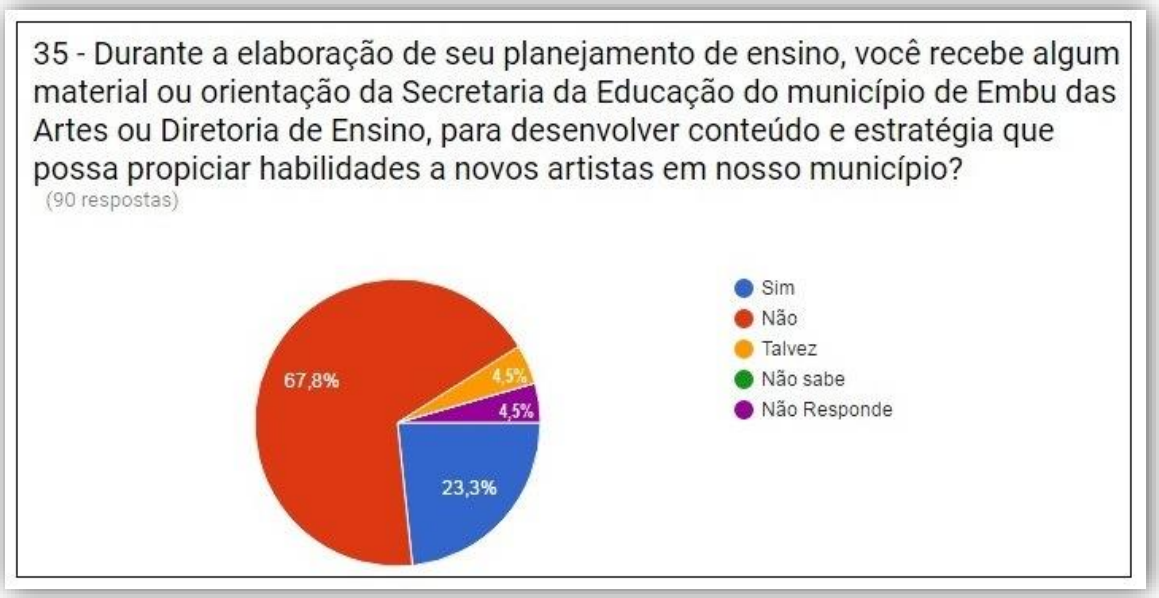
Nesta questão, 58 (cinquenta e oito) professores responderam sim, propondo conteúdos para formar novos artistas; 20 (vinte) talvez e 12 (doze) não propõe.

Gráfico 33: *Artistas do município dedicados a Artes Manuais.*



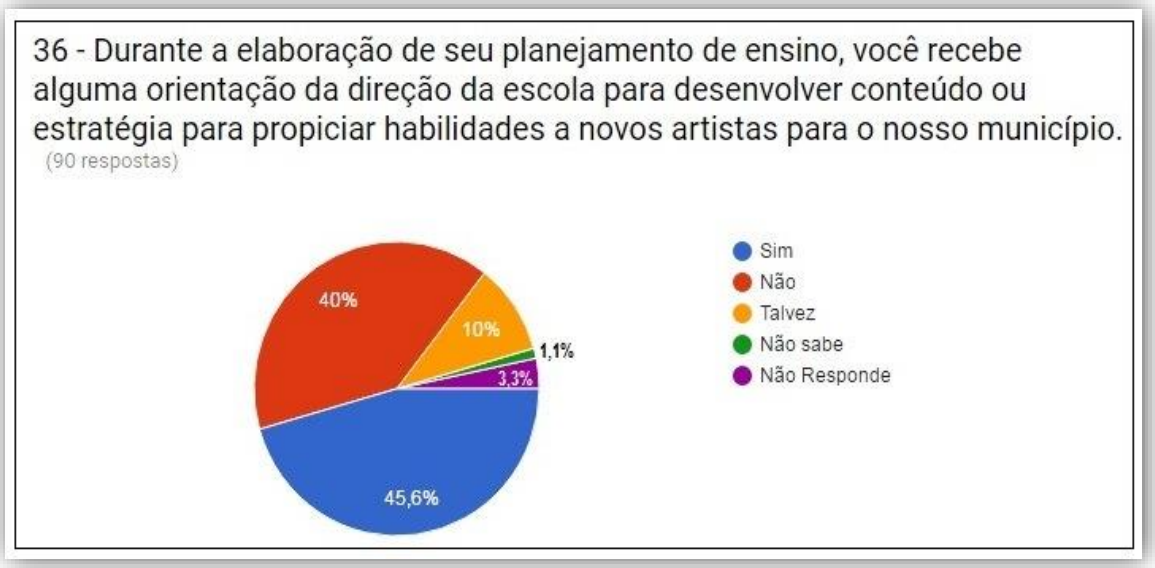
Quanto a conhecer os artistas 52 (cinquenta e dois) dos pesquisados conhecem; 15 (quinze) não; 21(vinte e um) talvez; 01 (um) não sabe e outro não respondeu.

Gráfico 34: *Orientação e Material da Secretaria da Educação.*



Para 61 (sessenta e um) professores a Secretaria da Educação ou a Diretoria de Ensino não colaboram com orientações ou materiais na realização de seus planejamentos; 21 (vinte e um) disseram sim; 04 (quatro) talvez e 04 (quatro) não responderam.

Gráfico 35: *Formação Contínua para o Ensino das Artes.*



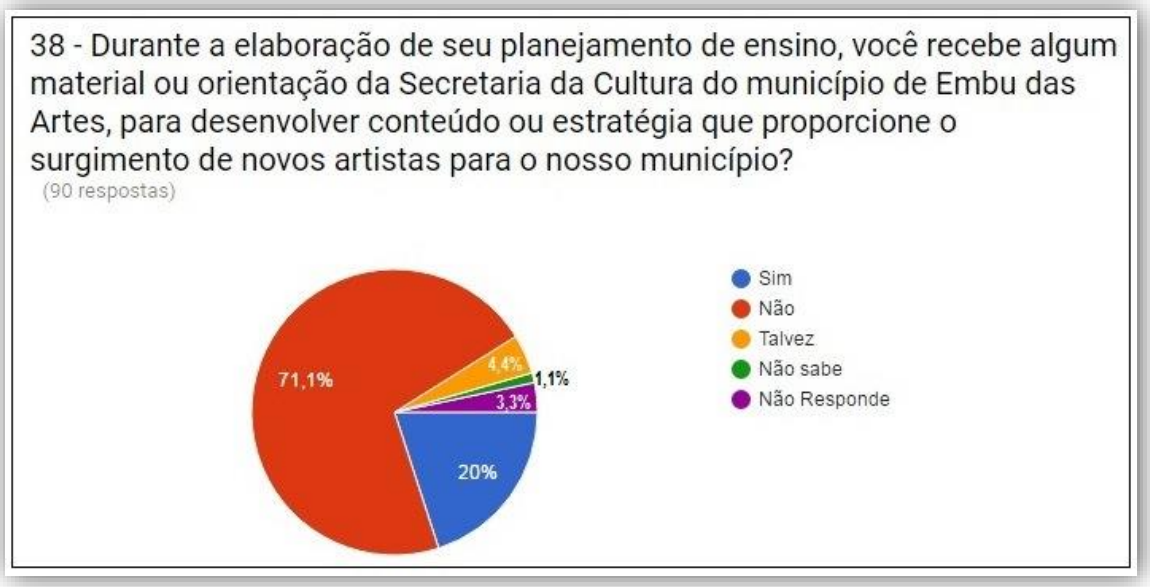
Para 41 (quarenta e um) dos professores as direções da escola em que eles trabalham orientam-nos a colocarem em seus planejamentos atividades, estratégias para que as habilidades sejam desenvolvidas estimulando novos artistas; 36 (trinta e seis) não

recebem orientações; 09 (nove) talvez; 01(um) não sabe e 03 (três) não responderam.

Gráfico 36: *Formação de novos artistas.*

A resposta para 63 (sessenta e três) professores foi sim; 14 (quatorze) talvez; 09 (nove) não; 02 (dois) não sabem e 02 (dois) não responderam.

Gráfico 37: *Orientação da Secretaria de Cultura do Município.*



Para 64 (sessenta e quatro) professores a Secretaria da Educação ou a Diretoria de Ensino não colaboram com orientações ou materiais na realização de seus planejamentos; 18 (dezoito) disseram sim; 04 (quatro) talvez; 01 (um) não sabe e 03 (três) não

responderam.

Gráfico 38: *Artes mais desenvolvidas nas escolas.*

As respostas assinaladas pelos professores, por ordem de preferência, apontam as atividades que eles mais desenvolvem em sua disciplina com seus alunos.

Tabela 6: *Locais preferencialmente visitados.*

Local	Quantidade
Museu de Arte Sacra	49
Centro Histórico	44
Memorial Museu do Índio	40
Memorial Tadakio Sakai	34
Mestre Assis	24
Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário	22
Capela São Lázaro	11
Nunca levei	17

Fonte: A pesquisadora.

Tabela 7: *Atividades mais desenvolvidas nas disciplinas*

Atividades	Alunos
Pintura	74
Música	58
Teatro	58
Dança	49
História em Quadrinhos	45
Escultura	44
Fotografia	34
Cinema	30
Literatura	31
Arte Digital	12
Jogos de Computador e Vídeo	06

Fonte: A pesquisadora.

5.2 Discussão dos resultados

A presente pesquisa realizada no município de Embu das Artes, cidade histórica e patrimônio cultural teve como objeto de estudo os professores de artes do Ensino Fundamental das Escolas Municipais, Estaduais e Particulares.

Buscando o resultado com dados mais precisos foram elencadas todas as escolas do município para participarem desta pesquisa.

Os nomes das escolas, aqui apresentados foram consultados através do site da prefeitura: http://www.embudasartes.sp.gov.br/secretaria/pagina/educacao/117.

O município conta em sua totalidade com 85 (oitenta e cinco) escolas de Ensino Fundamental, distribuídas em 20 (vinte) municipais, 44 (quarenta e quatro) estaduais e 21 (vinte e uma) particulares.

No primeiro momento para recolha de dados foram enviados e-mails para todas as escolas, porém o retorno foi muito baixo, somente 10% responderam o questionário on-line. Após visitas nas escolas para que a pesquisa fosse coletada em questionário impresso, houve um aumento no número de participantes.

5.2.1 Escolas particulares

As escolas particulares, responderam legalmente a Diretoria de Ensino, em seu total de 21 (vinte e uma); sendo que somente 02 (duas) não participaram desta pesquisa. Analisando o retorno dos questionários por escolas, percebe-se que 18 (dezoito) possuem um professor de artes para todo o seguimento, com exceção de uma escola que possui 3 (três) professores. Algumas escolas, especificamente 06 (seis), não possuem professores de artes, são outros especialistas que ministram essa disciplina. Houve ótima aceitação dos diretores permitindo a aplicação do questionário como a participação dos professores em responderem prontamente essa pesquisa, demonstrando interesse pelo tema e solicitude em contribuírem na discussão em questão.

Tabela 8: *Escolas particulares de Embu das Artes*.

ESCOLAS PARTICULARES	
Número total de escolas	21
Número de escolas que aceitaram – respondeu a pesquisa	19
Número de escolas que não aceitaram – não respondeu a pesquisa	02
Número de escolas que não tem professores de Artes	06
Número total de professores que lecionam nas escolas que participaram	18
Número total de professores que responderam	18
Número de professores que não responderam	00

Fonte: Pesquisadora

5.2.2 Escolas estaduais

O total de escolas estaduais, do município pertencentes à Diretoria de Ensino são 44 (quarenta e quatro), sendo que 28 (vinte e oito) aceitaram receber a pesquisa, seja através de e-mail ou impressa, e 16 (dezesseis) não aceitaram receber a pesquisa impressa e não retornaram os e-mails enviados. Das 28 (vinte e oito) escolas que retornaram o total de professores que lecionam é de 63 (sessenta e três), sendo que 47 (quarenta e sete) responderam e 16 (dezesseis) recusaram-se. Observa-se através dos dados que existem escolas que apresentam maiores números de professores da disciplina de Artes, por isso apresentam maior número de questionários respondidos. Porém a maioria delas tem apenas um docente. Observa-se abaixo a tabela com as escolas participantes e quantidade de professores.

Tabela 9: *Escolas Estaduais de Embu das Artes.*

ESCOLAS ESTADUAIS	
Número total de escolas	44
Número de escolas que aceitaram – respondeu a pesquisa	28
Número de escolas que não aceitaram – não respondeu a pesquisa	16
Número de escolas que não tem professores de Artes	00
Número total de professores que lecionam nas escolas que participaram	63
Número total de professores que responderam	47
Número de professores que não responderam	16

Fonte: Pesquisadora

5.2.3 Escolas municipais

As escolas municipais são de responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação, sendo o total de 20 (vinte) unidades nos seguimentos do Ensino Fundamental, 11(onze) delas participaram da pesquisa e 9 (nove) escolas não participaram. A maioria delas tem apenas um docente, porém algumas apresentam maior número de professores da disciplina de Artes, por isso consta maior número de questionários respondidos.

Abaixo a tabela demonstrando as escolas e participação dos professores.

Tabela 10: *Escolas Municipais de Embu das Artes.*

ESCOLAS MUNICIPAIS	
Número total de escolas	20
Número de escolas que aceitaram – respondeu a pesquisa	11
Número de escolas que não aceitaram – não respondeu a pesquisa	09
Número de escolas que não tem professores de Artes	00
Número total de professores que lecionam nas escolas que participaram	33
Número total de professores que responderam	25
Número de professores que não responderam	08

Fonte: Pesquisadora

De uma maneira geral ocorre um equilíbrio entre os professores de artes que responderam esta pesquisa, sendo que 39 (trinta e nove) deles encontram-se na faixa etária entre 30 (trinta) a 40 (quarenta) anos e 31 (trinta e um) entre 40 (quarenta) a 50 (cinquenta) anos. Dos 90 (noventa) participantes 76 (setenta e seis) são do sexo feminino, apontando o interesse das mulheres nesta área de ensino. Mais da metade deles, 50 (cinquenta), não moram no município onde trabalham, porém 77 (setenta e sete) deles conhecem a cidade e seu contexto histórico cultural, e os resultados obtidos para a participação dos eventos culturais foi às vezes para 50 (cinquenta) respostas.

Nos dados a serem apontados demonstram contradições entre as respostas conhecer e visitar os espaços culturais.

Os 84 (oitenta e quatro) professores afirmam que tem conhecimento dos espaços culturais existentes na cidade de Embu das Artes, porém ao perguntar sobre a visita ao local veja a tabela:

Tabela 11: *Visita aos Espaços Culturais: Contradições.*

TEM CONHECIMENTO DOS ESPAÇOS CULTURAIS?	Sempre	Às vezes	Raras vezes	Muitas vezes	Sempre que necessário	Nunca
Feira de Artesanato de Embu das Artes	50	15	3	20	2	0
Histórico da cidade de Embu das Artes	41	25	6	12	6	0
Espaço cultural Mestre Assis no Centro de Embu das Artes	24	24	13	17	4	8
Espaço cultural Museu de Arte Sacra?	17	39	12	10	5	7
Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário	16	25	16	18	3	12
Memorial Tadakio Sakai	6	27	14	9	11	23
Memorial Museu do Índio	8	32	15	11	6	18
Espaço Cultural Capela de São Lázaro	10	27	14	7	3	29
Espaço Cultural Valdenice no Parque Pirajuçara	12	26	13	15	5	19
Espaço Cultural Jardim Santo Eduardo	8	22	10	6	2	42
Espaço Cultura Céu das Artes no Jardim do Colégio	2	16	8	3	2	59

Fonte: Pesquisadora.

O centro histórico e a feira de artesanato são espaços públicos ao ar livre, são lugares onde as pessoas caminham a passeio. Estes apresentam os lugares mais visitados pelos professores. Espaço Cultural Mestre Assis, inaugurado em 2005, no Centro de Embu das Artes estão os 24 (vinte e quatro) professores que responderam entre sempre e às vezes visitam o local, 08 (oito) deles nunca visitou. Neste espaço ocorrem durante o ano exposições de artes de diversos artistas.

A Igreja da Matriz Nossa Senhora do Rosário, padroeira histórica da cidade e o Museu de Arte Sacra desde o tempo dos jesuítas encontram-se nos espaços conhecidos e visitados pelos participantes, mas ainda aparecem resultados de professores que nunca realizaram nenhuma visita.

Os Espaços Culturais Tadakio Sakay (2003), Museu do Índio (2004) e Capela São Lázaro (1934) são locais que se destacam por serem visitados às vezes, como também nunca foram visitados aparecem em mais de 20% e a Capela São Lázaro apontam 30% de professores que não conhecem.

Os espaços culturais são construídos pela Prefeitura Municipal, o Valdelice foi o primeiro a ser construído (2009), por isso o mais conhecido; o Santo Eduardo foi o segundo (2012) e Jardim do Colégio (2015) foi o último. São locais mais recentes construídos pela Prefeitura do Município onde os professores podem realizar várias atividades com seus alunos como peças teatrais.

O Jardim do Colégio é o mais recente inaugurado, portanto aparecendo com 59 (cinquenta e nove) professores que não conhecem. Nestes espaços culturais são realizados projetos culturais e os núcleos de culturas, portanto quando os professores respondem sim se contradizem em sua resposta, pois a maioria respondeu que não conhecem esses espaços.

Na análise dos dados referente ao trabalho do professor realizando passeios com seus alunos nos espaços culturais 16 (dezesseis) sempre levaram; 38 (trinta e oito) às vezes; 09 (nove) raras vezes; 07 (sete) muitas vezes; 05 (cinco) sempre que necessário, e 15 (quinze) nunca levou. No universo da pesquisa onde a amostragem de professores foi 90 (noventa) participantes quando temos 15 (quinze) deles que nunca levaram seus alunos em algum espaço cultural da cidade, podemos considerar quase 20% deles nunca propiciou aos seus alunos um encontro com o contexto histórico e cultural da cidade.

Em resposta onde você já levou seus alunos obtivemos as seguintes respostas por ordem dos mais votados:

1º Museu de Arte Sacra: 49 (quarenta e nove);

2º Centro Histórico: 44 (quarenta e quatro);

3º Memorial Museu do Índio: 40 (quarenta);

4º Memorial Tadakio Sakai: 34 (trinta e quatro);

5º Mestre Assis: 24 (vinte e quatro);

6º Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário: 22 (vinte e dois), nunca levei 17 (dezassete);

7º Capela de São Lázaro: 11 (onze).

Os dados aqui se repetem quando aproximadamente 20% dos professores nunca levou seus alunos nos espaços importantes do município relacionados com as artes e cultura local.

Buscando responder a situação problema levantada nesta pesquisa: Os professores de Artes das escolas do município de Embu das Artes estão preparados por meio do ensino das artes para trabalhar a cultura local dentro do sistema educacional e no Ensino Fundamental? Até que ponto os professores de artes no Ensino Fundamental dentro da proposta educacional inserem cultura no currículo nas escolas do município de Embu das Artes? Foram analisadas as questões:

Com que frequência você insere em sua disciplina os conhecimentos culturais da cidade de Embu das Artes?

Todos os professores tem essa preocupação em inserir nos conteúdos pedagógicos atividades relacionadas com os conhecimentos culturais da cidade, mas, somente 08 (oito) professores raras vezes; 07 (sete) sempre que necessário, às vezes 28 (vinte e oito), muitas vezes 11 (onze) e sempre 36 (trinta e seis).

Com que frequência você incentiva a cultura do município em sua disciplina? Mais da metade dos participantes incentivam a cultura local dentro da disciplina de artes considerando que 49 (quarenta e nove) sempre; 11 (onze) muitas vezes; 18 (dezoito) às vezes; 08 (oito) sempre que necessário, e somente 04 (quatro) raras vezes.

Com que frequência você desenvolve com seus alunos, atividades voltadas para as artes manuais?

Nenhum professor respondeu que nunca ou raras vezes, apontando assim a preocupação em estar desenvolvendo as habilidades manuais com seus alunos. Tendo como dados: sempre 48 (quarenta e oito); às vezes 17 (dezessete); muitas vezes 16 (dezesseis) e sempre que necessário 09 (nove).

Em seu planejamento anual, existe a preocupação em desenvolver atividades que venham a propiciar habilidades manuais para novos artistas?

Dos 90 (noventa) participantes, 74 (setenta e quatro) responderam sim; 11 (onze) talvez e 05 (cinco) não.

Você já pensou na possibilidade de que, com o passar dos anos, a cultura em nosso município possa diminuir por falta de incentivo a novos artistas? Você já pensou que através de sua disciplina e seu incentivo, possa formar novos artistas em nosso município?

Através das respostas, de ambas as perguntas quase 100% dos professores tem consciência de que é necessário que haja incentivos para que a cultura local não acabe, e que permaneça preservada.

Porém quando se questiona o professor perguntando se durante a elaboração de seu planejamento de ensino ele propõe alguns conteúdos voltados especificamente para formar novos artistas, a resposta não atinge a mesma percentagem. 12 (doze) não propõem conteúdos; 58 (cinquenta e oito) sim e talvez 20 (vinte) possam estabelecer atividades voltadas para conteúdos específicos. Todos os professores têm consciência, mas não são todos que colocam em prática.

Foram realizadas perguntas buscando justificar a hipótese levantada: A Secretaria da Cultura em parceria com a Secretaria da Educação de Embu das Artes subsidiam projetos de formação continuada aos professores de artes do Ensino Fundamental relacionados à preservação da cultura trabalhada em sala de aula. Para comprovar ou não essa hipótese realizou-se estas perguntas:

Durante a elaboração de seu planejamento de ensino, você recebe algum material ou orientação da Secretaria da Educação do município de Embu das Artes ou Diretoria de Ensino, para desenvolver conteúdo e estratégia que possa propiciar habilidades a novos artistas em nosso município?

Não 61 (sessenta e um). Talvez 04 (quatro). Sim 21 (vinte e um). Não responderam 04 (quatro). De acordo com essas respostas fica registrado que a Secretaria da Educação do município e a Diretoria de Ensino não oferecem materiais ou orientações para os professores desenvolverem estratégias.

Há de se esclarecer que as escolas particulares e estaduais são de responsabilidade legal da Diretoria de Ensino, Secretaria da Educação do estado de São Paulo e as escolas municipais estão sob as orientações legais da Secretaria Municipal da Educação do município de Embu das Artes.

Durante a elaboração de seu planejamento de ensino, você recebe alguma orientação da direção da escola para desenvolver conteúdo ou estratégia para propiciar habilidades a novos artistas para o nosso município?

Sim 41 (quarenta e um). Não 36 (trinta e seis). Talvez 09 (nove). Não sabe 01 (um). Não respondeu 03 (três). Quanto à participação da direção da escola em orientar e desenvolver estratégias encontrou-se a colaboração dos diretores em algumas escolas. Quase metade dos professores, 41 (quarenta e um) colocou que a direção das escolas procura desenvolver, através dos professores, estratégias para que os alunos possam criar habilidades para as artes dentro do contexto artístico do munic'ípio. Porém, a outra metade ainda necessita que o diretor atente para esse fator: o desenvolvimento de habilidades para novos artistas.

Você já pensou que sua disciplina entre outros objetivos, é de formar novos artistas para que Embu das Artes permaneça com vertentes culturais?

Sim: 63: (sessenta e três). Não: 09 (nove). Talvez: 14 (quatorze). Não sabe: 02 (dois). Não respondeu 02 (dois). A maioria dos professores tem consciência de que sua disciplina de artes é fundamental para a continuidade dos artistas, dando seguimento às artes locais atuais e históricas.

Durante a elaboração de seu planejamento de ensino, você recebe algum material ou orientação da Secretaria da Cultura do município de Embu das Artes, para desenvolver conteúdo ou estratégia que proporcione o surgimento de novos artistas para o nosso município?

Não 64 (sessenta e quatro). Sim18 (dezoito). Talvez 04 (quatro). Não sabe 01 (um). Não respondeu 03 (três). Novamente encontramos nesta questão a negativa de ajuda da Secretaria da Cultura durante a elaboração dos conteúdos a serem ministrados nas escolas. A Secretaria da Cultura que apresenta em seu Plano Municipal, Projetos importantes relacionados ao Contexto Histórico e Cultural de Embu das Artes, ainda não foram colocados em prática com a Secretaria da Educação para desenvolverem ações que venham ajudar os professores a desenvolverem com estratégias que capacitem seus alunos a desenvolver em habilidades artísticas.

Para compreender a prática desenvolvida pelos professores em sala de aula e qual habilidade artística eles mais desenvolvem com seus alunos prioritariamente em aulas,

chegou-se a estes resultados por ordem dos mais votados:

Pintura 74: (setenta e quatro). A atividade mais desenvolvida entre os professores é pintura. A pintura está entre os três primeiros tipos de belas artes; é a mais reconhecida desde a Antiguidade. Pintura é arte de aplicar cores, pigmentos sobre diferentes superfícies para criar imagens, formas figurativas ou abstratas.

Música: 58 (cinquenta e oito). Teatro: 58 (cinquenta e oito). Dança: 49 (quarenta e nove). Agrupando as próximas atividades desenvolvidas pelos professores encontramos: música, teatro e dança. A música definida por Aristóteles é “a arte de expressar sentimentos mediante o som". A lógica da construção musical é a combinação de sons em sucessão temporal formando melodias.

A dança faz parte das 07 belas artes devido aos vigorosos movimentos usados ao ritmo da música, que servem como um dos meios de expressão mais estéticos que se pode desfrutar. Segundo o Manifesto Canudo (1923) teatro passa a ser considerada uma arte dentro da dança.

História em quadrinhos 45: (quarenta e cinco). Segundo no Manifesto de Canudo encontramos na 9ª Arte, o Desenho em que estão os quadrinhos, imagens e gráficos. Contar estórias somente por textos acabou deixando de ser a única arte do tipo, os quadrinhos resolveram uni-los aos desenhos para criar uma nova forma de Literatura Visual que atualmente é tão lida quanto os próprios livros.

Escultura: 44 (quarenta e quatro). A escultura encontra-se no grupo das três primeiras belas artes, é reconhecida desde a antiguidade e nos dias atuais continua sendo considerada uma das formas de arte primordiais. Escultura é a arte de transformar a matéria através do entalhamento, da modelagem de diversos materiais como, por exemplo, barro, cimento, bronze, madeira, mármore e plástico.

Fotografia: 34 (trinta e quatro). Não faz parte da primeira classificação das belas artes, surgiu como oitava arte. A arte de registrar momentos por imagens a fotografia acabou surgindo com a tecnologia, possibilitando assim que as visões mais belas ou fatos históricos pudessem ser registrados de uma maneira mais realista do que os outros tipos de arte.

Literatura: 31 (trinta e um). A literatura é a arte que vem da palavra para criar. Apesar de costumar dizer que a literatura é uma das belas artes, a poesia também está incluída nesta forma. As duas têm oferecido contribuições valiosíssimas à humanidade, com peças e autores que, sem dúvida, constituem uma obra de arte em si. "É a arte da

palavra”, consiste em usar exclusivamente a linguagem para se expressar contando histórias reais ou fictícias.

Cinema: 30 (trinta). No século XX, foi Ricciotto Canudo, teórico e crítico cinematográfico, que através de seu "Manifesto das sete artes" (1911) usou o termo "sétima arte" para incluir o cinema entre as belas artes. Hoje em dia é um dos meios de expressão artística mais populares do mundo, com peças de grande valor audiovisual consideradas como clássicos entre os estudiosos e cinéfilos.

O ponto mais alto da arte, no cinema e no teatro, onde todas as outras artes se encontram para formar uma única obra, reunindo a arquitetura do cenário, os atores que dão movimento a esculturas históricas, os quais mostram a sua leveza nas danças dos mais belos musicais, criando verdadeiras 'pinturas' elaboradas a partir dos roteiros mais bem escritos.

Arte Digital 12 (doze); Jogos de Computador e Vídeo 06 (seis).

A arte digital recebeu inspiração de boa parte das sete belas artes originais, tendo como propósito recriar imagens e histórias por meio de computação gráfica com a ajuda de programas especiais. Os efeitos especiais são a principal característica da arte, gerando incríveis resultados.

Concluímos que as atividades mais desenvolvidas pelos professores estão voltadas para as belas artes definidas na Grécia Antiga. O início do século XIX possuía vários tipos de artes plásticas, entre elas: a pintura, a escultura, o desenho, a gravura, a pintura mural, a cerâmica, a ourivesaria e o artesanato, posteriormente outras manifestações artísticas também tiveram espaço até o ponto de incluir outras menos convencionais como cinema, fotografia ou arte digital. A arte moderna e sua versatilidade de materiais e conceitos também revolucionou este campo.

CAPÍTULO VI
CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Escrever essa tese foi resgatar a História de Embu das Artes e poder registrar dados importantes que pouco encontrei em livros, deixar aqui um registro da contextualização geográfica, histórica e cultural. Mostrar uma cidade rica em sua cultura e suas artes conhecidas internacionalmente.

Emancipada em 1959, com cinco mil habitantes, foi umas das cidades que mais cresceu em torno da capital São Paulo, passando a ser Estância Turística em 1979. Atualmente, (CENSO 2016) conta com uma população estimada em 264.448 pessoas.

Historicamente a cultura de Embu das Artes, foi iniciada na aldeia do M'Boy, fundada pelos jesuítas entre 1555 e 1559. Foi das mãos dos jesuítas e dos índios que surgiram os primeiros traços artísticos que mais tarde se tornariam a marca da cidade: na arquitetura da Igreja, na escultura dos santos de madeira, nas pinturas e no entalhamento.

Segundo Jordão (2004) escrever sobre a História do Embu, é escrever a própria História da Companhia de Jesus na América Meridional, fundada por Inácio de Loiola, da capitania de São Vicente de Martim Afonso de Souza, foi que surgiu o primitivo Embu.

Das próprias circunstâncias que envolveram o nascimento da primitiva Aldeia, podemos tirar a origem do nome "M'Boy", invocando Teodoro Sampaio em "O Tupi na Língua Nacional". Para esse autor, "MAIR" era o apelido dos franceses entre os tupis do Brasil. Os guaranis do Paraguai (Carijós) chamavam os espanhóis de "MBAI". Os dois vocábulos "mair e mbai" são formas contratas de "mbai-ira" que exprime o - apertado, o solitário, o que vive distante. De "mbai-ira", procedem "mbaira, maira, mair", MBAI que era o apelido dado pelos indígenas aos franceses e espanhóis, não só por virem de longe, como porque equiparavam pela sua superioridade, aos seus feiticeiros, chamados pajés ou caraíbas, os quais levavam a vida solitária no recesso das matas, nas cavernas das montanhas distantes (Jordão, 2004).

Os padres foram embora, mas deixaram um tesouro para a cidade paulista, um belíssimo conjunto de arquitetura colonial, hoje em dia sede do Museu de Arte Sacra, no centro histórico. Tombado como Patrimônio Histórico Nacional e protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é uma das mais preservadas construções jesuítas remanescentes em São Paulo. Embora exiba detalhes do estilo

barroco paulista, a arquitetura do conjunto que inclui o museu e a igreja, tem como principal característica a simplicidade das linhas retas. A Igreja Nossa Senhora do Rosário e a antiga casa dos padres foram construídas em taipa de pilão e parcialmente concluídas em 1734, quando a pintura e douração da capela-mor e da sacristia começaram a ser feitas. Faz parte de seu acervo imagens de anjos, santos e personagens bíblicos entalhados em madeira, modelados em terracota ou em armações de roca, produzidos pelos jesuítas entre os séculos 17 e 19. O ponto alto do museu é a obra "Senhor Morto", esculpida em tamanho real em uma única tora de madeira.

Embu das Artes tem como característica primordial sua cultura local. Entende-se por cultura um conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização. Cultura significa todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro. Portanto, faz parte da cultura de um povo algumas atividades e manifestações, tais como: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, entre outros.

O primeiro artista que chegou à cidade foi Cássio da Rocha Matos (1896-1986) Cássio M'Boy, posteriormente outros vieram se juntar a ele trazendo seus legados, deixando suas habilidades artísticas, marcando a história do município como: Mestre Sakai, Assis do Embu, Solano Trindade Mestre Gama entre outros.

E foi pensando na continuidade destas habilidades artísticas que surgiu essa pesquisa, buscando-se entender o que o município tem feito para preservar e estimular atividades voltadas para as artes e cultura. Como tema: A preservação do patrimônio artístico de Embu das Artes pela educação nas séries iniciais do ensino fundamental.

A cidade é uma fonte rica de pesquisa cultural e histórica, oferecendo elementos para a formação de educadores e constituindo um berço para a arte e para as manifestações culturais de seu povo.

O objeto de estudo foram os professores que ministram aulas de artes no ensino fundamental das escolas particulares, estaduais e municipais do município. O foco em pesquisar os professores, teve como objetivo entender e analisar como eles estão desenvolvendo as habilidades artísticas com seus alunos e como avaliar o grau de preocupação que os mesmos têm, em manter essas habilidades artísticas voltadas

especificamente para a cultura local.

Os professores que participaram da pesquisa demonstraram que tem conhecimento de que Embu das Artes é uma cidade cultural com seguimentos artísticos, que eles conhecem os locais culturais, porém não são todos que levam seus alunos para conhecer e também muitos deles não desenvolvem atividades voltadas para o prosseguimento da arte local, como por exemplo, esculpir madeira. O trabalho que os professores mais realizam com seus alunos é a pintura, porém não foi pedido para especificar que tipo de pintura. Seria interessante em outra oportunidade pesquisar que tipo de pintura é trabalhada com esses alunos para melhores esclarecimentos dessa arte.

A hipótese levantada no início desta pesquisa: "A Secretaria da Cultura em parceria com a Secretaria da Educação de Embu das Artes subsidiam projetos de formação continuada aos professores de artes do ensino fundamental relacionados à preservação da cultura trabalhada em sala de aula".

Podemos afirmar que a Secretaria da Educação não colaborou em nenhum momento com esta pesquisa, ao contrário da Secretaria da Cultura que prontamente ofereceu seu material para compor essa tese. Foi através do Plano Municipal da Cultura que verificamos que existe a preocupação por parte dessa Secretaria em colocar nas escolas uma disciplina que venha Integrar a História de Embu no Currículo Básico da Educação Municipal, como disciplina obrigatória e desenvolvendo a capacitação dos professores da rede. Existe uma preocupação em desenvolver e manter a arte local.

Se porventura existe essa preocupação por parte da Secretaria da Educação em nenhum momento tivemos acesso para perguntar se esse projeto da Secretaria da Cultura pode ser colocado em prática.

Cabe ao final desta tese propor à Secretaria da Cultura uma parceria para que realmente seja levado às escolas o resultado desta pesquisa demostrando a importância dos professores estarem atentos a desenvolverem com seus alunos atividades artísticas que visem estimular os alunos a tornarem-se artistas em nosso município dando assim continuidade as nossas artes.

É importante também levar esses resutados à Secretaria da Educação, para que parcerias sejam realizadas com a Secretaria da Cultura e que ações possam ser desenvolvidas juntamente com os professores de artes.

A divulgação desta pesquisa nas reuniões da Diretoria de Ensino, Secretaria da

Educação, reunião de diretores e professores irão auxiliá-los a pensar mais em nosso município e a refletirem e em manter nosso contexto histórico e cultural, desenvolvendo assim novas habilidades em suas aulas com os alunos.

Ao escrever essa tese deparei-me com alguns contextos importantes e quero ressaltá-los aqui. O primeiro deles foi relembrar minha infância a construção da minha subjetividade como pessoa, minha história de vida. Olhar o passado e ver o crescimento de uma menina com um sonho: ser professora. Acompanhar o desenvolvimento e o crescimento físico, social e econômico do bairro onde cresci.

Encontrar na História as riquezas desta cidade de Embu das Artes desde sua fundação com os Jesuitas até os dias de hoje. Uma cidade reconhecida internacionalmente por meio de suas artes. Perceber a falta de referências bibliográficas, registros contando sobre esse trajeto histório e cultural. Apontando assim a necessidade de mais pesquisadores escreverem, contando sua importância.

Perceber a grandeza de seus artistas, suas obras, suas contribuições para que Embu das Artes se tornasse uma Estância Turística voltada para a Arte local, com artistas renomados. Poder escrever sobre essas pessoas e compartilhar através dessa tese o quanto eles marcaram esta cidade e se destacaram nela e com ela.

Perceber o envolvimento da Secretaria da Cultura para manter essa tradição histórico-cultural com projetos a serem desenvolvidos nas escolas e por outro lado não destacar essa mesma importância pela Secretaria da Educação, que por sua vez, deveria ser a primeira a estar preocupada e envolvida com esse objetivo nas escolas.

O resgate do ensino das artes na Educação Básica, principalmente no Ensino Fundamental, desde as séries iniciais é de importância crucial para que se crie uma cultura própria, a noção de pertencimento, de preservação do patrimônio histórico, da valorização do que é meu, do que é nosso, do sentimento de coletividade, de amor ao local que nos pertence, da nossa história, de quem somos, para que não percamos a nossa identidade e cidadania, pois somos seres sociais por excelência e somente nos constituímos e nos empoderamos aos pares, pois aprender não significa acumular informações sobre as práticas e técnicas do processo de ensino-aprendizagem, mas sim acrescentar em cada pessoa a capacidade crítica em questionar e fazer reflexão sobre a construção do conhecimento adquirido ao longo de todo processo de ensino-aprendizado compartilhado, respaldado nos resultados das investigações e criações envolvendo os alunos nos

processos de formação.

Precisamos, portanto, priorizar a participação ativa de alunos e professores na construção e no resgate de suas raízes com liberdade e autonomia observando a sua própria realidade, valorizando-a e assim resgatando a sua essência.

Que os pontos apresentados nesta pesquisa possam servir para que outros pesquisadores venham se inquietar a contribuir para que este tema não se encerre aqui e sim se expanda com outros olhares.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. Pesquisa em ciências sociais. In: HIRANO, Sedi (Org.). Pesquisa social: projeto e planejamento. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

ABNT. Institucional. Disponível em: <http://www. Abnt.org.br>. Acesso em: 25 mar. 2005.

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Martins Fontes. São Paulo 2007.

ABDALLA, Maria F.B. Pesquisa-ação nas organizações. São Paulo: Atlas, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v13n48/27557.pdf>. Acesso em 06/dez/2016.

ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Trad. Wolfang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

AGUIAR, Lilian Maria Martins de. A Arte Persa. Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/historiag/arte-persa.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

_____, Lilian Maria Martins de. A Arte Romana. Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/historiag/arte-romana.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

ANDEREGG, Ezequiel. Introducción a lãs técnicas de investigación social: para trabajadores sociales. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 2003.

ASTI VERA, Arnaldo. Metodologia da pesquisa científica. 5. ed. Porto Alegre: Artimed, 2006.

ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio. Guia de história da arte. Tras.: M. F. Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

Ajuda do Editor dos Documentos - Google. Criar, editar e formatar. Disponível em: <https://support.google.com/docs/topic/6063584?hl=pt-BR&ref_topic=1360904>. Acesso em 25/set/2016.

A arte bizantina. Disponível em:<http://brasilescola.uol.com.br/historiag/arte-bizantina.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

A arte cristã primitiva. – A fase oficial. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/artes/arte-crista-primitiva-1.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

A arte mesopotâmica. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/historiag/arte-mesopotamica.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

A classificação das Belas-Artes. Disponível em: <http://lrsr1.blogspot.com.br/2011/05/classificacao-das-belas-artes.html>. Acesso em

06/dez/2016.

Afinal o que é patrimônio cultural? Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/andreacosta/memoria-e-patrimonio-cultural/aula-01-conceito-de-patrimonio-cultural> Acesso em 06/abr/2016.

BACHELARD, Gaston. O novo Espirito Científico. Ed. Tempo brasileiro, 1968.

BARBOSA, Ana Mãe. Inquietações e mudanças no ensino da arte.Sao Paulo. Cortez Editora , 2002.

BARCELLOS, Alcides Ricardo. A preservação e conservação em instituições arquivísticas na cidade de Porto Alegre. Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67154/000871222.pdf>. Acesso em: 06/dez/2016.

BARROS, Aidil J.da S.; LEHFELD, Neide Aparecida de S. Fundamentos de Metodologia Científica: um guia para a iniciação científica. 2.ed. ampl. São Paulo: Pearson, 2008.

BAUMER, Regina. O Ensino da arte na educação básica: As proposições da LDB 9.394/96. Paraná. 2009. Tese de mestrado.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

_____,Carlos Rodrigues. Notas para o Debate sobre pesquisa-ação. Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BEST, J. W. Como investigar em educación. 2. ed. Madri: Morata, 1972.

BOENTE, Alfredo; BRAGA, Gláucia. Metodologia científica contemporânea. Rio de Janeiro: Brasport, 2014.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal, Porto Editora, 1994.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. 3.ed., 1ª reimpressão. São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

BRASIL.Constituição de 1824. Disponível em:< https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

_____Constituição de 1891. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

_____Constituição de 1934. Disponível em <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm> Acesso em 06/dez/2016.

_____Constituição de 1937. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao37.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

_____Constituição de 1946. Disponível em < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao46.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

_____Constituição de 1967. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

_____Constituição de 1988. Disponível em:< https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

_____Emenda Constitucional de 1969. Disponível em < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc_anterior1988/emc01-69.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

_____LDB –Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1961. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

_____LDB –Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1968. Disponível em: < http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro- 1968-359201- publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 06/dez/2016.

_____LDB –Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1971. Disponível em: < http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752- publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 06/dez/2016.

_____LDB –Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1996. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm0>. Acesso em 06/dez/2016.

_____Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília. DF v.2; il.

BUORO, A.B. O olhar em construção: Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CANTOS, Priscila Kelly. A educação na companhia de Jesus: um estudo sobre os colégios jesuíticos. Maringá. 2009.

CARNEIRO, Moaci Alves. LDB Fácil: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHIRARLDELLI, JR, Paulo. História da educação. São Paulo: Cortez, 2002.

COLLINSON, Diané. 50 grandes Filósofos: da Grécia antiga ao século XX. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Conceito de arte – O que é, definição e significado. Disponível em: <http://conceito.de/arte#ixzz4Ery98RKB>. Acesso em 06/dez/2016.

Conceito de artes plásticas –O que é, definição e significado. Disponível em: <http://conceito.de/artes-plasticas#ixzz4PYRjEOi8>. Acesso em 06/dez/2016.

Critério para delimitação do tema. Disponível em: https://pt.scribd.com/doc/50908728/Metodologia-Cientifica. Acesso em 04/nov/2016.

CUNHA, Aparecido Soares da. Migração, território, urbanização, crescimento populacional e mobilidade na Região Metropolitana de São Paulo. Disponível em < https://www.academia.edu/6819083/Migra%C3%A7%C3%A3o_Territ%C3%B3rio_Urbaniza%C3%A7%C3%A3o_Crescimento_Populacional_e_Mobilidade_na_Regi%C3%A3o_ Metro politana_de_S%C3%A3o_Paulo>. Acesso em: 06/dez/2016.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

DEMO, Pedro. Desafios Modernos da Educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

DIEHL, Astor Antonio. Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. Artistas da Arte Moderna - Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/literatura/artistas-da-arte-moderna.htm>. Acesso em 09/nov/2016.

DURHAM, Eunice. A dinâmica da cultura –Ensaios de Antropologia.2012 Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1357>. Acesso em: 06/dez/2016.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. Teoria cultural de A a Z: conceitos- chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Contexto, 2003.

FACHIN, Odilia. Fundamentos de metodologia. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA JR., Amarílio; BITTAR, Marisa. Educação jesuítica e crianças negras no Brasil Colonial. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.80, n. 196, p. 472-482, set./dez. 1999.

_____,Pluralidade linguística, escola de bê-a-báe teatro jesuítico no Brasil do século XVI. Educação e Sociedade, vol. 25, n.86, p.171-195, abr. 2004.

FERREIRA JR, Amarílio. Educação Jesuítica no Mundo Colonial Ibérico (1549- 1768). v. 21, n. 78, p. 9-10, dezembro, 2007.

FERREIRA, Tito Lívio. Nóbrega e Anchieta em São Paulo de Piratininga. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

FIGUEIREDO, Sérgio. Ouvir, executar e criar: três dimensões da experiência musical. UNESC, 2007 [mimeo].

GAMBOA, S. A. S. Epistemologia da pesquisa em educação: estruturas lógicas e tendências metodológicas. Campinas, 1987. 229 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de Campinas.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. –11. reimpr. –São Paulo: Saraiva, 2017.

_____, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo: Atlas,2008.

_____, Antonio Carlos. Metodologia do ensino superior. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik; trad. Adelaine La Guardia Resende (et all). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 1a reimpressão revista, 2006.

HAUSER, Arnold. História Social da Arte e da Literatura. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

História da arte. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/historiag/historia-da-arte.htm>. Acesso em 06/dez/2016.

HYMANN, Hebert. Planejamento e análise da pesquisa: princípios, casos e processos. Rio de Janeiro: Lidador, 1967.

HUGHES-WARRIGTON, Marnie. 50 grandes pensadores da História. São Paulo: Contexto, 2002.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em 06/abr/2016.

JORDÃO, M.F. Embu: terra das artes e berço de tradições. São Paulo: Noovha América, 2004.

KANT, Immanuel. Crítica da Faculdade do juízo. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

KOCHE, José Carlos. Pesquisa científica: critérios epistemológicos. Petrópolis, RJ: Vozes; Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.

_____, José Carlos. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. Metodologia do Trabalho Científico. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

_____, Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. –São Paulo: Saraiva, 2017.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A Construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas. Revisão técnica e adaptação da obra Lana Mara Siman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

_____,Fundamentos da Metodologia Científica. 7 ed. Sao Paulo: Atlas, 2010.

Lei que muda nome de Embu para Embu das Artes, SP, é sancionada. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/09/lei-que-muda-nome-de-embu-para-embu- das-artes-sp-e-sancionada.html>. Acesso em 06/abr/2016.

Mapa da Região Metropolitana de São Paulo. Disponível em: <http://www.baixarmapas.com.br/sao-paulo-rmsp/>. Acesso em 28/nov/2016. <http://produtos.seade.gov.br/produtos/500anos/index.php?tip=defi>. Acesso em 06/abr/2016.

MAZZOTTI, A. J. A.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

MELO, Marco A; FRANCO, Maria I. Atlas socioambiental de Embu. Prefeitura da Estância Turística de Embu, 2008. Disponível em: <http://www.embudasartes.sp.gov.br/secretaria/pagina/meio_ambiente/133>. Acesso em: 06/dez/2016.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2014.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomas Tadeu da. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA,

Tomaz Tadeu da (orgs.). Currículo, Cultura e Sociedade. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MOTTA, Fernando C. P.; CALDAS, Miguel P. (orgs.). Cultura organizacional e cultura brasileira. São Paulo: Atlas, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. Cultura brasileira: utopia e massificação. Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

NITHAC, Dulce Ana. Manifesto das Sete Artes. Disponível em: <http://musicas-e-livros10.webnode.com/manifesto-das-sete-artes>. Acesso em 06/dez/2016.

PAIVA, Odair da Cruz. Museus e patrimônio da Imigração. História, memória e patrimônio cultural nos Museus de Imigração no Estado de São Paulo. Disponível em:<http://www.encontro2014.sp.

Anpuh.org/resources/anais/29/1401287454_ARQUIVO_OdairdaCruzPaivaTextoAnais SimposioAnpuh2014.pdf>. Acesso em: 06/dez/2016.

Patrimônio Cultural. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em 06/abr/2016.

PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PARDINAS, Felipe. Medología y técnicas de investigación em ciencias sociales. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1977.

PEREIRA, Portiguara Acassio. O que é pesquisa em educação? São Paulo, Paulus, 2017.

Pesquisa Quantitativa e Pesquisa Qualitativa. Disponível em: http://digitalempreendedorismo.blogspot.com.br/p/pesquisa-quantitativa-e-esquisa.html. Acesso em 06/dez/2016.

PENNA, Maura. PCN nas escolas: e agora? Disponível em: www. Artenaescola.org.br. Acesso em 18/10/2015.

PILETTI, Nelson; PILLETI, Cláudio. História da educação no Brasil. São Paulo: Ática, 2006.

PINHEIRO, Antônio Luiz; SOBREIRA, Frederico Garcia and LANA, Milene Sabino. Influência da expansão urbana nos movimentos em encostas na cidade de Ouro Preto, MG. Rem: Rev. Esc. Minas [online]. 2003, vol.56, n.3, pp.169-174. ISSN 0370- 4467. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0370-44672003000300004>. Acesso em: 06/dez/2016.

PINSKY, Jaime. As primeiras civilizações. São Paulo: Contexto, 2012.

PIRES, José Calixto de Souza; MACEDO, Kátia Barbosa. Cultura organizacional em organizações públicas no Brasil. 2006 Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a05.pdf>. Acesso em 06/dez/2016. POPPER, K.R. A lógica da Pesquisa científica. [trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota]. São Paulo: Cultrix, 1972.

Plano Diretor de Drenagem de Embu. Estância Turística de Embu, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Vicente/Downloads/04_minuta_drenagem.pdf>. Acesso em 06/dez/2016. População Recenseada. Região Metropolitana de São Paulo e Municípios. 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Disponível em: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseada_1950_10552.html>. Acesso em 06/abr/2016.

Portal Brasil. Iphan é responsável por preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/11/iphan-e-responsavel- por-preservar-divulgar-e-fiscalizar-os-bens-culturais-brasileiros>. Acesso em 11/nov/2015.

PRADO, Agostinho; OLIVEIRA, Andressa; CARVALHO, Noemi. Plano Municipal de Turismo de Embu das Artes. SP. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em:http://www.uel.br/projetos/ternopar/pages/arquivos/Plano%20Municipal%20de%20Turismo%20-%20Embu%20das%20Artes.pdf>. Acesso em: 06/dez/2016.

RAMOS, Alexandre Selaibe; ITO, Claudemira Azevedo. Evolução urbana e concentração populacional no município de Embu. SP. FCT-UNESP. Disponível em < http://studylibpt.com/doc/6155257/evolu%C3%A7%C3%A3o-urbana-e-concentra%C3%A7%C3%A3o-populacional-no-munic%C3%ADpio>. Acesso em: 06/dez/2016.

RAMOS, Fábio Pestana. Legislação e Gestão da Educação no Brasil. Disponível em: <http://fabiopestanaRamos.blogspot.com.br/2011/05/legislacao-e-gestao-da-educacao-no.html>. Acesso em 06/dez/2016.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. Manual prático de metodologia da pesquisa: artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese. 2005.

Região Metropolitana de São Paulo. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em 28/nov/2016.

Região Metropolitana de São Paulo. Disponível em: <https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSP>. Acesso em 06/abr/2016.

Região Sudoeste da Grande São Paulo. Disponível em: <http://www.

Agendis.org.br/index.php/cidades/9-regiao-sudoeste-da-grande-sao-paulo>. Acesso em 28/nov/2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 3 ed. 2015.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira.História da educação no Brasil (1930/1973). 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

ROSA, Henrique S. J. Os Jesuítas: de sua origem aos nossos dias.Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1959.

ROSA, Maria Cristina. A formação de professores de arte: diversidade e complexidade pedagógica. Insular, 2005

ROSENTAL, Claude; FRÉMONTIER-MURPHY, Camille. Introdução aos métodos quantitativos em ciências humanas e sociais. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2003.

RUDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. 40. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

RUDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. 29.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003. Capítulo V –Pesquisa descritiva e pesquisa experimental.

SANS, P.T.C Pedagogia do desenho infantil. São Paulo Átomo,2001.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. Metodologia Científica: a construção do conhecimento. 3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SANTOS FILHO, José Camilos dos; GAMBOA, Silvio Sanchez. Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SELLTIZ, C. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: Heder, 1974. SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos.2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

Significado de Arte. O que é arte? Disponível em: <https://www.significados.com.br/arte/>. Acesso em 06/dez/2016.

Significado de Locus. O que significa Locus? Disponível em: <https://www.significados.com.br/locus/>. Acesso em 06/dez/2016.

SILVEIRA, Amélia. (Org.). Roteiro básico para apresentação e editoração de teses, dissertações e monografias. 2. ed. Blumenau: Edifurb, 2004. p. 103 –106.

SILVEIRA, Tatiana dos Reis. Diagnóstico, cultura e clima organizacional. Disponível:http://www.pedagogia.com.br/artigos/diagnosticoorganizacional/index.php?pagina=0>. Acesso em: 06/dez/2016.

SCHWARCZ, Lilia; GOMES, Nilma (orgs.). Antropologia e história: debate em região de fronteira. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. Síntese de História da Cultura Brasileira. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUSA, Rainer. A arte repestre. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/historiag/a- arte-rupestre.htm>. Acesso em: 06/dez/2016.

_____,Rainer. Patrimônio Histórico Cultural. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/patrimonio-historico-cultural.htm>. Acesso em: 06/dez/2016.

SOUZA, Mônica Virginia de. Políticas públicas e espaço urbano desigual: favela Jardim Maravilha (SP). Estud. av. [online]. 2009, vol.23, n.66, pp.267-281. ISSN 0103-4014. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142009000200019. Acesso em: 06/dez/2016.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1986.

TRUJILLO FERRARI, A. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

TRIPODI, Tony; FELLIN Phillip; MEYER, Henry. Analise da pesquisa social. Rio de janeiro; Livraria Francisco Alves Editora,1981.

TRINDADE Raquel. Embu: De Aldeia de M'Boy a Terra das Artes. São Paulo: Noovha América, 2010.2. Ed.

_____,. Embu: De Aldeia de M'Boy a Terra das Artes. São Paulo: Noovha América, 2004. 1 Ed.

APÊNDICE

ROTEIRO DAS PESQUISAS REALIZADAS COM OS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I E II

Aos Diretores

Escola Estadual/Municipal/Particular

Meu nome é Maria do Carmo dos Santos Motta, sou diretora e mantenedora da Faculdade Polis da Artes e Polis Colégio.

Estou finalizando uma tese de doutoramento em Ciências da Educação, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Duro –UTAD que consiste numa avaliação sobre a cultura de nossa cidade, Embu das Artes e preciso da participação de professores de Artes que lecionam no Ensino Fundamental I e II.

Solicito que este e mail, seja encaminhado para este professor/professora para que ele possa participar desta pesquisa, respondendo um questionário que é bem simples e rápido.

O acesso pode ser efetuado através do link abaixo: www.poliscolegio.com.br/pesquisa.

Solicito ainda que você me responda neste email, informando quantos professores de Artes ministram aulas no Ensino Fundamental I e II em sua unidade escolar.

Agradeço imensamente a colaboração. E me coloco à disposição para eventuais dúvidas.

_____

Maria do Carmo dos Santos Motta

ROTEIRO DA PESQUISA

1.– Está respondendo este questionário lecionando em qual seguimento escolar? *
O Escola Municipal
O Escola Estadual
O Escola Particular

2.- Nome da Escola?

3.- Em qual segmento você ministra aula?
O 1ºao 5ºano do Ensino Fundamental l
O 6ºao 9ºano do Ensino Fundamental II
O Nos dois segmentos

4.- Qual sua Idade?
O De 20 à30 anos
O De 30 à40 anos
O De 40 à50 anos
O Mais de 50 anos

5.- Qual seu Sexo?
O Feminino
O Masculino

6.- Onde você mora?
O Mora em Embu das Artes
O Não mora em Embu das Artes

7.- Grau de escolaridade?
O Graduado
O Pós graduado
O Mestre
O Doutor

8.– Você conhece o contexto histórico e cultural de Embu das Artes?
O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

9.– Você participa de eventos culturais na cidade de Embu das Artes?
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

10.- Tem conhecimento sobre os espaços culturais da cidade de Embu das Artes?
O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

11.– Já visitou o espaço cultural Memorial Tadakio Sakai?
O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

12.– Já visitou o espaço cultural Memorial Museu do Índio?
O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

13.– Já visitou o Centro Histórico da cidade de Embu das Artes?
O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

14.– Já visitou o espaço cultural Museu de Arte Sacra?
O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

15.– Já visitou a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário?
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

16.– Já visitou o espaço cultural Capela de São Lázaro?
O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes

O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

17.– Já visitou a Feira de Artesanato de Embu das Artes?
O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

18.– Já visitou o espaço cultural Mestre Assis no Centro de Embu das Artes?
O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

19.- Já visitou o espaço cultural Valdenice, no Parque Pirajussara?
O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

20.– Já visitou o espaço cultural Jardim Santo Eduardo?
O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

21.– Já visitou o espaço cultural Céu das Artes, no Jardim do Colégio?
O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

22.–Você conhece os núcleos de cultura do nosso município?
O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

23. –Você conhece o Projeto Cultural nos bairros, desenvolvido pela Secretaria de Cultura de Embu das Artes?

O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

24.–Você participa das festas culturais realizadas no município?

O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

25.–Você já realizou excursões, levando seus alunos aos espaços culturais da cidade?

O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

26.–Assinale os espaços culturais que você já levou seu aluno

□ Memorial Tadakio Sakai
□ Memorial Museu do Índio
□ Centro Histórico
□ Museu de Arte Sacra
□ Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário
□ Capela São Lázaro
□ Mestre Assis
□ Nunca levei

27. - Com que frequência você insere em sua disciplina os conhecimentos culturais da cidade de Embu das Artes?

O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

28.- Com que frequência você incentiva a cultura do município em sua disciplina?

O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

29. - Com que frequência você desenvolve com seus alunos, atividades voltadas para as artes manuais?
O Sempre
O Às vezes
O Raras vezes
O Muitas vezes
O Sempre que necessário
O Nunca

30. - Em seu planejamento anual, existe a preocupação em desenvolver atividades que venham a propiciar habilidades manuais para novos artistas?
O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

31- Você já pensou na possibilidade de que, com o passar dos anos, a cultura em nosso município possa diminuir por falta de incentivo a novos artistas?
O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

32. – Você já pensou que através de sua disciplina e seu incentivo, possa formar novos artistas em nosso município?
O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

33.- Durante a elaboração de seu planejamento de ensino, você propõe alguns conteúdos voltados especificamente para formar novos artistas?
O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

34.- Você conhece os artistas do município relacionados as Artes manuais?
O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

35. - Durante a elaboração de seu planejamento de ensino, você recebe algum material ou orientação da Secretaria da Educação do município de Embu das Artes ou Diretoria de Ensino, para desenvolver conteúdo e estratégia que possa propiciar habilidades a novos artistas em nosso município?

O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

36. - Durante a elaboração de seu planejamento de ensino, você recebe alguma orientação da direção da escola para desenvolver conteúdo ou estratégia para propiciar habilidades a novos artistas para o nosso município.

O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

37. – Você já pensou que sua disciplina entre outros objetivos, é de formar novos artistas para que Embu das Artes permaneça com vertentes culturais?

O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

38. - Durante a elaboração de seu planejamento de ensino, você recebe algum material ou orientação da Secretaria da Cultura do município de Embu das Artes, para desenvolver conteúdo ou estratégia que proporcione o surgimento de novos artistas para o nosso município?

O Sim
O Não
O Talvez
O Não sabe
O Não responde

39.- Qual dessas artes você mais desenvolve e prioriza em suas aulas?

□ Música
□ Dança
□ Escultura
□ Teatro
□ Literatura
□ Cinema
□ Fotografia
□ Pintura
□ História em quadrinhos
□ Jogos de computador e vídeo
□ Arte Digital

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter autorizado por meio deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo os critérios acordados de sigilo não revelando minha identidade e de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do (a) declarante abaixo assinado (a) para a realização desta pesquisa.

Embu das Artes, 17 de agosto de 2016.

_____
(Nome por extenso)
Assinatura do Professor Participante

ANEXOS

ANEXO A –PLANO MUNICIPAL DE CULTURA DE EMBU DAS ARTES

APRESENTAÇÃO

EMBU DAS ARTES - REFERÊNCIA REGIONAL DE PROGRESSO

Embu das Artes (SP) é um município com uma característica especial. A cidade tem uma vocação histórica para as artes. Desde o século XVII a arte barroca dos jesuítas, representada em suas imagens sacras esculpidas em madeira e a arte desenvolvida pelos indígenas catequizados já anunciavam o futuro da então Aldeia de M'boy (depois Embu) como uma "Terra das Artes". No final do século XIX, segundo registros, despontavam alguns escultores locais e a partir do século XX, muitos artistas encontraram na cidade o lugar ideal para suas moradas e criações. Na década de 60 inicia-se um movimento artístico que ficaria marcado com a criação de uma Feira de Artes onde se reuniram obras de importantes artistas e muito artesanato hippie. Esta feira tornar-se-ia um referencial da cidade em âmbito nacional e internacional. Até hoje, cerca de 30.000 pessoas visitam a feira nos finais de semana.

A partir da década de 1970, com 22.000 habitantes, a cidade apresentou um grande crescimento populacional, entrando na década de 1980 com aproximadamente 95.000; inicia os anos de 1990 com 148.000 habitantes; na virada do século XXI chega a 207.000 e atualmente tem 240.000 habitantes, segundo dados do IBGE.

A trajetória histórica de Embu das Artes somando este excepcional crescimento populacional das últimas décadas, fruto de intenso processo migratório para as regiões urbanizadas do País, a proximidade com São Paulo e sua localização privilegiada, hoje com acessos para todo o Estado através do recém inaugurado trecho sul do Rodoanel, que assim como a Rodovia Regis Bittencourt perpassa a cidade, representam elementos importantes para o desenvolvimento local e conferem características distintas quanto às atividades culturais, econômicas e sociais:

1. Na região central, destacada pelo patrimônio histórico original do período jesuítico, pela famosa feira de artesanato, pelas inúmeras galerias e seus artistas, museus, parques, lojas e restaurantes oferece uma estrutura com um grande potencial para o turismo e inspira a população para o desenvolvimento cultural e artístico.
2. A grande massa populacional, cerca de 60% dos moradores, reside na região que se funde aos bairros da periferia de São Paulo e, portanto, incorporam as características e influências da cultura e realidade urbana das grandes cidades, povo simples e trabalhador que traz os legados culturais de seus Estados de origem (em sua maioria do Nordeste brasileiro).
3. A terceira característica que merece destaque éo compromisso do município com a natureza: em grande parte de seu território (60%), a cidade de Embu das Artes está inserida em área de mananciais dentro da Bacia do Guarapiranga e contribui com preservação de grandes áreas de matas densas e de uma extensa hidrografia, portanto, a população e a cidade assimilaram importantes valores de promoção de qualidade de vida para as futuras gerações, através de políticas específicas para a área.
4. Embu das Artes também se destaca pelas políticas sociais que atendem plenamente a sua comunidade, um exemplo é a atenção dada à educação, uma marca prioritária da gestão. Neste sentido a cidade liderou o Consórcio Intermunicipal da Região Sudoeste –CONISUD – e trouxe para a região, sediando em seu território, um campus nas áreas das artes e cultura da Universidade Federal de São Paulo –UNIFESP a ser inaugurado em 2013, e assim, o município também se consolida como um importante polo educacional no Estado de São Paulo.

5. Completando, a Rodovia Regis Bittencourt e mais recentemente o Rodoanel (trecho Sul), trazem em suas margens o desenvolvimento de um extenso corredor industrial e logístico com a instalação de grandes empresas e que aos poucos, se concretiza e participa da vida local.

Ou seja, dadas estas características, a história, o imenso potencial humano, a arte e a grande diversidade cultural, a preservação do meio ambiente, o crescente desenvolvimento social e empresarial ordenado e alinhado com as políticas públicas, a cidade de Embu das Artes tornou-se uma referência regional de progresso.

A IMPORTÂNCIA DO PLANO MUNICIPAL DE CULTURA PARA EMBU DAS ARTES

Gestar numa cidade que carrega a diversidade cultural como identidade requer planejamento com primazia e solidez. Mais ainda, quando unicamente está carrega o sobrenome DAS ARTES na constatação da vocação artística e cultural histórica que possui.

A Secretaria Municipal de Cultura de Embu das Artes surgiu da necessidade que a sociedade civil ostentou, movida por mobilização do poder público local no ano de 2007, quando da realização da 1ªConferência Municipal de Cultura, bem como da construção do SMC –Sistema Municipal de Cultura (Secretaria, Conselho, Fundo Municipal de Cultura) que nasceu desse procedimento democrático organizado pelo Governo Municipal de Embu das Artes.

Pois bem. Foram realizadas 03 (três) Conferências Municipais de Cultura (2007, 2009 e 2011) e, a partir desta última, iniciamos os trabalhos para constituição do PMC – Plano Municipal de Cultura.

Por que o Plano?

Embu das Artes compara-se a uma espécie de Canteiro Cultural. Manifestações artísticas das mais variadas são encontradas tanto no Centro quanto nos bairros, ou seja, por toda a extensão da cidade.

Uma coisa é mapear e constatar dados. Outra traçar diretrizes que permitam o avanço do setor artístico e cultural, com políticas que atendam todos os segmentos (linguagens) existentes neste meio. E é seguindo a receita do Ministério da Cultura, que aplicamos a elaboração e definição do Plano Municipal, acoplando propostas nas áreas de: música, artes cênicas (teatro e dança), artes plásticas, literatura, artes visuais, culturas populares, culturas urbanas, instituições culturais, pontos de cultura, etc., via temáticas divididas e organizadas por eixos –comissões Inter setoriais de discussão.

Políticas de Expansão, Formação e Intercâmbio Cultural, Economia da Cultura, Gestão Pública de Cultura e Patrimônio Cultural e História, formam o “arcabouço “necessário para que o Plano Municipal de Cultura municie essa cadeia evolutiva que é a diversidade cultural no tocante às leis e formas de financiamento, bem como no que se refere à auto- sustentabilidade do Setor Cultural na Cidade das Artes.

Essa construção conjunta com os agentes culturais da sociedade civil tem legitimado tal importância e, percebemos na qualidade quantitativa das propostas dos mesmos, o leque de avanços que podem ser alcançados, solidificando essa rede promissora do desenvolvimento dos cidadãos fazedores e consumidores da cultura local.

Paulo Oliveira da Silva
Secretário Municipal de Cultura
Embu das Artes

PROGRAMA ESTRATÉGICO 1
POLÍTICA DE EXPANSÃO

Objetivos:

- Fomentar e difundir os diversos segmentos culturais no âmbito municipal;
- Desenvolver e valorizar a diversidade cultural;
- Promover ações e eventos culturais com democratização, descentralização e valorização da cultura local;
- Estimular a produção artística local;
- Garantir a acessibilidade dos cidadãos aos bens, serviços e eventos culturais;
- Nacionalizar e Profissionalizar a produção artística e cultural de Embu das Artes;
- Retomar o investimento na produção da História de Embu das Artes e transformar esse campo em produtor de renda, turismo e arte.

1.VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE E DA CULTURA LOCAL

1.1. Fortalecer as Grandes Festas Populares em Embu das Artes –Aniversário de Emancipação, Carnaval, Festa de Santa Cruz, Semana da Cultura Japonesa, Festa Junina, Aniversário da Aldeia de M'Boy, Semana do Folclore, Dia do Nordestino, Dia da Consciência Negra e Natal das Artes - Democratizar estas festividades, com a descentralização e o acesso gratuito do público. Valorizar a diversidade cultural e assegurar que os diversos grupos e artistas locais tenham espaço de destaque na programação dos eventos. Promover a participação das comunidades na organização dos eventos, garantindo espaços e possibilidades para o comércio e serviços com geração de renda.

Qualificar e profissionalizar a produção na realização dos eventos, intensificando prospecção de parcerias, apoiadores e patrocinadores para a captação de recursos, com o intuito de transformar estas festas populares em eventos autossustentáveis. Realizar divulgação dos eventos em nível regional, estadual, nacional e internacional, fortalecendo a cultura, a economia local e o turismo cultural em Embu das Artes.

1.1.1.Aniversário de Emancipação - Fundada pelos jesuítas provavelmente em 18 de julho de 1554, a aldeia de Bohi, hoje Estância Turística de Embu das Artes, só começou a ser uma cidade independente a partir de 18 de fevereiro de 1959, data em que foi criado o município de Embu, desmembrado de Itapecerica da Serra e Cotia. A comemoração do Dia da Emancipação política de Embu tornou-se uma tradição na cidade. Como já prática na cidade, todos os anos a Prefeitura realizará um grande evento, com inúmeras atividades e grandes shows musicais para a população da cidade, oferecendo oportunidade de acesso e proximidade com artistas consagrados.

1.1.2.Carnaval - O Carnaval da Estância Turística de Embu é uma referência de evento com intensa participação popular. Todos os anos são promovidos dois eventos simultâneos e com a mesma programação, um na região central da cidade e um na periferia, no bairro do Jardim Santa Tereza, ambos mobilizando cerca de 30.000 foliões por dia.

Tradicionalmente é realizada uma programação incluindo: o concurso da Corte do Carnaval com a escolha do Rei Momo, da Rainha e da Princesa do Carnaval (que antecede o Carnaval), o desfile dos blocos carnavalescos da cidade com a participação das comunidades locais, shows com grupos locais e com nomes consagrados do carnaval e da música popular brasileira. Outros eventos podem ser incluídos na programação: Concurso de Marchinhas de Carnaval, baile carnavalescos, desfiles e concurso de

fantasias e cortejos carnavalescos no centro da cidade, carnaval folclórico com desfile de grupos de culturas populares tradicionais brasileiras.

1.1.3.Festa de Santa Cruz - A Festa de Santa Cruz é um evento tradicional do folclore paulista relacionado aos festejos iniciados pelos padres jesuítas, cuja simplicidade e riqueza artística remontam a sua origem a partir do século XVI, tornando-se assim, uma das mais importantes festas do Estado de São Paulo. A Festa de Santa Cruz éa mais antiga de Embu. O Evento reúne uma série de apresentações que mesclam religiosidade e cultura viva por meio da música, danças (Dança de Adoração à Santa Cruz, Chimarrete, Cirandinha e Cana Verde), teatro e culinária. Embora o evento seja de "Adoração"à Santa Cruz, o protagonismo é totalmente popular, sem a interferência da igreja, e sua importância reside mais na manutenção de uma cultura centenária do que em seu caráter religioso. É um evento que promove o turismo cultural onde também são convidados diversos grupos de danças tradicionais dos vários municípios que formam o Cinturão Jesuítico em São Paulo. O governo deve preservar as configurações tradicionais da festa, promovendo sua divulgação internamente e em nível regional e estadual.

1.1.4.Semana da Cultura Japonesa - As primeiras famílias japonesas chegaram a Embu nos anos 1920, e a imigração deste povo se intensificou nos anos 30, trazidos pela Companhia de Imigração Japonesa (Kaiko) que adquiriu uma área de 350 alqueires –a Fazenda Santa Emília –entre os bairros da Ressaca e Santa Clara. Outras famílias vieram nas décadas de 40 a 70, totalizando assim, seis núcleos da comunidade japonesa espalhados por diversos bairros da cidade. Hoje, vivem na Cidade de Embu das Artes e região mais de 300 famílias japonesas que tiveram papel fundamental na formação econômica, política e cultural do município. A Semana da Cultura Japonesa na cidade de Embu das Artes é realizada há alguns anos e se consolidou como referência para as comunidades da região.

1.1.5.Festa Junina –O município de Embu das Artes atingiu, na década de 1970, um índice altíssimo de crescimento populacional. Dos cerca de 25.000 habitantes existentes naquela época, em poucos anos alcançamos o número dez vezes maior. Hoje o município conta com cerca de 260.000 habitantes. Em pouco espaço de tempo, o município acolheu milhares de famílias de trabalhadores de diversas partes do país que, em busca de novas oportunidades na capital do Estado, migravam e se instalavam na região. A grande maioria desta população se origina da região nordeste, trazendo, além dos costumes, um grande conteúdo cultural e as mais diversas expressões artísticas como as Festas Juninas. O Governo Municipal em parceria com entidades da sociedade civil e escolas viabilizam as tradicionais barracas das festas juninas. Os Arraiais contam com brincadeiras, concurso de quadrilha, eleição da miss caipirinha, comidas e bebidas típicas, além de muitas atrações musicais para toda a família.

1.1.6.Aniversário da Aldeia de M’Boy –A cidade de Embu tem suas origens na antiga aldeia M'Boy. Criada pelos padres da Companhia de Jesus na primeira metade do século XVII, a aldeia jáera conhecida, desde a metade do século XVI, como Bohi. Diversas grafias foram registradas para a palavra indígena que nomeava a extensa região onde surgiu a aldeia, M'Boy, Boy, Bohi, Bohu, Emboi, Alboy, Embohu. Diz a lenda que o nome M'Boy - cobra em tupi-guarani - foi dado para homenagear um índio que salvara da morte o padre Belchior de Pontes, figura fundamental na história da aldeia.

Pouco depois, o índio morreu picado e envolvido por uma grande serpente. Situada em terras de uma fazenda que pertencera a Fernão Dias, a aldeia de M'Boy começou a se desenvolver a partir do século XVII, quando, em 1624, o bandeirante juntamente com sua esposa, Catarina Camacha, fizeram uma doação aos jesuítas. Ali se formou, então, uma aldeia jesuítica na qual os padres mantiveram o seu trabalho de catequese. A partir de 2009, por sua importância histórica e por sua relevância cultural, a comemoração da

Fundação da Aldeia de M'Boy passou a ser incluída no calendário oficial da Prefeitura. Tal data (18 de julho de 1554) representa a valorização das raízes jesuítica / indígena da cidade.

1.1.7.Semana do Folclore - O município de Embu das Artes destaca-se pela grande diversidade de atividades culturais e artísticas, e pela valorização e manutenção das tradições e do Folclore Brasileiro (da região, do Estado de São Paulo e de diversos Estados Brasileiros). Esta pluralidade agrega muitos segmentos da comunidade embuense das artes e a participação popular nas atividades é crescente a cada ano na Festa de Santa Cruz, tradicional do folclore paulista relacionado aos festejos iniciados pelos padres jesuítas do século XVII, na Folia de Reis, nas Festas Juninas, etc.

Em agosto, o Brasil celebra o mês do folclore. E, para marcar o período, em Embu das Artes se realizará a Semana do Folclore e da Cultura Popular com exposições, oficinas, cursos, seminários, brincadeiras, encontros, mostra de filmes e contação de estórias sobre o tema. Além da região Central, diversos bairros serão incluídos na programação.

1.1.8.Dia do Nordestino - Considerando que a grande massa populacional da cidade de Embu das Artes é constituída de famílias de origem nordestina, que com seu trabalho ajudaram a construir e a desenvolver nossa cidade, nada mais justo e legítimo do que uma homenagem a este bravo povo com um dia especial com grandes eventos na cidade valorizando a cultura do nordeste em todas as suas manifestações, costumes, danças, culinária, etc.

1.1.9.Dia da Consciência Negra - A cidade de Embu das Artes traz em sua história uma importante contribuição para a cultura negra, pois, teve a honra de ter sido escolhida pelo grande poeta negro pernambucano Solano Trindade como sua morada definitiva. O ator, poeta e pintor Solano Trindade nasceu em 1908 e foi o ao lado de Craveirinha e Antônio Jacinto, um vigoroso personagem na relação conflituosa de integração dos negros à sociedade ocidental. Seu legado, após sua morte em 1974, deixado para sua filha Raquel Trindade e neto Victor da Trindade tornou-se referência para a cultura negra da cidade e do Brasil. A finalidade do Dia da Consciência Negra é incentivar o fomento das manifestações da cultura negra em toda a sua diversidade e oferecer acesso ao maior número de pessoas possível aos bens culturais históricos da cultura negra no Brasil.

1.1.10.Natal das Artes e Ano Novo - A cidade de Embu das Artes promove todos os anos o Natal das Artes, uma iniciativa com uma vasta programação cultural no mês de dezembro. Exposições de presépios, apresentações de música coral, música instrumental, apresentações teatrais, oficinas diversas, são várias as atividades que emolduram o período natalino na cidade. Como Estância Turística, a cidade recebe cerca de 30.000 visitantes que percorrem as ruas do Centro Histórico da cidade, com sua tradicional Feira de Embu das Artes todos os finais de semana. No período intensifica-se o fluxo de turistas na Feira em busca de alternativas para suas compras de Natal. O Natal das Artes já é tradicional no Centro Histórico. Além disso, propomos construir uma proposta de realização de eventos em várias regiões da cidade, em parceria com igrejas e entidades locais. A prefeitura realizar á para as comunidades, concertos de música coral relacionados ao Natal.

2. POLÍTICA DE FOMENTO E DIFUSÃO CULTURAL

1.1.Fortalecer os grandes eventos realizados pela Prefeitura no Calendário Cultural de Embu das Artes: Festival de Teatro; Festival de Dança; Semana Lítero-Cultural (SELIC); Anuário Embu das Artes com três eventos: o Salão Nacional de Artes Plásticas, o Salão Regional "Embu Mostra sua Arte"e o Salão de Humor "HQ Comics"; Loucos por

Vinil; Festival do Rock; Festival de M.P.B.; Festival de Moda de Viola; Festival de Jazz e Blues; Semana das Artes Visuais e Novas Linguagens; Cinema Popular –Qualificar estes eventos, com a profissionalização da coordenação e da produção, criar curadorias específicas que conceituem as edições e definam as programações e linhas temáticas, envolvendo a comunidade artística e o público em geral, contribuindo para a renovação e a formação de público.

1.1.1.- Festival de Teatro –Consolidar um processo fomentador de produção local e de difusão do teatro através de um Festival de Teatro em Embu das Artes, fortalecendo a cidade como um importante polo das artes cênicas. Ao mesmo tempo estimulando os grupos ao aprimoramento de repertório e produção de peças variadas e oferecendo, através de um calendário de apresentações e de uma ampla divulgação esta produção à comunidade. A proposta do Festival parte da constatação de que o teatro tem um papel importante na vida cultural da cidade e é imprescindível o fomento desta atividade.

1.1.2.- Festival de Dança –O Festival de Dança de Embu das Artes surgiu da necessidade de se elaborar um trabalho que abordasse alguns dos aspectos mais significativos da arte de dançar. Unindo academias, grupos independentes, instituições e escolas, com um só objetivo: "Mostrar a Arte da Dança", O evento explora toda a sua rica potencialidade, trabalhando todas as modalidades e destacando a beleza, individual e coletivamente. Os festivais de dança em Embu das Artes vêm sendo realizados desde 2005, organizados por escolas de dança da cidade. Em média são realizadas 90 apresentações com público médio de 150 pessoas por evento.

1.1.3.- Semana Lítero Cultural (SELIC) –A Semana Lítero Cultural de Embu das Artes (SELIC) nasceu da necessidade da existência de um fórum permanente para a divulgação do trabalho dos escritores da cidade. É um evento que ocorre anualmente, no mês de abril. Durante sete dias, em diferentes espaços de difusão cultural do município, poetas, músicos, atores e agentes culturais reúnem-se para trocar experiências, expor seus trabalhos e debater sobre os rumos da literatura embuense das artes, em eventos como saraus, debates, exposição e rodas de leitura, entre outros. O evento, que integra o calendário oficial do município, além de garantir a difusão do trabalho dos escritores locais, permite e estimula o surgimento de novos nomes na arte literária local, exatamente pelo diálogo que propicia entre escritores e a população.

1.1.4.- Grande Sarau Arte e Vida de Embu das Artes –Evento literário a ser desenvolvido que consiste na realização de um calendário de encontros poéticos com a comunidade, onde novos petas e artistas possam expressar seus pensamentos através da declamação e descoberta da poesia.

1.1.5- Anuário Embu das Artes - As artes plásticas sempre foram grandes referências de Embu. Além de agregarem-se ao nome da cidade, "Embu das Artes", alçaram-na como um importante pólo cultural brasileiro desde os anos 60 quando o movimento artístico cresceu intensamente, em 1964 com o 1ºsalão de Artes Plásticas e em 1969 com criação da famosa Feira do Artesanato de Embu.

Assim surgia Embu das Artes, atraindo turistas nacionais e internacionais. Em 1964, com iniciativa de artistas como Sakai do Embu, Josefina Azteca, Antenor Carlos Vaz, Assis de Embu, Cirso Teixeira e Solano Trindade foi criado o 1º. Salão de Artes Plásticas de Embu e nascia assim o "Movimento de Artes de Embu" que trouxe destaque para a cidade em âmbito nacional. O Anuário Embu das Artes é um calendário relacionado às artes plásticas com três eventos: Salão Nacional de Artes Plásticas, Salão Regional "Embu Mostra sua Arte" e Salão de Humor.

-Salão Nacional de Artes Plásticas –Fortalecer o Salão Nacional de Artes Plásticas promovendo a produção artística em nível nacional. O evento abre a possibilidade para a participação de todo e qualquer artista plástico brasileiro, retomando o destaque nacional

do Embu das Artes dentro do movimento cultural e artístico no país. O evento junto com a Feira de Artesanato são os grandes responsáveis pelo sobrenome do Embu "das Artes", o único município brasileiro com esta honraria, o que forma um patrimônio importante da cidade e do país. Este inestimável bem cultural promove além do turismo na cidade, um grande estímulo para a produção artística no município.

- Salão Regional “Embu Mostra sua Arte” - Estimular a produção artística local através de um Salão de alto nível, o Salão Regional “Embu Mostra Sua Arte “é uma oportunidade para todo e qualquer artista plástico embuense das artes mostrar o seu valor. Pintura primitiva ou naif, arte decorativa, acadêmica, esculturas, entre outras modalidades numa mostra competitiva destinada a incentivar e premiar a criatividade do artista local.

- Salão de Humor de Embu das Artes –Realizar uma mostra competitiva de desenhos, charges e caricaturas em nível nacional, aberta à participação de artistas de todo o Brasil.

1.1.6. HQ Comics Expo Embu das Artes –As histórias em quadrinhos no Brasil começaram no século XIX, com cartuns, charges e caricaturas, além de historietas de alta sofisticação, contadas e desenhadas pelo genial pioneiro Ângelo Agostini. Jáno século XX, a publicação de revistas próprias de histórias em quadrinhos se popularizou e ganhou status de obra de arte, com a simbiose perfeita entre roteiristas e desenhistas. Conhecida também como arte seqüencial ou banda desenhada, as H.Q. ganharam publicações sofisticadas, porém, mantém seu vínculo popular com os famosos gibis muito apreciados pelas crianças e adolescentes. A exposição em Embu das Artes visa divulgar a cultura do H.Q., os mangás japoneses, as tiras de humor e crítica política, as caricaturas, através de revistas, livros, jornais, desenhos animados e documentários;

1.1.7.Loucos por Vinil - O Encontro de Colecionadores de Discos de Embu das Artes, popularizado como “Loucos por Vinil” tornou-se um evento tradicional com mais de 10 edições realizadas e hoje éuma referência para os amantes da música, em especial para aqueles que colecionam LPs raros eo utros registros históricos. Nos últimos anos, o Embu das Artes consolidou a iniciativa através de uma divulgação que ultrapassou os limites do município. O evento, desde a sua primeira edição, vem recebendo citações e reportagens em grandes veículos de mídia, além da ampla inserção nos jornais e informativos locais. Com tudo isso o evento “Loucos do Vinil” tornou-se um marco para a discografia e para a memória da música em vinil que, ao contrário do que se imagina, não para de ganhar fãs e hoje provoca uma reação no próprio segmento discográfico em escala industrial, para felicidade dos aficcionados. O “Loucos por Vinil” sem dúvida mantém viva essa paixão.

1.1.8. - Hippie Fest / Festival do Rock –Nos anos 60 e 70 a cidade de Embu das Artes também ficou conhecida como "A República Livre de Embu", um território onde os artistas encontravam a possibilidade de criar e expor suas obras sem a dura censura então instituída pelo regime militar. Muitos artistas, entre eles, muitos sul-americanos e hippies expunham seus trabalhos na feira de artesanato. Essa atmosfera artística e "livre", porém, não impediu que alguns sofressem perseguições políticas. Mas, a arte sobreviveu, e muito se deve aos pioneiros artistas que com seus grandes cabelos e roupas coloridas, empunhando a bandeira da paz e do amor, nos ensinaram que a arte é um grande instrumento de resistência. Paralelamente, nestes mesmos anos, a juventude estadunidense pregava a paz e o fim da terrível e injustificável guerra do Vietnã, utilizando a mesma bandeira. O Hippie Fest é um evento que pretende resgatar um pouco a atmosfera dos anos 60 e 70 com muito rock and roll e também reverenciar a importância que os movimentos hippie e artístico tiveram em meados do século passado e que sem dúvida, nos influenciam até hoje.

1.1.9. - Festival de M.P.B. –O Festival de Música Popular de Embu das Artes visa à organização de um evento onde se exercita a cidadania, a democracia e é fundamentalmente baseado na participação popular e na capacidade criativa da população. O objetivo é realizar um evento de âmbito regional, aberto a compositores e músicos, moradores da cidade de Embu das Artes e cidades da região. O festival tem como objetivo premiar as três melhores produções musicais originais (composições) e interpretações e lançar um CD com as 12 primeiras colocadas. No Embu, iniciativa pioneira foi o histórico "Festival Canta Tereza", que tinha os mesmos propósitos.

1.1.10 - Festival Regional de Moda de Viola e Música Caipira –A tradição caipira paulista tem nos violeiros uma das suas maiores expressões. Em Embu das Artes, que cultiva e mantêm diversas manifestações locais características e históricas, o Festival visa provocar os inúmeros músicos, duplas e compositores de moda de viola e música caipira a apresentarem suas composições ao público numa mostra competitiva. O objetivo é promover um evento associado a uma prática cultural intensa na região, que é o fomento às tradições caipiras paulista. Serão selecionadas as melhores músicas do gênero para premiação e para o lançamento de um CD, a cada edição do certame.

1.1.11.- Festival de Jazz e Blues - Realizar, anualmente, promovendo apresentações e shows de Bandas de jazz e blues através de parcerias com bares e restaurantes da cidade, intensificando o circuito musical e atraindo visitantes de toda a região, do país e do mundo, aproveitando estas formas de expressão musical, que hoje alcançam um caráter universal.

1.1.12.–Concertos, temporadas e festivais de música erudita - Realizar eventos e música erudita nos espaços públicos da cidade, oferecendo acesso da população à concertos de orquestras, óperas e operetas, conjuntos de câmara, solistas, conjuntos instrumentais e canto coral.

1.1.13–Temporada do Compositor - Realizar temporada de compositores locais de MPB, rock, rap, samba, sertanejos, etc., em shows exclusivos a serem realizados nos Centros Culturais da cidade.

1.1.14–Concursos Literários - Realizar certames literários visando incentivar a produção literária local com a participação de autores locais resultando publicações das obras selecionadas.

1.1.15–Semana das Artes Visuais e Novas Linguagens - Realizar, anualmente, mostra competitiva destinada a incentivar e premiar a criatividade e a veiculação da produção audiovisual de artistas da cidade. Promover eventos, seminários, workshops, exposições, exibições de animação, cinema, vídeo, novas mídias, designers, arte digital, fotografia e outras linguagens.

1.1.16–Mostra de Cinema - Elaborar um conjunto de propostas para o desenvolvimento de atividades culturais ligadas ao audiovisual. A iniciativa pressupõe a realização de ações no campo da cultura cinematográfica, voltadas para a formação de público na cidade de Embu das Artes. Tais ações consistem na organização de mostras e sessões gratuitas de cinema direcionadas aos públicos de diferentes faixas etárias e sociais. O projeto contempla a criação de parcerias com produtores culturais locais e com instituições detentoras de acervos audiovisuais, tais como representações consulares, órgãos do governo federal e empresas particulares.

1.1.17–Festival da Cultura Urbana - Realizar grande um festival que agregue os segmentos das Culturas Urbanas, em especial o Movimento Hip Hop e seus elementos, o break e a street dance, o rap, o beat box e o grafite e congregue os diversos grupos da cidade.

1.1.18–Simpósio de História e Memória e políticas públicas sobre preservação da memória, do patrimônio histórico cultural, material e imaterial, evento sediado em Embu

das Artes, aberto à participação de estudantes, professores e profissionais da região metropolitana, em especial às cidades situadas no cinturão jesuítico e garantindo a presença de autoridades do assunto. Resgatar não só a história colonial, mas também os grandes movimentos migratórios e imigratórios, as formas de organização e resistência popular nas últimas décadas do século XX, entre outras abordagens.

1.1.19–Seminário e Feira "Arte e Sustentabilidade" - Realizar um encontro anual de ambientalistas e artistas direcionados para a melhor convivência ambiental, reciclagem de lixo e da cultura urbana, preocupação ecológica com arte e sustentabilidade e desenvolvimento social com arte e sustentabilidade. E junto uma feira de produtos artísticos reciclados, com cursos, oficinas, palestras e shows.

1.1.20–Seminário de Cultura Ambiental - Realizar um Seminário de 03 dias com artistas, ambientalistas e pesquisadores que estudem a relação das pessoas com o meio ambiente da cidade, nos diferentes contextos e em diferentes tempos e espaços (passado, presente e futuro, rural e urbano, de transito, de alimentação e saúde, artístico, de comércio e lazer, de saneamento, abastecimento, lixo e reciclagem, com animais, crianças e com o turismo, etc.), no sentido de se criar uma política de ação cultural que integre a convivência com o meio ambiente, a exploração sustentável, criativa e não agressora do meio ambiente, para geração de renda e para a reciclagem criativa e sustentável da cultura, do meio ambiente, dos recursos, da educação e das relações políticas e sociais.

1.2. - Implementar uma política de fortalecimento dos artistas e grupos ligados às diversas manifestações da cultura popular tradicional e urbana, estimulando e apoiando a criação e estruturação de redes no âmbito municipal e intercâmbio com outros grupos externos, estimulando e facilitando o acesso a convênios estaduais e federais, como o Programa Cultura Viva que coordena o Projeto Pontos de Cultura, fomentando trabalhos de pesquisa, cursos e oficinas, ensaios, eventos diversos, apresentações e mostras, proporcionando maior autonomia criativa e econômica, possibilitando a preservação das expressões culturais locais e a sua auto sustentabilidade.

1.3. - Implementar uma política de fortalecimento da Feira de Artesanato através da valorização e do reconhecimento do artesanato e dos artesãos locais, garantindo espaço na feira para o puro artesanato, criando uma comissão formada por artistas e artesãos de reconhecida notoriedade e membros das Secretarias de Cultura e de Turismo representando o governo, para formação de um conselho curador artístico e cultural específico.

1.4. - Implementar política de fortalecimento da Banda Municipal de Embu das Artes através do fortalecimento administrativo e técnico do conjunto, na elaboração de programas de formação de músicos, intercâmbios com instituições musicais, aquisição de instrumentos, aquisição de sede própria para as atividades de aulas e ensaios, criação de novas formações oriundas do próprio grupo (Big Band, por exemplo), aprimoramento do repertório, criação de uma diretoria artística, melhorando a divulgação dos trabalhos e atividades da Banda. Também realizar um levantamento histórico e de documentação, preparando o tombamento da Banda como patrimônio cultural imaterial de Embu das Artes.

3. ESTÍMULO ÀCRIAÇÃO ARTÍSTICA

1.1. - Promover cursos e oficinas para o desenvolvimento artístico da população - cursos introdutórios e oficinas dinâmicas que despertem e sensibilizem o cidadão, em especial as crianças e adolescentes, para as artes e que resultem em perspectivas de estudo, profissionalização e uma melhor qualidade de vida.

Oferecer possibilidades de desenvolvimento nas áreas de artesanato, culinária, corte e costura para donas de casa e aposentados em todo o município.

1.2. - Promover mostras para divulgar a produção local e, festivais competitivos que estimulem a livre criação dos cidadãos embuenses das artes em todos os níveis.

1.3. - Respeitar o direito da livre expressão e manifestação artística, oferecendo estrutura e condições para a fruição da arte e observando as indicações de faixas etárias convenientes e adequadas.

1.4. - Garantir uma política de formação artística e cultural para a população, suprindo as necessidades de atendimento nos níveis introdutório, intermediário e avançado nos vários segmentos das artes e na formação de novos produtores e gestores em cultura.

1.5. - Garantir a execução de processos de capacitação e aprimoramento dos artistas e agentes culturais, através de programas e eventos específicos em cada área e segmento.

1.6. - Promover e democratizar o acesso às linguagens contemporâneas das artes através da implementação de programas de formação, informação e estruturando mostras específicas de arte contemporânea nos Centros Culturais da cidade.

4. DESCENTRALIZAÇÃO CULTURAL

1.1. - Consolidar a política de descentralização cultural em Embu das Artes através da gestão compartilhada em projetos culturais desenvolvidos por outros órgãos governamentais, instituições, associações comunitárias, ONGs e empresas e na elaboração de um Programa de Apoio Multicultural às comunidades transformando a cultura em vetor de desenvolvimento econômico da cidade e promovendo a inclusão social.

1.2. - Promover a democratização e a descentralização das ações nos equipamentos culturais, garantindo a toda a população direito de acesso aos bens culturais.

1.3. - Estimular o surgimento de novos artistas, produtores e apoiadores culturais, com a perspectiva de geração de trabalho, renda e oportunidades de negócios no campo da economia da cultura, movimentando o turismo e o comércio local.

1.4. - Estabelecer parcerias com as demais Secretarias e órgãos da Prefeitura e instituições, como SEBRAE, SESC, SENAI, Universidades, com o Ministério da Cultura, Secretaria de Estado da Cultura e empresas públicas e privadas. Articular ações com o "Programa Cultura Viva/MinC", buscando o aprimoramento e ampliação dos Pontos de Cultura, para uma atuação em rede no desenvolvimento de suas atividades e consolidando a gestão compartilhada.

1.5. - Desenvolver de forma contínua eventos culturais e artísticos em todas as regiões da cidade com a realização de festivais, mostras e feiras de arte nos espaços públicos e em parceria com associações e entidades, assim como manter e aprimorar projetos de formação com oficinas variadas.

1.6. - Fortalecer ações de geração de renda nas comunidades, promovendo apresentações culturais, eventos e feiras para a comercialização dos produtos executados pelos alunos das oficinas, artistas e artesãos de cada região da cidade com o apoio e acompanhamento da Secretaria de Cultura no desenvolvimento de grupos específicos, cooperativas de trabalho artístico, na articulação da participação em eventos e feiras e no incentivo da autonomia e auto sustentabilidade.

1.7. - Inserir a produção artística local em todos os eventos culturais possíveis a serem realizados no município e fora dele.

1.8. - Criar calendário e circuitos de múltiplos eventos em todas as regiões da cidade, para que haja eventos durante todo ano, garantindo a circulação de espetáculos e eventos culturais como mostras de arte, cinema, teatro, dança, música e eventos de culturas populares.

1.9. - Desenvolver projeto de Cinema Popular Itinerante, oferecendo às comunidades, exibições gratuitas de cinema priorizando a mostra de filmes do cinema nacional.

1.10. - Realizar o Festival da Cultura Urbana, valorizando os artistas da periferia, garantindo apoio e estrutura para sua realização.

1.11. - Promover a formação de público por meio de caravana cultural itinerante, composta por artistas locais que se apresentarão nas diversas regiões da cidade, em eventos organizados pela Prefeitura de Embu das Artes.

5. DIREITOS CULTURAIS

Os direitos culturais são parte integrante dos direitos humanos. Estão indicados no artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), e nos artigos 13 e 15 do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966). Assim, todas as pessoas devem poder se exprimir, criar e difundir seus trabalhos no idioma de sua preferência e, em particular, na língua materna; todas as pessoas têm o direito a uma educação e uma formação de qualidade que respeitem plenamente a sua identidade cultural; todas as pessoas devem poder participar da vida cultural de sua escolha e exercer suas próprias práticas culturais, desfrutar do progresso científico e suas aplicações, serem beneficiárias da proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de toda a produção científica, literária ou artística de que sejam autoras.

No âmbito interamericano os direitos culturais estão indicados no Protocolo Adicional à Convenção Americana sobre Direitos Humanos, conhecido como Protocolo de São Salvador (1988). O art. 13 assegura o direito à educação, orientado para o pleno desenvolvimento da pessoa humana e do sentido de sua dignidade, visando ao fortalecimento e ao respeito pelos direitos humanos, ao pluralismo ideológico, às liberdades fundamentais, à justiça e à paz. O art. 14 estabelece o direito aos benefícios da cultura, reconhecendo aqueles que decorrem da promoção e desenvolvimento da cooperação e das relações internacionais em assuntos científicos, artísticos e culturais e, na mesma linha, comprometendo-se a propiciar maior cooperação internacional.

No processo de implementação mundial dos direitos culturais foi adotada pela UNESCO, em novembro de 2001, a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Ao mesmo tempo em que afirma os direitos das pessoas pertencentes às minorias à livre expressão cultural, observa que ninguém pode invocar a diversidade cultural para infringir os direitos humanos nem limitar o seu exercício. Os direitos culturais carecem de maior elaboração teórica, para distingui-los de direitos civis, políticos, econômicos e sociais. Por exemplo, o direito de autodeterminação dos povos, expresso no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, é também um direito cultural.

A Constituição Brasileira de 1988 garante a todos o pleno exercício dos direitos culturais (art. 215). Ao definir patrimônio cultural brasileiro, de forma indireta, aponta como direitos culturais as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas. O livre exercício dos cultos religiosos, a livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, e os direitos do autor também estão expressamente assegurados na Constituição, no rol dos direitos e garantias fundamentais (art. 5º). A educação figura como direito social (art., 6º) e também como direito cultural (art. 205 a 214).

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. Direitos culturais como direitos fundamentais no ordenamento jurídico brasileiro. Brasília: Brasília Jurídica, 2000.

1.1. - Implementar políticas de ações afirmativas para inclusão de minorias sociais, étnicas e raciais, de gênero e orientação sexual, (negros, homossexuais e pessoas com deficiência), nos programas, projetos e eventos culturais da cidade, com o objetivo de preparar, estimular e promover a ampliação da participação de determinados grupos socialmente discriminados, nos diversos setores da vida social.

1.2. - Realizar, incentivar e promover debates sobre os direitos culturais junto à comunidade estimulando a participação no constante processo de aprimoramento da gestão cultural da cidade de Embu das Artes. Criar meios de acesso da população jovem da periferia aos programas, projetos, eventos e outras atividades culturais.

1.3. - Garantir o pleno exercício dos direitos relativos à identidade cultural e as liberdades culturais respeitando a diversidade cultural das comunidades e dos cidadãos que formam a população da cidade de Embu das Artes.

1.5. - Garantir o direito de acesso aos bens culturais a toda a população embuense das artes desenvolvendo políticas democráticas de difusão e circulação, fomento e formação cultural, em todos os segmentos artísticos, oferecendo produtos e bens culturais de qualidade. Garantir a preservação dos patrimônios materiais e imateriais pertencentes à coletividade para o conhecimento e acesso das gerações futuras.

1.6. - Garantir espaços públicos para realização de aulas, cursos e oficinas, pesquisa e criações, montagem, apresentações, mostras, festivais, shows, exposições, palestras e outras atividades para as diversas formas de expressão cultural. Garantir acessibilidade às pessoas com deficiência e mobilidade reduzida aos equipamentos públicos culturais, assim como oferecer material cultural adequado em linguagens de braile e libras (língua brasileira de sinais). Garantir acesso e cursos de formação a este público, em qualquer nível ou linguagem artística promovidos pelo município de Embu das Artes.

6. AMPARO E APOIO AOS ARTISTAS / DIREITOS DOS ARTISTAS

1.1. - Criar uma política pública que possibilite apoio aos artistas do município e uma Casa de Apoio aos artistas com atelier de produção coletiva e ponto de venda, cursos e oficinas ministradas pelos artistas e visitação de escolas e turistas.

1.2. - Estimular a criação de dispositivos para adesão dos artistas e artesãos de Embu das Artes ao Plano de Previdência Complementar Associativa, o CULTURAPREV junto ao Ministério da Previdência Social.

1.3. - Criar a Casa de Amparo ao Artista idoso, com estrutura para o devido acolhimento dos artistas em idade avançada com atendimento e acompanhamento médico, nutricional, terapêutico, etc.

1.4. - Criar o Estatuto do Artesão, como instrumento importante para a defesa dos direitos e pactuação dos deveres dos artistas expositores na Feira de Artesanato de Embu das Artes.

1.5. - Viabilizar possibilidades de apoio financeiro e logístico para os artistas que representem o Município em eventos artísticos culturais em âmbito regional, Estadual e Federal.

1.6. - Criar lei de benefícios fiscais para o artista munícipe, para o produtor cultural local, e instituições culturais.

PROGRAMA ESTRATÉGICO 2

FORMAÇÃO E INTERCÂMBIO CULTURAL

Objetivos:
Promover a formação cultural, desde a sensibilização e iniciação artística básica, ao estudo técnico através de cursos específicos de longo prazo, ao aprimoramento, capacitação e qualificação profissional, construindo assim a possibilidade de acesso do cidadão embuense das artes ao ensino superior nas diversas linguagens artísticas;
Oferecer possibilidades de intercâmbio de conhecimentos em diversos segmentos artísticos nas instituições diversas nos níveis estadual, nacional e internacional;
Oferecer acesso a múltiplas possibilidades culturais com o propósito de formação de novos públicos;
Estimular a pesquisa em todas as áreas das artes, da cultura, da comunicação e também na área das ciências humanas como história, geografia, ciências sociais, letras e filosofia.

1. POLÍTICA DE FORMAÇÃO CULTURAL BÁSICA E TÉCNICA

1.1. Fortalecer o Projeto Núcleos de Cultura e reposicioná-lo dentro do conceito de sensibilização e iniciação cultural e artística, principalmente para as áreas de música (instrumentos), da dança –balé clássico, jazz, danças contemporâneas e consciência corporal - do teatro e da performance, que pressupõem, após as oficinas, um estudo mais avançado nestas áreas. Tais oficinas seriam mantidas nos Núcleos com o objetivo de estímulo e base de iniciação, sem o compromisso de continuidade pelo Projeto. Assim, a cada ano, a mesma oficina atenderia um novo público iniciante. As oficinas de dança serão realizadas nos Centros Culturais em espaços adequados para este fim.

1.2. Oferecer novos cursos e oficinas no Projeto Núcleos de Cultura como alternativa para o desenvolvimento social e geração de renda para a comunidade, despertando o interesse em públicos mais amplos, de todas as faixas etárias. Agrega-se assim, com mais ênfase, o conceito empreendedor no que se refere ao trabalho e comércio cooperado de produtos resultantes das oficinas. Desta forma, o Projeto promoveria oficinas de trabalhos manuais como tecelagem, tear, tricô, bordados e crochê, tapeçaria, macramê, estamparia, ikebana (arranjos florais), papel machê, origami (dobraduras), artesanato em geral, mosaico, bijuteria, marchetaria, topiaria, fantoches (bonecos) e cursos em áreas mais técnicas (cursos profissionalizantes) como corte e costura, culinária, manicure, lutheria, etc.

1.3. Capacitar os profissionais (arte educadores) do Projeto Núcleos de Cultura, preparando-os para o acolhimento da população e para o incentivo de desenvolvimento em suas respectivas áreas. O Projeto passa a ser monitorado com reuniões trimestrais para avaliação.

1.4. Criar e implementar o Liceu de Arte e Cultura Municipal, um centro de formação técnica na área artística e cultural com a finalidade de ensinar as Artes (artes visuais e novas mídias, artes plásticas, literatura, dança, música, teatro e performance), visando à formação desde a iniciação até o aperfeiçoamento profissional. O principal enfoque é o desenvolvimento do potencial artístico e intelectual de crianças, jovens e adultos oferecendo a possibilidade real de aprendizado com qualificação através de cursos de longa duração, cursos livres e gratuitos em uma unidade centralizada.

O Liceu de Arte e Cultura Municipal será um local onde se produzir á e se aprenderá arte e cultura, um grande centro de desenvolvimento de atividades artísticas e

culturais, encabeçando um vasto e abrangente projeto de informação e formação para a comunidade nas diversas ramificações das artes.

Sintetizando, o Liceu será uma grande escola de arte, com atividades e cursos gratuitos para a população em várias especialidades. Um local de integração, estudo e lazer, onde o cidadão poderá descobrir e manifestar seu talento e criatividade. Um local para divulgação de trabalhos e espetáculos, um centro de convivência e sensibilidade. O projeto prevê a realização sistemática e coordenada de diversas atividades culturais e artísticas como formação de grupos que possam desenvolver pesquisa, estudos, trabalhos e projetos, além de exposições, mostras, ensaios, apresentações, debates, workshops, etc., navegando sempre pelo amplo universo das artes. O Liceu também pode oferecer o desenvolvimento de cursos profissionalizantes em áreas específicas e cursos de idiomas.

1.5. Criar e manter grupos estáveis através do Liceu de Arte e Cultura Municipal: a orquestra jovem, grupos de repertório popular, corais: infantil, juvenil, de câmara e adultos, grupo de teatro, grupo de performance e corpo de dança com integrantes selecionados com critérios que estimulem suas entradas e permanências nos Grupos e também incentivem o ingresso de novos alunos. A criação dos Grupos Estáveis é uma decorrência natural da formação do Liceu e uma maneira de semiprofissionalizar os jovens artistas, na medida em que, além de ensaios em grupo, serão realizadas apresentações públicas externas, nos espaços administrados pela Secretaria de Cultura e em eventos

2. UNIVERSIDADE (Campus de Extensão e Graduação)

1.1. Manutenção e aprimoramento do Programa de Capacitação e Qualificação Comunitária através da parceria com a Universidade Federal de São Paulo –UNIFESP, na realização de Cursos de Extensão Comunitária / Universitária - cursos, ciclos de palestras, workshops e oficinas nas diversas áreas do conhecimento das artes e da cultura. Os cursos são abertos à população em geral, priorizando, porém, estudantes de determinadas áreas com um conteúdo específico e direcionado.

1.2. Consolidar a Política de Formação Cultural e Artística de Embu das Artes, estimulando e promovendo o acesso da população aos cursos de nível superior (graduação) da Universidade Federal de São Paulo –Campus Embu das Artes, para todas as áreas do conhecimento e segmentos artístico culturais na perspectiva de potencializar e buscar a excelência do estudo acadêmico convencional das artes tradicionais como a música, o teatro, a dança e as artes plásticas que pressupõem uma iniciação mais precoce, aptidões natas ou a dedicação em estudos técnicos durante anos.

1.3. Desenvolver o modelo denominado Bacharelado Interdisciplinar –BI, partindo do conceito de maior democratização para a graduação nas áreas da arte e da cultura, que parte de pressupostos comuns da produção e reflexão artística, buscando uma formação cultural abrangente e multifacetada, adequada para o contexto contemporâneo. O Bacharelado Interdisciplinar propõe estabelecer uma formação das concepções mais recentes de expressão como a fotografia, rádio e TV, cinema, multimídia e novas linguagens, performance, além de cursos de comunicação social, biblioteconomia, museologia, gestão cultural, turismo, história das artes, filosofia, jornalismo, letras (linguística e literatura) e outros cursos acessíveis para aqueles que não dispõem de formação específica anterior.

1.4. Desenvolver formação específica na área de História e Patrimônio Histórico, formando pesquisadores e profissionais nas áreas de arquivo e documentação, historiografia, arqueologia, restauração de patrimônio material e pesquisas voltadas para o patrimônio imaterial e a história de Embu das Artes.

1.5. Garantir a realização de opções de pós-graduação, visando o aprimoramento profissional, através de cursos de especificação, práticos e objetivos e cursos de longa duração como mestrado e doutorado para quem busca formação acadêmica na área de pesquisa ou como docente em nível superior.

3. POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO CULTURAL

1.1. Desenvolver o Programa Multicultural Profissionalizante, articulando parcerias com instituições como o SEBRAE, SESC, SENAC, SESI e outras, na perspectiva de potencializar a geração de trabalho e renda, divulgar e consolidar a cultura local, gerir projetos em centros de formação cultural e profissionalizante, voltados para o ensino da gestão cultural, cinema, teatro, dança e performance, artes visuais, arte digital, design, música, literatura, guias turísticos, restauradores e demais segmentos.

1.2. Estimular a elaboração de um Plano de Formação e Qualificação na área de Gestão da Cultura, produção cultural, captação de recursos, marketing cultural e políticas públicas para capacitação dos funcionários da Secretaria Municipal de Cultura, agentes culturais, artistas e gestores culturais das instituições e entidades da cidade que atuam na área e nos diversos segmentos, articulando a implantação de cursos de nível técnico e de graduação.

1.3. Criar e desenvolver Centros de Pesquisa e Estudos em vários segmentos: dança, teatro, performance, música, literatura, artes visuais, novas linguagens, patrimônio e história, cultura popular e cultura urbana, que promovam o intercâmbio e troca de experiência entre artistas, estudiosos, profissionais e instituições, por meio do incentivo à produção e ao desenvolvimento local, criação e desenvolvimento de laboratórios de pesquisa, novos projetos, cursos, oficinas, workshops e leituras dramáticas, estudos, debates e práticas diversas.

1.4. Desenvolver acervos específicos para criação de um Centro de Documentação com acesso e disponibilidade virtual de livros, publicações, fotos, documentos, discos de vinil, CD, filmes, DVD, vídeos, partituras, ensaios, teses etc., mantendo relação com museus e arquivos da cidade. Estimular na população a doação de acervos representativos de nossa história, entre documentos, fotos, objetos relacionados ao trabalho e história cotidiana, etc, educando a população no sentido de perceber que sua história pessoal também faz parte da construção da história da cidade. Desenvolver cursos técnicos e oficinas de História e disciplinas correlatas e necessárias à pesquisa e preservação histórica: cursos rápidos de atualização, cursos técnicos de 30 a 120 horas como: introdução à Arquivística, Paleografia, Entrevista e Pesquisa, História Oral, Pessoal e Familiar etc.

Desenvolver junto à Universidade, cursos de extensão, cursos de especialização e pós- graduação de temas como: Teoria e Filosofia da História, História local (regional, municipal e de bairros) História dos Bandeirantes e Tropeiros etc. Desenvolver cursos práticos e profissionalizantes junto ao Liceu das Arte e Cultura Municipal como: Preservação do Patrimônio Histórico e Arquitetônico, Preservação de obras artísticas, preservação de fotos e documentos históricos, formação de guias turísticos etc.

1.6. Promover cursos de sensibilização, capacitação e qualificação para arte-educadores que atuam diretamente com comunidades e públicos específicos no sentido de agregar a arte e a cultura como ferramenta transformadora, conciliando resultados artísticos com a promoção de inclusão social, promoção de saúde e prevenção de doenças, prevenção de situações de risco para a juventude, promoção de uma cultura de paz, preservação do meio ambiente, estímulo à economia solidária etc., articulando parcerias com as diversas Secretarias Municipais e a iniciativa privada para sua implementação.

4. PROGRAMA PEDAGÓGICO NAS ESCOLAS PÚBLICAS

1.1. Incluir no Currículo Básico da Educação Municipal, como Disciplina Obrigatória um programa pedagógico de resgate e divulgação da história de Embu das Artes com produção bibliográfica e audiovisual de sua história e cultura, considerando a pluralidade cultural e histórica (grupos étnicos, sociais, políticos, religiosos e gêneros).

1.2. Oferecer capacitação aos educadores da rede pública de ensino em cultura indígena e cultura afro brasileira, atendendo a Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que rege a política nacional de educação, que atribui incumbências nos âmbitos municipais e estaduais, tornando obrigatória no ensino da História do Brasil a abordagem das contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas e a cultura afro-brasileira.

1.3. Oferecer capacitação aos educadores da rede pública de ensino em musicalização e iniciação musical, através de cursos específicos para o atendimento da lei nº11.769, sancionada em 18 de agosto de 2008, que determina a música como conteúdo obrigatório em toda a Educação Básica.

5. PROMOÇÃO DE INTERCÂMBIO CULTURAL

1.1. Fortalecer o intercâmbio cultural entre as cidades do CONISUD –Consórcio Intermunicipal da Região Sudoeste da Grande São Paulo, promovendo o acesso das populações vizinhas aos diversos cursos, atividades e eventos em Embu das Artes, realizando eventos e apresentações itinerantes, circulando a produção cultural da cidade por todos os municípios e oferecendo espaços para apresentações de grupos regionais.

1.2. Promover intercâmbio cultural com outras cidades brasileiras e do exterior, estabelecendo parcerias e compromissos recíprocos entre os governos e instituições das cidades envolvidas. Promover cursos de idiomas para artistas e profissionais da cultura no Liceu de Arte e Cultura Municipal.

1.3. Fortalecer vínculos com outras Secretarias de Cultura e estabelecer parcerias com o Ministério da Cultura, buscando viabilizar a circulação da produção cultural da cidade de Embu das Artes nas diversas regiões do Brasil e no exterior.
Desenvolver políticas de intercâmbio cultural para qualificar os profissionais de todos os segmentos culturais e estabelecer um Plano de Financiamento mediante convênios, parcerias e bolsas, com recursos do Fundo Municipal de Cultura.

1.4. Desenvolver financiamento para o intercâmbio cultural para custeio de transporte, estadia, pagamento de cachê e alimentação de artistas, grupos e produtores culturais, através de editais do Fundo Municipal de Cultura.

1.5. Promover intercâmbios nos diversos segmentos culturais e estimular a troca de experiências com a elaboração de projetos em parceria, inclusive financeira, viabilizando projetos locais.

1.6. Promover Programa de Bolsa de Estudos para jovens talentos da cidade através de convênios com instituições de ensino na área das artes e da cultura.

6. FORMAÇÃO DE PÚBLICO

1.1. Desenvolver uma política contínua de acesso à cultura, incentivando a população, através de campanha publicitária educativa permanente, a criar o hábito de frequentar a programação artística e os bens culturais do seu bairro e de sua cidade ao longo do ano.

1.2. Democratizar o acesso dos embuenses das artes à cultura, através de Projetos como o “Cinema Popular” ou “Cinema na Praça”, nos bairros; “Concertos Populares” com apresentações das orquestras sinfônicas, grupos instrumentais e corais, em teatros, igrejas e espaços públicos; Espetáculos teatrais, de Dança e Performances, nos Centros culturais, escolas e espaços públicos, todos com ingressos a preços populares ou acesso gratuito.

1.3. Elaborar Projeto de Lei que autorize a cobrança de ingressos em eventos de difusão cultural, a preços populares, para espetáculos de grupos autônomos e profissionais nos espaços públicos, com percentual direcionado ao Fundo Municipal de Cultura.

1.4. Criar um Programa de Comunicação e divulgação das atividades culturais da cidade, através de uma campanha publicitária em caráter permanente, utilizando todos os meios possíveis como internet, mídia, escrita local, folhetaria, painéis em frente aos Centros Culturais e praças, oferecendo visibilidade às ações já existentes e praticadas nos equipamentos públicos, visando incentivar a população a consumir a programação artística e cultural da cidade.

1.5. Desenvolver anualmente programas de incentivo à leitura, com oficinas artísticas e técnicas para crianças, jovens, adultos e idosos, realizadas em diversos locais, como escolas públicas, centros culturais, associações, entre outros.

1.6. Promover a formação de público por meio de caravana cultural itinerante, composta por artistas locais que se apresentarão nas diversas regiões da cidade, em eventos organizados pela Prefeitura de Embu das Artes.

PROGRAMA ESTRATÉGICO 3
ECONOMIA DA CULTURA

Objetivos:

- Consolidar a cultura como um dos principais vetores de desenvolvimento econômico e social na cidade de Embu das Artes.
- Garantir percentual do orçamento municipal para financiamento e investimento em arte e cultura, tanto para a gestão administrativa como para o fomento, difusão e formação cultural.
- Provisionar o Fundo Municipal com recursos oriundos do orçamento municipal para o financiamento de projetos dos segmentos artísticos da cidade.

1. FUNDO MUNICIPAL DE CULTURA

1.1 Revisar e reeditar a Lei Ordinária nº. 2405 de 06.06.2009 que cria o Conselho Municipal do Conselho de Cultura e institui o Fundo Municipal, conforme determinado na 3ªConferência Municipal de Cultura, ampliando proporcionalmente as cadeiras destinadas à sociedade civil (segmentos artísticos e instituições) e as cadeiras destinadas ao governo, alterando a denominação do Conselho de Cultura para Conselho Municipal de Política Cultural e retirando desta lei o capítulo sobre o Fundo, objeto a ser regulamentado através de lei específica.

1.2. Criar a Lei específica para o Fundo Municipal de Cultura, regulamentar e implementar o Fundo Municipal de Cultura, assegurando na LOA (Lei Orçamentária Anual) os recursos para os projetos culturais aprovados, entendendo que:

1.3. O percentual a ser destinado ao Fundo para o desenvolvimento de projetos culturais é de 1% (um por cento) do orçamento municipal.

1.4. Este percentual não inclui a peça orçamentária da gestão da Secretaria Municipal de Cultura (Recursos Humanos, recursos materiais, manutenção de equipamentos públicos, Banda Municipal, convênios e eventos), para isto se destinarão percentual da dotação orçamentária municipal para a cultura previsto na Proposta de Emenda à Constituição 150/03 ou PEC 150, equivalente a 1% (um por cento), totalizando o mínimo de 2% (dois por cento) do Orçamento Municipal destinados à Cultura.

1.5. Incluir o Plano de Aplicação do Fundo Municipal de Cultura com 60% (sessenta por cento) sendo aplicados para Projetos Culturais Independentes e 40% (quarenta por cento) para Programas e Projetos Estratégicos, entendendo que os recursos para Projetos Culturais Independentes éo fomento do poder público aos produtores culturais, destinando-lhes recursos, via editais públicos, para execução de projetos previamente aprovados pelo Conselho Municipal e os recursos para os Programas e Projetos Estratégicos visam objetivos voltados exclusivamente para a formação e difusão artística e cultural estabelecidos pelo Sistema Municipal de Cultura, mantidos e gerenciados pela Secretaria Municipal de Cultura

2. SISTEMA DE INCENTIVO ÀCULTURA

1.1. Criar, regulamentar e implementar a Lei de Incentivo à Cultura determinando o percentual de renúncia fiscal para, no mínimo, 1% da receita do ISS e outras possibilidades de reciprocidade para maior adesão do empresariado, como visibilidade em campanhas de marketing e merchandising, promoções e fidelização de marcas junto ao público. Concluir a discussão no Conselho Municipal de Política Cultural da legislação municipal que regulamenta o Sistema de Incentivo à Cultura e enviar a proposta ao

Executivo, para o devido encaminhamento, como Projeto de Lei, para apreciação e aprovação pela Câmara Municipal.

1.2. Criar Selo "Parceiro da Cultura" como dispositivo para a captação de investimentos por parte de setores privados, em apoio a iniciativas culturais do município de Embu das Artes. O selo "Parceiro da Cultura" identificarão agente comercial, apoiador de iniciativas culturais, tendo este menção em veículos oficiais do governo e a propaganda viral a ser executada pela Secretaria de Cultura da cidade, permitindo ampliação de mídia direcionada. Cabe ao investidor qualquer iniciativa que apoie um grupo artístico, um evento ou uma ação festiva na cidade. As partes deverão firmar acerto propositivo, com intenções claras, com aval referendado pela Secretaria de Cultura, onde o apoiador se encarregará de facilitar as ações do grupo cultural, tendo como contrapartida a possibilidade de requisitar a este sua imagem e apoio para futuras iniciativas de marketing em mídia local e nacional. O selo "Parceiro da Cultura" deverá ser um dispositivo com o qual a secretaria possa captar parceiros em apoio estrutural e facilitador a projetos culturais, sendo necessária a elaboração de projeto de lei.

1.5. Criar dispositivo em incentivo às ações midiáticas de valorização dos projetos socioculturais e investidores, com o propósito de destacar e evidenciar projetos existentes no município. O prêmio "+CulTurA" será auferido a grupos e apoiadores que se destacaram durante o ano, sendo este o dispositivo para a promoção de ações culturais que permitam a transformação sociocultural em comunidades e regiões do município. Este dispositivo deve ser regulamentado por projeto de lei.

1.5. Criar dispositivo legal para a redução do CCM para artesãos embuenses das artes expositores na Feira de Embu das Artes com base na Lei Federal que incentiva o comércio de artes e artesanato.

3. FOMENTO E FINANCIAMENTO ÀPRODUÇÃO CULTURAL

1.1. Desenvolver o fomento àProdução Cultural, criando editais com recursos do Fundo Municipal de Cultura e parcerias com o Governo Federal e Governo Estadual, segundo diretrizes do Conselho Municipal de Política Cultural, para o fomento aos diversos segmentos culturais - Música; Teatro; Circo; Ópera; Dança; Mímica e Congêneres; Artes Visuais (Fotografia, Cinema, Vídeo e Artes Plásticas); Literatura (prosa, poesia, inclusive Cordel); Novas Linguagens (Arte Digital; Design); Artesanato; Cultura Popular; Cultura Urbana; Patrimônio Cultural Material e Imaterial; a serem lançados no 1ºsemestre de cada ano, de periodicidade anual ou bianual, ou para produção de cada área.

1.2. Fomento às Artes Cênicas - Realizar, anualmente ou bianualmente, o Prêmio de Fomento às Artes Cênicas, contemplando projetos para as categorias: teatro, dança e performance.

1.3. Fomento à Literatura –Realizar, anualmente ou bianualmente, o Concurso Literário com publicação de coletâneas que contemplam a produção poética e literária da cidade; estabelecer um calendário para prêmios literários nas escolas.

1.4. Fomento à Produção Musical –Realizar, anualmente ou bianualmente, o Concurso de Marchinhas Carnavalescas, Moda de Viola e Música Popular Brasileira, premiando compositores, intérpretes e arranjadores e produzindo anualmente a gravação de CD com as músicas premiadas.

1.5. Fomento às Artes Plásticas –Realizar anualmente ou bianualmente dentro do Anuário Embu das Artes o Salão "Embu Mostra a Sua Arte" com prêmios e incentivo aos artistas plásticos locais e reservando espaço e agenda para exposições de artista durante todo o ano nos Centros Culturais da cidade.

1.6. Fomento à Pesquisa Histórica e ao Patrimônio Cultural –Realizar um Programa específico de bolsas ou prêmios via editais, para pesquisa histórica, cultura e turismo, produção de livros, preservação sustentável do patrimônio histórico, cultural e ambiental de Embu das Artes e região.

1.7. Fomento às Artes Visuais (Fotografia, Cinema e Vídeo) e Fomento às Novas Linguagens (Arte Digital; Design) –Realizar prêmio bianual para projetos das áreas por meio de incentivo àpesquisa, produção e difusão em diferentes configurações e interfaces com as novas tecnologias.

1.8. Fomento ao Artesanato / Cadeias Produtivas –Promover o desenvolvimento socioeconômico do artesão através da articulação em torno dos princípios da Economia Solidária e do empreendedorismo aplicados em projetos que agregam a autogestão, a cooperação, sustentabilidade e meio ambiente.

1.9. Fomento à Cultura Popular –Estabelecer prêmio bianual de incentivo à pesquisa na área de cultura popular brasileira a grupos locais que desenvolvam projetos de resgate, preservação e difusão de culturas tradicionais e históricas.

1.10. Fomento à Cultura Urbana –Fomentar as atividades que envolvam aspectos sociais, culturais, esportivos e empreendedores, através da articulação e realização de projetos inovadores, relacionados à cultura urbana.

1.11. Promover ações de informação e capacitação para o fomento à produção cultural através do Sistema de Incentivo à Cultura (Mecenato e Fundo Municipal de Cultura) promovendo palestras, seminários e debates com artista, produtores e empresariado. Organizar cursos específicos para capacitação de produtores culturais, lei Rouanet, PROAC, editais diversos.

1.12. Apoiar programas, projetos e ações desenvolvidos por artistas e produtores culturais nos diversos segmentos culturais e artísticos da cidade, estruturando um organismo (ou setor) de apoio para captação de recursos utilizando os mecanismos do mecenato e renúncia fiscal junto à iniciativa privada.

1.13. Desenvolver e apoiar um Programa de Patrocínio de grandes marcas e empresas para grandes projetos e eventos em Embu das Artes, montando uma estrutura profissional para a captação de recursos, de caráter negocial e que atue sob a lógica mercadológica e empresarial que visa retornos comerciais e financeiros, institucionais, projeção de imagem e fidelização de público, através de campanhas promocionais, ações de marketing e merchandising de produtos para grandes empresas e marcas a serem oferecidas como reciprocidade e contrapartida. Elaborar legislação municipal que normatiza a prática do patrocínio nos eventos públicos da cidade.

1.14. Apoiar a realização dos eventos do Calendário Cultural de Embu das Artes, realizados por produtores independentes, bem como os organizados pelas comunidades. Criar o Mapa das Artes e Artesanato de Embu das Artes, com estratégias de distribuição e indicação dos pontos de produção e comercialização, para ser distribuído nos hotéis, aeroportos, lojas e feiras.

1.15. Em parceria com o Ministério da Cultura, implementar o Programa Pontos de Cultura para fomentar a produção e o intercâmbio cultural entre os grupos artísticos da cidade.

1.16. Incentivo aos grupos e companhias estáveis de artes cênicas que jáestão estruturados e desenvolvendo seus trabalhos na cidade e região, prevendo nos editais apoios à sua manutenção.

1.17. Criar dispositivo para cobrança de ingressos em espaços públicos, a preços populares, de espetáculos, shows, apresentações e eventos a serem realizados nos equipamentos públicos, através de decreto ou lei específica, com percentual destinado ao fundo municipal de cultura.

1.18. Criar apoios financeiros e liberar os recursos com antecedência para os grupos dos ciclos carnavalesco, junino e natalino, destinado aos blocos carnavalescos, quadrilhas, grupos de danças da cultura popular, grupos musicais e de teatro da cidade. Apoiar e promover a participação de artistas plásticos embuenses das artes em mostras e exposições em eventos e feiras no âmbito estadual, no território nacional e fora dele.

1.19. Desenvolver parcerias com editoras e gráficas visando o barateamento nos custo de produção de novas obras literárias por demanda, para escritores, poetas, produtores literários de Embu das Artes.

1.20. Garantir o desenvolvimento de dispositivos e estrutura para a produção artística da cidade, inserindo uma cultura mercadológica que agregue a identidade local nos produtos e bens culturais.

4. GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA E DIREITOS DO TRABALHADOR DA CULTURA

1.1 Multiplicar informações e firmar parceria com o Governo Federal para criação do Programa Culturaprev, estimulando sua adesão pelos artistas e produtores culturais, beneficiando uma classe trabalhadora que tem direito a garantias previdenciárias.

1.2. Articular com instituições financeiras federais - BNDES, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil a otimização do acesso à suas linhas especiais de crédito para a área cultural, com o objetivo de fomentar a produção cultural local, dando atenção especial aos pequenos negócios culturais, através do Banco do Povo.

5. SUSTENTABILIDADE DAS CADEIAS PRODUTIVAS - REDES CULTURAIS

1.1. Fomentar e incentivar a criação de redes e cooperativas, segundo as especificidades dos diversos segmentos artísticos de Embu das Artes. Estimular a articulação com outras redes nacionais e internacionais, promovendo o intercâmbio cultural e a troca de experiências de gestão, divulgação cultural, comercialização de produtos, entre outros.

1.2. Montar pontos de comercialização de produtos culturais (livros, cordéis, CDs, vídeos, obras de arte, artesanato, produtos de design, etc.) em locais de grande circulação, a serem geridos pela Prefeitura em parceria com a iniciativa privada e sociedade civil organizada, objetivando o fortalecimento dos artistas, designers e artesãos no mercado local.

6. CULTURA E COMUNICAÇÃO

1.1. Instalar a Rádio Pública, priorizando o seu caráter cultural e informativo. Apoiar e estabelecer parcerias com as rádios comunitárias buscando promover e divulgar a cultura local, em especial a produção musical.

1.2. Criar o Portal Cultural de Embu das Artes, contemplando todos os segmentos e apresentando a programação cultural da cidade, bem como informações sobre a Gestão Cultural.

1.3. Editar, mensalmente, a Agenda Cultural, com encarte cultural da cidade de Embu das Artes nos jornais locais e em versão on-line, com o objetivo de divulgar a produção cultural, dando acesso à população e aos visitantes aos bens culturais e ao que movimenta a cidade mês a mês.

1.4. Criar um Programa de Comunicação e divulgação na grande mídia das atividades culturais da cidade, criando uma assessoria de imprensa específica para a área cultural e artística, dentro da Secretaria de Comunicação Social, desenvolvendo ações de mídia e fatos para pauta jornalística dos grandes veículos como os grandes eventos realizados na cidade e com destaque para os artistas e grupos de Embu das Artes.

1.5. Realizar estudos junto ao CONISUD para viabilização de um licenciamento para uma TV regional, aberta e educativa, pública ou não, para divulgação da cultura, turismo, arte, esporte e comércio específica para a região Sudoeste da Grande São Paulo. Criar a Divisão de Comunicação dentro da Secretaria de Cultura a fim de viabilizar uma melhor fruição de informações com a Secretaria de Comunicação do Governo para a divulgação das ações, atividades e eventos culturais e artísticos.

1.6. Implantar mecanismo de comunicação (radio, TV, Jornais Impressos e On-line), que viabilizem a veiculação da diversidade cultural do município, garantindo destinação de recursos e a participação da sociedade civil através de seus fóruns.

7. CULTURA E TURISMO

1.1. Implementar o Plano do Complexo Turístico Cultural de Embu das Artes, tornando a cidade um grande pólo de atração e irradiação do turismo cultural para toda a região metropolitana com um circuito que mostre a história (Centro Histórico com seus Museus e acervos), a cultura (programação cultural com apresentações da cultura popular tradicional), o comércio e gastronomia (galerias, feira de artes, o meio ambiente (trilhas históricas –Peabiru). O plano propõe roteiros turísticos para grupos em agências de viagem, por exemplo:

1.2. Considerar, a transversalidade setorial, envolvendo as áreas da cultura, turismo, comunicação, meio ambiente, transporte, segurança pública e outros.
Desenvolver os Planos Específicos, articular e integrar a rede pública de equipamentos culturais e outras instituições para o desenvolvimento de ações de curto, médio e longo prazo.

1.3. Assegurar o Cruzeiro (Capela de Santa Cruz), a Praça da Lagoa e o Parque Francisco Rizzo como espaços permanentes para as culturas populares.
Realizar o Festival Multicultural, com mercado cultural, debates, mostras nas diversas linguagens artísticas e shows musicais, buscando valorizar e dar visibilidade ao patrimônio histórico e à paisagem natural da cidade, especialmente os seus rios, num grande evento multicultural, dando visibilidade nacional e internacional à cidade como importante c entro cultural.

1.4. Organizar e divulgar o Calendário Cultural, especialmente os eventos de grande porte. Esta ação é fundamental para a valorização da cultura local e constitui-se num fator determinante para o desenvolvimento do turismo cultural, especialmente numa cidade com a riqueza e a diversidade cultural.

1.5. Desenvolver uma política de valorização do Centro Histórico, que integre o patrimônio material e imaterial, onde suas ruas, praças e pátios sejam utilizados, no dia-a-dia, como palco para diversas manifestações culturais e artísticas e, as Secretarias de Cultura e de Turismo promovam, conjuntamente, um circuito de visitação aos monumentos históricos, com guias de turismo formados por historiadores e que dominem, no mínimo os idiomas inglês e espanhol.

1.6. Desenvolver, numa ação conjunta das Secretarias de Cultura e de Turismo, uma política de valorização das expressões culturais das comunidades, com um programa de apoio ao desenvolvimento das atividades características de cada grupo.

1.7. Desenvolver programação cultural “Arte e Cultura na Praça” para a tradicional Feira de Artes e Artesanato, com música, teatro, dança e poesia com divulgação da programação na mídia como estímulo a visitação.

8. SISTEMA MUNICIPAL DE INFORMAÇÕES CULTURAIS

1.1. Criar e consolidar o Sistema Municipal de Informações Culturais, instância responsável pela geração e difusão de informações culturais (artistas, equipamentos, eventos, manifestações e segmentos artísticos, cadeias produtivas, etc.), por meios eletrônicos e rede mundial de computadores, contribuindo, dessa forma, para a inclusão sociocultural e desenvolvimento econômico. Atuar conectado com o Sistema Nacional de Informações Culturais, acompanhando e avaliando as atividades culturais com pesquisas e indicadores culturais.

1.2. Consolidar o Mapeamento Cultural de Embu das Artes, como base de dados imprescindível para a visibilidade dos segmentos artísticos e subsídios para desenvolvimento de políticas públicas para a cultura.

1.3. Implantar um Sistema de Informações e Indicadores Culturais, aferindo o desempenho quantitativo e qualitativo das atividades desenvolvidas em todas as áreas culturais e artísticas, visando subsidiar uma permanente formulação de políticas públicas.

1.4. Realizar pesquisas das cadeias produtivas da cultura, em parceria com instituições, para identificar oportunidades e estabelecer políticas e procedimentos que facilitem e estimulem a produção e a geração de emprego e renda nos diversos segmentos culturais. As informações resultantes devem ser disponibilizadas ao público via internet.

9.ECONOMIA CRIATIVA

1.1. O Plano Nacional de Cultura se estrutura em três dimensões complementares: a cultura como expressão simbólica; como direito de cidadania; e como campo potencial para o desenvolvimento econômico com sustentabilidade.

1.2. Essas dimensões, por sua vez, desdobram-se em metas que dialogam com os temas: reconhecimento e promoção da diversidade cultural; criação e fruição; circulação, difusão e consumo; educação e produção de conhecimento; ampliação e qualificação de espaços culturais; fortalecimento institucional e articulação federativa; participação social; desenvolvimento sustentável da cultura; e fomento e financiamento.

1.5. As metas do PNC contemplam as diretrizes, estratégias e ações do Plano e buscam atender os seus objetivos e desafios. Elas consolidam o futuro que se almeja alcançar até2020 e consistem em ponto de confluência entre as ações culturais demandadas pela sociedade, o compromisso de diferentes instâncias do poder público e a garantia de recursos materiais disponíveis para viabilizá-las. Meta do PNC, a economia criativa é um setor estratégico e dinâmico, tanto do ponto de vista econômico quanto social. Suas diversas atividades geram trabalho, emprego, renda e são capazes de propiciar oportunidades de inclusão social.

1.6. A cadeia produtiva, por sua vez, é um conjunto de etapas consecutivas, ao longo das quais os diversos insumos sofrem algum tipo de transformação, até a constituição de um produto final –bem ou serviço –e sua colocação no mercado. Trata-se, portanto, de uma sucessão de operações integradas, realizadas por diversas unidades interligadas como uma corrente. Envolve o conjunto de agentes econômicos vinculados à produção, distribuição e consumo de determinado bem ou serviço, e as relações que se estabelecem entre eles.

1.7. Extraído das Metas do Plano Nacional de Cultura - Ministério da Cultura – 12/2011

Identificar todos os segmentos culturais com cadeias produtivas na cidade de Embu das Artes e seus elos para a economia criativa das atividades associadas aos segmentos: patrimônio natural, cultural e histórico, espetáculos e celebrações, artes visuais e artesanato, livros e periódicos, audiovisual e mídias interativas, design e serviços criativos (segmentos reconhecidos pela UNESCO em documento intitulado Framework for cultural Statistics de 2009).

1.8. Preparar a cidade de Embu das Artes para ser reconhecida como uma cidade criativa através da chancela concedida pelo Ministério da Cultura (MinC) às cidades brasileiras que apresentarem candidatura em alguma área temática (música, cinema, gastronomia, artesanato, patrimônio histórico e cultural, etc.) e atenderem a um conjunto de parâmetros e requisitos e à criação de um sistema de governança compartilhada, entre o poder público e a sociedade civil.

1.9. Fomentar projetos de apoio à sustentabilidade econômica da produção cultural local atuando junto às cadeias produtivas da economia criativa da produção local. As principais iniciativas a serem desenvolvidas no âmbito dessa meta baseiam-se nos desafios identificados no PNC para a economia criativa brasileira, a saber:

Levantamento de informações e dados da economia criativa;

Articulação e estímulo ao fomento de empreendimentos criativos;

Educação para competências criativas;

Produção, circulação / distribuição e consumo / fruição de bens e serviços criativos;

Criação / adequação de marcos regulatórios para os setores criativos.

PROGRAMA ESTRATÉGICO 4

GESTÃO PÚBLICA DA CULTURA

Objetivo:
Modernizar e democratizar a gestão cultural da cidade de Embu das Artes.
Implementar o Sistema Municipal de Cultura, promovendo a participação dos diversos segmentos envolvidos com a cultura do Município.
Otimizar os equipamentos culturais e valorizar os servidores.

1. SISTEMA MUNICIPAL DE CULTURA

1.1. Consolidar a implantação do Sistema Municipal de Cultura, integrado ao Sistema Nacional de Cultura, como instrumento de articulação, gestão, informação, formação e promoção de políticas públicas de cultura com participação e controle da sociedade civil. O Sistema Municipal de Cultura da cidade de Embu das Artes é constituído pela Secretaria de Cultura, Conselho Municipal de Política Cultural, Fóruns Permanentes de Cultura, Conferência Municipal de Cultura, Plano Municipal de Cultura, Sistema Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, Sistema Municipal de Equipamentos Culturais, Sistema de Incentivo àCultura (Mecenato e Fundo Municipal de Cultura) e Sistema Municipal de Informações Culturais. As diretrizes da gestão cultural da cidade são definidas através da Conferência Municipal de Cultura, realizada bienalmente, e do Conselho Municipal de Política Cultural, de composição paritária entre Poder Público e Sociedade Civil. Os Órgãos Gestores devem apresentar anualmente relatórios de gestão para avaliação nas instâncias de controle social do Sistema Municipal de Cultura.

1.2. Integrar o Sistema Municipal de Cultura a outros programas e políticas públicas estabelecidas pela Administração Pública, envolvendo demais segmentos sociais da sociedade civil.

2. GESTÃO DEMOCRÁTICA

1.1. Realizar a Conferência Municipal de Cultura de Embu das Artes a cada dois anos através de articulação da Secretaria Municipal de Cultura, o Conselho Municipal de Política Cultural e os Fóruns Setoriais Permanentes constituídos, com o objetivo de debate democrático com a sociedade cível para uma avaliação da política cultural municipal, para inserção da gestão local nos contextos estaduais e federais, para o estabelecimento de novas propostas e diretrizes, para a escolha da representatividade delegada para outros fóruns e para representantes setoriais que formarão novas gestões do Conselho Municipal de Política Cultural.

1.2. Fortalecer e consolidar o Conselho Municipal de Política Cultural com composição paritária entre governo e sociedade civil, com eleições dos representantes da sociedade civil por segmento cultural, em caráter permanente, consultivo, normativo, deliberativo e fiscalizador das políticas municipais de cultura.

1.3. Estimular a criação de Fóruns Permanentes Setoriais, estruturados por segmentos culturais que junto com as respectivas representações no Conselho Municipal de Política Cultural para debate das demandas setoriais e avaliação das políticas e ações culturais do município.

1.4. Estimular a criação de plenárias temáticas da Cultura no Orçamento Participativo para definir as ações prioritárias a partir das demandas da comunidade na área da cultura.

1.5. Criar e Consolidar os Conselhos Gestores da Rede de Equipamentos Culturais, com representantes governamentais, dos artistas e produtores culturais, dos comerciantes, dos patrocinadores e da sociedade civil organizada, assegurando a participação e mobilização das comunidades locais no compartilhamento e utilização dos equipamentos.

1.6. Articular a participação nos Fóruns institucionais em nível regional, estadual e nacional do Conselho Municipal de Política Cultural junto com representantes da Secretaria Municipal de Cultura de Embu das Artes, contribuindo para a formulação das políticas públicas de cultura e inserção da produção local nas redes culturais.

1.7. Definir e elaborar o desenvolvimento territorial da cultura no município de Embu de forma equânime visando e respeitando o direito de acesso aos bens culturais a toda população de Embu das Artes.

3. GESTÃO DA REDE DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS

1.1. Garantir a manutenção e a implantação da Rede de Centros Culturais incluindo os atuais –Centro Cultural Mestre Assis de Embu, Centro Cultural Pirajussara e Centro Cultural Santo Eduardo - e pelo menos mais quatro espaços com a mesma estrutura e finalidade nos bairros do São Marcos, Vista Alegre, Jardim Santa Tereza e Jardim do Colégio (este com previsão de implantação pelo Projeto Praça do PAC do governo federal), totalizando assim 07 (sete) Centros Culturais na cidade de Embu das Artes.

1.2. Garantir a gestão compartilhada e utilização pela Secretaria de Cultura de espaços públicos e governamentais como o palco da Praça da Lagoa, o Teatro Popular Solano Trindade o auditório no Parque da Várzea (junto à UNIFESP) e no futuro Centro de Convenções da cidade. Garantir a utilização de outros espaços públicos como o Parque Francisco Rizzo, o Cruzeiro junto a Capela de Santa Cruz e praças do município.

1.3. Criar e Implantar o Sistema Municipal de Museus na cidade de Embu das Artes, tais como: o Museu de Esculturas de Embu das Artes com obras dos escultores da cidade, proposta para o Parque da Várzea; o Museu da Cidade; o Museu da Palavra, da Imagem e do Som, o Museu da Pessoa de Embu e o Museu do Imigrante, integrando o atual Memorial Sakai, mantido pela Prefeitura e as instituições e os museus e acervos particulares já existentes na cidade como o Museu de Arte Sacra, o Museu do Índio e o Instituto Portucale.

1.4. Garantir a manutenção do patrimônio material junto com a Secretaria de Turismo em espaços como a Capela de Santa Cruz, a Capela de São Lázaro e a Capela de Itatuba.

1.5. Garantir a manutenção e ampliação da Rede de Bibliotecas Municipais incluindo as seis atuais –Biblioteca Moacyr Faria de Jordão, na Região Central; Biblioteca Comunitária Jardim Casa Branca; Biblioteca Saci Pererê, no CC Pirajussara; Biblioteca Temática Francisco Rizzo; Biblioteca Comunitária Jardim da Luz; Biblioteca Santo Eduardo –e pelo menos mais quatro espaços com a mesma estrutura e finalidade nos futuros Centros Culturais do Pinheirinho, Vista Alegre, Jardim Santa Tereza e Jardim do Colégio, totalizando 10 (dez) bibliotecas integradas na rede.

1.6. Garantir a implantação e manutenção da Rede Municipal de Telecentros, 07 (sete) deles previstos na primeira fase, distribuídos em regiões distintas: Centro (Biblioteca Moacyr Farias de Jordão), Jardim Santo Eduardo (Centro Cultural), Parque

Pirajussara (Centro Cultural) e no Jardim Vazame, Casa Branca, Jardim Vista Alegre e Pinheirinho através de parcerias com entidades locais. Garantir a expansão da Rede de Telecentros para todas as 20 regiões da cidade de Embu das Artes, totalizando 27 (vinte e sete) unidades atendendo a totalidade territorial da cidade e promovendo o acesso ao Programa de Inclusão Digital para toda a população.

1.7. Empreender esforços junto ao governo federal para viabilização da construção e implantação plena do Liceu de Artes e Cultura na região central da cidade e para a construção do Teatro Municipal de Embudas Artes

Agregar à Rede de Equipamentos Culturais de Embu das Artes os espaços de entidades e instituições que compartilham com a Secretaria de Cultura de Embu das Artes o Projeto Núcleos de Cultura, que promovem em ação permanente o acesso da população à iniciação artístico-cultural em diversos segmentos, expandindo os atuais 11 (onze) Núcleos para 27 (vinte e sete) no total, sendo através de 20 (vinte) instituições, uma em cada região da cidade, mais os 07 (sete) Centros Culturais previstos.

1.8. Apoiar os espaços de entidades e instituições que compartilham com a Secretaria de Cultura de Embu das Artes o Programa Pontos de Cultura, as 08 (oito) instituições conveniadas pelo Governo Federal, através da Prefeitura e os 02 (dois) Pontos conveniados pelo Governo do Estado, totalizando 10(dez) Pontos de Cultura, agregando-os à Rede de Equipamentos Culturais de Embu das Artes.

1.9. Assegurar uma sede definitiva para a Banda Municipal com estrutura para ensaios, aulas e guarda de instrumentos.

Assegurar o pleno funcionamento dos equipamentos públicos e otimizar o funcionamento da Rede Municipal de Equipamentos Culturais com diversificação de atividades e usos. Desenvolver programação cultural semanal para todos os espaços da Rede e realizar ampla divulgação da mesma.

1.10. Assegurar a implantação da Divisão de Patrimônio e Documentação Histórica com estrutura física e tecnológica para arquivos e pesquisa.

1.11. Regulamentar a utilização dos Centros Culturais priorizando as atividades artísticas, e as ações culturais do município, porém assegurando espaço para demais eventos do governo e da sociedade.

4. ESTRUTURA ADMINISTRATIVA

1.1. Fortalecer a Secretaria de Cultura de Embu das Artes, com uma estrutura organizacional adequada para o gerenciamento e implementação da política cultural proposta pelo Plano Municipal de Cultura, com autonomia. O organograma deve contemplar o planejamento, a estrutura e a operacionalização da Rede Municipal de Equipamentos Culturais como unidades vinculadas diretamente ao gabinete do Secretário, incluindo 02 diretorias (Administrativa e Técnica) com suas respectivas e definidas áreas de atuação, a saber:

1.2. Diretoria Administrativa com suas divisões ou setores de: 1) Gestão Administrativa, 2) Gestão de Pessoas, 3) Gestão de Recursos Materiais, 4) Gestão da rede dos equipamentos públicos culturais, 5) Gestão Financeira.

1.3. Diretoria Artística com 1) Música, 2) Artes Cênicas (Teatro, dança e performance), 3) Literatura, Bibliotecas, 4) Artes plásticas e Artes Visuais, 5) Patrimônio Histórico e Memória.

1.4. Diretoria Técnica com suas Coordenadorias Técnicas: 1) Eventos, 2) Núcleos de Cultura, 3) Pontos de Cultura, 4) Projetos (política cultural, captação de recursos, convênios, economia, divulgação e propaganda)

Assegurar a progressão anual do percentual do Orçamento Municipal destinado para a Cultura, na medida do atendimento da implantação e implementação de projetos, programas e novos equipamentos públicos.

1.5. Valorizar, reestruturar e capacitar o Quadro de Funcionários da Secretaria de Cultura e da Rede de Equipamentos Culturais, com a implantação do Plano de Cargos e Carreiras alinhado com as características dos profissionais da Cultura, com melhores condições de trabalho e a realização de Concurso Público para composição das equipes administrativas das diversas unidades.

1.6. Criar quadros técnicos de funcionários especializados para atuação nos equipamentos culturais municipais visando o pleno funcionamento de teatros, cinemas, museus, centros culturais e bibliotecas.

1.7. Assegurar capacitação e reciclagem para trabalhadores da Cultura, que fazem parte do quadro técnico da Secretaria de Cultura de Embu das Artes, através da formação continuada, nas suas áreas específicas.

5. PROMOÇÃO DE POLÍTICAS DE TRANSVERSALIDADE

1.1. Articular com diversos setores uma política cultural de forma transversal, integrada com as políticas de educação, esporte, saúde, meio ambiente, turismo, segurança pública, desenvolvimento econômico e social que agregam a arte e a cultura como vias para o conhecimento e instrumentos de transformação para uma melhor qualidade de vida, para promoção de saúde, consciência e paz.

Articular Programa de Incentivo à Leitura junto com a Secretaria de Educação, desde a educação infantil, jána fase de alfabetização até o EJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos), promovendo rodas de leitura, atividades griôs e a realização da Feira do Livro.

PROGRAMA ESTRATÉGICO 5

PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA

Objetivos:

Valorizar, preservar, restaurar e difundir o patrimônio cultural (material e imaterial) da cidade de Embu das Artes.

Resgatar documentação e registros históricos da cidade.

Retomar o investimento na pesquisa histórica e na preservação da memória coletiva de Embu das Artes, pausado desde o fechamento do Museu Histórico e Folclórico hámais de anos.

Gerar conhecimento e conteúdo capaz de gerar renda e criar atividades capazes de induzir o desenvolvimento econômico e cultural municipal, através de políticas de exploração sustentável dos recursos gerados por essa atividade.

Criar a Divisão Municipal de Patrimônio Histórico e Documental que seráo responsável por iniciar essa política de retomada da pesquisa histórica, da criação do Museu Histórico e Cultural de Embu das Artes e da Incubadora de outros Museus temáticos.

1. DIVISÃO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL E SISTEMA MUNICIPAL DE MUSEUS, CENTROS DE MEMÓRIA E ARQUIVOS

1.1. Criar a Divisão de Patrimônio e Documentação Histórica com a implantação do Sistema Municipal de Museus, Centros de Memória e arquivos de Embu das Artes, integrando os museus e acervos particulares;

1.2. Criar o Sistema Municipal de Museus, apoiando os jáexistentes e criando uma incubadora de outros Museus temáticos como: Museu da Cidade, Museu de Artes Plásticas, Museu do Artesanato, Museu de Fotografias, de Esculturas, Museu da Palavra ou da Leitura, Museu da Pessoa ou de História Oral, Museu da Cultura Popular, Museu das CEBS, entre outros

1.3. Implantar o Museu da Cidade - formação de acervo com Fotos, utensílios familiares, documentos, material sobre migrações e imigração de brasileiros e estrangeiros que fizeram Embu das Artes, resgate do acervo do antigo Museu Histórico, Artístico e Folclórico de Embu, aberto em 1970 e quase todo perdido (conseguir a transferência do acervo restante, antes sob responsabilidade do Governo do Estado, para a Municipalidade). Trabalhar com doações conseguidas junto às famílias que detém estes acervos.

1.4. Implantar o Museu da Pessoa ou História Oral de Embu (depoimentos, fotos, entrevistas gravadas em áudio e vídeo com qualquer cidadão, criança, velho, jovem, com a condição de que esta entrevista passe a compor o acervo de memória da cidade). Este tipo de trabalho tem grande apelo emocional e popular, pois retratará as experiências vividas pelas pessoas comuns que fizeram e fazem a história cotidiana da cidade.
Implantar o Museu da Palavra, da Imagem e do Som, com perfil assemelhado ao Museu da Língua Portuguesa.

1.5. Implantar o Museu de Esculturas de Embu das Artes, com obras de artistas da cidade e de reprodução de obras dos grandes Mestres que viveram na cidade, a ser instalado no Parque da Várzea junto ao Campus da UNIFESP.

1.6. Criar o Setor de Arquivo e Documentação, onde fotos e documentos históricos serão depositados e digitalizados para acesso público. É preciso não só receber os documentos, mas cuidar da conservação, guarda, disponibilização ao público, etc.

Criar uma Legislação Específica sobre a guarda, descarte (quando for o caso) e preservação de documentos oficiais e não oficiais (plano mais prático, dentro das normas técnicas vigentes, conforme as normas de arquivologia). Criar uma Comissão Permanente do Arquivo Municipal, com representantes das Secretarias Municipais e do setor de Patrimônio Histórico.

1.7. Garantir a preservação do Patrimônio Material e Imaterial, a integração cultural com a Rede Municipal de Educação e a abordagem da História de Embu no currículo. Incluir também a sensibilização para a defesa do Patrimônio Cultural do Município.

1.8. Fortalecer e consolidar uma política de aquisição, guarda, restauração, digitalização, pesquisa e divulgação dos acervos dos museus, cinematecas, bibliotecas, arquivo municipal, centros de pesquisa, memória e formação, com diretrizes formuladas no âmbito do Sistema Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, prevendo inclusive espaços para reserva técnica dos acervos.

1.9. Implementar o Arquivo Público de Embu das Artes, através da criação de uma Fundação ou Núcleo de História, com Estatuto de Regimento Interno (Economia Mista), para unir os trabalhadores de história e memória municipal para que através de recursos e políticas coletivas, oferecerem serviços, cursos e produtos, visando conveniar-se com o Poder Público para administração do Arquivo que teria a guarda de documentos e objetos históricos doados, e promoveria eventos relacionados ao Patrimônio e Memória.

1.10. Criar uma cooperativa de jovens guias e preservadores históricos, gerando renda e valorizando a profissão, ou para atuação nos Museus, Arquivos e Bibliotecas.
Promover campanha de doação ou cessão de documentos e obras de arte relevantes junto àpopulação para a implementação dos Museus e reintegrar obras pertencentes ao patrimônio público dobre a guarda de instituições e cidadãos.

2. PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL

1.1. Implementar nas políticas de proteção e promoção do patrimônio cultural as recomendações da Agenda 21 da Cultura e da Convenção da UNESCO sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais.

1.2. Empreender e promover ações através de um Plano de Salvaguarda da Feira de Artesanato de Embu das Artes como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, em parceria com o Governo Federal, Governo Estadual e iniciativa privada.

1.3. Realizar mapeamento de Patrimônio material e imaterial do Embu das Artes, com vistas à ampliação, consolidação e divulgação do Cadastro Cultural.
Promover ações de reconhecimento, através do registro e tombamento e preservação material e imaterial do município, como a Feira de Artesanato, a Banda Municipal e a Festa de Santa Cruz, bem como consolidar ações de Salvaguarda, em parceria com o Governo Federal, Governo Estadual e iniciativa privada.

1.4. Garantir aos proprietários de bens culturais imóveis de reconhecido valor, mecanismos de incentivo, através de renúncia fiscal ou outros instrumentos, contribuindo para a preservação do patrimônio construído da cidade de Embu das Artes.

1.5. Desenvolver programas de despoluição sonora e visual da cidade, valorizando os conjuntos arquitetônicos que formam o patrimônio cultural.

1.6. Criação do Curso Permanente de Conservadores e Restauradores do Patrimônio Histórico, Religioso e Arquitetônico, a ser desenvolvido por profissionais de reconhecido saber, em parceria com o IPHAN, UNIFESP e outras instituições de competência.

1.7. Reconhecer, através de inventário ou registro, as festas religiosas, de importância cultural, como patrimônio imaterial da cidade de Embu das Artes.

1.8. Promover Festivais e Encontros Nacionais de Cultura Popular, em parceria com a Secretaria de Identidade e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura, trazendo artistas e grupos das várias linguagens e expressões da cultura popular brasileira para apresentações e troca de experiências, valorizando a diversidade cultural e fortalecendo Embu das Artes como um importante polo de cultura popular.

1.9. Criar o Núcleo da Cultura Afro-Brasileira, tendo como principais objetivos a pesquisa e a formação cultural articulada dos grupos afros da cidade e a valorização das manifestações da cultura afrobrasileira.

1.10. Reconhecer e apoiar o hip-hop como expressão cultural das periferias urbanas, especialmente dos jovens negros e contribuir para o intercâmbio do movimento cultural hip- hop de Embu das Artes.

1.11. Legitimar a capoeira como expressão artístico cultural, promovendo cursos de capacitação e qualificação dos capoeiristas, tornando-os multiplicadores desta manifestação reconhecida pelo IPHAN/MinC, como patrimônio cultural imaterial do Brasil.

1.12. Criar acervo da produção literária de autores locais por meio da aquisição pela Secretaria de Cultura, através de recursos do Fundo Municipal de Cultura de uma tiragem de livros para distribuição interna na cidade: bibliotecas, Pontos de Cultura e Escolas.

3. SISTEMA MUNICIPAL DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Criar o Sistema Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, integrado aos Sistemas Estadual e Nacional de Preservação do Patrimônio Cultural, como instrumento de articulação e gestão de políticas públicas de proteção e promoção do patrimônio cultural material e imaterial da cidade de Embu das Artes. O Sistema écomposto por um núcleo executivo constituído pela Secretaria de Cultura, através da Coordenação de Preservação do Patrimônio Cultural e por um conjunto de leis de proteção do patrimônio cultural (lei de tombamento, lei do patrimônio vivo e lei do patrimônio imaterial), tendo recursos específicos do Fundo Municipal de Cultura e participação da sociedade civil através do Conselho Municipal de Política Cultural, sendo este o órgão deliberativo do Sistema de Preservação do Patrimônio Cultural.

Elaborar um projeto específico em parceria com os gestores do Museu de Arte Sacra e do Convento dos Jesuítas, envolvendo a Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, para pesquisa, estudo e preservação do principal conjunto arquitetônico histórico da cidade de Embu das Artes.

Elaborar Projeto de Cultura Ambiental que fomente o debate, a pesquisa e o estudo sobre a cultura de convivência com o meio ambiente, sejam preservando-o ou convivendo sustentavelmente sem agredir o meio ambiente, para que seja reconhecido também como patrimônio cultural da cidade.

4. ARQUITETURA E URBANISMO

Perspectivas de atuação - Região Central

A região central de Embu das Artes tem influência de múltiplas dimensões na dinâmica municipal, além de ser a importante referência simbólica da cidade, o local de concentração das atividades econômicas e de instituições públicas.

De maior interesse histórico pela longevidade da ocupação, a área central possui claras vocações históricas e usos conflituosos, que carecem de harmonização para garantir as funções Sociais da Cidade.

Políticas Públicas devem objetivar o uso socialmente justo, ecologicamente equilibrado e diversificado de seu território, assegurando o bem estar da coletividade.

Proteger para qualificação da ambiência urbana, turística, histórica e patrimonial, uma vez que o centro histórico, por ter sido uma antiga aldeia jesuítica, possui em uma área determinada como Poligonal do Centro Histórico, um conjunto de imóveis tombados considerados como patrimônio artístico e arquitetônico estadual e nacional –a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Museu de Arte Sacra –além de um núcleo de construções comerciais e residenciais.

Potencializar a atratividade turística já existente em função da Feira de Arte e Artesanato e aproveitar a boa qualidade do conjunto arquitetônico de interesse histórico e cultural existente

Promover a recuperação das fachadas descaracterizadas, dotando os espaços de uso coletivo de elementos que ofertem conforto aos usuários e a manutenção da qualidade física e ambiental desta importante área da cidade. No mesmo perímetro, além das moradias consolidadas, estão presentes alguns assentamentos precários, muitos em área de encosta e em situação de risco, que acarreta na incorporação da dimensão habitacional de forma inclusiva, em busca da integração da diversidade presente no território.

Realizar estudo de viabilidade para eliminar das vias aéreas, fiações de energia e telefonia no centro histórico expandido da cidade de Embu das Artes.

Realizar estudo de viabilidade para substituição dos bloquetes do centro histórico, substituindo-os pelos paralelepípedos originais.

5. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Implantar um Programa Municipal de Educação Patrimonial, desenvolvendo uma política sócio educativa, cultural e ambiental para a cidade de Embu das Artes, possibilitando a sensibilização, formação, acesso e fruição aos bens culturais e patrimoniais (treinamento de professores; palestras e seminários; visitas públicas – roteiros e circuitos históricos e publicações específicas). Trabalhar, em especial, com a população, buscando sensibilizá-la para a importância da despoluição e preservação do meio ambiente, dos rios e mananciais, valorizando-os como paisagem cultural da cidade.

Implantar campanha de sensibilização direcionada ao expositor e ao turista, ao redor da Feira de Embu das Artes para a conscientização sobre a limpeza pública, com ações afirmativas correlatas e decorrentes.

Integrar a História de Embu no Currículo Básico da Educação Municipal, como disciplina obrigatória e desenvolvendo a capacitação dos professores da rede.

6. LEGISLAÇÃO MUNICIPAL (minutas, projetos de leis e leis vigentes)

8.1- Lei Municipal nº2.405, de 06/07/2009

LEI MUNICIPAL Nº2.405, DE 06/07/2009

Cria o Conselho Municipal de Cultura do Município de Embu e dá providências correlatas.

FRANCISCO NASCIMENTO DE BRITO, Prefeito, no uso de suas atribuições legais:
FAÇO SABER QUE A CÂMARA APROVOU E EU PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Art. 1ºCria o Conselho Municipal de Cultura do Município de Embu, em caráter permanente, consultivo, normativo, deliberativo e fiscalizador, com representação paritária e composto por:

- Representantes do poder público;

- Agentes e produtores culturais, e sociedade civil, nos termos desta Lei.

Parágrafo único. O Executivo regulamentará, por decreto, o funcionamento do Conselho Municipal de Cultura, que será composto por:

- Presidente;

- Vice-Presidente; III - Secretário;

IV - Tesoureiro.

Art. 2ºO Conselho Municipal de Cultura estará vinculado à Secretaria Municipal de Cultura, com as seguintes atribuições básicas:

- colaborar com o Poder Público Municipal, atuando na formulação de estratégia e implantação e execução da política cultural do Município e do Sistema Municipal de Cultura, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros;

- Apreciar e aprovar os projetos culturais a serem financiados com recursos públicos que lhe for encaminhado;

- Acompanhar o desenvolvimento dos projetos e avaliar resultados;

- Sugerir medidas que visem o enriquecimento da produção cultural do Município; V - Elaborar seu Regimento Interno, que será homologado por Decreto do Executivo;

- Eleger seu Presidente, Vice-Presidente e prover os demais cargos previstos em regimento, com membros de quaisquer setores de sua composição;

- Apreciar e deliberar sobre a utilização de Fundo Municipal de Cultura, a ser criado para fomento de projetos culturais e na elaboração de normas e diretrizes de financiamento.

Art. 3ºO Conselho Municipal de Cultura será composto por 18 (dezoito) membros sendo, 50% (cinquenta por cento) de membros nomeados pelo poder público e 50% (cinquenta por cento) de membros eleitos em assembleia de agentes, produtores culturais e entidades civis que atuem no segmento cultural.

- 9 (nove) representantes do poder público, sendo o Secretário Municipal de Cultura, membro nato do Conselho, 7 (sete) assessores e funcionários Municipais das seguintes secretarias: 1 (um) da Educação, 1 (um) do Turismo, 1 (um) da Comunicação, 1 (um) da Participação Cidadã, 1 (um) do Governo/Gabinete e 2 (dois) representantes da Secretaria de Cultura, e para completar segmento público, 1 (um) representante do Poder Legislativo;

- 9 (nove) representantes da sociedade civil, sendo 7 (sete) representantes de agentes e produtores culturais dos seguintes setores artísticos: 1 (um) de teatro, 1 (um) de dança, 1 (um) de música, 1 (um) de literatura, 1 (um) de artes visuais, 1 (um) de artesanato e 1 (um) de culturas populares, completando o segmento da sociedade civil, 2 (dois) representantes de entidades civis que atuem no segmento cultural;

- Os representantes do Poder Executivo serão indicados pelo Prefeito, convocados para tal finalidade, assim como representante do Poder Legislativo será indicado pela Câmara Municipal;

- Os representantes dos agentes e produtores culturais serão eleitos, por voto direto, em assembléias setoriais respectivas, conforme inciso II deste artigo, convocadas para tal finalidade com antecedência mínima de 15 (quinze) dias;

- Os representantes de entidades da sociedade civil serão eleitos, por voto direto em assembléias convocadas para tal finalidade com antecedência mínima de 15 (quinze) dias.

§2ºOs membros do Conselho Municipal de Cultura serão nomeados através de decreto.

Art. 4ºOs membros do Conselho Municipal de Cultura indicados nos incisos I a V do artigo anterior terão mandato de 02 (dois) anos, podendo ser reconduzidos para mais um período subsequente.

Art. 5ºOs serviços dos membros do Conselho Municipal de Cultura serão prestados a título gratuito e considerados de relevância para o Município.

Art. 6ºFica instituído o Fundo Municipal de Cultura, que tem por objetivo criar alternativas financeiras e de gerenciar os recursos destinados ao desenvolvimento de ações específicas na área de cultura executadas e coordenadas pela Secretaria Municipal de Cultura.

Art. 7ºO Fundo Municipal de Cultura, com duração intermediária, tem por objetivo captar e utilizar recursos a serem aplicados no desenvolvimento e na implementação da Política Cultural do Município deliberado pelo Conselho Municipal de Cultura.

- A formulação, aprovação de propostas para a captação e utilização do Fundo Municipal de Cultura caberão seu Conselho de Orientação;

- A execução dos serviços e assessoria será mantida pela Prefeitura.

Art. 8ºO Conselho de Orientação do Fundo Municipal de Cultura cujos membros e presidência têm mandato de 2 (dois) anos, eleitos até30 dias após a posse dos membros do Conselho Municipal de Cultura em assembleia, é constituído de 5 membros e seus respectivos suplentes:

01 (um) representante da Secretaria Municipal de Finanças;

01 (um) representante da Secretaria Municipal de Governo;

01 (um) representante da Secretaria Municipal de Cultura;

02 (dois) representantes eleitos pelo Conselho Municipal de Cultura de forma exclusiva dentre os representantes da Sociedade Civil.

Parágrafo único. O Presidente deste Conselho será eleito pelo Conselho Municipal de Cultura.

Art. 9ºCompete ao Presidente:

Promover a abertura e o encerramento das reuniões do Fundo Municipal de Cultura;

Designar, entre os pares, aquele que serão Secretário(a) Executivo(a);

Designar, quando necessário, um Relator para projetos específicos;

Apresentar relatório e prestação de contas ao Conselho Municipal de Cultura nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro de cada ano;

A todos aqueles que formularam propostas, comunicar o resultado das deliberações do Fundo Municipal de Cultura;

Proferir o seu voto apenas quando houver empate entre os membros. Art. 10. Compete ao Secretário (a) Executivo (a):

Definir pautas conforme a ordem cronológica das petições;

Coordenar os trabalhos do Conselho de Orientação do Fundo Municipal de Cultura e dirigir as sessões;

Suprir os membros com todas as informações inerentes a cada caso;

Supervisionar o cumprimento das decisões do Fundo Municipal de Cultura;

Substituir o Presidente nos seus impedimentos ou faltas.

Art. 11. Compete aos membros do Conselho de Orientação do Fundo Municipal de Cultura:

Orientar e avaliar as propostas do Conselho Municipal de Cultura para captação e utilização dos recursos do Fundo Municipal de Cultura;

Colaborar na elaboração de diretrizes e normas para a gestão do Fundo Municipal de Cultura;

Fiscalizar e acompanhar a aplicação de recursos do Fundo Municipal de Cultura;

Colaborar na captação de recursos para o Fundo Municipal de Cultura.

Art. 12. Atribuições do Conselho de Orientação do Fundo Municipal de Cultura:

Estudar, avaliar e deliberar sobre todos os projetos ou as propostas que envolvam valores e que lhes for encaminhado, podendo para tanto, quando necessário, solicitar ao Conselho Municipal de Cultura autorização para contratar serviços especializados;

É facultado ao Conselho de Orientação convidar pessoas físicas ou jurídicas consideradas de particular interesse, para emitirem pareceres técnicos específicos sobre projetos em tramitação;

As deliberações do Conselho de Orientação serão tomadas pela maioria simples de seus membros;

Das reuniões realizadas serão obrigatoriamente lavradas atas que deverão ser assinadas pela totalidade dos membros presentes, sendo que as atas e as prestações de contas do período serão apresentadas na subsequente reunião do Conselho Municipal de Cultura;

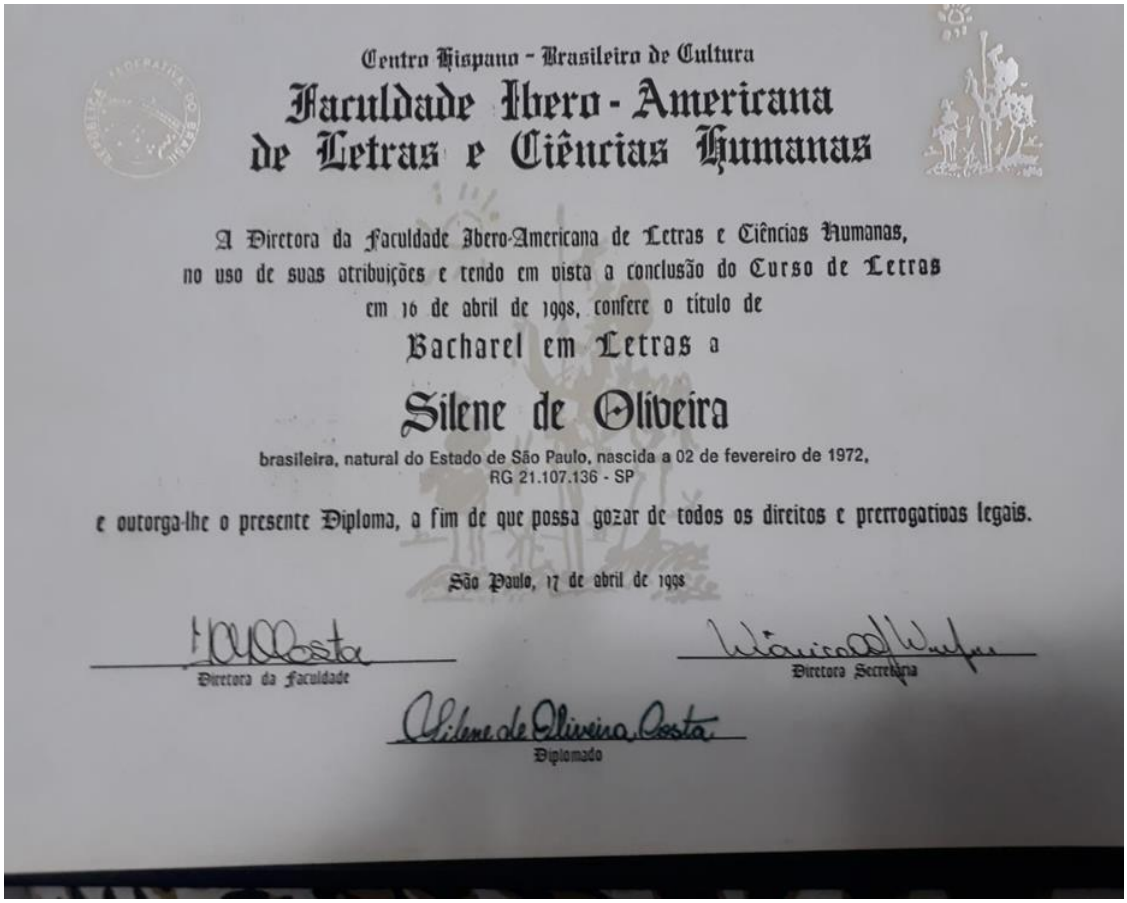
Apoio a programas e projetos de qualificação e aprimoramento profissional, bem como para a realização de programas ou atividades do interesse da política municipal de turismo aprovados pelo Conselho Municipal de Cultura.

Art. 13. O Conselho Orientador do Fundo Municipal de Cultura reunir-se- á ordinariamente com um intervalo mínimo de 30 dias e um intervalo máximo de 60 dias, por convocação do seu Presidente, e, extraordinariamente, quantas vezes forem necessárias por solicitação do seu Presidente, ou ainda, por 1/3 (um terço) dos membros do Fundo Municipal de Cultura, ou também, por 2/3 (dois terços) dos membros do Conselho Municipal de Cultura. Art. 14. Os custos decorrentes da aplicação da presente Lei correrão por conta de dotação própria, suplementada se necessário, ficando o Poder Executivo autorizado a proceder aos remanejamentos indispensáveis a sua execução.

Art. 15. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

ANEXO B

- Diploma da responsável pela correção da tese



Centro Hispano - Brasileiro de Cultura

Faculdade Ibero - Americana
de Letras e Ciências Humanas

A Diretora da Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas,
no uso de suas atribuições e tendo em vista a conclusão do Curso de Letras
em 16 de abril de 1998, confere o título de

Bacharel em Letras a

Silene de Oliveira

brasileira, natural do Estado de São Paulo, nascida a 02 de fevereiro de 1972,
RG 21.107.136 - SP

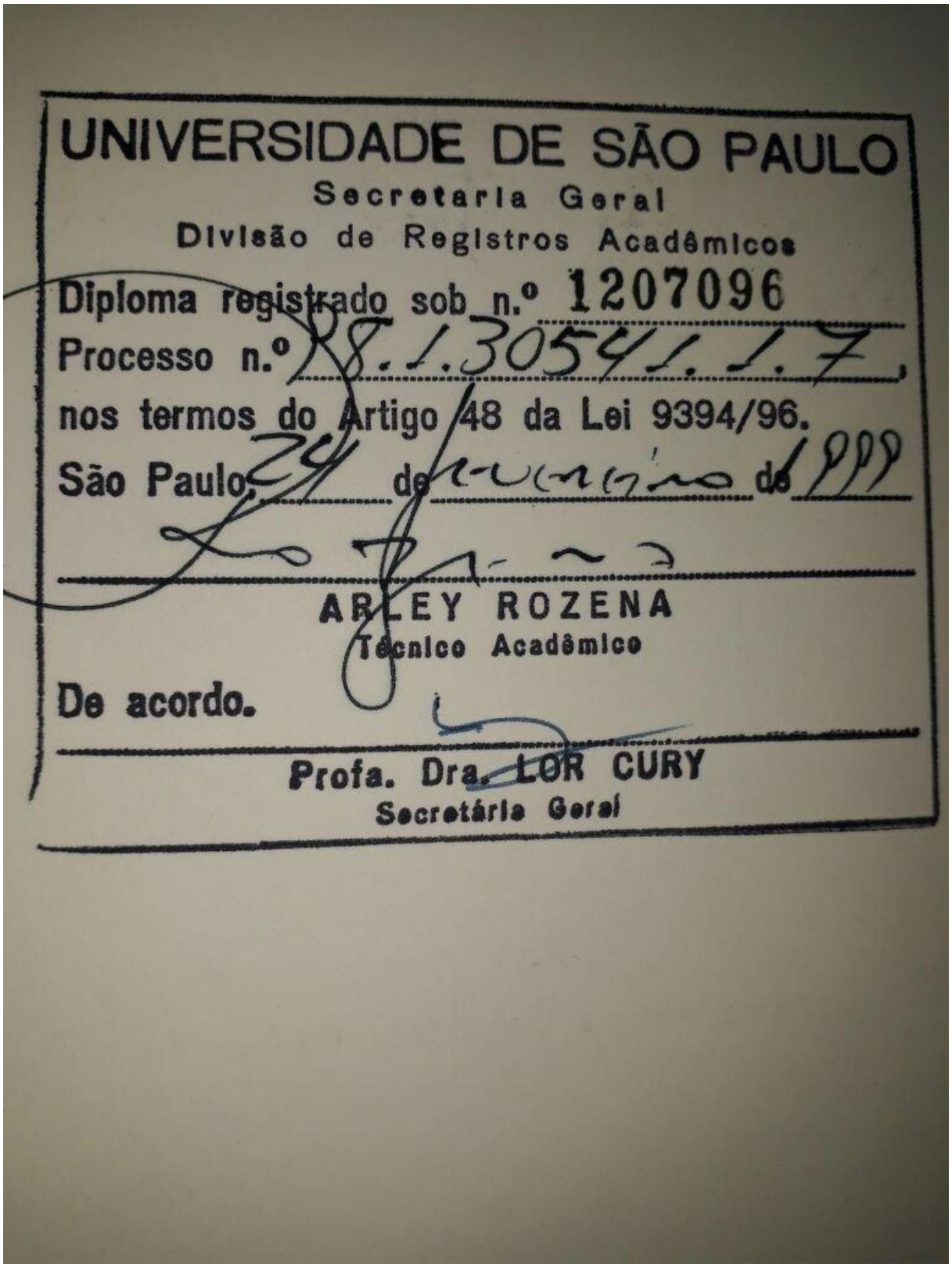
e outorga-lhe o presente Diploma, a fim de que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

São Paulo, 17 de abril de 1998

Diretora da Faculdade

Diretora Secretária

Silene de Oliveira Costa
Diplomado



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Secretaria Geral
Divisão de Registros Acadêmicos

Diploma registrado sob n.º 1207096
Processo n.º 98.1.30541.1.7,
nos termos do Artigo 48 da Lei 9394/96.
São Paulo, 29 de outubro de 1999

ARLEY ROZENA
Técnico Acadêmico

De acordo.

Profa. Dra. LOR CURY
Secretária Geral